

ROSANE DE SOUZA

**EDIÇÃO GENÉTICA DA TRADUÇÃO DAS *MIL E UMA*
NOITES DE D. PEDRO II**

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Rosane de
O processo de criação da tradução das mil e uma noites de
D. Pedro II: edição genética / Rosane de Souza ;
orientador, Sergio Romanelli ; coorientador, Mamede
Mustafá Jarouche. - Florianópolis, SC, 2015.
743 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. tradução, história, literatura,
crítica genética. I. Romanelli, Sergio. II. Jarouche,
Mamede Mustafá. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.
IV. Título.

Rosane de Souza

**EDIÇÃO GENÉTICA DA TRADUÇÃO DAS *MIL E UMA*
*NOITES DE D. PEDRO II***

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Romanelli (UFSC)

Co-orientador: Prof. Dr. Mamede Mustafá Jarouche (USP)

Florianópolis
2015

Rosane de Souza

**EDIÇÃO GENÉTICA DA TRADUÇÃO DAS *MIL E UMA*
*NOITES DE D. PEDRO II***

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor em Estudos da Tradução”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 26 de fevereiro de 2015.

Profa. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sergio Romanelli – Orientador
(PGET/UFSC)

Prof. Dr. Mamede Mustafá Jarouche
(Co-orientador/USP)

Profa. Dra. Noêmia Guimarães Soares
(DLLE/UFSC)

Profa. Christiane Stallaert
(Antwerp University)

Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro
(USP)

Prof. Dr. João Baptista M. Vargens
(UFRJ)

Profa. Dra. Martha Pulido
(UFSC)

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com o apoio de muitas pessoas ao longo do percurso.

Início os agradecimentos por meu orientador, que sempre acreditou no trabalho, pela seriedade com que trata as pesquisas sobre o tradutor D. Pedro II, pelo incentivo e disponibilidade.

A meu co-orientador professor Dr. Mamede Jarouche agradeço incentivar a realização desta tese, além de divulgar academicamente a pesquisa, sempre me auxiliar nas dúvidas e por sua gentileza.

Estendo meus agradecimentos à coordenação e aos professores da pós-graduação em Estudos da Tradução, em especial ao professor Ronaldo Lima, que primeiramente se dispôs a auxiliar nas pesquisas sobre as *Noites* árabes, a professora Karine Simoni.

Agradeço ao professor Reuven Faingold, a Boris Kossoy, a professora Maria Luiza Tucci Carneiro, e a Maria de Fátima Argon por me cederem gentilmente as imagens de D. Pedro II.

Não posso deixar de agradecer ao Arquivo do Museu Imperial por sempre disponibilizar os materiais e auxiliar nas mais variadas dúvidas, em especial, a Maria de Fátima Argon, a Neibe Costa, Thaís Cardoso e ao diretor Maurício Vicente Ferreira Júnior.

Agradeço à CAPES o apoio financeiro e interesse neste estudo.

De maneira especial, agradeço a meus colegas do grupo de pesquisa NUPROC o convívio e aprendizado, Romeu Daros, Ana Sackl, Esteban Campanela, Noêmia Soares e Raquel Yee.

Agradeço a meus amigos Ana Sackl a disponibilidade com as traduções do espanhol e sempre compartilhar suas leituras; em especial, ao Adriano Mafra, que esteve presente em todos os momentos do meu trabalho, participou das dificuldades e alegrias que são comuns aos pesquisadores num trabalho como este.

Agradeço a minha família a compreensão, entender minha ausência e acreditar no meu trabalho.

Ao meu marido, por sempre estar presente.

Bem dizia Petronio, no *Satyricon*: “Todos os dias nascem cónsules e próconsules; mas nem todos os dias nascem reis e poetas. Devemos, pois, respeitar os reis e amar os poetas”. E quando, num só homem, encontramos o rei e o poeta, a Elle o nosso respeito e o nosso amor.

Múcio Teixeira (1917, p.108)

RESUMO

Nesta tese propomos uma edição genética dos manuscritos da tradução das *Mil e uma noites* realizada por D. Pedro II, com a finalidade de dar visibilidade a esse material inédito e ao processo criativo do tradutor. Com base na Crítica Genética e nos Estudos Descritivos da Tradução, percorremos todos os movimentos da escrita do autor, as rasuras, as hesitações, a fim de discutir a gênese da obra, o processo de escritura e o perfil do tradutor. A análise do dossiê genético permitiu verificar que D. Pedro II se caracteriza como um tradutor estrangeirizante e mantém as características do texto fonte. Sua tradução apresenta a religiosidade contida na obra árabe; as poesias, que são numerosas; uma estrutura sintática mais próxima do árabe do que do português; mantém as referências espaciais e extratextuais, como nome das cidades, fatos históricos e costumes. O estudo sistemático do manuscrito e da rede de textos que envolveu a tradução e o tradutor possibilitou ainda verificar que essa atividade teve papel estratégico como meio para a introdução do monarca e, sobretudo, do Brasil na sociedade letrada europeia. É por meio da tradução que D. Pedro II se insere no meio intelectual da sociedade letrada do século XIX, com o intuito de consolidar a imagem do Brasil como país e entidade autônoma.

Palavras-chave: D. Pedro II; Edição Genética; Tradução; *Mil e uma Noites*.

ABSTRACT

In this thesis we propose a genetic Edition of the manuscripts of the translation of “One thousand and one nights” (Arabian nights) made by D. Pedro II, in order to give visibility to this new material and the creative process of the translator. Based on Genetic Criticism and the Descriptive Studies of translation, we have studied all the movements of the author's writing, the deletions, the hesitations, in order to discuss the genesis of the work, the process of writing and the profile of the translator. The analysis of the genetic dossier allowed us to know that D. Pedro II is characterized as a foreigner translator; it maintains the characteristics of the source text. His translation presents the religiousness contained in the Arabic book; the poems, which are numerous; a syntactic structure closer to the Arabic more than to the Portuguese language. It maintains the spatial and extra textual references, as the name of the cities, historical facts, and customs. The systematic study of the manuscript, and the network of texts which involved the translation and the translator, allowed us to know that this activity had a strategic role as a means for the introduction of the monarch, and also of Brazil as a country in the European literate society. It is by means of the translation that D. Pedro II enters the intellectual literate society of the 19th century, with the aim of consolidating the image of Brazil as a country and an autonomous entity.

Keywords: D. Pedro II; *Thousand and One Nights*; Translation; Genetic Edition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Holmes.	31
Figura 2 – Mapeamento dos Estudos da Tradução segundo Williams e Chesterman (2002).	32
Figura 3 – Primeira página do manuscrito das <i>Mil e uma noites</i> de D. Pedro II.	46
Figura 4 – Trecho da transcrição do primeiro fôlio do manuscrito de D. Pedro II.	47
Figura 5 – Pedro II no ateliê com mata - PACHECO & CO_[1883]. Arquivo Boris Kossoy.	60
Figura 6 – D. Pedro no exílio. Paris, 1891 [veste luto]- Acervo Maria Luiza Tucci Carneiro.	61
Figura 7 – D. Pedro II. (Acervo Reuven Faingold).....	62
Figura 8 – Trecho da transcrição do F. D03 01f.....	106
Figura 9 – Trecho da transcrição do F. D03 02v.....	106
Figura 10 – Trecho da transcrição do F. D03 58f.....	106
Figura 11 – Comitiva Imperial, primeira viagem ao Egito (1871).....	118
Figura 12 – Estátua de Mêmnon em Tebas.....	118
Figura 13 – D. Pedro II, Imperador do Brasil.....	119
Figura 14 – Final da noite 72. ^a da edição de Breslau (1825).	157
Figura 15 – Final do primeiro volume da tradução de D. Pedro II, F. D004 65f.....	158
Figura 16 – Trecho da transcrição do F. D04 111f.....	161
Figura 17 – Fragmento de tradução de O corcunda do rei da China, de Jarouche.....	161
Figura 18 – Trecho da transcrição do F. D04 126 v.....	162
Figura 19 – Trecho da transcrição do F. D04 126f.....	163
Figura 20 – Trecho da transcrição do F. D04 117v.....	163
Figura 21 – Trecho da transcrição do F. D03 58v.....	164
Figura 22 – Trecho da transcrição do F. D03 19v.....	165
Figura 23 – Tradução de Jarouche.....	165
Fonte: Jarouche, 2006, p.155.	165
Figura 24 – Trecho de transcrição do manuscrito D. Pedro II F. D03 38f	166
Figura 25 – Tradução de Jarouche.....	166
Figura 26 – Trecho da transcrição do F. D03 28f.....	167
Figura 27 – Trecho da transcrição do F. D04 69f.....	167
Figura 28 – Manuscrito de tradução de Dante.....	178
Figura 29 – Trecho da transcrição da Noite 73. ^a F. D04 70f.....	179
Figura 30 – Trecho da transcrição da Noite 72. ^a F. D04 66f.....	180

Figura 31 – Trecho da transcrição da Noite 77. ^a F. D04 77v	181
Figura 32 – Trecho da transcrição da Noite 76. ^a F. D04 76v	181
Figura 33 – Trecho da transcrição da Noite 82. ^a F.D04 84v – 86f.....	182
Figura 34 – Verbetes “Deus” no dicionário latino.....	184
Figura 35 – Trecho da transcrição da Noite 36. ^a F. D03 01f.....	185
Figura 36 – Trecho da transcrição da Noite 50. ^a F. D03 22f.....	185
Figura 37 – Trecho da transcrição da Noite 71 ^a F. D04 62f.....	185
Figura 38 – Fragmento de transcrição da F. D04 99v.....	186
Figura 39 – Fragmento de transcrição da F. D03 38f.....	186
Figura 40 – Trecho da transcrição da Noite 72. ^a F. D04 69f.....	187
Figura 41 – Trecho da transcrição da Noite 37. ^a F. D03 03f.....	187
Figura 42 – Trecho da transcrição da Noite 72. ^a F. D04 63v	188
Figura 43 – Trecho da transcrição da Noite 82. ^a F. D04 85v	188
Figura 44 – Trecho da transcrição da Noite 36. ^a F. D03 01v	188
Figura 45 – Trecho da transcrição da Noite 36. ^a F. D03 2v	188
Figura 46 – Trecho da transcrição da Noite 82. ^a F. D04 85f.....	188
Figura 47 – Trecho da transcrição da Noite 92. ^a F. D04 98f.....	189
Figura 48 – Trecho da transcrição da Noite 36. ^a D03 02f.....	190
Figura 49 – Trecho da transcrição da Noite 42. ^a F. D03 9f.....	190
Figura 50 – Trecho da transcrição da Noite 43. ^a F. D03 10f.....	191
Figura 51 – Trecho da transcrição da Noite 45. ^a F. D04 102v	191
Figura 52 – Trecho da transcrição da Noite 55. ^a F. D03 33f.....	191
Figura 53 – Trecho da transcrição da Noite 72. ^a F. D04 65f.....	192
Figura 54 – Trecho da transcrição da Noite 72. ^a F. D04 66f.....	192
Figura 55 – Trecho da transcrição da Noite 71. ^a F. D04 63f.....	193
Figura 56 – Trecho da transcrição da Noite 37. ^a F. D03 3f.....	193
Figura 57 – Trecho da transcrição da Noite 46. ^a F. D03 14v	193
Figura 58 – Trecho da transcrição da Noite 73. ^a F. D04 71f.....	193
Figura 59 – Trecho da transcrição da Noite 116. ^a F. D04 124f.....	194
Figura 60 – Trecho da transcrição da Noite 82. ^a F. D04 86f.....	194
Figura 61 - Trecho da transcrição da Noite 45. ^a F. D03 12v.....	194
Figura 62 - Trecho da transcrição da Noite 50. ^a F. D04 23f	194
Figura 63 – Trecho da transcrição da Noite 55. ^a F. D03 32f.....	194
Figura 64 – Trecho da transcrição da Noite 72. ^a F. D04 62f.....	195
Figura 65 – Trecho da transcrição da Noite 37. ^a F. D03 03f.....	195
Figura 66 – Trecho da transcrição da Noite 48. ^a F. D03 18f.....	196
Figura 67 – Trecho da transcrição F. D04 116f	196
Figura 68 – Verbetes <i>sesamum</i> no dicionário.....	197
Figura 69 – Verbetes <i>sesamos</i> no dicionário	197
Figura 70 – Referência a Plautus + sesamo	197
Figura 71 – Trecho da transcrição F. D04 108v.....	198

Figura 72 – Trecho da transcrição F. D 03 116f.....	198
Figura 73 – Fragmento do livro de Jeremias da Bíblia.....	199
Figura 74 – Fragmento do livro de Jeremias em Thompson	199
Figura 75 – Trecho da transcrição F. D04 48v.....	199

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Marcações da transcrição	46
Quadro 2 – Tradução do obsceno.....	139
Quadro 3 – Análise do obsceno: Noite 42. ^a , história do primeiro dervixe	170
Quadro 4 – Análise do obsceno: Noite 44. ^a , história do primeiro dervixe	171
Quadro 5 – Análise do obsceno: Noite 59. ^a , história do terceiro dervixe	171
Quadro 6 – Análise do obsceno: Noite 82. ^a (D. Pedro II, Jarouche). Noite 80. ^a (Galland), história <i>Os vizires Nūruddīn Ali, do Cairo, e seu Filho Badruddīn Hasan, de Basra</i>	172
Quadro 7 – Análise do obsceno: Noite 82. ^a (D. Pedro II, Jarouche). Noite 80. ^a (Galland), história <i>Os vizires Nūruddīn Ali, do Cairo, e seu Filho Badruddīn Hasan, de Basra</i>	172
Quadro 8 – Análise do obsceno: Noite 82. ^a (D. Pedro II, Jarouche). Noite 80. ^a (Galland), história <i>Os vizires Nūruddīn Ali, do Cairo, e seu Filho Badruddīn Hasan, de Basra</i>	173
Quadro 9 – Línguas utilizadas por D. Pedro II na tradução das <i>Noites</i>	182
Quadro 10 – Abreviaturas utilizadas por D. Pedro II na tradução das <i>Noites</i>	183
Quadro 11 – Opções estilísticas de D. Pedro II.....	195

SUMÁRIO

RESUMO	11
ABSTRACT	13
INTRODUÇÃO	23
1 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO E CRÍTICA GENÉTICA: UMA INTERDISCIPLINARIDADE	31
1.1 ESTUDOS DESCRITIVOS	31
1.1.1 O ramo descritivo	32
1.1.2 Modelo de análise descritiva	37
1.2 CRÍTICA GENÉTICA	38
1.2.1 O manuscrito moderno	40
1.3 PROCESSOS DE ESCRITURA E FASES GENÉTICAS	41
1.4 A ANÁLISE DOS PROCESSOS DE ESCRITURA	44
1.4.1 Transcrição	45
1.4.2 A rasura.....	47
1.5 MÉTODO DE ANÁLISE.....	49
1.6 EDIÇÃO GENÉTICA.....	51
2 D. PEDRO II E O ENVOLVIMENTO COM O MEIO INTELLECTUAL	57
2.1 “SOU DOTADO DE ALGUM TALENTO, MAS O QUE SEI DEVO-O SOBRETUDO A MINHA APLICAÇÃO”.....	66
2.2 A CONSTRUÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA	78
2.3 O TRADUTOR E SUAS <i>MIL E UMA</i> TRADUÇÕES	87
3 A TRADUÇÃO NO BRASIL SOB D. PEDRO II	94
3.1 OS PRIMEIROS PASSOS	94
3.2 A PAIXÃO PELO ORIENTE.....	106
4 ANÁLISE DIACRÔNICA DAS MIL E UMA NOITES E SUAS TRADUÇÕES NO OCIDENTE	122
4.1 ORIGEM E AUTORIA	123
4.2 A NARRATIVA.....	134
4.3 OS TRADUTORES	136
4.4 A TRADUÇÃO DAS <i>MIL E UMA NOITES</i> NO BRASIL	147
5 D. PEDRO II E A TRADUÇÃO DO LIVRO DAS MIL E UMA NOITES	156
5.1 ANÁLISE MACROESTRUTURAL	156
5.2 ANÁLISE MICROESTRUTURAL	176
6 EDIÇÃO GENÉTICA DA TRADUÇÃO DAS MIL E UMA NOITES DE D. PEDRO II	201
CONSIDERAÇÕES FINAIS	721
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	727

ANEXOS..... 755

INTRODUÇÃO

De modo geral, a crítica padece da posição de quem a faz, da simpatia ou má vontade que a inspiram. É humana, por isso muitas vezes falseada. [...] O Homem julga através de sua verdade pessoal, e essa é contingente demais, sob antolhos de crença e princípios, simpatias e malquerenças, até senão de mercenarismos inconfessáveis.

(SILVA, 1970, p.01)

Tomando como referência as palavras de Silva (1970), que expressam claramente como é difícil fixar a verdade histórica, e sobretudo a de uma personalidade como a de D. Pedro II, devido aos vários pontos de vista que ora sofre “do panegíricolouvaminheiro”, ora da “detração sistemática dos opositores” (p.1), buscamos aqui, por meio de dados empíricos, proporcionar uma visão ampla do envolvimento de D. Pedro II com a tradução no Brasil do século XIX.

Como considera Silva (1970, p.8):

Da sua cultura e gosto pelas obras do pensamento, falam-nos autores, contraditoriamente. Aceitamos os que lhes consagram a capacidade, pelo menos, de cultivar os expoentes da inteligência e do espírito, nas ciências e nas letras, não sendo ele, embora, nem cientista, nem literato. O que é indiscutível na sua personalidade é a virtude da ponderação, o equilíbrio, a modéstia, o senso das suas prerrogativas, a idéia de elevar o nível cultural do país, o encanto de freqüentar as salas de palestras e conferências, o convívio de escritores e poetas.

Nesses últimos anos, novas pesquisas¹ vêm se desenvolvendo sobre a intelectualidade do imperador, que segundo José Murilo de Carvalho (2007) pode ser denominado de Pedro d'Alcântara.

¹ Núcleo de Processos Criativos (NUPROC) – Centro de Comunicação e Expressão (CCE-UFSC). Projeto *D. Pedro II tradutor: análise do processo criativo (notes 2010.0004)*; *Então esse é que é o Imperador? Ele não se parece nada com reis*. *Algumas considerações sobre o intelectual Pedro de Alcântara*

O período regido por D. Pedro II alavancou o país de norte a sul. A nação solidificou-se, houve grande conhecimento geográfico, sociológico e histórico, alcançado em parte pelo interesse imperial nessas áreas, por suas excursões de reconhecimento do território nacional, suas trocas intelectuais com pesquisadores do país e do exterior. Ele proporcionou liberdade de pensamento político e liberdade civil. Foi responsável ainda pela projeção internacional do país, e por meio de suas viagens apresentou a cultura brasileira na Europa e na América, sendo apreciado por seus conhecimentos intelectuais e científicos. É notória a grande quantidade de correspondência mantida por D. Pedro com cientistas, filósofos, escritores e artistas de várias partes do mundo, como Longfellow, Alexandre Herculano, Pasteur, Louis Agassiz, Gobineau, Manzoni, Julio Verne, Adelaide Ristori, Cesare Cantú. Esses correspondentes expunham a D. Pedro as inovações intelectuais e científicas de seus países, e por sua vez este buscava aplicar algumas dessas inovações no Brasil.

O imperador foi responsável por financiar e incentivar o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, que foi inspirado no Instituto Histórico Francês (1834). Fundou bibliotecas, museus, observatórios astronômicos e meteorológicos em várias partes do país, algumas vezes mantendo-os com recursos pessoais. Seu empenho tinha como objetivo destacar e reconhecer uma cultura, no caso, a brasileira. Dessa forma, ele se empenhou em participar e incentivar o IHGB, e sua presença foi assídua a partir da década de 40, tornando-se uma espécie de mecenas das artes, porém, sua relação com a instituição é anterior a essa década. Em 1838, D. Pedro foi convidado a ser o “protetor” do IHGB; na década de 40, ocorreram homenagens, por ocasião do aniversário do imperador, e de 1842 a 1844 estabelecem-se premiações destinadas aos melhores trabalhos apresentados no instituto. A partir dos anos 50, o imperador participou não só financeiramente da instituição, mas presidiu mais de 500 sessões, de 1849 a 1889, com a intenção clara de produzir uma cultura brasileira e unificar o país (SCHWARCZ, 1998).

O círculo social escolhido por D. Pedro II era composto por escritores e artistas, como Gonçalves Magalhães (1811-88), Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-79), Joaquim Manuel de Macedo, Adolfo Varnhagen (1816-78), Gonçalves Dias (1823-64), Joaquim Norberto de

e suas viagens pelas terras do Nilo (CAMARA, 2005); *O habitus e o hábito de D. Pedro II: novos olhares sobre os diários do imperador* (FRAGUAS e MARTINS, 2011).

Sousa Silva (1820-91) – um grupo de escritores e artistas que buscava dar continuidade a um projeto de Ferdinand Denis e Almeida Garrett de substituir os motivos clássicos por características locais, ou seja, pela descrição da natureza nacional, dos costumes, dando evidência ao índio. O grupo passou a frequentar o IHGB e a divulgar suas ideias na revista do instituto, assim, o projeto de renovação literária teve maior aceitação, sobretudo devido ao apoio do imperador. Segundo Schwarcz (1998), é por meio do mecenato de D. Pedro que o romantismo brasileiro se transformou em projeto oficial, em verdadeiro nacionalismo. Foi constante o incentivo às Letras brasileiras durante seu reinado, com auxílios financeiros para publicação de obras de autores brasileiros, como as de Gonçalves Magalhães, e de traduções, como as de Odorico Mendes. Salienta-se ainda o apoio que oferecia a estudantes brasileiros, não só no país, mas também no exterior, o chamado *bolsinho do imperador*, que tinha como objetivo produzir mão de obra especializada.

Como símbolo desse nacionalismo, os intelectuais do período elegeram o indígena, que nos textos se tornou o herói e a vítima. O momento áureo desse movimento vai do decênio de 40 ao decênio de 60, decaindo a partir daí. Seus maiores representantes foram Gonçalves Dias e José de Alencar, porém, é Gonçalves Magalhães o nome de maior influência do período. O imperador, estando diretamente ligado ao grupo, é responsável por patrocinar pesquisas referentes à história do Brasil, propor a criação de gramáticas e dicionários indígenas, bem como retomar as gramáticas criadas pelos jesuítas. Esse interesse pelo indígena levou o monarca aos estudos da língua tupi e guarani. O projeto cultural idealizado pelo grupo ultrapassou a corte e alcançou a classe média urbana, tornou-se símbolo de afirmação nacional, chegou à iconografia política e foi fazer parte da representação do poder imperial e das cerimônias oficiais (CANDIDO, 1975).

No verbete do Brasil na grande *Encyclopedie* (1889), é visível a importância que se deu às línguas e culturas indígenas para a constituição de uma identidade brasileira. Embora esse verbete tenha a assinatura de um francês, Levasseur, foi elaborado na sua maior parte pelo Barão do Rio Branco, e, em cartas trocadas entre este e D. Pedro II, é possível ver a contribuição imperial em muitas das ideias expostas no verbete. Esse verbete tinha o objetivo de divulgar o Brasil na República Mundial das Letras, pois seu lançamento foi na exposição Universal de 1889, na cidade de Paris, a capital cultural da Europa (ROMANELLI e STALLAERT, no prelo). Além disso, havia a intenção de atrair capital para a modernização do país, mostrar um Brasil monárquico e

civilizado, próximo da Europa (FERREIRA, FERNANDES e REIS, 2010).

O romantismo brasileiro obteve grande alcance em diversas áreas artísticas, tendo como símbolo maior o índio e como defensor o imperador, com dissidências aqui e ali, que, no entanto, não conseguiram suprimir a intensidade do movimento. Essa proteção imperial ocorria, sobretudo, pelo interesse maior do monarca pela arte e pela ciência, que para ele estavam diretamente vinculadas ao progresso. Vinha dessa concepção sua dedicação ao estudo de línguas, ciências exóticas, astronomia, geologia, mineralogia e seu intenso relacionamento com pessoas que dominavam tais assuntos.

D. Pedro II tinha, de maneira especial, grande interesse no estudo de idiomas, surgindo daí seu gosto pela tradução, utilizada, segundo relatos no seu diário (ALCÂNTARA, 1999), como forma de aprendizagem. Os textos selecionados normalmente eram de grandes nomes da literatura mundial ou obras de cunho histórico, e muitas dessas traduções ocuparam vários anos da vida do imperador. Trata-se de autores como Victor Hugo, Heine, Shakespeare, Homero, Manzoni, Dante e Schiller, obras como *Granada*, de Zorrilla, *La Araucana*² (Alonso de Ercilla, poema épico do Chile), *Hitopadeça*³ (do sânscrito) e *As mil e uma noites* (diretamente do árabe). No entanto, salientamos que, se a atividade tradutória de D. Pedro II inicialmente possa ter se relacionado à aprendizagem, veio, em seguida, a se relacionar, sobretudo durante o período romântico, ao interesse do monarca pela criação de uma identidade nacional, como mostram as pesquisas realizadas até o momento no Núcleo de Estudos em Processo Criativo (NUPROC) com os manuscritos, cartas e diário do imperador.

Como afirma Casanova (2002), no século XIX, a literatura tornou-se um dos fundamentos de constituição das identidades nacionais, e novas nações, como a brasileira, buscaram, por meio da literatura, justificar a legitimidade do Estado:

² Essa tradução ainda inédita do monarca faz parte do trabalho intitulado: *Dom Pedro II tradutor: excertos de La Araucana*, que realiza a pesquisadora Ana Sackl, do núcleo de pesquisas da NUPROC/UFSC.

³ Pesquisa de doutorado em andamento: *Gênese do Hitopadeça: a “instrução útil” na tradução de D. Pedro II*, de Adriano Mafra, realizada no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, na Universidade Federal de Santa Catarina, NUPROC.

A constituição de um panteão literário nacional e a hagiografia dos grandes escritores (concebidos como “bens” nacionais), símbolos de uma “irradiação” e de um poder intelectuais, tornam-se necessários à afirmação do poderio nacional. (CASANOVA, 2002, p.136)

Dessa forma, podemos dizer que os letrados brasileiros, como aconteceu em outros países, utilizaram a tradução não somente como forma de enriquecimento da sua literatura, mas também como meio privilegiado para tornar visível sua identidade ao centro da cidade letrada, Paris e a Europa, e, de reflexo, após essa aceitação do “centro”, tornar legítimo aos olhos dos brasileiros o poder representado por essa elite de letrados. Peter Burke, ao falar dos movimentos de tradução que foram fundamentais em vários momentos históricos para a difusão do conhecimento, remete à afirmação de Bakhtin sobre “a imensa importância das traduções” (BAKHTIN, 1965, p.470 apud BURKE, 2009, p.44), as quais foram responsáveis por elevar o *status* das línguas nacionais, e ainda as levaram ao enriquecimento, graças à criação de neologismos por parte dos tradutores. Há ainda, para confirmar essa opinião, o fato de D. Pedro II escrever no diário, após o exílio, que retomaria seus trabalhos literários para tornar o Brasil reconhecido nas Letras.

As primeiras análises (DAROS, 2012; ROMANELLI, 2011; SCHMIDT, 2012; SOUZA, 2010) das traduções realizadas por D. Pedro de Alcântara apontam para um tradutor com o perfil dos demais tradutores do final do século XIX: preocupado com o texto fonte, com o autor, tendo se correspondido com alguns deles, realizado pesquisas das versões existentes desses textos em outras línguas e pesquisas culturais sobre o país de origem desses autores e dos textos escolhidos por ele. Dentre as traduções realizadas, é relevante o interesse do monarca pela cultura oriental. Por esse motivo, ele aprendeu hebraico, árabe e sânscrito, tendo textos traduzidos nas três línguas. Seus estudos nessa área se iniciaram em 1875, e teve como mestre de sânscrito o Dr. Carlos Henning, de hebraico, o judeu Akerblom, que foi substituído por Koch, e este por Henning, sendo seu último mestre o Dr. Seybold, que também substituíra o barão Schreiner nas aulas de árabe. O Dr. Seybold acompanhou o imperador até seus últimos dias de vida, já no exílio (LYRA, 1977).

Nosso foco aqui é a tradução do texto árabe acima citado, que já foi objeto de estudo de nossa dissertação de mestrado, *A gênese de um*

processo tradutório: As Mil e uma noites de D. Pedro II (SOUZA, 2010). A motivação para o início das pesquisas sobre o livro das *Noites* surgiu após a leitura do livro de José Murilo de Carvalho (2002), que revela um monarca dividido entre as funções de governo e o cidadão comum Pedro d'Alcântara, sua ligação com escritores e cientistas no Brasil e no mundo, suas atividades intelectuais, que envolvem a tradução, e já no fim do livro a citação sobre a tradução das *Noites* árabes.

As indicações sobre a tradução, até então existentes, eram superficiais, referenciavam a existência do trabalho, mas não apresentavam análise. Após, então, verificar que a tradução se encontrava depositada no Arquivo do museu Imperial de Petrópolis, resolvemos desenvolver o trabalho de análise da tradução. O material disponível em Petrópolis encontra-se, como assinalado, ainda em manuscrito. Pelo que constatamos, até o momento, a primeira análise do teor da tradução, estilo, e escolhas do tradutor foi a que realizamos no mestrado em 2010.

O objetivo agora é realizar uma edição genética da tradução, tendo em vista que se trata de material inédito, incluindo uma análise integral do dossiê genético, para dessa forma confirmar as afirmações feitas na dissertação sobre o perfil de tradutor de D. Pedro II em relação a seu processo tradutório das *Mil e uma noites*. Além disso, defendemos que D. Pedro II utilizava a tradução como ferramenta de inserção no meio intelectual europeu e brasileiro, tendo como objetivo central projetar o Brasil como sociedade autônoma e com uma identidade lídima.

Biasi (2010) pondera que a edição genética visa a proporcionar a visibilidade do processo realizado pelo autor, e tem como finalidade elucidar o trabalho do escritor, o processo de escritura e a gênese da obra. Levamos em conta ainda que a edição genética do material facilita e motiva o acesso de pesquisadores, pois devido a se tratar de um manuscrito há enorme dificuldade de leitura e de manuseio do material, o que desmotiva a maioria dos pesquisadores. Vemos ainda que é relevante, tanto para história da literatura brasileira como para os estudos da tradução no Brasil e para os estudos culturais, que esses manuscritos imperiais, suas traduções, sejam estudados.

Assim, o dossiê genético estudado nesta pesquisa compõe-se por dois manuscritos autógrafos da tradução das *Mil e uma Noites* de D. Pedro II, que estão armazenados no arquivo do Museu Imperial de Petrópolis. No material disponível, há 84 noites traduzidas, das quais 10 noites já foram transcritas para a análise na dissertação. Os trabalhos se

iniciam na 36.^a e terminam na 120.^a noite. O primeiro caderno, de 21 de janeiro de 1890, em Cannes, na França, contém da 36.^a a 69.^a noite. O segundo caderno inicia-se em 10 de julho de 1890, também em Cannes, e contém desde o final da 69.^a noite até a 120.^a noite, todavia, a última data assinalada pelo tradutor é 09 de novembro de 1891, em Paris, o que leva a supor que o imperador não teria terminado a tradução, visto que faleceu em 05 de dezembro de 1891.

Com este trabalho, almejamos também reformular a ideia que a historiografia brasileira construiu ao longo do tempo sobre o intelectual D. Pedro II, apresentando-o como patético ou dissimulado, realizador de uma atividade sem relevância, que o levou a deixar de lado a política nacional. Como afirma Camara (2005, p.17), essas opiniões compõem “uma gama de ‘lugares-comuns’, que, em algum momento de nossa vida escolar ou acadêmica, com eles, já nos deparamos”. Trata-se de opiniões que há quase dois séculos são disseminadas e provêm das distorções históricas responsáveis por coibir o conhecimento mais abrangente da história brasileira. Porém, as novas pesquisas assinalam uma reformulação desse pensamento. Historiadores renomados, como José Murilo de Carvalho, apontam para esse perfil idealizador e respeitável de D. Pedro II, um imperador que afirmava: “a nossa principal necessidade política é a liberdade de eleição; sem esta e a de imprensa não há sistema constitucional na realidade”.⁴ Era também defensor da educação como instrumento democrático, “sem bastante educação popular não haverá eleições como todos, e sobretudo o imperador, primeiro representante da nação, e, por isso, primeiro interessado em que ela seja legitimamente representada, devemos querer”.⁵

A análise integral do dossiê será realizada com os mesmos suportes teóricos e metodológicos utilizados na dissertação, ou seja, com base nos Estudos Descritivos da Tradução (EDT) e na Crítica Genética (doravante CG), pois ambos possuem o mesmo paradigma, ou seja, uma metodologia similar e, sobretudo, princípios teóricos que funcionam em perfeita sintonia. Embora os Estudos Descritivos da Tradução tenham como objetivo principal estudar as normas que governam o fenômeno tradutório, principalmente por meio do estudo dos recursos textuais utilizados pelos tradutores, ou mediante recursos extratextuais, de formulações críticas, de depoimentos de tradutores, editores e outras pessoas envolvidas na atividade tradutória, seu objeto de pesquisa ainda

⁴ POB-Maço 37 – Doc. 1057, D. Pedro II. Notas e fragmentos e diários. Em 35 cadernos do punho de D. Pedro 2.^o, v.08 – Viagem a Juiz de Fora (1861).

⁵ Conselhos à Regente Isabel, 1871 (na primeira viagem ao exterior).

é o texto entregue ao público, ou seja, o texto publicado, o qual é somente uma parte de todo o processo realizado pelo tradutor em seu trabalho. As concepções sobre o EDT e a CG serão expostas no primeiro capítulo, que conterà a teoria e a metodologia utilizadas na pesquisa.

O segundo capítulo conterà uma explanação sobre o contexto social do tradutor D. Pedro de Alcântara, o lugar, os amigos, as influências teóricas do momento em que ele traduzia as ligações estabelecidas com escritores brasileiros e estrangeiros – com o intuito de solidificar a cultura de um país emergente, como era o Brasil no século XIX – e os possíveis porquês das escolhas dos autores e textos traduzidos.

No terceiro capítulo, será exposto um pouco da história da tradução no Brasil no século XIX, sob a influência de D. Pedro II, e a ligação do monarca com o Oriente.

No quarto capítulo, falaremos sobre o livro das *Mil e uma noites*, os principais tradutores dessa obra no Brasil e no mundo, o conflito que envolve a ideia de origem e a autoria da obra.

O quinto capítulo conterà o estudo genético, ou seja, o discurso crítico do geneticista, a interpretação e a avaliação do processo, com auxílio dos estudos descritivos e da Crítica Genética. O sexto capítulo será a edição genética da tradução (devido a sua extensão, estará anexado em CD).

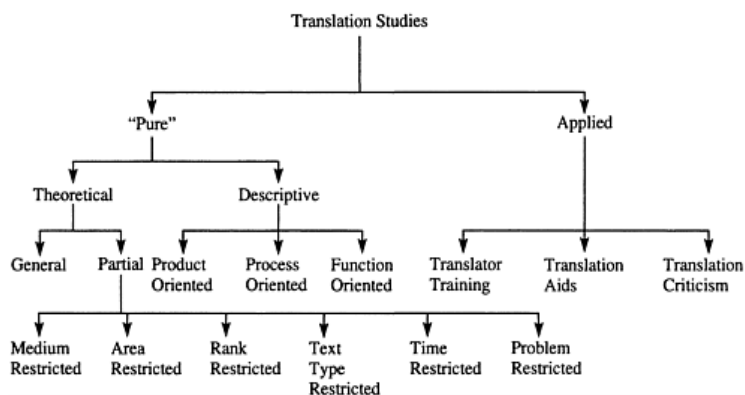
1 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO E CRÍTICA GENÉTICA: UMA INTERDISCIPLINARIDADE

1.1 ESTUDOS DESCRITIVOS

No fim da década de 70, surgiu uma nova disciplina acadêmica: Estudos da Tradução. O termo foi criado por James Holmes em 1972, com o intuito de superar o paradigma prescritivo linguístico e definir um âmbito autônomo da tradução, desvinculado tanto da linguística quanto da literatura. Os pesquisadores desse período estabeleceram novos critérios para uma teoria da tradução e mostraram que, longe de ser uma atividade diletante acessível a quem domina minimamente uma segunda língua, a tradução é uma tarefa extremamente difícil.

Em seu trabalho *The Name and the Nature of Translation Studies*, Holmes (1975) define o escopo e a estrutura para a nova disciplina, concebe a abordagem como uma prática empírica que vê o texto traduzido como ele aparece em determinada cultura. O pesquisador divide os Estudos da Tradução em três ramos: 1- descritivo, 2- da teoria, 3- aplicado (apud GENTZLER, 2009).

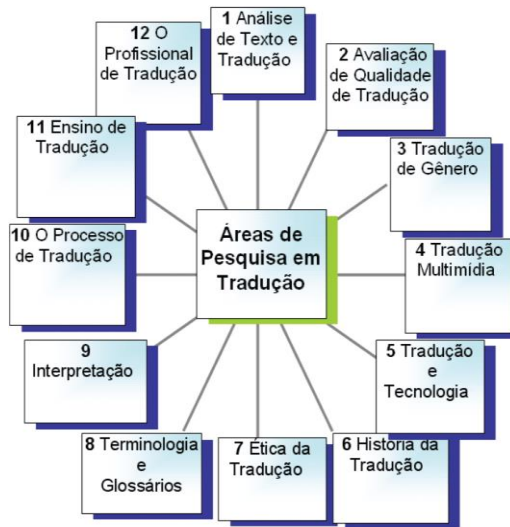
Figura 1 – Mapa de Holmes.



Fonte: Baker, 1998, p.278.

Segundo Vasconcellos (2010), os desdobramentos desse campo disciplinar não param, surgem novas propostas e novos mapeamentos da disciplina, como a proposta por Williams e Chesterman (2002):

Figura 2 – Mapeamento dos Estudos da Tradução segundo Williams e Chesterman (2002).



Fonte: Vasconcellos, 2010.

Um dos desdobramentos desse campo disciplinar é o que desenvolvemos nas pesquisas realizadas no Núcleo de Estudos do Processo Criativo (NUPROC). O grupo de pesquisa desenvolve trabalhos sobre o processo de gênese, a qualidade e a validade do trabalho criativo do tradutor. Busca dar visibilidade, mostrar o trabalho que se realiza durante um longo período. Analisa o complexo campo em que se insere o tradutor com sua obra, suas relações com outros sistemas, que influem no produto final. Tem o objetivo de ilustrar a complexidade do processo criativo do tradutor, mediante a análise dos manuscritos, dentro da abordagem da CG.

1.1.1 O ramo descritivo

O ramo descritivo foi dividido em três tipos de pesquisa: orientada para o produto, para a função e para o processo. O tipo orientado para o produto encontrou maior identificação nas pesquisas posteriores, seu enfoque era o texto e uma descrição empírica deste, além de um levantamento de *corpora*, língua e tipo de discurso específico. O tipo orientado para a função inseriu o componente

cultural, e a abordagem orientada para o processo preocupou-se com o que se passava na mente do tradutor (GENTZLER, 2009).

O tipo orientado para o processo é considerado um campo complexo para a pesquisa em tradução, por não haver materiais que possam efetivamente adentrar o processo mental do tradutor. Essa lacuna pode, a nosso ver, ser resolvida levando-se em conta a epistemologia da crítica genética, que tem como objeto de estudo os vestígios (manuscritos ou não) do autor (no nosso caso, do tradutor). Esse material manuscrito possibilita uma análise minuciosa do processo criativo do tradutor, pois apresenta as diferentes fases de produção da obra, as hesitações, as retomadas de ideias, enfim, uma gama de processos efetuados durante a construção do texto e que são fonte de observação do ato tradutório mental. Essa metodologia é, como dito, associada aqui aos pressupostos teóricos dos Estudos Descritivos da Tradução.

Um dos primeiros estudiosos a se empenhar no desenvolvimento de pesquisas em estudos descritivos foi José Lambert, que complementa as reflexões de Van den Broeck e Lefevere (1979) e elabora um modelo prático para descrever traduções. Lambert procura, para isso, auxílio na teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar, de meados nos anos 1970, segundo o qual:

A idéia de que os fenômenos semióticos, ou seja, modelos de comunicação humana governada por sinais (como a cultura, a língua, a literatura, a sociedade) podem ser compreendidos e estudados de forma mais adequada, se forem considerados como sistemas, mais que como conglomerados de elementos díspares, tornou-se uma das principais ideias do nosso tempo na maioria das ciências humanas. [...] Qualquer (poli)sistema semiótico (como a linguagem ou literatura) é apenas um componente de um (poli)sistema maior, o da “cultura”, [...]. (EVEN-ZOHAR, 1990, p.9-23, trad. nossa)⁶

⁶ The idea that semiotic phenomena, i.e., sign-governed human patterns of communication (such as culture, language, literature, society), could more adequately be understood and studied if regarded as systems rather than conglomerates of disparate elements has become one of the leading ideas of our time in most sciences of man. [...] that any semiotic (poly)system (such as

Even-Zohar desenvolveu seu conceito de polissistema baseado no conceito de sistema desenvolvido por Iuri Tynianov (1929), considerado o verdadeiro pai do enfoque sistêmico. A teoria dos polissistemas é entendida mais claramente a partir do esquema criado por Zohar, que toma por base o esquema da comunicação e da linguagem de Jakobson (1969) e o adapta ao sistema da literatura. Vejamos:

Produtor e produtores: o termo escritor não é diretamente utilizado, para não suscitar imagens muito específicas. O escritor deixa de ser o centro da literatura, o texto deve ser pensado, segundo Even-Zohar, como produto produzido por um produtor, inserido em certo contexto social e vinculado a um discurso de poder. Os produtores não estão ligados a um só papel na rede literária, atuam em outras atividades.

Consumidor e consumidores: para Even-Zohar, não só o leitor é influenciado pela literatura, há pessoas que são afetadas por fragmentos literários. São os consumidores que se interessam de forma voluntária por atividades literárias e que participam de várias outras formas no sistema literário.

Instituição: incide sobre os fatores implicados na manutenção da literatura como atividade sociocultural, administrando normas que prevalecem nessa atividade, aprovando umas e rejeitando outras. Para Even-Zohar, a instituição inclui parte dos produtores, críticos, editoras, periódicos, grupo de editores, escolas, universidades, meios de comunicação etc.

Mercado: compreende o conjunto de fatores envolvidos na compra e venda de produtos literários e na promoção de tipos de consumo. Fazem parte dele instituições abertas dedicadas à troca de mercadorias, tais como livrarias, clubes do livro e bibliotecas.

Repertório: conjunto de regras e matérias, conhecimentos partilhados que regem tanto a confecção quanto o uso de qualquer produto.

Produto: para Even-Zohar, o texto não é mais a única manifestação da literatura, quaisquer conjuntos de signos realizados que resultem de uma atividade, como resenhas, críticas, citações, devem ser considerados literatura.

A ideia do “polissistema literário” abrange, então, como internos, mais do que como externos, todos os fatores indiciados no conjunto de

language or literature) is just a component of a larger (poly)system that of “culture”, [...].

atividades para as quais a designação “literária” possa ser aplicada com maior conveniência do que qualquer outra. Para exemplificar, tomemos como base o polissistema literário de um país. Esse é considerado um sistema que integra outro sistema maior, como o sociocultural, no qual ainda é possível incluir outros além do literário: o artístico, o religioso ou o político. Nessa concepção, passamos a ver no sistema literário não só uma simples coletânea de textos, mas um conjunto de subsistemas que governa a produção, a promoção, a crítica e a recepção dos textos (ROMANELLI, 2006). Even-Zohar, segundo Gentzler (2009), foi o responsável por rearticular a teoria dos sistemas proposta pelos formalistas russos e incorporar a tradução nesse modelo:

É necessário incluir a literatura traduzida no polissistema. Isso raramente é feito, mas nenhum observador da história de qualquer literatura deixaria de reconhecer a importância do impacto das traduções e seu papel na sincronia e diacronia de determinada literatura. (EVEN-ZOHAR, 1978, p. 15, trad. nossa)⁷

Por meio das análises entre a obra traduzida e a original, Even-Zohar verificou que nem todos os polissistemas são os mesmos. Suas pesquisas mostraram que polissistemas de culturas maiores, como o da França, por exemplo, são diferentes de outros de cultura menor, como o de Israel. Num sistema maior, a literatura traduzida fica relegada às margens da sociedade, enquanto, num menor, ela tem papel mais relevante. O pesquisador demonstrou ainda que a relação entre obras traduzidas e o polissistema literário é variável. Não existem só as categorias primárias e as secundárias⁸, ou seja, as canônicas e não

⁷ Thus, it is necessary to include *translated literature* in the polysystem. This is rarely done, but no observer of the history of any literature can avoid recognizing as an important fact the impact of translations and their role in the synchrony and diachrony of a certain literature.

⁸ Esses sistemas mantêm relações hierárquicas, o que significa que alguns mantêm uma posição mais central do que outros, ou seja, alguns são primários, enquanto outros são secundários. Por razões tradicionais, é possível sugerir que toda a literatura não-canonicalizada, literatura para jovens e crianças, literatura epigônica e todo o *corpus* da literatura traduzida podem ser considerados sistemas secundários. Já os sistemas primários seriam a literatura original canonicalizada para adultos de ambos os sexos, que não é epigônica (ZOHAR, 1978, trad. nossa).

canônicas, pois essa categorização depende de circunstâncias específicas. Para ele, existem três situações em que a tradução passa a ocupar posição primária:

- a) quando uma literatura é jovem ou está se estabelecendo e busca modelos na literatura traduzida;
- b) quando é periférica ou fraca e é obscurecida por uma literatura maior; e
- c) quando uma literatura está em crise e seus modelos ficam estagnados, o que a faz buscar modelos novos.

Gideon Toury realizou pesquisas de campo para testar as hipóteses de Even-Zohar e, na introdução de *Translation theory and intercultural relations*, de 1978, aponta a necessidade de uma semiótica da cultura, uma análise histórica dos fenômenos. Uma das metas do estudo de campo de Toury era verificar as decisões tomadas pelos tradutores em seu processo e, assim, descobrir o sistema de regras que governava esse polissistema. Essas pesquisas mostraram a Toury que não há como acreditar nessas teorias abstratas de tradução. Não há como dizer como deveria ser uma tradução, pois há muitos fatores que influenciam o produto final. A meta de Toury era estabelecer uma hierarquia de fatores relacionados que governa o produto da tradução. Ele queria que a teoria da tradução incluísse fatos cultural-históricos, um conjunto de leis que ele denomina “normas para tradução”. No texto *The nature and role of norms in literary translation* (1995), ele explica suas normas e metodologias e dá sua definição de norma:

[...] a tradução de valores gerais ou idéias compartilhadas por uma comunidade - quanto ao que é certo e errado, adequado e inadequado - em instruções de desempenho pertinente e aplicável a situações particulares, especificando o que é prescrito e proibido, bem como o que é tolerado e permitido em uma certa dimensão comportamental.⁹ (TOURY, 1995, p.55, trad. da autora)

⁹ “[...] the translation of general values or ideas shared by a community - as to what is right and wrong, adequate and inadequate - into performance instructions appropriate for and applicable to particular situations, specifying what is prescribed and forbidden as well as what is tolerated and permitted in a certain behavioural dimension[...].”

Segundo ele, há três tipos de normas para tradução:

1. preliminares – envolvem a escolha da obra e a estratégia geral de tradução;
2. iniciais – categorizam a escolha do tradutor individual de se submeter ou ao texto original, com suas relações e normas, ou às normas linguísticas e literárias da cultura-alvo, ou a uma combinação entre ambas;
3. operacionais – são as decisões tomadas durante o processo de tradução.

No entanto, essas normas são instáveis e o tradutor é parte constante dessa mudança (TOURY, 1995). As normas são definidas conforme a posição social e o contexto cultural em que se encontra o tradutor e sua tradução, ou seja, o meio ou as coerções existentes nesse meio social específico de uma sociedade ou época definem essas normas. O ponto fundamental das teorias desenvolvidas pelos teóricos dos Estudos Descritivos da Tradução é, portanto, a contextualização do fenômeno tradutório e suas normas dentro do polissistema em que se insere.

1.1.2 Modelo de análise descritiva

Partindo dos pressupostos da Teoria dos Polissistemas, Lambert e Van Gorp (1985) desenvolveram um modelo para descrever traduções, que visa superar as deficiências da análise contrastiva e busca descrever e verificar as estratégias tradutórias de maneira objetiva.

O modelo desenvolvido por esses teóricos apresenta os seguintes passos:

Preliminar – busca recolher informações sobre a tradução, a saber: título, presença ou ausência da indicação de gênero, nome do autor, nome do tradutor, dentre outros; metatexto (na página inicial, no prefácio, nas notas de rodapé, no próprio texto); e estratégias gerais (tradução integral ou parcial?);

Macroestrutural – prevê a análise de divisão do texto (em capítulos, atos ou cenas etc.); convenções tipográficas (em discurso direto de sinalização ou uso de itálico para dar ênfase); estrutura

interna da narração (prólogo, clímax, epílogo etc.); estrutura poética (por exemplo, relação entre tercetos e quartetos em um soneto); comentários do autor etc.;

Microestrutural – deslocamentos nos níveis fônico, gráfico, microssintático, léxico-semântico, estilístico, locutório etc. Analisam-se a seleção das palavras, os padrões gramaticais dominantes e as estruturas literárias formais (metro, rima), formas de reprodução do discurso (direta, indireta etc.), registro da língua etc. (LAMBERT e VAN GORP, 1985).

O último passo está relacionado à análise sistêmica dos níveis micro e macro. O texto individual é confrontado com padrões que foram encontrados em análises de outros textos e com os modelos vigentes e as normas de produção de textos, traduzidos ou originais, na cultura de chegada (tradução pelo mesmo tradutor ou escritos pelo tradutor original, na mesma série, o mesmo gênero) (HERMANS, 1999).

Embora os Estudos Descritivos da Tradução tenham como objetivo principal estudar as normas que governam o fenômeno tradutório, principalmente por meio do estudo dos recursos textuais dos próprios textos traduzidos ou de recursos extratextuais, de formulações críticas, de depoimentos de tradutores, editores e de outras pessoas envolvidas na atividade tradutória, seu objeto de pesquisa ainda é o texto entregue ao público, ou seja, o texto publicado. Dessa forma, como pontua Romanelli (2013), essa limitação dos estudos tradutórios pode ser superada com a utilização da Crítica Genética, que possibilita mostrar que o trabalho do tradutor inclui não somente o texto de partida e o de chegada, mas sim uma rede complexa de inter-relações entre seus textos e os outros textos do polissistema em que se encontram, e também permite acesso ao processo tradutório via manuscritos do tradutor. Segundo ele, “traduzir, então, significa também utilizar suportes diferentes que influenciam o resultado final” (ROMANELLI, 2006, p.52).

1.2 CRÍTICA GENÉTICA

A crítica genética (CG) é hoje, segundo afirma Grésillon (2008), uma abordagem significativa da literatura que se integra à corrente da crítica literária. Ela é dotada de ferramentas e instrumentos próprios para

análise do prototexto,¹⁰ e possui um método de análise que permite reconstituir a gênese da obra. Esse interesse de estudar a gênese da obra se inicia em um movimento crítico à filologia entre os anos 1960 e 1975, quando surgiu uma grande corrente de reflexão sobre o ato de escrever, sobre a escritura em estado nascente, sobre seu desenvolvimento e suas mudanças. Em 1975, Jacques Petit declarava que “o texto não existe”, e assinalava aí o momento de novas interrogações sobre o texto, livre do “sujeito”, das análises simbólicas e interpretações psicobiográficas, um novo texto, composto agora do fenotexto e do genotexto. Esses termos são apresentados por Julia Kristeva, em 1972, e provêm de empréstimo dos linguistas soviéticos pelos semióticos franceses. Esse movimento crítico à filologia ocorreu devido a uma apropriação indevida de técnicas da filologia. Alguns historiadores da literatura, ao perceber que existiam manuscritos modernos e contemporâneos, resolveram importar as noções da filologia clássica para seu próprio campo. O princípio desses pesquisadores, ou, como classifica Biasi (2010, p.25), desses “novos filólogos”, foi o da imitação, o autor utilizava como fonte uma obra anterior, e suas diferentes criações eram chamadas de variantes. No entanto, não existe relação entre o trabalho intelectual de um escritor moderno que redige e o trabalho de um escriba, que recopia um manuscrito. Para a crítica genética, o termo apropriado é “reescrituras”, “estados de redação” ou “operações genéticas”, que expressam mais adequadamente os fenômenos dinâmicos de desenvolvimento, transformação e seleção que envolve a gênese de um texto moderno (BIASI, 2010).

Essa necessidade de repensar o aparato terminológico surgiu no momento em que se tentava elucidar o dossiê integral dos manuscritos de uma obra, os rascunhos, os roteiros e as cadernetas do autor. Porém, essa mudança de ponto de vista só ocorreu quando os próprios escritores e artistas colocaram seu processo de criação no centro de sua obra.

Para Biasi (2010), esse movimento proporcionou uma verdadeira aventura intelectual e incutiu um novo direcionamento para os princípios formalistas, gerando novos rumos para a pesquisa. Trata-se de um novo objeto, um método que se destacou pela “indução de uma massa de trabalhos empíricos consagrados aos manuscritos do autor” (HAY, 2007, p.41). A genética dos textos possibilita entrar no espaço íntimo da escritura, das intenções do autor, seus lapsos, suas hesitações,

¹⁰ São os documentos que antecedem o texto, constitui-se, sobretudo de manuscritos. O prototexto só existe no discurso crítico que o produz. Trata-se de uma seleção do material deixado pelo autor.

suas escolhas, elaborar generalizações por meio de um conjunto de observações concretas. Há um deslocamento crítico “do autor para o escritor, do escrito para a escritura, da estrutura para o processo, da obra para a gênese” (BIASI, 2010, p.13). Consta-se que, com raras exceções, o texto definitivo é produto de uma construção progressiva.

Dessa forma, toma-se o manuscrito como fonte de informação sobre o trabalho do escritor, seu processo. Associa-se a esse material a prática privada, o indício de um trabalho subjetivo. Os manuscritos “permitem observar o trabalho da pena na sua manifestação perene, sua verdade material. Nesse sentido, possuem uma realidade que não é atingida por nenhuma interpretação especulativa, e uma riqueza que não se esgota com nenhum esforço de análise” (HAY, 2007, p.42). Eles são a prova do trabalho humano, mostram-se capazes de refletir as novas tendências intelectuais da modernidade, que abandonam a teoria de Kant do “gênio” e da “originalidade”, por uma ideologia do sujeito, para o trabalho não alienado, para a ideia de construção do saber (BIASI, 2010). Os próprios escritores mudam suas atitudes em relação a seus manuscritos e começam a conservar esses materiais. Victor Hugo é um exemplo desse movimento, ele guarda seus documentos autógrafos em um armário de ferro, encaderna-os e, em situações perigosas de sua vida pública, diz que terá mais cuidado com eles do que com sua pessoa física. Em seu testamento, ele doa todos os manuscritos e materiais escritos ou desenhados por ele à Biblioteca Nacional de Paris (PIERROT, 1979 apud BIASI, 2010). Após sua morte, em 1885, as instituições se veem obrigadas a criar novos acervos para esses manuscritos modernos, a saber, o Departamento de Manuscritos Modernos da Biblioteca Nacional de Paris.

1.2.1 O manuscrito moderno

O objeto de pesquisa da crítica genética é o manuscrito moderno, e não o manuscrito antigo ou medieval, objeto de estudo da filologia clássica. Até o surgimento da imprensa (século XV), o manuscrito do escriba tinha um valor único, pois era suporte exclusivo para registro, comunicação e difusão de textos. Cada escrito era conhecido por cópias manuscritas únicas, que apresentavam variantes de uma cópia para outra. Após o surgimento do papel, os escritores abandonaram o uso do pergaminho e o ditado ao escriba, e buscaram um trabalho mais individual. O papel levou ao surgimento de um item fundamental para a CG, a rasura. No entanto, foi com o surgimento da imprensa que o papel adquiriu a “função de intermédio universal da cultura escrita” (BIASI,

2010, p.15). A reprodução manual dos exemplares, desempenhada nos ateliês de escribas, foi substituída pela multiplicação mecânica de textos em grande tiragem. Embora a aparição do papel tenha proporcionado um trabalho mais pessoal, foi só no período das Luzes, ou idade dos filósofos, que começou a se valorizar a complexidade da criação exposta nos manuscritos, considerada antes somente como um sinal de incapacidade ou falta de genialidade. Define-se, então, como manuscrito moderno o material produzido pelos escritores e que apresenta, na sua maioria, alterações propositas, as chamadas rasuras, que são essenciais do ponto de vista genético e que, devido à valorização e conservação dos manuscritos, tornaram-se objeto dos estudos genéticos.

No entanto, é preciso salientar que o manuscrito de maior interesse para a crítica genética não é o manuscrito chamado definitivo, e sim o “o mais feio rascunho saturado de rasuras” (BIASI, 2010, p. 22), que apresenta o nascimento da obra, Além dele, são importantes notas, planos, roteiros, agenda, enfim, um conjunto denso, heterogêneo, enigmático de materiais.

1.3 PROCESSOS DE ESCRITURA E FASES GENÉTICAS

1.3.1 Esboço terminológico

Por se tratar de uma abordagem analítica recente, a CG necessita compor uma nomenclatura nova. Assim, seguem abaixo algumas definições de itens que devem estar claros para um pesquisador. Primeiramente, deve-se saber que há dois tipos de genética, a genética do manuscrito e a genética do impresso: após a passagem do manuscrito para a folha tipográfica impressa, esta se torna, segundo Biasi (2010), uma forma estática. Por conseguinte, deixa seu estatuto autobiográfico e privado, passando para um estatuto alográfico e público. Essas fases se distinguem na pesquisa genética por tratarem de objetos distintos: tudo que se relaciona ao texto depois da impressão está ligado à *genética do impresso*, já o que vem antes desse momento se refere ao prototexto e pertence à *genética do manuscrito ou prototextual*. Além disso, há de se considerar o dispositivo nocional que distingue as duas fases, as variantes textuais, que se apresentam de forma diferente em cada fase.

Outra definição que se torna necessária é a que se refere ao dossiê genético. O chamado dossiê genético é o conjunto material de documentos e manuscritos que fazem parte da gênese estudada. Esse conjunto normalmente se encontra arquivado em instituições patrimoniais públicas ou privadas. Podem fazer parte dele tanto

documentos autógrafos quanto não autógrafos do autor. Os autógrafos se referem normalmente a cadernetas, notas, manuscritos de juventude, cadernos, rascunhos, cópias de provas corrigidas etc. Os não autógrafos podem ser correspondências, cartas recebidas, atos e papéis oficiais, contratos de edição, biblioteca pessoal do escritor, documentos visuais, sonoros, audiovisuais, que se relacionam de alguma maneira à obra.

Após a análise desse dossiê, o geneticista organiza o que chamamos de prototexto.¹¹ Desse modo, o prototexto é a organização crítica do dossiê genético, “ele corresponde à transformação de um conjunto empírico de documentos em um dossiê de peças ordenadas e significativas” (BIASI, 2010, p.41), ou seja, após analisar, ordenar, transcrever, datar e decifrar todas as peças, o geneticista torna acessível esse dossiê que estava antes em estado bruto, inteligível. Assim, o dossiê genético passa de manuscritos da obra para o estatuto científico de prototexto. O prototexto é composto pelos materiais que foram decifrados, separados e transcritos na ordem de sua aparição cronológica e segundo a lógica de suas interações. Essa organização, contudo, é artificial, pois o autor não os organizou materialmente dessa forma, porém, ela corresponde à imagem de uma coerência real, suas peças e materiais constituem indícios do trajeto que deu origem à obra.

Uma das partes mais significativas do prototexto é o rascunho. Esse item é formado pelo conjunto de materiais redacionais do autor, muitas vezes cheios de rasuras. É o momento em que o autor *redige* seu trabalho, encadeia suas ideias, antes expressas em croquis, esboços etc. Cada autor possui uma maneira de organizar seu trabalho, uma técnica diferenciada, e dela depende o aspecto de seus manuscritos.

1.3.2 Fases genéticas

A análise do prototexto visa a identificar os processos de escritura e a fase genética. Há dois grandes tipos de escritura literária: uma na qual o escritor precisa de um roteiro que antecipe sua escritura, chamada “programação roteirizada”, e outra que não apresenta uma limitação das ideias, chamada de “estruturação redacional”, a qual surge conforme a elaboração da obra.

Na “programação roteirizada”, a obra é precedida de planos, roteiros, anotações, esboços, pesquisas documentais, que visam a

¹¹ Há uma discussão entre os pesquisadores de CG sobre o uso do termo dossiê genético e prototexto. Utilizamos neste trabalho a definição de Biasi (2010). Para ampliar o conhecimento sobre esse tema, ver Passos (2011, p.27-30).

organizar uma redação que depois pode ser escrita passo a passo. Esse tipo de programação é utilizado, por exemplo, pelo escritor Flaubert.

Na “escritura redacional”, ao contrário, a obra surge de uma redação de “primeiro jorro”, que progride com a correção a partir de novas leituras do que já está escrito, podendo surgir daí várias versões desse texto, como exemplo temos o escritor Kafka. Podem ocorrer casos de autores que realizam ambos os processos.

As fases de trabalho que caracterizam uma escrita, segundo Biasi (2010, p.47), são:

1) Pré-redacional: é a fase que precede o trabalho de redação, e, dependendo do tipo de escritura literária, ela pode variar. Se for uma gênese com “estruturação redacional”, provavelmente não haverá rastros, pois a fase pré-redacional nesse caso reduz-se a uma elaboração psíquica do escritor. No entanto, na “programação roteirizada” haverá um número considerável de documentos que se apresentam em dois momentos distintos:

- a) um de pesquisa preliminar-provisional e exploratória: é o momento em que o escritor se dedica ao trabalho de reflexão preliminar, faz uso de sua biblioteca e de suas anotações para delimitar seu projeto. O estudo de gênese deve considerar todos os documentos desta fase, como cadernetas, bloco de notas, notas de leituras, etc., que são considerados documentos provisionais. Após explorar esses documentos provisionais, surge um pré-projeto em torno do qual se organiza um estudo exploratório. Alguns documentos dessa fase podem ser: listas de palavras, títulos, anotações dispersas, roteiros, porções de redação, entre outros;
- b) outro momento é o de inicialização-preparatório e programático: é período decisivo no qual o autor sente que o projeto tornou-se viável ou imperioso. É a fase cuja vocação é negociar a passagem para a redação efetiva;

2) Redacional: é a fase de execução; são os *rascunhos* da obra. Essa fase pode vir acompanhada de um dossiê de anotações documentais para uso redacional. Esse dossiê pode conter anotações sobre a época da narrativa, locações, personagens reais que servirão de modelos. Provém geralmente da necessidade de textualização, da

“exigência pontual de informações produzidas pela redação, em um momento preciso da narração” (BIASI, 2010, p.53). Fazem parte dessa documentação redacional a estruturação e textualização dos rascunhos, em que se desenvolvem os elementos contidos no plano-roteiro; os roteiros desenvolvidos, que são o momento da colocação das frases, estruturação de parágrafos que está recém-iniciando; a passagem a limpo, manuscrito cheio de correções, o texto futuro emerge do caos dos rascunhos, diminuem rasuras e acréscimos;

Os dossiês documentais são de extensões variáveis no que se refere ao gênero literário – como uma poesia em relação a um romance; ou em relação a cada autor e a sua obra. Por exemplo, Flaubert apresenta documentos redacionais bem variáveis, dependendo da obra. O dossiê de *Madame Bovary* é insignificante, já o romance científico *Bouvard e Pecuchet* possui uma documentação extensa, em que é possível ver um trabalho significativo de seleção de informação e textualização do autor.

3) Pré-editorial: nessa fase, a intervenção do autor torna-se cada vez mais pontual. Fazem parte desse momento documentos de gênese, como manuscrito pré-definitivo, manuscrito definitivo – um estado quase final da obra, de fácil leitura –; manuscrito do copista – cópia do último estado do texto por outra pessoa; há manuscritos que podem conter correções autógrafas não negligenciáveis; provas corrigidas – podem conter alterações do autor, porém dentro de limites controlados, pois seu custo pode ser deduzido dos direitos autorais;

4) Fase editorial: quando o autor assina o material por ele considerado bom para tiragem *bon à tirer*, ele autoriza o editor a efetuar a transliteração tipográfica do manuscrito.

1.4 A ANÁLISE DOS PROCESSOS DE ESCRITURA

A análise dos manuscritos é o momento de situar os manuscritos do dossiê da obra no eixo evolucionário, e a partir desse ponto interpretar o conjunto do processo. Para realizar essa análise crítica do prototexto, é preciso reconstituí-lo, o que pode ser efetuado por meio da genética textual, que busca colocar em ordem e tornar legível o material manuscritológico. Essa análise pode conter três operações de pesquisa: o estabelecimento do dossiê, a classificação dos rascunhos e o deciframento (BIASI, 2010).

A abordagem do manuscrito de trabalho é realizada a partir de arquivos, como bibliotecas nacionais, museus, fundações privadas. Muitas vezes, esses materiais são extremamente frágeis, e por esse

motivo sua consulta ocorre por fac-símiles (microfilmes, fotocópias etc.).

O armazenamento desses materiais ocorre de diferentes formas, como em caixas ou em encadernação, e na maioria das vezes não apresenta uma classificação sequencial perfeita. A classificação feita pela instituição que detém os manuscritos é normalmente sob a forma de maços ou volumes, como é o caso dos manuscritos das *Mil e uma noites* de D. Pedro II, que pertencem ao maço 041 Doc 1064 Cat B [D03 [P...]] e [D04 [P...]], conforme sua catalogação no Arquivo do Museu Imperial de Petrópolis. No caso desse material, a numeração em páginas, que também ocorre em outras instituições para numerar os documentos, segue uma classificação real, já que o manuscrito é um caderno e seguem-se linearmente suas folhas. No entanto, é comum em manuscritos de folhas soltas que essa numeração não seja a autógrafa do autor, pois é difícil estabelecer a cronologia do percurso criador do autor, quais ideias surgiram primeiro. Para facilitar o trabalho de pesquisa genético, a classificação desses materiais é feita na crítica genética na forma de fólhos. Como exemplo, o manuscrito que corresponde ao maço 1064 Cat B [D03 P001] será, nesta pesquisa, fólho D03 01 f. Aqui, para facilitar a localização do manuscrito, optamos por manter a indicação D03 e D04, que são respectivamente o primeiro e segundo caderno de manuscritos, e na sequência o fólho.

1.4.1 Transcrição



[...] cada exemplar é único, insubstituível, mas (como a Biblioteca é total) há sempre várias centenas de milhares de fac-símiles imperfeitos: de obras que apenas diferem por uma letra ou por uma vírgula.

Borges, *A Biblioteca de Babel*, 1972, p.91.

A epígrafe de Borges acima se refere às transcrições realizadas de manuscritos antigos. Já a CG, que trabalha com os manuscritos modernos, busca realizar transcrições o mais fidedignas possível. Para uma classificação genética de sucesso, é necessário realizar um deciframento integral dos documentos. Essa classificação só pode ser efetuada juntamente com a transcrição fiel do texto. Biasi (2010) pondera que essa fase propicia sensação de aventura, devido aos achados no decorrer da exploração, no entanto, é um trabalho exaustivo, que já desencorajou muitos críticos. Esse deciframento fixado por meio da transcrição deve ser fiel ao manuscrito de redação do autor,

reproduzindo as características próprias do autógrafo, as rasuras e os acréscimos. A escolha do tipo de transcrição, de códigos utilizados depende de cada grupo de pesquisa. No caso do NUPROC, há algumas soluções adotadas para a reprodução do manuscrito, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 1 – Marcações da transcrição

#	Versão
//?	Leitura duvidosa
/?/	Palavra ou parte de palavra ilegível
*	Comentários do pesquisador
	Palavra riscada (legível) (Ctrl+C/Ctrl+V no desenho para ter um padrão)
tachado	Palavra riscada
	Palavra rasurada (ilegível) (Ctrl+C/Ctrl+V no desenho para ter um padrão) >>
Negrito	Palavra ou parte de palavra borrada (caneta-tinteiro)
∨	Palavra ou frase descendente
∧	Palavra ou frase ascendente

Além de buscar utilizar uma simbologia mais simples e eficaz para a leitura, optou-se pelo uso da transcrição semidiplomática que, apesar de ocupar mais espaço por ser fiel à paginação do autor, é a mais prática para leitura e interpretação dos leitores. Segue abaixo exemplo de transcrição realizada neste trabalho. A primeira figura é o manuscrito de D. Pedro II, seguido da transcrição.

Figura 3 – Primeira página do manuscrito das *Mil e uma noites* de D. Pedro II
Fonte: Museu Imperial/ IBRAM/ Ministério da Cultura

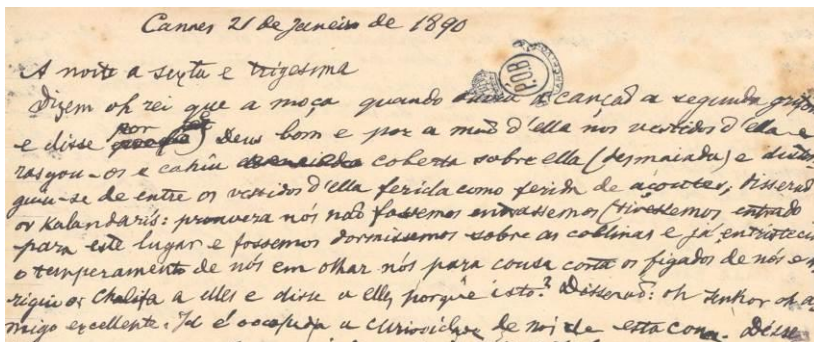


Figura 4 – Trecho da transcrição do primeiro fólio do manuscrito de D. Pedro II

12

F. D03 01 f

Cannes 21 de janeiro de 1890

A noite a sexta e trigésima

Dizem oh rei que a moça quando ouviu a canção a segundagritou
 e disse ~~o rei~~ ~~o rei~~ bom e poz a mão d'ella nos vestidos' ella e
 rasgou-os e cahiu ~~o rei~~ coberta sobre ella (desmaiada) e distin-
 guiu-se de entre os vestidos d'ella ferida como ferida de açoute; disserão
 os Kalandaris: prouveranos não fossemos entrassemos (tivessemos entrado
 para este lugar e fossemos dormissemos sobre as collinas e já não
 entrístecia
 o temperamento de nós em olhar nós para cousa corta os figados de nós e di-
 rigiu o Khalifa a elles e disse a elle, porque isto? Disserão: oh senhor
 oh a-
 migo excellente. Já é occopadaa curiosidade de nós de esta cousa. Disse-

1.4.2 A rasura

Segundo Willemart (2009), somos desvelados pelo que escrevemos, pois a escritura exhibe o que somos: nossa memória, nossa tradição, nossa aspiração, nossas esperanças e nossos desejos. Essa linguagem escrita é influenciada pelo momento em que se escreve. Mesmo outras formas de linguagem usadas, como a dança para o bailarino, as cores para o pintor, os sons para o músico, acabam expressando nossa submissão a essa linguagem. Os artistas, segundo o autor, “são ditos pelo material e linguagem que eles usam” (p.98).

No manuscrito literário, encontramos os materiais que cercam o autor, sua tradição, sua escola, seu tempo e seus preconceitos. Por isso, afirma Willemart, o autor precisa:

[...] perder-se na escritura, perder sua identidade, a que ele acredita ter e a que lhe é reenviada por seus vizinhos, para reconstituir outra, a identidade do autor através dos rascunhos. (2009, p.98)

Isso será alcançado mediante a construção progressiva que se obtém na rasura. A cada rasura definida, o autor se revela, reconstrói sua identidade autoral.

Willemart sustenta que a rasura é a porta da criação, ela marca uma parada, algo que ocupou a atenção do *scriptor*,¹³ como um sonho

¹² Optamos por usar algumas transcrições em formato de figura, para evitar eventual desformatação, sobretudo nas posições das marcações.

ou uma ideia a respeito de um personagem, enfim, algo novo. O *scriptor* “anula e rasura a escrita anterior, favorece a escuta e, assim, surge outra palavra, outro parágrafo, talvez outro capítulo” (2009, p.103).

Para Biasi (2010), a rasura é um componente complexo da escritura, e possui diversas características. A identificação de uma rasura precisa ser realizada cautelosamente, nem sempre uma rasura com a mesma função e extensão (ex.: rasura de página, rasura de palavra) pertence à mesma fase de gênese (ela se modifica totalmente se for rasura de plano, rascunho ou prova corrigida). O sentido da rasura depende ainda de seu objeto (uma forma sintática, um elemento lexical etc.), de sua localização na página (rasura na margem, na zona central etc.), dentre outros pontos.

Segundo Passos (2011), é a rasura que diferencia a crítica genética e a filologia, e na filologia ela é um fenômeno negativo, pois é um erro oriundo de uma cópia para outra; já na CG ela torna-se positiva, por ser reveladora do processo de criação. Ela é para a CG uma comprovação de escolhas, de elaboração da criação do autor.

Funcionalmente, as rasuras são instrumento de cinco mecanismos distintos. Elas representam gestos operatórios de escritura fundamental, quando são de substituição ou eliminação, ou formas mais raras, quando são de transferência, gestão ou suspensão. Segue cada uma dessas definições:

1. **Substituição:** serve para corrigir o já escrito, um segmento previamente escrito é substituído por outro. Pode ser dividida em duas entidades distintas, o risco e a inscrição de um segmento substitutivo, um acréscimo. Existem quatro tipos de consequências distintas para esse processo. Quando o segmento substitutivo for nulo, chama-se rasura de supressão. Se um segmento substitutivo for mais curto do que o segmento riscado, será chamado de substituição por elipse. Se o segmento for igual ao riscado, será substituição lugar por lugar, e será substituição por acréscimo, quando o segmento for mais desenvolvido do que o riscado. Há muitos tipos de rasura substitutiva não expressa, como a palavra colocada entre linhas, sem riscar a outra, que caracteriza uma hesitação, uma ausência de risco que Biasi (2010) classifica como rasura suspensiva ou alternativa não resolvida. Quando o escritor não quer rasurar

¹³ O *scriptor* é o escritor no seu gesto psíquico de escritura, é quem faz as rasuras, quem rabisca, quem desenha (Irene Fenóglgio (ITEM) apud PASSOS, 2008, p.51).

- seu texto e prefere substituir o segmento ao passar a limpo, chama-se rasura branca.
2. **Supressão:** é utilizada para eliminar definitivamente um segmento.
 3. **Deslocamento ou de transferência:** é o deslocamento de um segmento, pode ocorrer eliminação ou transferência com sinais específicos, como um quadro, uma seta, um traço de junção entre segmentos a ser deslocado e seu ponto de inserção.
 4. **Suspensão:** é a rasura que supre, substitui ou transfere um segmento, e que pode ocorrer em momentos distintos, logo após a redação desse segmento, durante uma releitura.
 5. **Rasura de utilização:** ocorre quando o escritor quer desativar um segmento que já foi utilizado, como plano, notas, versões sucessivas.

Tratando-se de estrutura funcional, a rasura pode ser identificada quando o escritor risca um segmento para suprimi-lo, substituí-lo ou transferi-lo. Normalmente, é fácil distinguir uma rasura de substituição imediata, que ocorre no mesmo fluxo da escritura, de uma rasura diferida, que ocorre na entrelinha, acima ou abaixo do risco. Há complexidade enorme na análise de uma rasura, pois é muito difícil definir se uma rasura de substituição não redundou de uma rasura de supressão.

1.5 MÉTODO DE ANÁLISE

O primeiro passo é estabelecer o dossiê genético, por meio de exaustiva coleta dos manuscritos que concernem à obra. São peças autógrafas e alógrafas que foram utilizadas pelo autor na produção do texto e que podem estar arquivadas em coleções públicas ou privadas. No caso do dossiê genético das *Mil e uma noites*, este foi estabelecido em uma pesquisa de campo em Petrópolis, realizada em 2008. Nessa missão, foi possível constatar que os manuscritos estavam guardados no arquivo do Museu Imperial, juntamente com o diário do monarca. Após reunir todas as peças, cabe ao geneticista conferir a autenticidade dos materiais e sua datação, além de verificar os elementos críticos externos que possam ajudar na datação das peças, como cartas, documentos a editores etc. Em seguida, o geneticista deve realizar uma classificação do material segundo o princípio das fases genéticas expostas anteriormente.

O segundo passo, que segundo Biasi (2010) é a operação mais densa da pesquisa, refere-se à classificação do conjunto de rascunhos

que representa o coração da gênese. Nesse momento, a base será o manuscrito definitivo, que embasará a ordenação dos rascunhos, como se a redação fosse orientada pelo resultado final. Essa classificação é composta por dois quadros: o primeiro é um quadro geral, em que cada fólio será definido pelo trecho que remete ao manuscrito definitivo. É uma aproximação por conteúdo. O segundo quadro é o estático integral, em que, para cada página do manuscrito definitivo, encontra-se um conjunto de fólios de rascunho. Esse quadro deixa aparecer a heterogeneidade do número de estados redacionais, devido aos diferentes rascunhos que foram escritos, para chegar ao manuscrito definitivo.

Na presente pesquisa, essa fase de classificação dos rascunhos, que visa a estabelecer a ordem dos fólios de criação, foi facilitada devido à escolha do tradutor de realizar seu texto em um caderno e segui-lo em ordem progressiva.

Depois de estabelecida a ordem dos fólios, passa-se à decifração e transcrição do material, operações que só se realizam conjuntamente. É por meio do deciframento dos fólios que se podem comparar os diferentes estados de um mesmo fragmento. Por exemplo, uma rasura pouco legível pode ser decifrada, voltando-se ao fólio anterior (leitura retroativa) e verificando-se qual é a palavra escrita. Da mesma forma, uma palavra acrescentada entre linhas pode ser decodificada, ao reportar-se ao fólio seguinte daquele trecho.

A transcrição é a fixação do deciframento, e pode ser publicada, facilitando o trabalho dos críticos. Hay (1985) diz que é complexo estabelecer o prototexto, pois é necessário realizar uma nova leitura desse material constituído de grafismo fixo e profuso. Desse modo, a transcrição do manuscrito deve ter como objetivo a clareza do objeto e sua realidade, para que assim o resultado de sua representação seja adequado. Assim sendo, para esse propósito, o crítico genético precisa escolher uma forma de transcrição que permita reproduzir ou assinalar os mais diversos tipos de ocorrências, acréscimos, supressões e substituições no texto.

Nesta pesquisa, optamos pela transcrição semidiplomática, por entender que, devido às muitas rasuras e acréscimos no manuscrito de D. Pedro II, esse tipo de transcrição facilita a leitura, pois se reduz o número de codificações, embora se ocupe bastante espaço ao se respeitar a paginação.

1.6 EDIÇÃO GENÉTICA

A edição genética de manuscritos é mais problemática do que a edição crítica, pois esse material encontra-se em estado inacabado, suas dimensões são muito maiores do que as de uma obra finalizada, além do que a organização em ordem cronológica dos documentos é extremamente difícil de ser estabelecida. A edição genética tem como objetivo tornar visível e inteligível o processo que originou uma obra, busca mostrar o trabalho que é anterior ao seu produto dito final, aquele material que se encontra em estado inacabado, que permite delinear sua gênese.

Assim, a edição de manuscritos consiste na publicação em ordem cronológica dos materiais de criação do autor de um texto, seus roteiros, esboços, rascunhos. Entretanto, há dois problemas que tornam o trabalho complexo: o problema da dimensão do material e o da lógica. O primeiro refere-se ao volume de fólios que pode conter cada fase da produção da obra. Uma página do texto final, por exemplo, pode conter de cinco a 10 fólios de manuscritos redacionais, dessa forma, uma edição genética pode ser de 10 a 30 vezes mais extensa do que o texto final (BIASI, 2010).

No que se refere à lógica, esta não produz menos perturbação, pois para publicar os manuscritos é necessário colocá-los na ordem cronológica, que não é a mesma ordem do empilhamento cronológico,¹⁴ visto que a ordem de criação do texto está sempre em mutação na escrivania do escritor. Podemos citar como exemplo o texto de *Sagarana* de Guimarães Rosa. Segundo o autor, ele entregou o original em 1937, para a Livraria José Olímpio, e o título escolhido era *Sezão*, mas na última hora pôs *Contos*. Em 1945, numa carta endereçada ao pai, Guimarães Rosa fala da reestruturação de um livro de contos. Segundo Lima (2003, p.18), o autor:

Muito provavelmente, [...] estava se referindo ao terceiro momento conhecido da criação, que está documentado na caixa de folhas soltas do Instituto de Estudos Brasileiros com originais do livro, organizados de acordo com a 1.^a edição de *Sagarana*. Nesse terceiro documento o conto

¹⁴ A ordem de empilhamento cronológica nem sempre é a ordem da gênese da obra, pois é constante a alteração dessa ordem na escrivania do autor (BIASI, 2010).

“Sezão” passa a “Sarapalha”, ganhando como título o topônimo só nesse momento definido como o espaço da aventura de Primo Ribeiro e Primo Argemiro; e, em algum momento, deixou a posição inicial do conjunto.

É possível ver nesse estudo realizado por Lima sobre a “escritura de *Sagarana*” que Guimarães Rosa, ao retomar o livro de contos, produz alterações em sua obra, e suas modificações não se resumem à ordem dos contos ou à exclusão deles, mas há a troca de nomes dos personagens, revisão ortográfica e troca do título. O texto de *Sagarana* mostra que o produto final provém de um longo caminho e que muitas vezes são momentos de idas e vindas dentro do texto, que não obedecem a uma ordem cronológica.

Essas alterações, essas retomadas ou reescrituras, produzem um grande número de materiais. Conforme Biasi (2010), para se respeitar estritamente a lógica das operações genéticas, teríamos de encaixar várias espécies de manuscritos e diferentes camadas de escritura umas nas outras. Muitas vezes, uma página escrita no fólio 10 contém no seu verso uma página que pertence ao fólio 20. Essa publicação na sequencialidade normal de um livro ficaria complicada.

1.6.1 As duas orientações da Edição Genética

Ao se editar e interpretar os manuscritos genéticos, ocorre, conseqüentemente, diminuição no valor do texto final. Como dito, Biasi (2010) pondera que a edição genética visa a proporcionar a visibilidade do processo realizado pelo autor. Ela tem como finalidade elucidar o trabalho do escritor, o processo de escritura e a gênese da obra. A edição genética tem como objetivo publicar, na ordem cronológica de formação, os manuscritos da fase redacional de escritura (roteiros desenvolvidos, esboços, rascunhos, passagens a limpo).

No seu formato científico, há duas formas desenvolvidas pela edição genética: as edições que se interessam por uma fase precisa da gênese, chamadas edições horizontais, e as edições que procuram apresentar todos os manuscritos referentes ao mesmo produto literário, chamadas de edições verticais.

A edição horizontal, por se preocupar com uma fase do dossiê de gênese, pode, por exemplo, editar notas de viagem ou pesquisa, ou seja, um momento determinado de um processo de criação. Normalmente, a edição horizontal não se refere aos rascunhos da obra, eles fazem parte

da edição vertical. Entretanto, poderá ocorrer edição horizontal com rascunhos, se estes se apresentarem como uma gênese de “estruturação redacional”, na qual o autor costuma trabalhar sobre um único rascunho, que vai se enriquecendo, à medida que se desenvolve a redação, com ajustes e retrocessos. Esse provavelmente é o caso do manuscrito das *Mil e uma noites*, que é o rascunho do texto e apresenta os percursos criativos do processo de tradução de D. Pedro II, com importantes remanejamentos redacionais.

Embora a edição horizontal realize um recorte sincrônico no material editado, este apresenta sua própria temporalidade e espessura, pois não foi escrito instantaneamente. Ele oferece segmento temporal complexo com as partes que o precedem ou que lhe sucedem.

A edição horizontal de uma obra publicada se caracteriza por proporcionar a leitura de uma fase determinada da gênese de uma obra como, por exemplo, uma das partes do manuscrito de roteiro, ou dos dossiês documentais da fase redacional. Esse tipo de edição realiza um trabalho de releitura radical da obra. A edição horizontal de obras inéditas ocorre com materiais que nunca foram publicados, a maioria dos manuscritos de trabalho é inédita, mas algumas vezes o material redacional também o é.

Esses textos deixados em estado de rascunho podem gerar três tipos de projeto: o primeiro seria reservado aos rascunhos muito avançados, que ficaram inéditos por vontade do autor ou por razões circunstanciais. O segundo se refere aos rascunhos avançados, porém que não formam um manuscrito acabado nem homogêneo, mas que permitem formar um texto “pseudodefinitivo”. O terceiro é o de documentos inacabados, de uma gênese interrompida, mas que constituíam para o autor um projeto coeso.

Os dois primeiros projetos buscam determinar uma versão, já o terceiro integra tanto a edição horizontal quanto a vertical, e remete a várias camadas de escritura e a vários dossiês genéticos. Segundo Biasi (2010), encontram-se, entre esses documentos inacabados, escritos de juventude, versões não concluídas de obras do período da maturidade, notas de leitura ou de viagem. Esse tipo de documento pode ter adquirido o estatuto de obra somente após o desaparecimento do escritor; como exemplo, há o *Zibaldone* de Leopardi¹⁵, que foi

¹⁵ *Zibaldone di Pensiere*, escrito de 1817 a 1832, é o diário íntimo de Giacomo Leopardi (1798-1837). Escrito em prosa direta, contém um conjunto significativo de temas e ideias de Leopardi sobre poesia, tradução, leituras realizadas por ele. Vários temas como: a religião cristã, a natureza das coisas, o

considerado objeto de pesquisa, e de valor literário, alguns anos depois do falecimento do autor. Quando esses manuscritos se tornam objeto de edição genética, por estarem paginados de modo sequencial, seguindo um caderno, por exemplo, não exigirão nenhum dispositivo particular de transcrição, mas uma simples transposição linearizada, que seja fiel ao documento. Se houver algum desenho, a transcrição diplomática será útil.

Quando a proposta de trabalho é a edição de manuscritos referentes à mesma fase ou à mesma função operatória de vários *corpora*, ela vai se denominar edição de grande amplitude. Embora ela faça parte da edição horizontal, constitui um meio de aproximação para penetrar no espaço de escritura da obra. Temos como exemplo Flaubert, que possuía três tipos de cadernetas: a de ideias, a de projetos e a de enquete, cada uma remetia a um momento da gênese: roteiro primitivo, pesquisas provisionais e enquetes redacionais. Além disso, esse material:

[...] permite evidenciar as similaridades de forma e conteúdo que, além da diferença dos assuntos e trabalhos, servirão para identificar constantes genéticas e filiações inesperadas que atravessam o tempo cronológico e a espessura dos dossiês. (BIASI, 2010, p.103)

A edição vertical não se interessa por um dado momento das fases da obra, e sim visa a reconstituir o processo de escritura, de ponta a ponta, do itinerário genético. Essa forma de edição *in extenso* encontra grau maior de dificuldade de realização, pois a dimensão do *corpus* pode ser enorme. As edições verticais podem ser integrais ou parciais. As integrais, até o momento, só foram realizadas em obras curtas, contos, novelas, poemas, que são menos desenvolvidas em seu material genético. A edição vertical integral é dividida em duas formas, a cronológica (fólio por fólio) e a microssequencial (fragmento por fragmento).

prazer, a dor, o orgulho, a imaginação, o desespero e o suicídio, as ilusões da razão, o estado da natureza da criação, nascimento e função da linguagem (mesmo com diferentes anotações etimológicas), a linguagem adâmica e primitiva, a queda do Paraíso, o bom e o mau, o mito, a sociedade, a civilização, a memória, a poesia ingênua e sentimental, a relação entre o antigo e o moderno, a oralidade da antiga cultura poética, em suma, toda a filosofia que sustenta e nutre a sua poesia (Cf. GUERINI, 2007).

As edições verticais parciais foram propostas por pesquisadores que encontraram dificuldades nas edições tradicionais. Conforme Biasi (2010), elas podem ser de três tipos:

1. Exploração integral de um dossiê genético lacunar;
2. Seleção de um trecho dentro do dossiê genético completo, que é muito extenso;
3. Focalização em um segmento de pequena dimensão, acompanhado de um estudo de gênese detalhado.

As edições que se combinam com estudo de gênese são denominadas edições verticais seletivas, e nelas os documentos transcritos estão acompanhados de comentários do geneticista, nos quais ele procura, ao mesmo tempo, dar a ler uma seleção significativa de manuscritos de trabalho, interpretar as transformações e propor abordagens críticas para os fenômenos genéticos observados (BIASI, 2010).

Este trabalho, como explicitado, tem como objetivo principal a edição genética, no formato horizontal, do manuscrito de tradução das *Mil e uma noites* de D. Pedro II. Com o auxílio da CG, que possibilitou legitimar o trabalho do escritor por outro ângulo (de dentro), sem dar um estatuto maior ao texto final, será possível trazer à luz esse material, que ficou armazenado por longo período e, mesmo inacabado, é um conjunto significativo do trabalho de D. Pedro II. Além disso, traz muitas informações sobre a evolução dos métodos de tradução, segredos de construção do texto e as constantes que auxiliarão na caracterização do trabalho do tradutor monarca.

2 D. PEDRO II E O ENVOLVIMENTO COM O MEIO INTELECTUAL

D. Pedro II, assim como os demais indivíduos do século XIX, viveu num período de constantes transformações culturais. Nesse período, estavam se redefinindo os limites entre a esfera pública e a privada, e o indivíduo desse momento buscou seu eu interior, sua privacidade e intimidade. As atitudes tomadas por esse indivíduo, na sociedade, eram responsáveis pela impressão que ele causava no meio social em que vivia. As maneiras expressas pelo corpo, a aparência física, os gestos, eram responsáveis por estabelecer os vínculos entre o exterior e o interior do sujeito com a sociedade. Embora tenha ocorrido valorização do eu, ocorreu também a criação de maior número de convenções sociais, uma crescente necessidade de identificação com os grupos sociais (LAVELLE, 2003). São essas convenções que levam os sujeitos a se posicionarem socialmente, e é esse posicionamento do imperador que será discutido neste capítulo. Quais são as atitudes, vestimentas, gestos, opiniões, políticas escolhidos por D. Pedro II, para sua inserção e caracterização social no Brasil e no mundo?

No Brasil do século XIX, segundo afirma Lavelle (2003), existiu uma dupla concepção de individualidade. A sociedade brasileira era semipatriarcal, o que dificultou a manifestação de ações individuais do sujeito. Tudo estava submetido à aprovação do *pater familias*, assim, os indivíduos, esposa, filhos, empregados não expressavam sua individualidade. Segundo Sergio Buarque (apud LAVELLE, 2003, p.41), “o quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico”. Contudo, com o processo de urbanização, surgiram novos elementos sociais que não estavam sob o controle da família patriarcal. Eram indivíduos pobres e livres, pessoas dos mocambos, que se tornaram numerosos, à medida que o Estado começou a tomar o controle da sociedade. Entre esses elementos, há ainda um grupo que ganha maior destaque e se torna responsável pela europeização dos costumes e hábitos brasileiros, os bacharéis, letrados, que surgiram como uma elite e determinaram os trajes, as novas ideias políticas, importaram os valores do individualismo burguês.

Com esse grupo, que se concentrou, sobretudo, no Rio de Janeiro, D. Pedro II se identificou. Eles correspondiam aos ideais intelectuais do imperador, e para Gilberto Freyre (1936, p.107) “[...] com D. Pedro II [...] os moços começaram a ascender a cargos, outrora só confiados a velhos de longa experiência de vida”, pois o “imperador viu talvez nos

homens de sua geração e de sua cultura literária e jurídica os aliados naturais de sua política de urbanização e de centralização”. A ligação entre o imperador e esses bacharéis será abordada adiante, quando discorreremos sobre as reuniões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Esses jovens e seus costumes europeizados projetaram em D. Pedro II o desejo de compor “outra imagem que conciliasse a sua vocação intelectual na forma de um intelectual cosmopolita moderno” (CAMARA, 2005, p.31). Assim, o monarca procurou se apresentar, tanto na vestimenta como nas atitudes, mais informalmente, deixando de lado, principalmente nas suas viagens, os protocolos da monarquia. Uma das formas utilizadas para constituir essa imagem foi a composição de sua aparência física, que se configura por uma indumentária que o identificou mundialmente, a sobrecasaca,¹⁶ a calça preta e a cartola, que era, naquele período, uma vestimenta da burguesia inglesa. Segundo Araújo (2012), D. Pedro II não optava por trajar-se dessa forma por desconhecer as formalidades do vestuário masculino, e sim por buscar manifestar seu vínculo aos ideais da democracia e por aspirar à condição de homem comum. Para Araújo (2012), D. Pedro II tinha reservas com a monarquia e vestia-se como um republicano: “Ao longo da vida, Dom Pedro deu mostras de nutrir profunda simpatia pelo regime republicano”. Escreve no diário (ALCÂNTARA, 1999, v.9, p.152), em 31 de dezembro de 1861, “[...] e, a ocupar posição política, preferiria a de presidente da República ou ministro à de imperador [...]”. Gomes e Cunha (2013) apresentam alguns trechos de documentos e cartas que corroboram a ideia de que D. Pedro II tinha convicções republicanas. Em uma anotação à margem de um livro, o monarca escreve:

Desejaria [...] que a civilização do Brasil já admitisse o sistema republicano, que, para mim, é o mais perfeito, como podem sê-lo as coisas humanas. Creiam que eu só desejava contribuir para um estado social em que a República pudesse ser “plantada” [...] por mim e dar sazonados

¹⁶ A casaca – que hoje equivaleria ao fraque, mais curto na frente e longo atrás – era o traje típico do mundo da política, na segunda metade do século XIX. Já a sobrecasaca era uma espécie de paletó comprido, que podia ter abotoamento simples ou transpassado. Usava-se casaca durante o dia, em eventos formais, e à noite, qualquer que fosse a ocasião. Como a sobrecasaca era considerada mais informal, Dom Pedro acabava privilegiando esse tipo de vestimenta (ARAÚJO, 2012).

frutos. (ALCÂNTARA apud GOMES e CUNHA, 2013, p.129)

Em carta ao escritor português Alexandre Herculano, que era republicano, o monarca afirma: “Também não sou partidário em absoluto de nenhum sistema de governo” (ALCÂNTARA apud GOMES e CUNHA, 2013, p.129), salientando ainda à Condessa de Barral que: “Eu, de certo modo, poderia ser melhor e mais feliz presidente da República do que imperador constitucional” (ALCÂNTARA apud GOMES e CUNHA, 2013, p.129).

Quando viajava, queria permanecer incógnito. Nos EUA, foi comparado a um homem de negócios, tal a despreensão dos trajes. Preferia se resguardar na companhia de livros e de revistas científicas a cumprir as obrigações como chefe de Estado.

Nos relatos do jornalista James O’Kelly, que acompanhou o imperador na viagem do Rio de Janeiro aos EUA em 1876, o imperador é considerado “um verdadeiro republicano” (O’KELLY, 21 abr. 1876 apud GUIMARÃES, 1961, p.178). O’Kelly foi incumbido por Gordon Bennett¹⁷ de fazer a cobertura da viagem imperial. Os relatos do jornalista americano mostram um perfil vivo e espontâneo do monarca brasileiro, que seduziu o povo norte-americano com seus hábitos simples e afáveis. Segue um dos relatos do jornalista para o *Herald*:

Como o nosso Imperador Ianque sabe conduzir-se melhor do que alguns dos seus primos estrangeiros! Êle não sai para valsar todas as noites nem caçar ursos ou tigres ou matar javalis durante o dia, mas para realizar sempre trabalho útil. Quando voltar à Pátria saberá mais acerca dos Estados Unidos do que dois terços dos membros do Congresso. (O’KELLY, 1876, 1 e 2 abr. apud GUIMARÃES, 1961, p.176)

Tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, o imperador sentiu-se livre das etiquetas e dos protocolos, recebeu críticas, mas também elogios por sua conduta. Em cartas da condessa de Barral à princesa

¹⁷ Gordon Bennett – fundador e animador do *New York Herald*, jornal que cobriu a viagem imperial. Bennett foi responsável pela evolução moderna da imprensa, desenvolveu as mais arrojadas concepções de reportagem e publicidade nos EUA. Com ele, o jornalismo americano conheceu instantes de glória (GUIMARÃES, 1961).

Isabel, constata-se o quão intenso era esse sentimento. Diz ela: [...] o Papa está contente e diz 20 vezes por dia “*Vive la Liberté*” [...] (ARAÚJO, 2012, p.95). Outro apontamento, agora de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, vem em defesa de D. Pedro II e de sua informalidade, quando este vai de sobrecasaca a uma cerimônia acadêmica em Coimbra. Dizem eles que o imperador opta por vestir-se na “modéstia de um sábio”, sem nenhuma intenção de humilhar seus colegas doutores: “Elle vestiu-se com o rigor – científico” (QUEIROZ e ORTIGÃO, 1872, p.53-4 apud ARAÚJO, 2012, p.96).

Nas palavras de Schwarcz (1998, p.325): “o imperador se apresentava como um ‘monarca moderno’”. Embora para a autora essa imagem “inventada” por D. Pedro II tenha contribuído para a descrença da monarquia, visto que o rei “mais se portava como um mortal e voluntarioso cidadão” (1998, p.324), ela considera que, da mesma forma, a imagem do monarca moderno, cercado de livros, contribui para reafirmar “sua mais nobre feição: o sábio mecenas” (1998, p.326).

Figura 5 – Pedro II no ateliê com mata - PACHECO & CO_[1883]. Arquivo Boris Kossoy



Figura 6 – D. Pedro no exílio. Paris, 1891 [veste luto]- Acervo Maria Luiza Tucci Carneiro

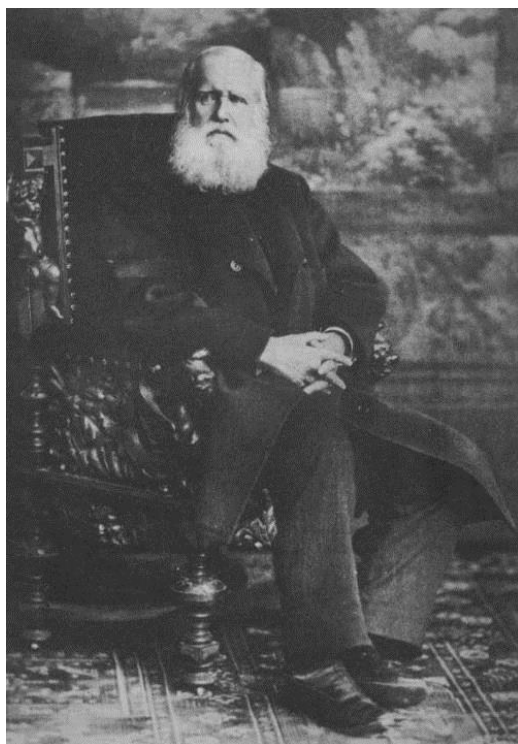
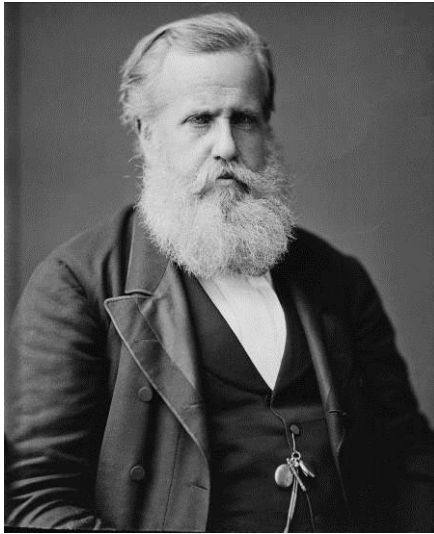


Figura 7 – D. Pedro II. (Acervo Reuven Faingold)



A indumentária de D. Pedro II pode ser vista como uma das características que marcam o monarca moderno e sábio que ele procurou ser. É sem dúvida a mais visível, no entanto, o envolvimento de D. Pedro II com a cultura, ou seja, sua face intelectual, pode ser observada em diversas situações, como veremos, por meio de seu mecenato, de sua preocupação com o desenvolvimento da nação brasileira, de sua política cultural, e também nas traduções que realizou. Entretanto, apresentar D. Pedro II como um sábio, um intelectual, induz-nos a entrar numa discussão que, segundo Bobbio (1997), tem sido muito debatida nos últimos anos: o problema da política e a cultura, visto que o monarca era ao mesmo tempo um político e um intelectual.

Segundo Bobbio (1997), o problema da relação entre intelectuais e classe política apresenta alguns pontos de vista divergentes. Alguns consideram que os intelectuais deveriam viver isolados na arte, e, se subordinam sua atividade aos interesses irracionais da política, traem sua missão. No entanto, em países continentais,¹⁸ a discussão sobre esse problema é significativa e objeto contínuo de investigações. Para

¹⁸ Continentais aqui definido pelo autor seriam os países que pertencem ao continente europeu: França, Espanha, Itália e Alemanha, em relação aos anglo-saxões (Inglaterra).

Bobbio (1997), existem duas condições preliminares necessárias para que o problema faça sentido. Primeiro, que os intelectuais criem constituir uma classe à parte e, segundo, que eles criem ter uma função política própria, distinta de todas as outras categorias daquela sociedade.

Nossa concepção é a de que D. Pedro II faz parte desse grupo que crê ter uma função política própria, que consegue administrar as várias ideologias políticas e sociais em benefício de sua pátria.

Para Mannheim (1974), a vida política de uma nação se caracteriza pelo fato de nela existirem várias ideologias, que precisam encontrar uma visão compreensiva entre si, uma síntese desses pensamentos. Essa síntese só é possível se for produzida por uma categoria que esteja desvinculada de interesses e funções específicas, a categoria dos intelectuais. Assim, consideramos que, embora D. Pedro II estivesse na posição de monarca, seu empenho maior e livre de interesses específicos era o crescimento da nação brasileira. Seguindo esse princípio, consideramos que D. Pedro II exerce o que Croce (s.d. apud BOBBIO, 1997, p.22) chama de força não-política, ou seja, força moral, que é exercida quando o homem “defende e alimenta valores morais” (BOBBIO, 1997, p.23), quando utiliza sua obra de artista, de poeta, de filósofo e de crítico no desenvolvimento da sociedade em que vive, e dessa forma não pode ser acusado de paixões partidárias. Ele é ao mesmo tempo político e intelectual, um homem de cultura.

As atitudes do monarca brasileiro enquanto governante são prova dessa relação. É um discurso decorrente tanto entre os aliados quanto entre seus inimigos políticos que D. Pedro II era um homem de grande moral e com grande preocupação com relação ao desenvolvimento cultural do país, o que pode ser observado no livro *D. Pedro II e a cultura*, organizado pelo Arquivo Nacional (1977), que traz vários documentos da Mordomia da Casa Imperial¹⁹ que comprovam a dedicação imperial com a cultura. São ofícios de caráter executivo e administrativo, que autorizam, por parte do imperador, o pagamento de livros, viagens científicas, bolsas a estudantes, criação de escolas, incentivos a instituições de alto nível intelectual, tanto nacionais quanto estrangeiras etc. Ações que segundo Bobbio (1997) classificam um

¹⁹ Pelo artigo 114 da Constituição, todas as verbas destinadas às pessoas da família imperial eram confiadas a um mordomo nomeado pelo imperador. Por essa autoridade, e nunca diretamente, eram feitos os pagamentos da Casa do Imperador. Todas as despesas eram submetidas anualmente à aprovação do Ministro do Império, que as aprovava via um decreto, *mutatis mutandis*. (*Dom Pedro II e a Cultura*, 1977, p.8).

intelectual ideólogo,²⁰ ou seja, aquele que é responsável por princípios-guia, por criar conhecimentos politicamente relevantes, que se preocupa mais com os princípios antes da ação. No entanto, para Bobbio, há casos em que uma pessoa pode ser tanto um ideólogo como um experto. Os atos administrativos de D. Pedro II são representativos desse tipo de intelectual. O monarca é ao mesmo tempo intelectual e político, portanto, suas atitudes, além de estar norteadas pela ética da convicção,²¹ são norteadas também pela ética da responsabilidade, que para Bobbio regem os intelectuais expertos.

Rama (1998), em seu livro a *Ciudad letrada*, distingue a função política exercida pelos intelectuais no início da formação das sociedades da América, como no Venezuela, no Peru e no México. Segundo ele, esse grupo compunha o anel protetor do poder e executor de suas ordens, era um grupo restrito, que se constituía por uma burocracia urbana, que desfrutara das riquezas americanas. As funções exercidas por esse grupo eram indispensáveis para o projeto colonizador, dirigiram as sociedades coloniais do período. A eles cabia tanto uma escritura pública quanto uma ode patriótica. A força política do grupo letrado é percebida por sua longevidade, que inicia no ultimo terço do século XVI, segue até as vésperas da Independência, dois séculos depois. Rama (1998) considera, ainda, que o grupo intelectual exerceu maior influência na intermediação da comunicação social, realizando com frequência o uso político da mensagem artística. Detentores do poder da letra, em uma sociedade analfabeta, exerceram sua supremacia. Bobbio (1997, p.12) diz que o “principal meio do poder ideológico é a palavra, ou melhor, a expressão de idéias por meio da palavra”, o que

²⁰ Bobbio (1997) classifica dois tipos de ideias de intelectuais, o ideólogo e o experto. Para ele, o primeiro deve agir com base naquilo que vem antes da ação, deve ser fiel a certos princípios, custe o que custar. Esse tipo está mais ligado à ética, sua capacidade persuasiva está na reafirmação dos valores. O segundo, o experto, age com base no que vem depois da ação, dirige seu foco para as consequências, sua ética é a da responsabilidade, sua capacidade persuasiva está em apresentar as consequências. A primeira atitude é de um homem de fé, a segunda, de um político.

²¹ Max Weber representou bem a diferença entre quem age com base em princípios, isto é, que busca a solução, com base em suas normas e critérios, e aquele que age com base nas consequências, que se preocupa com o resultado. Para Weber, esses homens são regidos por duas éticas, a ética da convicção e a ética da responsabilidade (BOBBIO, 1997, p.97).

corroborar o pensamento de Rama sobre a influência exercida pelos intelectuais letrados sobre as massas.²²

No Brasil, podemos perceber a influência dessa sociedade letrada de que fala Rama. Como nos demais países da América, nossa sociedade era composta de uma minoria alfabetizada, que representava o poder. Ao observar o grupo de intelectuais brasileiros, ou os letrados, vemos que eles estavam diretamente ligados ao Estado, ocupavam cargos de embaixadores, de deputados, de senadores. Eram os responsáveis por disseminar ideias, valores, normas sociais. Eles serviam ao poder e dominavam o poder por meio do poder da letra, ou seja, da escrita. Por meio deles, as sociedades americanas se organizaram, desenvolveram-se, institucionalizaram-se e se autonomizaram em relação à Europa. D. Pedro II estava ciente dessa força que exerciam os intelectuais, e buscou se incorporar ao grupo. Ele utilizou como meio para sua inserção a tradução e o mecenato, como veremos. Esse método de uso da tradução como meio de inserção com literatos e intelectuais foi utilizada também por Leopardi no início de sua formação como poeta (GUERINI, 2008).

Outro apontamento de Bobbio (1997) que podemos relacionar ao monarca brasileiro é o que se refere à questão da figura do filósofo-rei, de Platão. Segundo Bobbio (1997), há casos em que é perfeita a identificação, na mesma pessoa, do intelectual e do político, e isso é comum na história das reflexões sobre essa questão, surgindo daí a figura do filósofo-rei. Essa figura nasce com Platão, que considera ser um filósofo a melhor opção para o governo de uma cidade. Para ele, um administrador precisa reunir o saber teórico de um *scholar* com o discernimento ético de um sábio, e empregar esse conhecimento a favor da comunidade. Em um bom administrador, a razão sempre deve prevalecer sobre o sentimento.

Para ir ao encontro das considerações expostas acima sobre o intelectual moderno Pedro de Alcântara, buscaremos evidenciar no decorrer deste capítulo o contexto social em que ele viveu, seus amigos, interesses pessoais que evidenciam a erudição do monarca, que como veremos não era tão superficial quanto alguns historiadores afirmam.²³ Pretendemos aqui mostrar as relações que ele estabeleceu ao longo de

²² “[...] o pensamento político de Ortega y Gasset está fundado sobre a distinção entre elites intelectuais, às quais cabe a direção da sociedade, e massas, cujo destino é deixar-se conduzir por uma minoria de espíritos clarividentes” (BOBBIO, 1997, p.33).

²³ “[...] maldotado no tocante ao poder de expressão oral e escrita [...]” (HOLANDA, 2010, p.139).

sua vida com escritores, cientistas, intelectuais, que de alguma forma colaboraram no seu desenvolvimento intelectual, transformando-o no intelectual moderno Pedro de Alcântara. No foco central das discussões está a tradução, que consideramos uma das formas escolhidas por ele para se inserir na República Mundial das Letras. A análise genética das traduções realizadas pelo monarca possibilita novas discussões sobre o processo criativo de D. Pedro II.

2.1 “SOU DOTADO DE ALGUM TALENTO, MAS O QUE SEI DEVO-O SOBRETUDO A MINHA APLICAÇÃO”

O historiador Sergio Buarque de Holanda (2010) fala da aplicação do monarca em aprender, da falta de limitação dele na voracidade de saber. Mesmo em momentos pouco propícios aos estudos, o imperador estava absorto neles. Cita como exemplo a tradução da poesia de Schiller *A canção do sino*, iniciada a bordo do navio que o levou para o exílio, em 1889, finalizada em 1890. Tal apontamento evidencia a importância que o conhecimento, científico ou cultural, tinha para o imperador.

Em carta a Gobineau, D. Pedro II fala da felicidade que tem o amigo de poder se entregar às suas preferências artísticas e a uma literatura digna do espírito humano, e completa que ele quase não tem tempo para os estudos que tanto o seduzem. Colabora também para a afirmação de Holanda um relato do imperador sobre sua preocupação com os materiais de estudo que havia deixado no Brasil quando foi exilado:

Veremos como poderei restabelecer continuando meus trabalhos literários. A tradução da maior parte é que mais sinto porque irá atrasar a publicação da tradução da Bíblia do hebraico por brasileiro, não a havendo de português. Dê-me Deus saúde e hei de provar que posso fazer nas letras e nas ciências o que possa falar do meu Brasil. Agora sinto-me capaz disso, pois deram-me tempo que aproveitarei para minha pátria que jamais deslembro. (ALCÂNTARA, 1999, v.29, p.704 – 11 jan. 1890)

Confirma-se, dessa forma, o extremo cuidado que o imperador tinha com seus materiais de estudo, por conseguinte, com o saber, pois mesmo tendo de sair às pressas do país, houve preocupação com esses

documentos. Há ainda no relato a declaração do apreço do imperador por sua pátria, seu interesse de elevar a condição cultural e científica do país, mesmo sendo exilado. Nas correspondências trocadas com o Visconde de Taunay, mais precisamente em 5 de setembro de 1891, D. Pedro II diz que não falará de seu caráter, mas apenas repetirá a frase de Camões que o inspira: “A minha patria amei e a minha gente” (apud TAUNAY, 1933, p.235). Sobre a documentação, há uma carta do conde d’Eu ao mordomo José Calmon Nogueira Vale da Gama, com a seguinte interrogação:

Rogo-lhe também queira indagar do destino dos papéis que S. M. o Imperador ultimamente tinha em mãos no Palácio de Petrópolis, ou no da cidade, ou mesmo deixado na Tijuca talvez, e arrecadando-os todos os remeta para S. M. o Imperador em Lisboa. Convém que o Senhor indague a tal respeito dos particulares Pedro Paiva e Adolfo, pois tiveram ordem do imperador de trazer estes papéis para bordo e o certo é que por qualquer motivo não o fizeram. (apud ARGON, 2000, s.p.)

Esses materiais são restituídos somente em 01/08/1891, entregues a seu procurador Zeferino de Faria Filho, em 06/08/1891, e enviados ao imperador no exílio. Há algumas notas de D. Pedro no seu diário (v.42) que podem se referir ao assunto:

19 de outubro de 1891 (2a fa.) [...]. Meus papéis e jóias estão a chegar [...]

25 de outubro de 1891 (domingo) – [...] nada de correio [...]

30 de outubro de 1891 (6a fa.) – 5h Não tenho sono, mandei Jean ler-me a Revue Britanique de 8bro [outubro] e agora recolher-se porque diz ter frio. 7h 10’ Não tive sono e só espero a chegada do correio.

6 de novembro de 1891(6a fa.) – [...] aguardo o correio [...]

Samedi 7 Novembre de 1891 – [...] Creio que apareceram os cadernos de árabe e sânscrito. Talvez continue hoje a tradução das Mil e Uma Noites.[...]

Sejam a preocupação do monarca seus materiais de estudo ou sua aplicação a eles, o fato é que não se pode negar seu interesse em aprender, a constância, a pertinácia com que ele se entregava a esses momentos, que podem ser facilmente verificados nos relatos de amigos e familiares. Segundo sua filha, a princesa Isabel, o pai “lia muito e de tudo – uma de suas leituras favoritas, e que ele costumava recomendar, eram as *Variations*, de Bousset”.²⁴ Lyra (1977) também se refere a D. Pedro II como um grande leitor, um erudito, que “possuía aquela sede insaciável de saber, aquele interesse, jamais diminuído, por tudo quanto se relacionava com as coisas da inteligência” (1977, p.94). Conforme esse autor, D. Pedro II era uma exceção entre os homens de governo do Brasil, que tinham interesse única e exclusivamente em política, ou na politicagem, e por esse motivo desdenhavam a erudição imperial. O autor se refere à frase célebre escrita pelo monarca, “Se não fosse imperador, queria ser mestre escola” (LYRA, 1977, p.94), para se remeter ao verdadeiro papel do imperador entre o público brasileiro, ensinar os “homens públicos brasileiros a governarem um país de regime constitucional representativo” (p.95). No entanto, segundo Lyra, as lições não tiveram êxito, não por falha do mestre, e sim por falta de capacidade e interesse dos alunos, e continua afirmando que faltava ao Brasil o principal requisito, a democracia; e a democracia só existe se houver um povo culto a exercê-la, o que não havia naquele período e continuava a não existir em 1977.

Essa busca constante pelo conhecimento levou o imperador a corresponder-se com vários homens ilustres de seu tempo, como Manzoni, Lamartine, Renan, Maspéro, Alexandre Herculano, Longfellow, Victor Hugo. O epistolário é testemunho das aptidões de D. Pedro II, e apresenta a verdadeira figura intelectual do imperador. Alguns desses correspondentes ele conheceu pessoalmente em suas viagens ao exterior.²⁵

²⁴ Notas da princesa Isabel no Arquivo do Museu Imperial.

²⁵ Em 2013, os registros sobre as viagens do imperador no Brasil e no mundo receberam a nomeação para o Programa Memória do Mundo, concedidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que tem por objetivo identificar documentos e conjuntos documentais com valor de patrimônio documental da humanidade. Tais registros constituem-se de diários pessoais, cadernetas e itinerários de viagens, correspondências, registros de visitas e contatos do imperador, relatórios de despesas da mordomia imperial, jornais e outros periódicos, panfletos, programas, saudações e homenagens, convites, desenhos e gravuras, doados, em

Em Portugal, um de seus correspondentes foi Alexandre Herculano, que inicia a troca epistolar com o imperador quando este tinha pouco mais de 30 anos. São textos de teor referencialmente literário, e deleitavam D. Pedro II pela inteligência que traziam nas críticas à literatura portuguesa, nas discussões sobre as principais tendências literárias e sobre os escritores portugueses. Em uma dessas cartas, D. Pedro II e Alexandre Herculano falam sobre Camilo Castelo Branco:

Se anuncia um novo romance de Camilo Castelo Branco (escrevia êle ao imperador em abril de 57), *Um homem de brios*, continuação de outro intitulado *Onde está a felicidade?* [...]. Sabe conciliar a atenção e a curiosidade dos leitores, e é singular no talento de observador. [...] Descrente e um pouco severo nos costumes, os seus escritos não são a melhor escola moral [...]. (apud LYRA, 1938, p.362)

Na primeira viagem do imperador à Europa, em 1871, os correspondentes se encontram em Santarém, na Quinta de Caleça, refúgio de Herculano. Segue-se um almoço no qual falam sobre poesia, azeite e paz (CALMON, 1975).

Nos Estados Unidos, um dos correspondentes mais ilustres de D. Pedro II é Longfellow. A troca epistolar entre os dois inicia em 1855 e termina somente em 1882, com a morte do poeta americano. Apenas em 1876, na segunda viagem do imperador para o exterior, os amigos se encontram, primeiro na casa de Agassiz²⁶ e depois na casa de Longfellow. D. Pedro II conhecia profundamente a obra do grande poeta americano, de *Evangeline* aos cantos e dramas sobre a escravidão nos Estados Unidos, tema pelo qual o monarca tinha preferência. Longfellow falava do imperador: “Um *Harum-al-Rachid* moderno, errando pelo mundo como simples viajante, e nunca como rei. Ele é franco, é bom, é uma nobre pessoa, muito liberal em seus sentimentos” (apud LYRA, 1977, p.237).

1948, ao Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis pelo príncipe D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança.

²⁶ Louis Agassiz (1807-1873) foi paleontólogo, glaciologista e geólogo. Nasceu na Suíça, e em 1846 se estabeleceu nos EUA (Ver mais em: <<http://www.fiocruz.br/ppghcs/media/dissertacaocardoalexandre.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2012).

Outro correspondente norte-americano era John Whittier, também muito admirado por suas poesias românticas. O encontro entre eles ocorreu também por ocasião da viagem imperial em 1876, na qual o poeta solicitou a D. Pedro II alguns pássaros empalhados.

O imperador, antes da viagem, havia traduzido uma poesia de Whittier,²⁷ *The cry of a lost soul*, intitulada *O choro d'uma alma perdida*, e enviado a tradução ao poeta, juntamente com dois cucos empalhados, por saber do interesse daquele na fauna e flora da América do Sul.

As correspondências com os franceses foram as mais numerosas, talvez, como escreveu o imperador no seu diário na viagem ao Egito, “por ser filho espiritual da França”,²⁸ e:

[...] sempre se inclinou para os franceses, a sua cultura, as suas letras, principalmente a sua política. [...] Compreendia-lhe o liberalismo romântico, o respeito das fórmulas sonoras, a tolerância religiosa, a ciência, a ciência estética, o não sei que de alegórico, de luminoso, que lhe tornaria Paris o centro ideal, a Meca dos pensadores [...]. (CALMON apud RAEDERS, 1944, p.18-9)

De tal modo, é numeroso o epistolário entre D. Pedro II e os “sábios franceses”. Um dos mais importantes correspondentes do imperador na França foi Joseph Arthur de Gobineau (Ville-d’Avray, 14 jul. 1816 – Turim, 13 out. 1882), um diplomata, escritor e filósofo, um dos mais importantes estudiosos das raças do século XIX. O conde de

²⁷ John Whittier (1807/1892) foi um importante poeta e advogado americano, defensor da abolição da escravatura.

²⁸ Há uma nota no diário sobre essa frase, que diz que ela foi acrescentada pelo visconde de Taunay, quando este fez a tradução dessa parte do diário. Segundo Hélio Viana, a caderneta com essa parte do diário foi emprestada em 1893 pelo visconde de Aljezur ao visconde de Taunay, que tratou de transcrevê-la e traduzi-la para publicar na Revista do IHGB, como indicado. No *Anuário do Museu Imperial*, v.VIII, de 1947, foi transcrita a cópia do original em francês. Ao atualizar a ortografia da primeira parte e traduzir a segunda, eles constataram o acréscimo da frase: “Do alto desse pilono adorei a Deus, criador de tudo quanto é belo, voltando-me para as minhas duas pátrias, o Brasil e a França, esta, pátria de minha inteligência e aquela pátria de meu coração” (notas sobre o diário de D. Pedro II, v.20, 2.^a viagem ao exterior, 4.^a parte (Egito) 11 a 23/12 de 1876).

Gobineau tornou-se amigo de D. Pedro II quando esteve no Brasil, em 1869, como ministro da França. Em cartas para seu amigo Prokesch-Osten, Gobineau declara seu horror ao Brasil, porém não ao imperador do país: “Lamento que ele seja Imperador, pois possui talentos e méritos demais para tal cargo” (apud RAEDERS, 1944, p.XIX, trad. nossa).²⁹ As correspondências entre os dois amigos duraram 11 anos, encerraram-se mais ou menos dois meses antes da morte do conde, em Turim. Há inúmeras cartas entre Gobineau e o imperador, que permitem confirmar que este não era, como afirmam alguns descrentes, de cultura superficial e pedante.

Quando Gobineau residiu no Rio de Janeiro, ele e o imperador reuniam-se em São Cristovão, aos domingos, para conversar sobre literatura, ciências e outros temas. Essas tardes são lembradas por ambos nas correspondências. O conde escreve que ele e D. Pedro II conversam sobre muitos assuntos, e nem sempre eram da mesma opinião (RAEDERS, 1938). D. Pedro II e Gobineau eram homens com atitudes muito diferentes, um ponderado e calmo e o outro impulsivo, violento. Entretanto, amavam a literatura e a arte, e esse era o ponto central de suas “palestras em São Christovão” e das correspondências que iniciaram após o retorno do conde ao seu país, em 1870.

Em carta datada de 24 de julho de 1870, que segundo Raeders é a primeira endereçada ao imperador, o conde relata, dentre outros assuntos, sobre uma

[...] bella publicação feita na Allemanha, por Flugel, o Editor de Koran. Elle imprime neste momento a especie de encyclopedia arabe de Ennedyn, intitulada: Thrist-al Ouloum, o catalogo das Sciencias. Infelizmente, [...], elle dá o texto, notas, commentarios e nada de traducção [...]. (RAEDERS, 1938, p.19)

E em 7 de janeiro de 1871:

A intenção que vossa magestade tem de continuar as duas traducções de Isaias e de Prometheu me causa um prazer extremo. (RAEDERS, 1938, p.34)

²⁹ *Je suis désolé qu'il soit Empereur. Il a bien trop de talent et de mérite pour cela.*

Um dos temas que se prolongam por vários anos entre as correspondências dos dois amigos é a tradução de *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo, que estava fazendo D. Pedro II. Gobineau queria que fosse realizada em verso, porém o imperador a estava fazendo em prosa. A tradução foi editada em 1897 pela Imprensa Nacional, com transladação poética do Barão de Paranapiacaba.

Nas cartas com Ernest Renan, é visível o uso desse meio de comunicação por D. Pedro II como fonte de novos conhecimentos. É provável que tenham sido apresentados por Gobineau, antes mesmo da primeira viagem imperial. O interesse de ambos por línguas semíticas e pelo grego tornou-se o elo entre eles. As cartas de Renan, contidas no livro de Raeders (1944), apresentam temas como: o quarto volume das *Origens do Cristianismo* que estava finalizando Renan; as novas descobertas feitas em escavações em Roma, que estavam sendo realizadas por De Rossi e Pietro Rosa; a descoberta de fragmentos cuneiformes que narrava Berosse sobre as tradições babilonianas do dilúvio; sobre inscrições achadas nas margens do Paraíba;³⁰ a respeito de trabalhos que Renan desejava fazer, como narrar o período do profetismo de 800 a 500 antes de Cristo, que para ele era a época da verdadeira fundação do judaísmo; e outros assuntos.

Há ainda as cartas com Maspéro,³¹ discípulo de Mariette,³² o qual D. Pedro II havia conhecido no Egito, em 1876. Trocavam informações

³⁰ Em 1872, foi entregue no IHGB uma carta contendo informações sobre o encontro de enigmáticos caracteres desenhados numa pedra. O autor da carta foi um fazendeiro de nome Joaquim Alves da Costa. Os desenhos feitos por ele foram entregues a Ladislau Neto (arqueólogo do Instituto e do Museu Nacional), que tratou de divulgar sua pesquisa no mundo todo, acreditando serem autênticas as inscrições. Porém, em investigações posteriores, verificou-se que o autor da carta nunca existiu, e essa ausência de informação sobre o autor e também sobre o local do achado tornaram-se obstáculos para a credibilidade da descoberta (Ver: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, tomo 50, RJ, 1887). A análise de Renan sobre esse material, solicitada por D. Pedro II em uma carta de 1873, é de parecer negativo à verossimilhança do achado.

³¹ Gaston Camille Charles Maspéro (1846-1916) nasceu em Paris, foi um estudante precoce de egiptologia. Conheceu o egiptólogo Mariette na Exposição Universal e recebeu deste um texto então recentemente descoberto com hieróglifos, considerado de difícil decifração. O jovem estudante conseguiu traduzir o texto em menos de 15 dias, o que foi significativo para aquele período, dando-lhe prestígio acadêmico. Foi nomeado pelo próprio Mariette como seu sucessor na direção das pesquisas no Egito (Ver:

sobre egiptologia, sobre as escavações que estavam realizando em Louksor, Karnak e nas pirâmides. Em Karnak, Maspéro relata que encontraram todo o pilone de Hórus, e inscrições dos reis sacerdotes da XX.^a dinastia. O relato de Maspéro sobre seus trabalhos no Egito é minucioso e muito interessante. Como demonstração de apreço pelo imperador, ele enviou uma cópia do relatório sobre os monumentos de Deir-el-Bahar que estavam sendo preparados para publicação (RAEDERS, 1944).

Outro importante correspondente de D. Pedro II foi Victor Hugo. O escritor francês influenciou fortemente também os escritores brasileiros de seu tempo, como Gonçalves Dias, Castro Alves, Gonçalves Magalhães etc. Na ocasião da primeira viagem do imperador à Europa, não foi possível o encontro desejado por ele com o grande escritor francês, mas em 1877, na segunda viagem, os dois se encontraram. O encontro ocorreu na casa do próprio Victor Hugo, no dia 22 de maio de 1877. Lá o imperador pediu para conhecer Jeanne, neta de Victor Hugo, e Jorge, o neto. O poeta presenteou D. Pedro II com *L'art d'être grand-père*, e interrogado sobre o que escreveria na primeira página, respondeu: “o nome de V. M e o meu.” – “é o que ia pedir...” respondeu o imperador. “E Victor Hugo escreveu: A D. Pedro de Alcantara, Victor Hugo” (RAEDERS, 1944, p.36). Os dois conversaram por cerca de três horas e tiveram outro encontro alguns dias depois. Na despedida, o poeta disse: “Acompanho Vossa Magestade até os limites de meu império!” e D. Pedro responde: “O império de Victor Hugo é o universo!” (RIVET, [s.d.] apud RAEDERS, 1944, p.38). Essa narrativa é confirmada, segundo Raeders, no diário de Victor Hugo, com data de 22 de maio de 1877.

Por ocasião do falecimento de Victor Hugo, em 1885, surge o desejo de D. Pedro II de prestar homenagem ao amigo e poeta. O imperador decide então promover a edição das *Hugonianas*,³³ episódio

<<http://www.dictionaryofarthhistorians.org/masperog.htm>>. Acesso em: 08 maio 2010).

³² François Auguste Ferdinand Mariette (1821-1881) foi um dos mais importantes egiptólogos franceses, autodidata, dedicou-se ao estudo de hieróglifos e copta. Fundou o museu de Bulak, hoje Museu do Cairo, fez grandes descobertas de sítios arqueológicos. Morreu no Cairo e está enterrado em um sarcófago no jardim do Museu Egípcio (LABABIDI, 2007).

³³ *Hugonianas*, de Múcio Teixeira, é uma antologia de poemas de Victor Hugo traduzidos por poetas brasileiros, alguns consagrados, como Castro Alves, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Vicente de Carvalho, Artur de Azevedo,

esse narrado pelo próprio Múcio Teixeira em seu livro *O imperador visto de perto* (1917). A participação do imperador nas *Hugonianas* não se restringiu ao pagamento, realizado de seu “cofre particular”, mas também na ajuda que deu ao organizador Múcio Teixeira na revisão dos textos.

D. Pedro II não somente se correspondeu com letrados, mas também com cientistas e artistas. O caso talvez mais relevante é o da sua amizade com Pasteur. D. Pedro II provavelmente o conheceu em uma das visitas que fez à Academia Francesa de Ciências, durante suas viagens à Europa. Em 1873, o monarca visitou o cientista em seu laboratório, e em 11 de setembro de 1880 iniciou a troca de correspondências entre ambos, seguindo até 16 de janeiro de 1888. Um dos motivos que levaram o monarca a escrever a Pasteur foi sua preocupação com o surto de febre amarela que crescia em alguns pontos do Brasil. A moléstia foi introduzida em 1849 por um navio norte-americano procedente de Nova Orleans. No ano seguinte ao primeiro caso fatal (1850), morreram 3.860 pessoas. Como Pasteur tinha interesse em descobrir o micróbio dessa febre, foi a ele que recorreu D. Pedro II, na tentativa de encontrar uma solução para o problema. Em carta de 15 de novembro de 1880, ele escreve ao monarca:

Se eu fosse mais moço, mais válido, iria, Senhor, pedir hospitalidade ao vosso belo país, por um ou dois anos e tentaria o estudo científico dessa terrível moléstia (a febre amarela), com a pesquisa do micróbio, se algum houver, o que é provável. Antes de tudo cumpre descobrir as causas. A profilaxia vem na maioria dos casos depois. Vêde o que ocorre com o carbúnculo. Hoje com sua etiologia conhecida – que haverá de mais simples que o *serum* profilático? [...]. (PASTEUR, 1880, apud RAEDERS, 1944, p.65)

Em carta de D. Pedro II a Pasteur, em 1884, há uma colocação que mostra que o monarca, embora tivesse extremo interesse na cura da febre amarela e de outras moléstias, não era a favor do uso de cobaias humanas para experiências científicas. Como afirma ele:

Como talvez seja de vosso conhecimento, no Brasil a pena de morte é suavizada pelo soberano ou adiada indefinidamente, comutada. Se a vacina contra a raiva não é de efeito incontestável, quem iria preferir a morte duvidosa a outra quase irrealizável? Ainda caso contrário, como consentir num suicídio possível ou antes provável? (D. PEDRO II, 1884, apud RAEDERS, 1944, p.71)

Após o exílio de D. Pedro, estreitaram-se as relações entre ele e Pasteur. Mesmo anos depois da morte do imperador, este era tido na mais alta estima pelos membros do Instituto Pasteur, segundo mostra o relato de Afranio Peixoto, que em 1900 foi designado juntamente com mais nove médicos recém-formados no Brasil, para se especializar no instituto. Ao chegar lá, já haviam se encerrado as inscrições, segundo o responsável. No entanto, Afranio Peixoto marcou audiência com o Dr. Roux (sucessor de Pasteur na direção do instituto), e segundo ele, ao entrar no gabinete, foi recebido cordialmente e indagado se reconhecia o busto de mármore branco que estava ali. Ele respondeu que era de D. Pedro II. Então o Dr. Roux disse que um dos primeiros a ajudar na montagem do instituto foi D. Pedro, com 100.000 francos, e que dessa forma nesse ano não haveria cem ouvintes no curso e sim cento e dez (RAEDERS, 1944).

Na Itália, há muitos outros correspondentes que de alguma forma trocaram informações culturais, científicas, ou de outro teor, mas podemos destacar Manzoni,³⁴ Adelaide Ristori,³⁵ Cesare Cantú.³⁶

As correspondências com Manzoni têm início no mesmo período que as de Alexandre Herculano, porém são menos familiares que estas, talvez pela proximidade de Herculano e do imperador no idioma e na ligação entre as nações destes, mas se estendem por cerca de 20 anos.

³⁴ Alessandro Francesco Tommaso Manzoni (Milão, 7 mar. 1785 – Milão, 22 maio 1873) foi um escritor e poeta italiano, um dos mais importantes nomes da literatura de seu país (OS IMORTAIS DA LITERATURA UNIVERSAL, s.d.).

³⁵ Adelaide Ristori (1822-1906), célebre atriz dramática italiana. Seus pais eram atores, e por isso ela atuou nos palcos precocemente. Consagrou-se no papel de mulheres fortes e rebeldes. Em 1856, juntamente com seu grupo, ela viajou em turnê por vários países do mundo, incluindo o Brasil (Ver mais em: VANNUCCI, 2005).

³⁶ Cesare Cantú (1804-1895) ocupa lugar de destaque entre os escritores do século XIX na Itália, foi historiador, político, educador e polígrafo. Escreveu a *História Universal* em 72 volumes.

Iniciaram com um simples pedido de autógrafo e “algumas estrofes da ode imortal *Cinco de Maio*” datam de junho de 1851. As cartas que se seguem são mais próximas, e o imperador, já mais familiarizado com Manzoni, permite-se comparar, apreciar o poeta e sua poesia (LYRA, 1938). Encontram-se pessoalmente em 1871, em Bussaglio, na Itália.

Com Adelaide Ristori, as cartas versavam a respeito das turnês da atriz pelo mundo e sobre literatura italiana e política. Os dois tinham proximidade maior, devido às turnês da atriz no Brasil, e a amizade que se criou entre ela e a família imperial. A atriz iniciou suas apresentações no Brasil em junho de 1869, alcançou grande êxito e foi elogiada por importantes intelectuais da época, como Machado de Assis e Gonçalves Dias. Após dois meses no Rio de Janeiro, ela partiu para Buenos Aires, mas levou na bagagem a amizade ilustre do imperador e sua família. Foram correspondentes por mais de 20 anos, até a morte do imperador, em 1891.

No Brasil, os correspondentes imperiais eram na sua maioria pessoas ligadas às artes, letras ou ciência, poucos dos seus destinatários eram políticos. Há correspondências entre D. Pedro II e os literatos brasileiros Gonçalves Dias, Gonçalves Magalhães, Porto Alegre, Barão do Rio Branco, Varnhagen, Visconde de Taunay. Falam de literatura, ciência e arte. As relações estabelecidas entre o imperador e os homens de letras no século XIX ocorreram devido ao interesse imperial de formar uma cultura de caráter nacional, como será detalhado adiante. O envolvimento de D. Pedro II com os homens de letras do Brasil monárquico, como dito, estava relacionado ao poder exercido pela palavra. Como afirma Rama (1998), havia em toda capital um anel protetor de poder e executor das ordens, esse anel era composto por religiosos, administradores, educadores, escritores, e outros funcionários, todos detentores do poder da escrita. A eles se associou o monarca, para assim edificar sua ideia de desenvolver uma literatura genuinamente brasileira e uma cultura nacional, que projetasse o Brasil como um país, como uma entidade nacional autônoma no cenário europeu do final do século XIX.

Um dos maiores historiadores do século XIX, Francisco Adolfo Varnhagen possui numerosa correspondência com o imperador. Varnhagen foi, segundo Lyra (1977), um dos mais competentes diplomatas do Brasil, recebeu o título de Barão e Visconde de Porto Seguro. Responsável por uma das mais completas obras sobre a História do Brasil, conhecia profundamente o que havia se passado desde o descobrimento até seus dias. Era filho de alemão e de mãe portuguesa, fora educado em Portugal, mas em 1840 decidiu regressar ao Brasil, e

exigir sua nacionalidade brasileira. Em sua carta de recomendação feita por Vasconcelos de Drummond³⁷ constava: “Recusa qualquer emprego português, procura o Brasil, sua Pátria de nascimento, por amor e porque promete engrandecimento e elevação” (LYRA, 1977, p.119). No mesmo ano de 1840, quando ocorreu a declaração da maioridade de D. Pedro II, Varnhagen e mais vinte sócios do Instituto Histórico (do qual era membro) foram designados para visitar o jovem imperador, dando-se assim o primeiro encontro entre eles. Em 1841, estando Varnhagen em Lisboa devido à doença de seu pai, recebeu ele parecer favorável a sua cidadania brasileira, e foi nomeado Adido de 1.^a classe da legação do Brasil em Lisboa, sendo transferido para a legação de Madri em 1847. Iniciou aí sua *História Geral do Brasil*. Seu regresso ao Brasil ocorreu em 1851, e em 06 de junho apresentava-se no Instituto Histórico para ler seus rascunhos da *História Geral*, estando presente o imperador, o que ocasionou o encontro mais próximo entre ambos. No ano de 1852, o historiador foi promovido a Encarregado de Negócios na Espanha, e de lá inicia sua correspondência com o imperador.

Com o Visconde de Taunay, os temas algumas vezes também se relacionavam a política, devido à posição deste no governo imperial. Mas o que nos interessa aqui são os apontamentos culturais que estão presentes nas cartas e no diário de Taunay, publicados no livro organizado por seu filho, Afonso Taunay, em 1933. Em nota do diário, em junho de 1889, Taunay relata uma conversa com D. Pedro II, Mota Maia e o conselheiro Olegario H. Aquino e Castro, na casa das duchas,³⁸ em Petrópolis. Diz Taunay que, em conversa com Mota Maia e Olegario a respeito das dificuldades de Carlos Gomes em montar o *Schiavo* por falta de recursos, é surpreendido pelo imperador, que diz: “Pois diga a ele que venha, que esses meios eu forneço” (apud TAUNAY, 1933). E ao informar sobre o valor dos gastos, que seriam altos, ouve em resposta: “Uí, [...], isto também é demais. Em todo caso, fale com os emprezarios e venha entender-se commigo, ouviu? Você fica incumbido de tudo” (apud TAUNAY, 1933, p.85). Nas cartas, já no exílio, D. Pedro era informado e pedia informações sobre tudo o que ocorria no

³⁷ Ministro brasileiro em Portugal.

³⁸ “Imperial Estabelecimento Hidroterápico” de propriedade do francês Antoine Court. Court trouxe para Petrópolis a hidroterapia ou hidropatia, que consiste no tratamento de doenças com o auxílio da água. A família imperial era frequentadora assídua da ducha (Ver: <http://destinopetropolis.com.br/6039_casa-das-duchas>. Acesso em: 20 mar. 2013).

Brasil. O Visconde de Taunay enviava seus estudos sobre o país, como um trabalho sobre o Mato Grosso (em janeiro de 1890), e o Paraná (julho de 1890). Falavam das traduções realizadas pelo imperador, como em 15 de setembro de 1891: “tenho as minhas traduções da Bíblia e das *Mil e uma Noites* sofrivelmente adeantadas” (apud TAUNAY, 1933, p.237).

Como se vê, o epistolário imperial mostra a gama de assuntos que tratava D. Pedro II com seus amigos europeus e americanos. Os acontecimentos culturais, científicos ou de outra natureza eram discutidos tão logo ocorriam, seus correspondentes eram fontes seguras de informações. Além disso, propagavam a imagem do Brasil e do monarca na Europa e no mundo, consolidando a ideia de que o Brasil era uma nação moderna. Por serem na sua maioria pessoas ligadas às artes e à literatura, é evidente que exerceram influência nas leituras, por conseguinte, nas traduções realizadas pelo imperador; como poderá ser visto adiante, sobretudo no caso das traduções e dos estudos de textos orientais, que eram realizadas por correspondentes como Victor Hugo, Renan e Gobineau.

2.2 A CONSTRUÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA

Como vimos, o jovem imperador, a partir da década de 40, torna-se uma espécie de mecenas das artes. Com a intenção de dar autonomia cultural ao país, ele se une a um grupo de românticos brasileiros, que elege como sede o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Essa instituição, fundada em 1838, tem como modelo o Instituto Histórico de Paris, fundado em 1834 por Debret³⁹ e Monglave.⁴⁰

A partir dos anos 50, o grupo torna o IHGB um centro de estudos bastante ativo, inicialmente composto, na sua maioria, por nobres da corte e alguns literatos seletos, que se reúne aos domingos para discutir temas já escolhidos, e que tem como objetivo formar a identidade cultural e literária do Brasil. Com a presença do imperador, a instituição se firma como um importante centro de difusão da cultura nacional. Torna-se um porto seguro para as experiências do jovem monarca, que

³⁹ Jean-Baptiste Debret (1768-1848) foi um renomado artista plástico francês, participou da Missão Artística Francesa ao Brasil, em 1816. Suas obras são um retrato do Brasil no início do século XIX (ver: LIMA, 2004).

⁴⁰ Eugène Garay de Monglave (1796-?) foi jornalista, participou da Missão Artística Francesa ao Brasil, juntamente com Debret. Foi um importante elo entre os românticos brasileiros da primeira geração do século XIX e a França.

passa também a financiá-la e frequentá-la assiduamente. O incentivo financeiro estende-se para músicos, poetas, pintores, cientistas, visando à unificação nacional e à unificação cultural do país (SCHWARCZ, 1998).

Esse grupo de jovens era formado por Domingos José Gonçalves de Magalhães,⁴¹ Manuel Araújo Porto Alegre,⁴² Francisco de Sales Torres Homem,⁴³ João Manuel Pereira da Silva,⁴⁴ Cândido de Azeredo Coutinho,⁴⁵ e, sob a liderança do primeiro, reunia-se em Paris nos anos de 1833 a 1836 para estudos. Lá tomaram contato com as novas tendências literárias que, para eles, deveriam definir a nova literatura no Brasil. No retorno ao país, encontraram em D. Pedro II o apoio necessário para colocar em prática a ideia.

Antes do retorno do grupo ao Brasil, seus integrantes realizaram, em 1834, uma comunicação no Instituto Histórico de Paris, na qual falaram sobre o estado da cultura brasileira. Magalhães tratou de literatura, Carlos Homem, de ciência, e Porto Alegre, das artes. O trabalho depois foi publicado na revista do instituto. No entanto, o passo decisivo foi a publicação da revista *Niterói, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, que trazia como epígrafe “Tudo pelo Brasil, e

⁴¹ Domingos José Gonçalves Magalhães (1811-1882) foi médico, professor, diplomata e poeta brasileiro. Considerado o iniciador do romantismo no Brasil. Recebeu o título de Visconde do Araguaia. Sua principal obra é *Suspiros Poéticos e Saudades*, no entanto, o poema épico *A Confederação dos Tamoios* é marcante na história do romantismo brasileiro. Primeiro, por gerar expectativa em torno de seu lançamento e, segundo, pela polêmica causada pela crítica recebida quanto à qualidade da obra (BOSI, 2006).

⁴² Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879) foi um intelectual brasileiro, aluno de Debret na Academia Imperial de Belas Artes. Após ter morado na Europa, retornou ao Brasil e desenvolveu trabalhos em arquitetura. Trabalhou também como professor de desenho, crítico e historiador de arte. Recebeu o título de Barão de Santo Ângelo (BOSI, 2006).

⁴³ Francisco de Sales Torres Homem (1812-1876) foi advogado, médico, político, escritor e diplomata brasileiro. Filho de uma mulata e de um padre, era contra a escravidão, no entanto, escondia seus cabelos encaracolados e usava pó de arroz para clarear a pele. Recebeu o título de Visconde de Inhomirim (BOSI, 2006).

⁴⁴ João Manuel Pereira da Silva (1817-1898) foi advogado, escritor e político brasileiro (BOSI, 2006).

⁴⁵ Cândido de Azeredo Coutinho foi professor licenciado em Matemáticas, lente de Química jubilado da antiga escola militar, provedor da Casa da Moeda, do Conselho do Imperador, comendador da Casa da Rosa e da de Cristo (PINASSI, 1998).

para o Brasil”. Com o apoio de Monglave, a revista foi divulgada no mundo literário da França. No “Ensaio sobre a Historia da Literatura no Brasil”, escrito por Gonçalves Magalhães, vemos claramente a concepção que existia sobre a relação da literatura com a constituição da nação:

A Litteratura de um povo é o desenvolvimento do que elle tem de mais sublime nas ideias, de mais philosophico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais bello na natureza, é o quadro animado de suas virtudes, e de suas paixoes, o despertador de sua gloria, e o reflexo progressivo de sua intelligencia [...] (REVISTA NITHEROY, 1836, p.132).

Estava dado o primeiro passo para o romantismo no Brasil (CÂNDIDO, 1975), que buscou reconhecimento na cidade letrada, Paris, mas que no entanto queria produzir um modelo próprio de literatura, que valorizasse a peculiaridade multirracial e multilinguística da nação brasileira.

O romantismo brasileiro era uma ramificação do movimento romântico europeu, porém aqui, devido a uma mistura das influências externas com as tendências locais, tornou-se, ao mesmo tempo, nacional e universal. O movimento romântico esteve ligado, em toda a Europa, às tradições nacionais e ao culto da história, sendo chamado de o “despertar das nacionalidades”. Os escritores do período tentaram descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional, para propor uma ruptura com a literatura clássica. No Brasil, a descrição da imagem local esteve vinculada à figura do indígena. Fervilhavam romances épicos que tinham como heróis chefes indígenas e florestas virgens, como paisagens. Passou-se a estimar os antigos dicionários de línguas nativas dos jesuítas, que possibilitavam a escolha de termos indígenas para compor as poesias (SCHWARCZ, 1998). Os dicionários passam então de instrumentos teológicos (usados para o catecismo) para instrumento literário (usados na poesia). Como aponta Daher (2012), a língua tupi passa a ser um dispositivo poético particular e um índice de nacionalidade a partir do ensaio de Magalhães (1836) na revista *Nitheroy*. Segundo Schwarcz (1998), o próprio imperador passou a estudar as línguas tupi e guarani, talvez para liderar o movimento romântico. Mesmo havendo questionamento sobre essa habilidade do monarca, o fato é que há registros da guerra do Paraguai que relatam a

conversa que ocorreu entre o imperador e um prisioneiro paraguaio em guarani, além de vocabulários em tupi e guarani, desenhos de carácter etnográfico de próprio punho do imperador, que estão entre os documentos de seu arquivo pessoal no Museu Imperial de Petrópolis.

Dentre os temas nacionais, o indígena assume, então, a forma mais lídima da literatura nacional. Seu momento áureo ocorreu nas décadas de 40 e 60, e teve como representantes mais consagrados Gonçalves Dias e José de Alencar. No entanto, é Gonçalves de Magalhães quem fica incumbido de escrever o maior épico nacional, que, de certa forma, foi uma retomada do modelo do “bom selvagem” de Rousseau. Com o apoio do imperador, Magalhães publica *A Confederação dos Tamoios* (1856). O autor, como também o imperador, acreditavam que era possível construir um mito nacional de fundação, esse mito passa do oral para o escrito, visto que nesse momento a escrita ocupa papel fundamental na formação das sociedades, principalmente da brasileira que ainda não havia consolidado sua cultura e sua literatura escritas. A obra conta a história da brava nação dos tamoios, que luta pela liberdade contra os agressores portugueses. O livro foi dedicado ao imperador e, apesar de ser considerado fraco literariamente, ganhou importância por seu vínculo institucional (SCHWARCZ, 1998). Magalhães, como a maioria dos escritores do período, buscava a riqueza desconhecida das línguas selvagens, a que se referia Humboldt, além disso, o índio passa a estar ligado à originalidade, ao genuíno, e por meio da escrita de sua linguagem se legitima a fábula a serviço da literatura (DAHER, 2012). No entanto, como veremos na crítica feita por Alexandre Herculano, a epopeia fictícia não encontraria vínculos com o povo das Américas, era preciso segundo ele, buscar as tradições, as relíquias poéticas orais existentes nas tribos indígenas.

A crítica ao livro, feita por José de Alencar, é rebatida por D. Pedro II no *Jornal do Commercio*. Alencar afirmava que “o indígena da *Confederação* poderia figurar em um romance árabe, chinês ou europeu” (SCHWARCZ, 1998, p.134). Em carta ao conselheiro Saraiva, o monarca escreve:

[...] eu não abandono posição de defensor e elogiador [...] talvez seja ocasião de uma pena florida escrever algumas poesias fazendo realçar as belezas da *Confederação* [...] Quanto a ele [Alencar], ou se entra no grupo, ou se está fora [...]. (SARAIVA apud SCHWARCZ, 1998, p.134)

É por carta também que D. Pedro II pede a opinião de Alexandre Herculano, e este, por sua vez, responde:

Duvido, e muito, de que nesta nossa época o poema épico seja possível na Europa, e ainda mais que o seja na América. [...] Entre o povo brasileiro e os aborígenes do Brasil falta a identidade de sangue, de língua, de religião, de costumes, falta tudo o que constitue a unidade nacional na sucessão dos tempos. Há outras cousas que os homens de engenho, os verdadeiros poetas do Brasil, como é o auctor dos Tamoyos, tinham que fazer para ilustrar o seu paiz engrandecendo-o com monumentos litterarios, que anulassem os do mundo antigo. Seria uma dellas recolher as tradições, as reliquias poéticas das tribus indias. Não há povo bárbaro e primitivo, talvez, que não tenha a sua poesia, e esse poesia é por via de regra cheia de vida e singeleza. [...] já de antemão prevenido para não esperar uma verdadeira epopeia na *Confederação do Tamoyos* [...]. Obedeci e fui sincero. [...] Resulta d'aqui o direito para mim, o de supplicar a V.I.M. que esta carta não chegue á noticia do auctor dos Tamoyos. Elle não me pediu o meu parecer, e eu não tenho o direito de o incommodar. [...] esquecer os defeitos para fazer sobresahir o merecimento do poema, porque era uma homenagem ao nobre empenho que o auctor teve de dar um livro importante ao seu paiz. (HERCULANO, 1856 apud RAEDERS, 1944, p.201-15)

Gonçalves Dias, solicitado também pelo imperador, é sincero e afirma:

O que me parece é que o autor dos “Suspiros” não tinha dado direito a esperar mais do que elle com seu poema nos offereceu (1) (Sublinhado da mão do Imperador). [...] Achei a versificação frouxa, de quando em quando imagens pouco felizes, a linguagem por vezes menos grave, menos propria de tal genero de composições, e o que entre esses não é par mim defeito, o tamoyo não tem muito de real nem de ideal (1).[...] eu tratava de defender o

nosso poeta [...] quando se aprecie o seu merecimento em geral [...]. (DIAS, 1856 apud RAEDERS, 1944, p.216-20)

Apesar disso, Gonçalves Dias continuou sendo uns dos protegidos do monarca, porém, José de Alencar tornou-se seu oponente, até mesmo em questões políticas, visto que Alencar era ministro da Justiça e, em 1869, fora vetado pelo imperador para uma vaga no Senado. D. Pedro II teria dito, ao ser informado da morte de Alencar, “É homem de valor, mas muito malcriado” (LYRA, 1977, p.273). Essa frase, segundo Lyra, tem pouca probabilidade de ter sido dita pelo imperador. Para ele, conforme informações de Tobias Monteiro, o imperador teria dito: “Era homem de grande valor e de grandes méritos, mas excessivamente susceptível” (p.272).

Gonçalves Dias é considerado o grande autor romântico brasileiro, responsável por criar uma poética dedicada à formação do país. Seu poema mais célebre é *I-Juca-Pirama*.⁴⁶ O romance de Gonçalves Dias traz a figura do índio como modelo de honra a ser seguido. Foi nos decênios de 50 e 60 que despontou no Brasil a manifestação considerada a mais genuinamente nacional, o indianismo.

Desavenças entre o monarca e José de Alencar à parte, este é responsável por um dos romances mais conhecidos do período, *Iracema*, que, já no título invertido, incorporava o anagrama de América. Para ele, o conhecimento da língua indígena era o melhor critério para nacionalização da literatura, e suas obras apresentavam esse conhecimento da natureza, da linguagem, dos costumes. Há ainda os romances *Ubirajara* e o *Guarani*,⁴⁷ esse último publicado em 1857. Anos mais tarde, sob o patrocínio de D. Pedro II, Carlos Gomes compõe

⁴⁶ O poema traz o canibalismo heróico e conta a história de um guerreiro da tribo tupi feito prisioneiro pelos timbiras, o qual espera por sua morte, mas teme pela sorte do pai, velho e cego. Diante dos timbiras, ele chora, e estes o soltam, pois não se matam e comem covardes. Ao retornar, o jovem tupi é hostilizado pelo pai, que o vê como covarde. Então, revoltado, o guerreiro enfrenta sozinho os timbiras, que reconhecem seu valor concedem-lhe o sacrifício da morte. Filho e pai reconciliam-se.

⁴⁷ O romance fala sobre o índio Peri, que é a própria representação do bom selvagem de Rousseau, livre, fiel, honrado. Peri é fiel ao fidalgo D. Antonio de Mariz (pai de Ceci), e se torna protetor de Cecilha (Ceci) no ataque dos índios aimorés às terras do pai. Em fuga, Peri e Ceci são surpreendidos por uma tempestade e conseguem proteção em uma palmeira que serve de canoa. Peri e Ceci se salvam e dão início à população brasileira.

a ópera *O Guarani*, inspirada no romance de Alencar, que é apresentada no Scala de Milão, com boa aceitação do público (SCHWARCZ, 1998).

Como menciona Lilia Schwarcz (1998, p.139), “o romantismo no Brasil não foi só um projeto estético, mas também um movimento cultural e político, profundamente ligado ao nacionalismo”. Origina-se na elite carioca, que se associa à monarquia, e busca a emancipação cultural. Segundo Cândido (1975), há afirmações, como a de Capistrano de Abreu, de que o romantismo refletia uma tendência popular, manifesta no folclore, de identificar o índio com os sentimentos nativistas. Porém, tanto Candido quanto Schwarcz veem o movimento como provindo de fonte erudita, palaciana, e voltada para uma mera estetização da natureza local.

Os indianistas brasileiros, mesmo sendo criticados por historiadores como Varnhagen, acabam impondo o indígena romântico como símbolo nacional. Os escritores românticos faziam da literatura um exercício de patriotismo, sendo o índio representado como ser ideal, nobre, puro, heróico. Em resposta a essas críticas, Magalhães responde:

Nós que somos brasileiros, porque no Brasil nascemos, qualquer que seja a nossa origem indígena, portuguesa, holandesa ou alemã, fazemos causa comum com os que aqui nasceram antes de nós e consideramos como estrangeiros os mais homens. Assim fazem todos os homens a respeito de seus compatriotas. [...] A Pátria é uma idéia, representada pela terra em que nascemos. Quanto à origem das raças humanas, isso é questão de história, pela qual não se regula o patriotismo. De resto, o herói de um poema é um pretexto, uma regra d'arte para a unidade da nação. (MAGALHÃES, 1864 apud SCHWARCZ, 1998, p.140)

Como resume Schwarcz (1998), entre palmeiras, abacaxis e demais frutas brasileiras, toma forma o projeto romântico de representação política do estado durante o longo reinado de D. Pedro II. O monarca é responsável por tornar original o movimento, por misturar os elementos locais com o estrangeiro. A Ordem do Cruzeiro do Sul, a coroa de estrelas, os ramos de tabaco e café, a coroa de louros, a murça de penas de galo-da-serra, depois de papo-de-tucano e a medalha de Paissandu eram símbolos de uma identidade que se firmava como própria, como brasileira. Essa identidade também tomou força com as

obras nacionais produzidas e que, de certa forma, tiveram, ou por oposição ou por aproximação, influência da literatura estrangeira traduzida. A maioria dos envolvidos no projeto nacional, sobretudo D. Pedro II, dedicava-se de fato à tradução de textos estrangeiros.

Os autores desse período viam na sua produção literária um símbolo de patriotismo, que tinha como objetivo contribuir para a grandeza da nação, para o progresso. Entretanto, segundo Cândido (1975), o número de artigos referentes às ciências e a questões econômicas era bem maior do que o número de textos literários. Para ele, isso ocorre porque os intelectuais do período tinham, tanto no culto à ciência quanto nas artes, o mesmo fervor, e buscavam “construir uma vida intelectual na sua totalidade” (CÂNDIDO, 1975, p.11).

Compartilhando o fervor desses intelectuais, D. Pedro II, como mecenas das artes, da literatura e da ciência, legitimava sua imagem de governante e buscava, mediante o crescimento intelectual e científico, o progresso. Para isso, convidou geólogos, cientistas e artistas para trabalhar no país; permitiu em 1864 a primeira concessão para explorar petróleo no Brasil e criou a Escola de Minas de Ouro Preto, em 1876, que teve como primeiro diretor Henri Claude Gorceix.⁴⁸

Com o objetivo de aprimorar seus conhecimentos e, dessa forma, auxiliar no desenvolvimento do país, o imperador não só buscava trazer pessoas capazes de contribuir com esse projeto, mas ele próprio ia em busca desses conhecimentos via correspondências com diversos intelectuais da época, como vimos. Distintas áreas entraram no rol de interesse imperial, como geografia, geologia, astronomia, minerologia, engenharia e línguas.

De maneira mais intensa, o estudo das línguas absorveu grande parte da vida do imperador. Teve início na infância, quando o “pupilo da nação” preparava-se para ocupar o cargo de chefe de Estado. Entre as línguas que figuravam nessa primeira fase estavam o inglês e o francês, logo após, figuraram o alemão, o italiano e o espanhol. Já em 1875,

⁴⁸ O francês aceita o convite de D. Pedro II para fundar uma escola de minas no Brasil, graças à indicação de Daubré, Diretor da Escola de Minas de Paris. Em fins de 1874, chega ao Brasil com a missão de fundar a escola de minas. Além de fundador da escola de minas e seu primeiro diretor, Gorceix foi professor de Mineralogia, Geologia, Física e Química, exonerando-se de seus cargos em 14 de outubro de 1891. A seguir, retornou à França e, em 1896, voltou ao Brasil, a convite do governo de Minas Gerais, a fim de organizar o Ensino Agrícola no Estado. Disponível em: <<http://www.em.ufop.br/em/diretores/gorceix.php>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

iniciou-se nos estudos das línguas semíticas, como o árabe, o hebraico e o sânscrito. Segundo Holanda (2010), a disposição para as aulas era tamanha que, mesmo nas viagens, seus mestres o acompanhavam. Um depoimento da princesa Teresa da Baviera, que esteve no Brasil pouco antes da queda da monarquia, diz que D. Pedro II dominava quatorze línguas, e que, durante sua estada no país, ela o viu traduzir textos do árabe e textos difíceis do hebraico, além de ter discutido com ele sobre literatura alemã. Para Holanda (2010), as afirmações da princesa precisam ser avaliadas cuidadosamente, pois necessitaria saber o nível de conhecimento linguístico dela, para, então se verificarem suas avaliações a respeito do imperador. Entretanto, Carvalho (2007) fala sobre a memória prodigiosa de D. Pedro II, que lhe permitia lembrar o que lia, o que poderia explicar sua facilidade de aprender línguas.

O imperador, como leitor assíduo que era, conhecia grande parte das obras que eram publicadas no século XIX, e as lia na língua original. Parecia seguir o pensamento de Renan, que dizia que todo homem deve conhecer literariamente duas línguas, o latim e a sua, mas devia compreender todas as demais que fossem necessárias à sua instrução e aos seus negócios (LYRA, 1977), ou ainda o de Carlos V: “tantas línguas alguém domine, tantas vezes ele é um homem” (apud SCHOPENHAUER, 2001, p.165), o que possivelmente levou o imperador a estudar línguas como o sânscrito, o hebraico, o árabe, o tupi, o guarani, o provençal, o italiano, o francês, o espanhol, o alemão e o inglês, vindo a traduzir textos em muitas dessas línguas. D. Pedro II provavelmente viu a tradução não só como meio para aprendizagem de línguas, mas como uma forma de incremento para uma literatura que estava em desenvolvimento, como a brasileira, e buscou incentivar essa atividade não só como tradutor, mas por meio do mecenato.

Além disso, provavelmente seguindo o pensamento europeu de utilizar a tradução para captação de técnicas externas para aperfeiçoamento de suas próprias habilidades literárias e culturais, D. Pedro II entrou no universo da tradução. Dentre os temas por ele selecionados, encontra-se a literatura oriental, talvez, como veremos, por ser um tema em voga na Europa e que fazia parte do interesse de pessoas de prestígio literário, que eram reconhecidamente valorizadas na sociedade da época. Essas pessoas eram, em geral, grandes cosmopolitas, políglotas, que, segundo Valery Larbaud (1936), faziam parte de uma sociedade invisível, que legislava sobre a República das Letras, da qual, segundo Romanelli (2011), o monarca queria fazer parte.

2.3 O TRADUTOR E SUAS MIL E UMA TRADUÇÕES

Como foi dito, o monarca realizou uma série de traduções, algumas das quais se encontram publicadas e outras arquivadas no Arquivo do Museu Imperial de Petrópolis, no IHGB e em arquivos particulares. Em termos de obras comprovadas e devidamente publicadas, somam-se tão-somente três, a saber:

1. *Prometeu Acorrentado, de Ésquilo* (original de *Eschylo*) traduzido para o português (cf. bibliografia: Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907);
2. *Poesias* (originais e traduções) de S. M. o Senhor D. Pedro II, publicadas como homenagem por seus netos (cf. bibliografia: Petrópolis: Typographia do “Correio Imperial”, 1889);
3. *Poesias Hebraico-Provençais do Ritual Israelita Comtadin*, impressas em Avinhão, em 1891.

No livro *Poesias* (originais e traduções), encontra-se boa parte das traduções de poesias realizadas por D. Pedro II, a saber:

1. “Episódio do Conde Ugolino” – da *Divina Comédia* de Dante;
2. “Episódio de Francisca de Rimini” – da *Divina Comédia* de Dante;
3. “Cinco de Maio” – de A. Manzoni;
4. “A Canção dos Latinos” – Leonida Olivari (provençal) traduzida do Italiano;
5. “Aloys Blondel” – François Coppée;
6. “Soneto” – Félix Anvers;
7. “A Passiflora” – Condessa de Chambrum;
8. “Soneto” – D. Mon;
9. “Soneto a Coquelin” - Jean Richepin;
10. “Soneto” – Sully Prudhomme;
11. “Soneto” – Sully Prudhomme;
12. “O Magistrado” – Sr. Rigaud;
13. “A Terra Natal” – Sr. Rigaud;
14. “Soneto” – General Carnot;
15. “O Beija-flor” – Leconte de L’Isle;
16. “La Mignarda” – Rigaud;
17. “O Adeus” – (Jornal da Ilustração, 1887);
18. “Soneto” – Helena Vacaresco;
19. “Cantiga de Nadaud”;

20. “O Bezouro” – Nadaud;
21. “Versos” – Nadaud;
22. “A borboleta e a flor” – Victor Hugo;
23. “Estancias” – Alfredo Theulot, 1888;
24. “O Choro duma alma Perdida” – John Whitier;
25. “Viagem de Chapelle e Bachaumont”, 1663 – Chapelle e Bachaumont;
26. “O Canto do Siciliano – O Rei Roberto da Sicilia” – Longfellow;
27. “Versos” de Ernesto Heller – “A morte do poeta Drammor”;
28. “Aos Mortos de Sahati” – Luiz Nobrega;
29. “Miserere” – PSalmo L – canto religioso;
30. “Oh Salutaris hóstia” – canto religioso;
31. “Panis Angelicus” – canto religioso;
32. “Ave, verum” – canto religioso;
33. “Pange língua” – canto religioso;
34. “Vexilla Regis” – canto religioso;
35. “Stabat mater” – canto religioso.

A tradução do *Livro de Daniel*, segundo Besouchet (1993), tem início em 28 de maio de 1870, um ano antes da primeira viagem de D. Pedro II ao exterior, e é durante essa viagem que ele realiza uma cópia dessa tradução.

Vários títulos das traduções de D. Pedro II são citados no seu diário. Na sua viagem ao Oriente, ele relata que, ao sentar-se perto do arroio Dhirani, continuou a tradução dos *Atos dos Apóstolos*:

18 de novembro de 1876: [...] Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning ambos nós sentados perto do arroio Dhirani. (ALCÂNTARA, 1999, v.XVIII, p.435)

Como apontado anteriormente, D. Pedro II diz ter realizado praticamente quase toda a tradução da Bíblia, mas infelizmente esse material teria ficado no Brasil, no momento da partida para o exílio. No diário, há referências sobre a tradução do *Livro de Ruth*,⁴⁹ de *Isaías* (6

⁴⁹ Cardoso de Menezes (Barão de Paranapiacaba) diz ter recebido um exemplar de presente do imperador da tradução do livro de Ruth, realizado do hebraico para o latim (TAUNAY, 1932, p.86).

de novembro de 1891 (6a fa.) v.42). O monarca relata ainda: “acabo a lição de hebraico e só me falta traduzir um capítulo de Isafas, para principiar a traduzir os livros históricos e, assim, completar toda a versão da Bíblia” (Paris 12 de julho [sic]/[novembro] de 1891 (5a fa.) v.43). E em 18 de novembro: “terminei Isafas e traduzirei agora os livros históricos”.

As notas sobre a *Odisseia* aparecem a partir de 1890. Em 22 de janeiro, D. Pedro II relata: “[...] Ainda traduzi a Odisseia e li provas da arte guarani de Restivo com o Seibold [...]”. Há notas sobre o andamento dessa tradução até 09 de setembro do mesmo ano, quando o imperador afirmou estar realizando uma comparação com a tradução feita por Odorico Mendes.

Sobre a tradução de Schiller, aparecem anotações em 29 de julho de 1890: “[...] Deu-me vontade de traduzir a balada de Schiller [...]”. A partir dessa data, seguem-se anotações diárias demonstrando que D. Pedro estava realizando a tradução. O imperador segue relatando que está às voltas com a cópia de sua tradução de *O Sino*, de Schiller. Em 18 de agosto, ele escreve: “1h ½ Estive corrigindo a cópia de minha tradução de Schiller com a Japurinha e quase terminei”. Essa tradução foi ofertada por D. Pedro II à princesa da Baviera e à Condessa de Barral: “[...] Depois da ducha dei bom passeio e agora de escrever à condessa enviando-lhe minha tradução de *O Sino* de Schiller, [...]” (ALCÂNTARA, 1999, v.29, p. 830, 25 ago. 1890).⁵⁰

A propósito da obra *Poesias Hebraico-Provençais do Ritual Israelita Comtadin* (1891), há uma carta (22 abr. 1914) de Albino Costa ao Barão Mucio Teixeira (no livro *O imperador visto de perto*), que expõe com muitos detalhes a tradução realizada por D. Pedro II. Segundo Albino Costa, os arquivos do Conde de Mota Maia possuem muitos “autógrafos de S. Majestade”, com poesias inéditas. Na análise de Albino Costa, o imperador verteu maravilhosamente bem do rito hebraico para a língua francesa, pois ele teria conseguido reproduzir os versos cantados de seis sílabas para decassílabos com o “mesmo rythmo e técnica da lyrica luso-provençal do século XIII”. Nessa obra, há uma introdução e notas que ocupam 13 páginas. Nela, D. Pedro II informa também como iniciou seus estudos nessa língua:

Quanto ao histórico de meus estudos do hebreu, realizados com o objetivo de conhecer melhor a

⁵⁰ A análise genética dessa tradução está sendo desenvolvida por Denis Telles do grupo de pesquisa NUPROC.

história da literatura dos Hebreus, principalmente a poesia e os profetas, bem como as origens do cristianismo, eles remontam aos anos de paz antes da guerra do Paraguai, em 1865.⁵¹ (TEIXEIRA, 1917, p.212, trad. nossa)

Com relação à tradução do poema *Granada*, de Zorrilla,⁵² há algumas notas do monarca em seu diário. Segundo D. Pedro, sua tradução estava já quase finalizada quando ele foi obrigado a deixar o país. Ele diz que o primeiro volume da tradução já estava copiado, e o segundo estava em andamento. Fala ainda em ter enviado alguns trechos de sua tradução ao próprio autor, Zorrilla (ALCÂNTARA, 1999, v.28, p.704, 11 jan. 1890). O interesse por essa obra estava provavelmente ligado ao interesse que autores como Hugo, Chateaubriand, Washington Irving tiveram em torno de Granada e de sua Alhambra. Para o romantismo europeu, esse local encarnou o ideal do longínquo (que está fora de alcance, do exótico, do estrangeiro, de fora) e distância, foi o único Oriente conhecido para muitos desses autores. Victor Hugo centrou seu orientalismo em torno de Granada. Chateaubriand chegou a Granada por via de um idílio com Natalie de Laborde, surgindo uma das obras mais significativas do romantismo francês: *Les Aventures du dernier Abencérage* (1826). Irving, por sua vez, apresenta uma Alhambra de cartão postal, de livro de viagens, cheia de vida. Em contrapartida com esses últimos autores, que apresentaram uma Granada e uma Alhambra nostálgicas, literárias, Zorrilla apresentou uma Granada mais viva e real (MORELL, 1972).

A tradução de Dante realizada por D. Pedro II, segundo o pesquisador Romeu Daros (2012), pode estar entre as quatro primeiras realizadas no Brasil. Segundo Daros (2012), D. Pedro II optou por duas das histórias mais celebradas da *Divina Comédia*: a história de amor de

⁵¹ *Quant à l'historique de mes études de l'hebreu, entreprises dans le but de connaitre mieux l'histoire et la littérature des Hebreus, principalement la poésie et les prophètes, comme aussi les origines du christianisme, elles remontent aux années de paix avant la guerre du Paraguay, en 1865 [...].*

⁵² Zorrilla (1817/1893) foi um escritor espanhol. Suas produções literárias foram reconhecidas pela crítica somente anos mais tarde, quando o escritor já estava velho. Recebeu uma medalha de honra da Academia Espanhola e, em 1889, a Laureate Nacional. Cf: <<http://www.los-poetas.com/b/biozorri.htm>>. Acesso em: 10 maio 2013.

Francesca da Rímíni,⁵³ canto V do “Inferno”, vv.73-142, e a terrível morte do Conde Ugolino⁵⁴ e seus filhos, canto XXXIII do “Inferno”, vv.1-90.

No que diz respeito aos textos da literatura italiana, temos ainda o escritor Manzoni, do qual o imperador traduziu a ode *Il Cinque Maggio*. A tradução de *Il Cinque Maggio* tem início em 1853, como comprova a carta trocada entre ele e Manzoni, na qual se realiza uma discussão

⁵³ À entrada do segundo círculo do Inferno está a figura grotesca de Minós, que ouve as confissões dos pecadores e os distribui para os diversos círculos do Inferno, conforme o número de voltas com que se enrola em sua própria cauda. Minós quer impedir a entrada a Dante por percebê-lo vivente, mas Virgílio intervém, alegando a vontade divina, que ele é obrigado a acatar. Encontra-se Dante então em frente de um turbilhão que o arrasta violentamente e se depara com uma multidão de almas danadas. São estas as almas dos luxuriosos, e Virgílio o reconhece e indica a Dante diversos personagens da Antiguidade. Dante distingue na ventania um casal amoroso que desperta sua curiosidade e pede a Virgílio para lhes falar. São eles Paolo e Francesca, os cunhados adúlteros, surpreendidos e mortos pelo marido traído, em Rímíni, nos tempos de Dante. Por este interrogados, só Francesca responde e diz que foi o amor que ela despertou em Paolo, o amor que não perdoa à pessoa amada a falta de retribuição, que os levou juntos à morte. Dante insiste, querendo saber como e com que eles chegaram ao conhecimento de seus recíprocos sentimentos, e é ela que novamente responde pelos dois e conta a cena fatal em que os dois, ignorados, estavam lendo juntos a história de amor de Lancelote e Ginevra. Quando chegam ao ponto em que Lancelote, induzido por Galeoto, beija o “desejado sorriso” de Ginevra, Paolo, ela diz, que nunca lhe será afastado, improvisadamente beija-lhe a boca, e a leitura é interrompida. Dante, profundamente comovido, perde os sentidos e cai “como corpo morto cai” (ALIGHIERI, 2001, p.49).

⁵⁴ Seguindo caminho no círculo do Inferno, Dante encontra o Conde Ugolino. Este está com o crânio, já desgastado, do Arcebispo Rogério nas mãos, e diz a Dante que não relatará sobre a traição do inimigo, pois esta já é conhecida, mas sim sobre a morte que este lhe causou. O conde começa a narrar os dias que passou na torre, chamada depois de “Torre da Fome”. Ele diz que nos primeiros dias ele, os filhos, e os netos recebiam pouca comida. Depois de um tempo a porta foi lacrada e eles morreram de fome. O Conde Ugolino e o Arcebispo Rogério são personalidades históricas italianas. Em 1285, Ugolino governava Pisa e o arcebispo o apoiava, porém, Ugolino mata um parente do arcebispo e isto os afasta. Aproveitando que o conde deu algumas fortalezas pisanas para homens de Lucca e Florença, o arcebispo, apoiado por outras famílias contrárias a Ugolino, o faz prisioneiro, juntamente com os filhos e netos. Encerra-os na torre Gualandi e joga a chave no Rio Arno. Há versões que dizem que Ugolino comeu o cadáver dos filhos.

minuciosa sobre a tradução desse poema (SCHMIDT e ROMANELLI, 2013).⁵⁵

Sobre as traduções do espanhol, é importante citar *A Araucana*,⁵⁶ um poema épico que fala sobre a Guerra de Arauco entre espanhóis e mapuches, de autoria de Alonso de Ercilla, que era pajem da corte de Felipe II, e possuía conhecimento maior do que a maioria dos conquistadores que foram enviados ao Chile, realizando assim um relato em forma de poema sobre essa guerra.

Temos ainda uma tradução do sânscrito, o livro do *Hitopadeśa*, um dos textos mais populares da literatura hindu, depois da *Bhagavad Gita*. Etimologicamente, o termo *Hitopadeśa* provém da junção de dois radicais: *Hita* (útil, proveitoso) e *Upadeśa* (instrução, conselho). É o livro dos bons conselhos ou a instrução útil, escrito em prosa e verso de maneira extremamente simples para ser destinado especialmente aos jovens príncipes. Pelos dados colhidos pelo pesquisador Adriano Mafra,⁵⁷ é provável que o monarca tenha traduzido os dois primeiros livros do *Hitopadeśa*, dividido originalmente em quatro seções. No Museu Imperial de Petrópolis (RJ) há um total de três cadernos que totalizam 88 páginas de manuscritos (45 fólios), disponíveis em cópia digital.

Finalmente, do árabe, há a tradução do livro das *Mil e uma noites* que, como especificado, foi objeto de pesquisa de nosso mestrado, e que é também agora o objeto da pesquisa de doutorado, mas com o intuito de realizar a primeira edição genética dessa tradução.

⁵⁵ A Tradução do italiano de *Il cinque maggio* de Alessandro Manzoni (SCHMIDT e ROMANELLI, 2013, p.203-56).

⁵⁶ Tradução do Espanhol: Excertos de *La Araucana* (SACKL, 2013, p.185-202).

⁵⁷ Cf. nota 3.

3 A TRADUÇÃO NO BRASIL SOB D. PEDRO II

3.1 OS PRIMEIROS PASSOS

A transferência da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, permitiu que se desenvolvessem meios para a promoção da tradução escrita no país. Uma das primeiras medidas, que visavam a essa promoção, foi a criação da Imprensa Régia. A partir desse momento, os habitantes da colônia tinham liberdade para imprimir, divulgar textos em português ou traduzi-los para este, o que lhes era proibido havia três séculos. No entanto, ainda havia grande censura nas impressões no país e um rigoroso controle alfandegário, com confisco de livros.

A atividade tradutória encontrou outros empecilhos nesse seu primeiro momento na colônia. Devido à censura, poucas tipografias abriram no país, e, além disso, havia o alto preço do papel importado, o que possibilitou o aparecimento de indústrias editoriais de língua portuguesa na Europa.

No entanto, os hábitos culturais da colônia passaram por significativas alterações, devido, sobretudo, ao intenso número de cortesãos e funcionários civis que estavam habituados às facilidades de consumo da metrópole. Dentre os hábitos trazidos por esses membros da corte portuguesa, estavam a tradução e a leitura de textos franceses e ingleses (estes por meio de traduções do espanhol) (WYLER, 2003). Segundo relatos de viajantes estrangeiros, a sociedade brasileira era ornamentada com coisas francesas, sobretudo o Rio de Janeiro, onde ruas, lojas, teatros, salões, leitura, para serem elegantes, deviam ser franceses. Conforme observa Taunay, em 1844, “A rua do Ouvidor parecia transplantada da França”, (TAUNAY, *Jornal do Comercio*, 15 nov. 1931). Essa foi a mesma impressão que teve Vitor Jacquemontem em 1828: “Rue française d’un bout à l’autre” (CALMON, 2002, p.10).

Nesse período, a atividade tradutória não era regularizada, e os serviços prestados, sobretudo à Imprensa Régia, eram pagos com exemplares do texto traduzido. Na sua maioria, esses tradutores eram professores da Academia Real Militar e de outras instituições de ciência e de ensino recentemente criadas.

O desenvolvimento intelectual da corte brasileira, que iniciou em 1808, alcançou nos anos seguintes, expressivo desenvolvimento. As tipografias, por exemplo, passam de uma (Impressão Régia) para sessenta e sete, em 1890, e as livrarias, de duas para quarenta e cinco, em 1890 (WYLER, 2001). O primeiro registro de um tradutor brasileiro contratado com salário é o de Caetano Lopes de Moura, com os editores

franceses da Bossange e Aillaud, e que recebia 20 francos por 30 mil palavras. Moura traduziu obras de Walter Scott, Chateaubriand, Fenimore Cooper e vários outros (PAES, 2008). Entre os anos de 1837 e 1847, Lopes de Moura recebe uma pensão do imperador D. Pedro II e passa a trabalhar de modo mais moderado (YEE, 2011).

O envolvimento imperial com tradutores e escritores, músicos, pintores brasileiros do século XIX é intenso. O imperador, conforme aponta Schwarcz (2007), torna-se o mecenas das letras brasileiras. São frequentes os incentivos financeiros para realização de obras culturais, tais como traduções, livros, pinturas etc. O chamado bolsinho do imperador foi responsável pelo surgimento de ilustres traduções realizadas no século XIX, que contribuíram para o desenvolvimento da literatura nacional, como a tradução da *Ilíada* realizada por Odorico Mendes. O incentivo imperial para os tradutores e suas obras engloba o que Lefevere classifica de patronagem, ou seja, “os poderes que auxiliam ou impedem a escrita, a leitura e a reescrita da literatura” (LEFEVERE, 1985, p.227).

Odorico Mendes, Gonçalves Magalhães, Gonçalves Dias, Araújo Porto Alegre, Vitor Meireles, Carlos Gomes, dentre outros nomes do nosso panteão literário e artístico, receberam incentivos imperiais para suas produções intelectuais. Juntamente com essa elite intelectual, o imperador tornou-se responsável pelo florescimento das artes e letras em solo brasileiro. O período de maior influência imperial coincide com o romantismo brasileiro, como apontado anteriormente.

O início do romantismo no Brasil produz uma mudança no estilo estético de tradução. Passamos dos modelos clássicos que foram traduzidos por Odorico Mendes e José Bonifácio, para a chamada “influenza” francesa de que fala Paes (2008). Os textos fonte escolhidos pelos românticos brasileiros eram oriundos da França, como também buscavam lá as traduções do inglês, do alemão. Autores como Byron e Heine se tornaram acessíveis devido às traduções francesas.

Um dos nossos maiores nomes românticos, Gonçalves Magalhães, verteu vários textos de Lamartine, sendo este um dos autores mais traduzidos naquele período. Já Gonçalves Dias foi um dos poucos a realizar traduções diretas do alemão, ou seja, traduções a partir do texto fonte. Seus autores escolhidos foram Herder, Rosegarten, e, sobretudo, Heine; mas Dias também bebeu da fonte francesa, realizando traduções de Victor Hugo, as quais influenciaram diretamente suas próprias produções (PAES, 2008). A influência hugoana é forte ainda em Castro Alves, Pinheiro Guimarães, dentre outros.

Transpondo nosso foco agora mais especificamente para a tradução em prosa, temos no romance de folhetim um dos mais populares gêneros literários do início do século XIX, tanto no Brasil quanto na Europa (séc. XVIII). Era de fácil acesso e de baixo custo, pois era publicado no rodapé dos jornais, que eram vendidos de porta em porta. O primeiro texto nesse estilo foi publicado na Inglaterra, em 1719, *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe. A chegada do romance de folhetim ao Brasil ocorreu em 1839, com traduções do francês, como *O Conde de Monte Cristo*. Figuravam ainda romances nacionais, como *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. O estilo se tornou tão popular, que se iniciou a tradução em massa para suprir a demanda dos ávidos leitores. Vários títulos foram traduzidos, como *Os Moicanos de Paris*, de Alexandre Dumas, tradução de Emílio Zular. Romance de um moço pobre, de Octave Feuillet, que se tornou um dos mais populares. No entanto, essa produção em massa gerou traduções de má qualidade, além disso, causou na nossa produção romanesca nacional uma contaminação de ideias e valores estrangeiros. Em oposição a esses eventos, Joaquim Manuel de Macedo escreveu *A moreninha* (WYLER, 2003; PAES, 2008).

Essa contaminação sofrida pelo romance de folhetim também sobrepujou o teatro brasileiro, que alcançou grande popularidade, e já em 1831 (WYLER, 2003) havia 23 casas de espetáculo em todo o país. Logo após a abdicação de D. Pedro I, ocorreu abandono das peças teatrais portuguesas, devido à necessidade de autoafirmação de emancipação dos brasileiros natos, que procuraram criar uma dramaturgia autóctone (HESSEL e RAEDERS, 1979). Entretanto, a produção de peças teatrais nacionais era insuficiente, o que determinou o crescimento de peças traduzidas. Como relata Wyler (2003, p.98):

Proliferaram, então, as peças “imitadas de”, “traduzidas livremente de”, “parodiadas de”, “inspiradas em”, “acomodadas à cena brasileira”, pois os direitos de propriedade literária, científica e artística, somente seriam consolidados pelo Código Civil Brasileiro em 1916”.

Esse estilo de produção dos tradutores brasileiros, a que se refere Wyler, está vinculado à tendência de tradução vigente na Europa do século XVII e XVIII. Ficou conhecido como o apogeu das *belles infidèles*, em que predominava a escolha do tradutor pela harmonia de som, clareza de expressão, por acréscimos, alterações ou omissões,

quando lhe fosse conveniente. Os tradutores desse período estavam preocupados com a questão do dever moral do tradutor com seu leitor contemporâneo, o que levou à reformulação de textos antigos, tornando a essência desses textos mais clara e acessível (BASSNET, 2003).

Na tradução teatral brasileira, destacaram-se figuras respeitadas da literatura, como Machado de Assis, que traduziu, de Olona, *Queda que as mulheres têm para os tolos*; de Beaumarchais, *O barbeiro de Sevilha*; de Racine, *Os demandistas*. Além de traduzir peças teatrais, Machado se dedicou também à crítica teatral, para ele:

A arte dramática não é ainda entre nós um culto; as vocações definem-se e educam-se como um resultado accidental. As perspectivas do belo não são ainda o ímã da cena; o fundo de uma posição importante ou de um emprego suave, é que para lá impele as tendências balbuciantes. As exceções neste caso são tão raras, tão isoladas que não constituem um protesto contra a verdade absoluta da asserção. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.01)

Conforme aponta Massa (2008), Machado de Assis começa a traduzir em 1857 e continua até 1894, realizando 46 traduções teatrais. Apesar de realizar muitas traduções, Machado foi ferrenho em suas críticas em relação à tradução no teatro:

O teatro tornou-se uma escola de aclimação intelectual para que se transplantaram as concepções de estranhas atmosferas, de céus remotos. A missão nacional, renegou-a ele em seu caminhar na civilização; não tem cunho local; reflete as sociedades estranhas, vai ao impulso de revoluções alheias à sociedade que representa, presbita da arte que não enxerga o que se move debaixo das mãos. (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.04)

Muitas de suas ideias apontadas na crítica ao teatro e, sobretudo, na crítica à literatura foram incorporadas nas obras produzidas por Machado de Assis. Ele procurou desenvolver textos mais voltados ao país, o que gerou o chamado teatro nacional, que, conforme aponta Veríssimo (1915, p.151) encontra em “Martins Pena e Manoel de Almeida o singular e malogrado autor das *Memórias de um sargento de*

milícias [...] os melhores, se não os únicos, exemplos de espontaneidade literária que apresenta a literatura brasileira”.

A nacionalização do teatro era, segundo Calmon (1975), uma necessidade urgente. Essa ideia permeou diversos campos naquele período e foi da poesia à política, à literatura, produzindo o indianismo. Juntamente com o movimento do teatro nacional, cresceu o movimento da ópera nacional, com *Porto Alegre* e *De Simoni*. Surgiu o Instituto Dramático em 1855, a Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, em 1857, fechando em 1860. Ambas contavam com o apoio de D. Pedro II, que se tornou um dos mais assíduos frequentadores tanto do teatro quanto da ópera. Ele escreveu em sua *Fé de Ofício*: “em extremo gostei do teatro dramático e lírico, cogitando sem cessar da ideia de um teatro nacional” (apud TAUNAY, 1933, p.206). Artur Azevedo escreve sobre o espectador D. Pedro II, em 1887, para a *Revista do Teatro*:

[...] e era admirável a serenidade e a resignação com que ele ouvia de cabo a rabo um dramão em 1 prólogo, 5 atos, 12 quadros e 1 epílogo. Digo ouvia, porque não creio que de hoje em diante os médicos do Paço (isso era em 1887) consentam que sua majestade se entregue a tais excessos. A gente saía do teatro no meio do prólogo, e lá deixava o Sr. D. Pedro II no seu camarote, coçando meigamente a barba. Andava a gente a correr a via-sacra, palestrando aqui, tomando cerveja acolá, e voltava ao teatro ali pelas alturas do quinto ato. Lá estava o imperador com a mesma imperturbabilidade de ânimo, profundamente interessado pelas aventuras de um personagem qualquer. (apud CALMON, 1975, p.444)

Esse nacionalismo teatral se vincula, obviamente, ao romantismo, que, como na Europa, foi mais que uma escola literária, foi uma forma de pensamento geral. Compartilhavam desse pensamento não só os poetas e escritores, mas também os oradores, os políticos, os publicistas. Iniciado aqui pela terceira década do século XIX, o romantismo se estende até 1881, período em que:

[...] entram a influir a mente brasileira outras correntes de pensamentos, outros critérios e até outras modas estéticas européias de além Pireneus

oriundas das novas correntes espirituais, o positivismo em geral ou o novo espírito científico, o evolucionismo inglês, o materialismo de Haeckel, Moleschott, Büchner, o comtismo, a crítica de Strauss, Renan ou Taine, o socialismo integral de Proudhon, o socialismo literário de Hugo, de Quinet, de Michelet. (VERISSIMO, 1915, p.6)

Embora essa nova corrente de pensamento tenha gerado o realismo e o naturalismo na literatura e nas artes, na tradução se mantém a influência teórica do romantismo. Essas novas ideias na Europa priorizaram a valorização do pensamento científico e do filosófico, período que podemos denominar na tradução como pós-romântico (BASSNET, 2003). Conforme assinala Bassnet (2003), um subsistema linguístico para ser utilizado na literatura traduzida foi proposto pelo alemão Schleiermacher (1768-1834). Já na Itália, Rossetti (1828-82) defendeu a submissão do tradutor à língua do original. Schleiermacher foi apoiado por diversos tradutores ingleses do século XIX, como Newman, Carlyle e Morris, este, por sua vez, traduziu vários textos, dentre eles figuram *Eneida* de Virgílio e *Odisseia* de Homero. Todos buscaram priorizar o estranho do texto, a estrangeirização da obra (BASSNET, 2003). Como destaca Scheleimarcher (2001, p.44-5):

[...] o tradutor está empenhado em substituir, através de seu trabalho, a compreensão da língua de origem, que falta ao leitor. Ele tenta transmitir aos leitores a mesma imagem, a mesma impressão que ele próprio teve através do conhecimento da língua de origem da obra, de como ela é, e tenta, pois, levá-los à posição dela, na verdade estranha para eles [...]

As ideias expressas por Scheleimarcher sobre tradução, amplamente discutidas por ele em uma palestra em 1813, em Berlim, foram compartilhadas com outros grandes eruditos do século XIX. Wilhelm von Humboldt (1767-1835), um dos grandes nomes da filosofia da linguagem daquele século, destaca: “Na medida em que faz sentir o estranho ao invés da estranheza, a tradução alcança suas mais altas finalidades” (HUMBOLDT, 2001, p.97).

Goethe (2001) considera que há três espécies de traduções. Num primeiro momento, o texto nos é apresentado a nossa maneira, o texto se

torna familiar. Num segundo momento, “se procura a transposição para condições do estrangeiro, mas, na verdade, apenas para se apropriar do sentido desconhecido e constituí-lo com sentido próprio” (GOETHE, 2001, p.21). O terceiro momento, que para ele se caracteriza pelo abandono de sua nação pelo tradutor, é a estrangeirização do texto, ou seja, um texto que se torna interlinear, que aprimora nossa compreensão do original, que é o encontro do estrangeiro com o nativo, e seria para Goethe o tipo ideal de tradução.

Na Alemanha romântica do século XIX, a atividade tradutória foi utilizada para constituir o capital literário e cultural que faltava aos alemães. Segundo Casanova (2002), o recurso ao patrimônio grego e romano permitiu aos alemães tomar um caminho mais curto para incorporar e nacionalizar uma “gigantesca jazida” de riqueza potencial. Goethe afirmava: “De maneira completamente independente de nossas próprias produções, já atingimos, graças à plena apropriação do que nos é estrangeiro, um grau de cultura muito elevado” (apud CASANOVA, 2002, p.288).

As traduções realizadas por esses intelectuais cabem em distintas classificações: vão desde adaptações, traduções indiretas, até traduções literais. Machado de Assis, por exemplo, faz uma tradução indireta de Schiller do francês. Essas obras traduzidas, conforme se constata em pesquisas, como no livro de Michel Massa, *Machado de Assis Tradutor*, de 2008, de alguma forma influíram na produção intelectual desses autores. Como afirma Peter Burke:

[...] todos os grandes intercâmbios culturais na História envolveram tradução: fosse a versão dos textos budistas do sânscrito e do páli para o chinês durante o período medieval antigo; fosse a transmissão da Filosofia grega para o árabe nos séculos medievais antigos e a subsequente tradução dos mesmos textos do árabe para o latim ao longo de toda a Idade Média; ou fossem as traduções mais recentes de textos ocidentais para o japonês e o chinês, que marcaram a modernização dessas duas civilizações do Leste Asiático no final do século XIX e início do século XX [...]. (2009, p.7)

Esse intercâmbio de conhecimentos intelectual e cultural entre os povos por meio da tradução de textos foi central para o desenvolvimento de grandes movimentos culturais, como a Reforma, a Revolução

Científica e o Iluminismo na Europa. No Brasil, que principalmente naquele período vivia sob a influência cultural europeia, como salientado, houve a produção em massa de traduções de textos que circulavam por lá. Dentre esses textos, encontra-se o livro de contos árabe das *Mil e uma noites*, obra que foi traduzida diretamente do árabe para o português, pela primeira vez, por D. Pedro II.

A escolha imperial por traduzir, dentre outros títulos, textos orientais veio provavelmente dessa influência que exercia a Europa, sobretudo a França, na vida social brasileira, de forma mais intensa na capital do país. O prestígio que provinha do conhecimento erudito de línguas orientais, como o sânscrito, e de línguas semíticas deve ter despertado o interesse de D. Pedro II. Como citado, grandes escritores do cânone literário, Hugo, Ernest Renan, Goethe⁵⁸ estavam produzindo literatura inspirada ou traduzida do Oriente, o que influenciou o imperador brasileiro e o levou a se embrenhar no estudo de textos orientais.

Na introdução à tradução de *Poésies Hebraico-Provençales* (1889), realizada pelo imperador, ele informa sobre o início de seus estudos de textos orientais, que ocorreu em 1865. Nessa introdução consta, ainda, uma referência aos professores que o auxiliaram, dentre eles, como mencionado, Akerblom⁵⁹ (primeiro mestre de hebreu), M. Koch (ministro alemão), Henning e Seybold, todos alemães. Essa influência alemã nos estudos sobre o Oriente produziu uma visão mais ampla sobre o modo de analisar e traduzir esses textos em D. Pedro. Segundo Hourani (2006), os alemães, sob o Império Habsburgo, tiveram papel de destaque nas pesquisas realizadas sobre a religião e a cultura do Islã e do oriente em geral. Eles eram formados em:

⁵⁸ Katharina Mommsen, no seu livro *Goethe e o mundo árabe* (1988), apresenta o resultado de suas pesquisas sobre as culturas que mais influenciaram Goethe na sua criação literária. Segundo ela, o livro das *Mil e uma noites* foi um dos mais comentados pelo escritor alemão ao longo dos anos e que recebeu muitas homenagens na forma de poemas, narrativas, conversas, cartas. A presença de Scharazad é constante em muitas poesias goethianas. A pesquisadora apresenta também a relação intensa que o escritor manteve ao longo dos anos com o livro das *Noites*, realizando sempre releituras da obra, em busca de inspiração para suas criações.

⁵⁹ Nota do diário do imperador, 8 nov. 1872. Ele deve ter uma ajuda, que segundo o ouvi dizer⁰⁰⁵, será talvez de Akerblom⁰⁰⁶, meu primeiro mestre de hebreu nos bons tempos de Petrópolis (ALCÂNTARA, 1999, v. XIV, p.390).

[...] história da cultura, estudo da continuidade de desenvolvimento humano de uma época e povo para outros; filologia comparativa, que tentava estabelecer a história natural e as relações de famílias de línguas, e de culturas e personalidades coletivas expressas através delas; a aplicação de métodos críticos aos textos sagrados, para revelar o desenvolvimento inicial de tradições religiosas. (HOURANI, 2006, p.394)

Esses estudos de cunho histórico e linguístico possibilitaram o desenvolvimento do conhecimento sobre os povos da Ásia e da África. Além disso, a proximidade com a região do oriente médio, as viagens a ela, possibilitaram o surgimento de novas ciências, como a antropologia e a arqueologia.

Com relação às influências sofridas pelo imperador por seus professores, podemos dizer que um dos nomes mais presentes nas narrativas do imperador sobre seus trabalhos (estudos) orientais é Seybold. Há inúmeros apontamentos no diário do imperador que evidenciam a presença cotidiana do alemão nas suas atividades intelectuais a partir de 1887, a saber:

6 de julho de 1887 - Dei lição ao Seibold confrontando a tradução em verso alemã que me pareceu boa dos Lusíadas. [...]

14 de julho de 1887 - 4h Acabo de traduzir árabe com o Seibold. [...]

Bordo do Gironde **2 de julho de 1887** - Há 500 passageiros entre os quais o Seibold com quem continuarei meu estudo de sânscrito, árabe e grego. [...]

30 de janeiro de 1888 - Antes do jantar, em que comi com apetite, traduzi no meu estudo com o Seibold a Odisséia, comparando-a à versão francesa, de que já falei, depois de ter voltado de meu passeio a pé até à exposição que percorri durante algum tempo, seguindo depois pela praia até a perfumaria Lubin, cujo terreno atravessei para tomar o carro. Quando estava com o Seibold veio madame Tachard com a filha a quem fui falar, tornando com pouca demora ao grego [...]

28 de janeiro de 1890 - 4h ½ Volto do bom passeio a Napoule com a Mana Chica. Vou estudar com o Seibold [...].

Apesar de Seybold ter acompanhado o imperador até sua morte em 1891, são poucos, porém, os registros em obras brasileiras que falam sobre a vida do orientalista alemão. Nas biografias sobre D. Pedro II, o nome de Seybold é citado como o último professor de línguas orientais do imperador e que esteve presente ao seu lado até a sua morte no exílio, mas nenhuma traz alguma referência biográfica do orientalista alemão.

Na biografia escrita por Hartmann (1922), consta que Christian Friedrich Seybold nasceu em 1859, em Warbligen (sul da Alemanha), iniciou os estudos em teologia, mas o que lhe atraiu foi o estudo de línguas orientais. Possuía grande talento para as línguas, e se dedicou às línguas semíticas, em especial ao árabe. Recebeu seu doutorado em 1883, dando início a sua carreira como professor adjunto em Heilbronn e Maulbronn, até 1886. Nesse ano, foi então indicado como tutor de árabe e sânscrito do imperador brasileiro. Acompanhou o imperador em todas as viagens à Europa, o que lhe proporcionou contato com arabistas de várias partes do mundo. Talvez por sugestão do imperador, ele também produziu textos sobre a língua guarani, e uma dessas obras foi uma reedição de *Arte de La Língua Guarani* (1724) de Paulo Restivo⁶⁰ (PR), como consta no diário do imperador:

23 de janeiro de 1890 – [...] ainda continuei a edição da arte do Guarani de Paulo Restivo que está publicando com o Seibold. [...].

⁶⁰ Os detalhes biográficos estão disponíveis no Catálogo da Província Jesuíta do Paraguai (Cuenca del Plata), 1585-1768, Hugo Storni SI, 1980 e ARSI (Archivum Romanum Societatis Iesu). Essas fontes indicam que ele nasceu em Mazzarino (Sicília), em 30 de agosto de 1658. Lá, ele entrou na Companhia de Jesus em 4 de abril 1677 e foi ordenado sacerdote em 1688. Sua descrição física diz que ele teria tido “bom corpo, cabelos brancos, quase negros”. Nos registros de embarque da expedição organizada pelo Padre Parra, consta que Restivo chegou a Buenos Aires em 06 de abril de 1691. [...]. Ele ocupou cargos administrativos, como decano do Colégio de Salta (1715-1718) e Assunção (1723-1724), de onde foi expulso por ordem de José de Antequera. Foi Superior Geral de Missões Guarani de 1 de março 1719 a 16 de fevereiro de 1721, redução de Candelaria (Misiones, Argentina), professou os votos solenes em 15 de agosto de 1724, onde morreu em 11 de janeiro de 1740 (cf. STORNI, 2013, p.236, trad. nossa).

Segundo Liuzzi (CELIA, 2010) organizador do fac-símile *online* do livro de Restivo, as reedições alemãs foram patrocinadas por D. Pedro II. Liuzzi considera que essas reedições foram organizadas visando ao interesse de eruditos filólogos e humanistas, visto que suas introduções eram em latim. Assim as descreve:

Se inicia uma tradição de reedições na Alemanha:
 - 1876: Reedição 'inalterado' das obras completas de RM (Ruiz de Montoya)⁶¹ por Julio Platzmann em Leipzig.
 - 1892: Gramatica da Lingua Hispanica Guarani, por Christianus Fredericus SEYBOLD em Stuttgart.
 - 1893: Léxico Hispano-Guaranicum “Vocabulário da Língua Guarani”, idem. (CELIA, 2010, s.p., trad. nossa)⁶²

Além dessas reedições, Seybold possui muitos textos, traduções sobre línguas orientais. Após a morte do imperador do Brasil, em 1891, Seybold inicia seus trabalhos acadêmicos na universidade de Tübingen, assumindo a cadeira de línguas semíticas. Uma das traduções realizadas pelo orientalista alemão é um conto pouco conhecido das *Mil e uma noites* que narra a história dos primos Súl e Schmúl. O manuscrito utilizado por ele foi adquirido em 1864 pelo governo de Württemberg para a biblioteca da universidade de Tübingen, e permaneceu sem uma apreciação mais detalhada até ser analisado por Seybold. Segundo o próprio Seybold (1902), o manuscrito é “uma raridade de primeira e

⁶¹ Ruiz de Montoya foi o primeiro escritor da obra *A arte da Lingua Guarani*, posteriormente, Restivo a reeditou, no entanto, a obra de Montoya possuía 100 páginas e a de Restivo 256 páginas. Essa segunda reedição (PR) possui três partes, que constituem uma importante reestruturação tanto quantitativamente quanto qualitativamente do original de Montoya (Cf. <<http://celia.cnrs.fr/FichExt/Paleographies/Guarani/Textes/Presentation.pdf>>).

⁶² *Se inaugura de hecho una tradición de reediciones desglosadas, por cuanto las siguientes se harán en Alemania. - 1876: Reedição “sin alteración alguna” de las obras completas de RM a cargo de Julio PLATZMANN, en Leipzig. - 1892: Linguae Guarani Grammatica Hispanice, a cargo de Christianus Fredericus SEYBOLD, en Stuttgart. - 1893: Lexicon Hispano-Guaranicum “Vocabulario de la Lengua Guarani”, idem. Disponível em: <<http://celia.cnrs.fr/FichExt/Paleographies/Guarani/Textes/Presentation.pdf>>.*

Acesso em: 15 out. 2013.

única categoria”, com mais de 500 anos (em 1902), data no mínimo do início do século XIV, tornando-se um dos mais antigos textos das *Mil e uma noites*, visto que os manuscritos à disposição na Europa eram modernos, como apontou Seybold. O orientalista considera ainda que o manuscrito com a história de amor entre os primos é de origem síria, ele diz que o conhecimento geográfico presente no texto sobre a Babilônia parece falho, enquanto em relação à Síria é mais familiar. Há inserção de palavras de linguagem da igreja síria, o que, segundo ele, indicaria bom contato com os cristãos sírios, além de uma tolerante relação entre o muçulmano Súl e os monges, o que poderia caracterizar origem cristã para o conto. Porém, o colorido muçulmano e árabe permanece em toda parte e o teor de toda narrativa lembra as outras histórias das *Noites*. Depois de uma apresentação detalhada do manuscrito, Seybold diz que o trabalho:

[...] fez-me lembrar intensamente do belo *lustrum* 1886-91, em que tive a honra de ler e compartilhar, nos mais belos pontos do Novo e velho Mundo, os mais belos produtos das literaturas clássica e oriental na companhia de Sua majestade, o saudoso Imperador Dom Pedro II do Brasil. Portanto seja dedicada à sua pessoa essa edição da história de Súl e Shumúl em fiel e grata lembrança. (SEYBOLD, 1902, s.p.)⁶³

Seybold também insere na dedicatória informações sobre o trabalho de tradução das *Noites* do imperador D. Pedro II, como as cidades onde o monarca trabalhou na tradução.

Barman (2010), que escreveu a mais recente biografia sobre D. Pedro II, diz que a participação de Seybold nos trabalhos do imperador é frequente, e segundo ele: “Não se pode determinar quanto da tradução⁶⁴ em si deve ser atribuída a Seybold e quanto a D. Pedro II” (2010, p.551). No entanto, para nós, os trabalhos de tradução realizados pelo imperador apontam na sua maioria para um trabalho individual, visto que há momentos em que surgem pequenos erros, que, como salienta Barman a descrever Seybold (p.551), “um lingüista de incontestável habilidade” não cometeria. É o caso da tradução do árabe “wallah”, que é uma expressão muito utilizada no texto das *Noites*, e que D. Pedro II

⁶³ Tradução em apêndice.

⁶⁴ Barman aqui se refere à tradução das *Poesias hebraico-provençales du rituel israélite Comtadin*, que D. Pedro II publicou em 1891, em Avinhão.

traduz por “e Deus” ou “por Deus” sendo que se trata de “juro por Deus”.

Figura 8 – Trecho da transcrição do F. D03 01f

da historia ~~de~~ d'estas destas duas cachorras negras e d'esta moça e do baterd'ellas. E disserão: e (por) Deus não sabemos noticia uma e não vimos este lugar senão nesta hora, e espantou-se e disse: e será o homem que perto de vós saberá noticia d'elles. Então acenou

Figura 9 – Trecho da transcrição do F. D03 02v

le) irado e disse-lhe: istotempo do gozo d'aquelle e a moça avançou para os Kalandaris e disse-lhes vós irmãos? Disserão: não por deus oh' senhora de nós

Assim ocorre no F. D03 58f, com relação à palavra alqā'id “o líder”, que ele confunde com alqādi, “o juiz”.

Figura 10 – Trecho da transcrição do F. D03 58f

Emir entre as mãos d'elle (perante elle) e perguntou-o a historia sobre a verdade d'ella. Então ^(kadā = julgou) chamou o Kadi _(juiz d'onde alcaide) e as testemunhas e os kalindaris trez e chamou a moça batida e a caseira. E quando

Do estudo aprofundado que fizemos, fundamentando-nos nos manuscritos citados, podemos concluir que o interesse imperial pelas línguas e culturas orientais surgiu antes do contato com seus tutores, no entanto, a forma como ele passou a analisar essas obras e a cultura desses povos foi influenciada sem dúvida pela visão mais receptiva e abrangente que esses professores tinham do Oriente.

3.2 A PAIXÃO PELO ORIENTE

O interesse ocidental pelos temas orientais tem início na Idade Média Tardia (1300/1453) época em que era nítida a divisão e a separação religiosa, política e cultural do mundo entre Ocidente e Oriente, sobretudo devido à visão que tinha a Europa Ocidental de que o cristianismo era indissociável do conceito de civilização, por consequência, os que estivessem além de suas fronteiras seriam pagãos e infiéis. Maior ênfase nos estudos sobre o Oriente ocorreu no século XVIII, com a revolução nos estudos bíblicos, porém, já em 1312 se

estabeleceram, por decisão do Conselho de Viena, cátedras de árabe, grego, hebraico e siríaco em Paris, Oxford, Bolonha, Avinhão e Salamanca, com o intuito de converter os árabes. Como enfatiza Said (2007), o Oriente, que para ele é uma invenção do Ocidente, era a imagem mais profunda e recorrente que a Europa tinha do Outro. Said (2007) considera que, depois da expedição egípcia de Napoleão em 1798, a Europa conheceu o Oriente de forma mais científica, porém, sua concepção continua sendo a mesma. Veem o oriente como algo diferente de si, usam parâmetros ocidentais para categorizá-los e julgá-los como exóticos, inferiores, misteriosos.

No entanto, anos antes da invasão napoleônica, os estudos orientais realizados por William Jones, Anquetil-Duperron, De Sacy, Edward William Lane já eram preeminentes. Da mesma forma, são louváveis os trabalhos de William Beckford, Byron, Goethe e Hugo, que reestruturaram o Oriente e mostraram ao Ocidente suas cores, formas, luzes, povos, por meio de imagens, ritmos e temas (SAID, 2007).

Em 1771, Anquetil-Duperron publica o *Zend-Avesta*, uma das primeiras publicações de textos do zoroastrismo na Europa. O evento dá o seu fruto. Treze anos mais tarde, William Jones⁶⁵ cria em Calcutá a Sociedade Asiática, produzindo os primeiros textos traduzidos diretamente do sânscrito. Jones é mais conhecido por seu trabalho com as línguas indo-europeias, ao lançar a hipótese de que elas teriam origem comum. O discurso de Jones publicado em 1798 é frequentemente citado como marco inicial da linguística comparada e dos estudos sobre o indo-europeu. Crescem as pesquisas, as traduções e o domínio de praticamente todas as línguas orientais. Em 1800, Schlegel diz: “É no Oriente que devemos buscar o romantismo supremo” (apud SCHWAB, 1950, p.20). Suas convicções sobre a literatura dos países de língua oriental são seguidas por muitos filósofos e escritores do período.

⁶⁵ Enquanto outros estavam pensando em termos de estudo e de pesquisa individual, Sir William Jones foi o primeiro homem a pensar em termos de uma organização permanente de estudos orientais e pesquisas em grande escala no país. Ele tomou a iniciativa, e em janeiro 1784 enviou uma carta circular a pessoas selecionadas da elite, com vistas ao estabelecimento de uma sociedade para esse fim. Em resposta à sua carta, trinta senhores europeus de Calcutá, incluindo Mr. Hyde, John Carnac, Henry Vansittart, John Shore, Charles Wilkins, Francis Gladwin, Jonathan Duncan e outros se reuniram em 15 de janeiro de 1784, na Sala do Júri do antigo Supremo Tribunal de Calcutá. O Chefe de Justiça, Sir Robert Chambers, presidiu a primeira reunião, e Jones fez seu primeiro discurso no qual apresentou seus planos para a Sociedade (ASIATIC SOCIETY WEBSITE, 2014).

Lamartine (1984, p.IX) exclama: “Esse oceano, com suas nuvens sobre nós... a chave de tudo é as Índias”. Após o surgimento da Sociedade Asiática, foram fundadas novas sociedades orientalistas na Europa, todas já no século XIX. Em 1822, foi fundada a Société Asiatique de Paris, por Silvestre de Sacy, e um ano após, a também parisiense Société de Géographie. Em Londres, foi criada, no ano seguinte, em 1823, a Royal Asiatic Society (RAS), pelo sanscritista Henry Colebrooke, que tinha trabalhado na Índia e desejava prosseguir a investigação de temas relacionados com a ciência, a literatura e as artes em relação à Ásia e incentivá-las, de acordo com o programa da Carta Real, que oficializou a RAS, em 1824. Um pouco mais tarde, em 1842, surgiram na Alemanha a Deutsche Morgenländische Gesellschaft e, na América do Norte, a American Oriental Society (SCHWAB, 1950).

A curiosidade universal manifestou-se num novo tipo de erudição, que tentava entender o outro, ou seja, o oriente por meio dos registros escritos e artefatos por ele criados. Criaram-se, no século XVII, as cadeiras de árabe e de línguas orientais nas universidades de Paris e Leiden, Oxford e Cambridge. Iniciou-se a aquisição e a tradução cuidadosa de manuscritos. Mais tarde, em Paris, Silvestre De Sacy (1758-1838) foi o primeiro de uma linhagem de professores e pesquisadores do orientalismo que se ampliou para outros países.

O período de maior desenvolvimento dos estudos sobre o oriente foi o que compreende o romantismo. Devido ao culto ao passado, o Oriente misterioso tornou-se fonte de inspiração nas artes. Uma das principais inspirações foi o livro das *Mil e uma noites*, que após ser traduzido tornou-se parte da literatura Ocidental, e, juntamente com outros textos traduzidos, forneceu um vasto conjunto de temas aos escritores do período. Goethe escreveu *O Divã Ocidental-Oriental*; Walter Scott escreveu *O Talismã*; Victor Hugo, *Orientalis*. Nas artes visuais, também estavam em voga os temas orientais, que eram comuns em prédios, na decoração interior das residências. Grandes pintores, como Delacroix, imprimiram um estilo orientalista em suas obras (HOURANI, 2006).

Em relação à narrativa árabe, é possível perceber sua presença na narrativa ocidental já a partir do século XII, quando Mosé Sefardí, que era judeu, se converte ao cristianismo e assume o nome de Pedro Alfonso. Ele escreve *Disciplina clericalis* em latim e inclui ali uma série de apólogos orientais, que mais tarde vão aparecer nos textos de Boccaccio, Vicente de Beauvais, Juan de Timoneda, dentre outros. Logo aparecem versões de *Kalila e Dimna*, o *Barlaam e Josafat*, e as *Mil e uma noites*, bem como outros textos árabes e orientais que chegaram

através da Espanha. Esses textos foram reelaborados através dos séculos e chegaram, na sua maior parte, até nossos dias. Podemos encontrar a influência das estratégias retóricas e estilísticas do livro das *Mil e uma noites* e de *Kalila e Dimna* até nas novelas criadas hoje, nas quais o narrador interrompe o relato num momento em que deixa suspensa uma ação, o que mantém vivo o interesse dos ouvintes para a continuação da história. Vários elementos das narrativas árabes influem nas narrativas ocidentais, como nos contos de La Fontaine, nas histórias dos irmãos Grimm, Cervantes etc. (VERNET, 1999).

Vernet (1999) considera que uma das obras que sofreram influência direta das narrativas árabes é a *Divina Comédia*, e devido à importância dessa obra na literatura universal é a mais interessante para análise. Segundo ele, Miguel Asín Palacios, em seu livro *La escatología mulsumana en "La Divina Comédia"*, um modelo de estudo de literatura comparada, demonstra a relação direta do texto de Dante com o mundo árabe. Asín considera que há muitas semelhanças entre as lendas islâmicas da vida de ultratumba e a *Divina comédia*. Ele discute elementos parecidos entre relatos islâmicos da ascensão do profeta Maomé aos céus e a *Divina comédia*.

Essa forte influência dos textos orientais na literatura ocidental, como mostra Vernet (1999), pode ter impulsionado o monarca brasileiro a realizar traduções de obras dessa região. Seu aprofundamento no conhecimento sobre as artes, a cultura, a literatura e a ciência do Oriente o caracterizam como um orientalista.

Para denominar D. Pedro II como um orientalista, vamos primeiramente definir a forma de pensamento sobre o oriente no século XIX e buscar apontamentos que indiquem a aproximação ou distanciamento do imperador desse pensamento.

Na metade do século XVIII, de forma geral, os orientalistas eram ilustres bíblicos, estudiosos das línguas semíticas, especialistas islâmicos ou sinólogos, ao modo dos jesuítas, que tinham implantado o novo estudo da China.

Em meados do século XIX, via-se no orientalismo uma imensa fonte de erudição. Os temas que remetiam a esse imaginário distante influenciaram a maioria dos grandes poetas, filósofos e escritores. Nas palavras de Victor Hugo, “No século de Luís XIV éramos helenistas, agora somos orientalistas” (apud SAID, 2007, p.87). Considerava-se então naquele século que um orientalista era um “erudito”, um “entusiasta talentoso”, “ou ambos” (SAID, 2007, p.87).

É exatamente com o livro de Edward Said, em 1978, que tem início uma visão parcial e depreciativa do orientalismo. Segundo Said

(2007), de fato, essa forma de referência à região que os ocidentais denominaram *Oriente* está longe de ser encarada como discurso apolítico, para ele, seria uma forma de mostrar sua supremacia sobre essa área. Desse modo, o pensamento europeu tendia a considerar a necessidade de guiar tais sociedades ao que eles consideravam o esclarecimento, não só cultural, mas também religioso. Devido a isso, a colonização da Inglaterra e da França sobre os países da África e da Ásia, durante esses séculos, produziu representações culturais sobre essas regiões, que foram analisadas conforme a visão eurocêntrica, segundo o interesse do colonizador. Por consequência, os povos dessa região foram considerados bárbaros, exóticos, não civilizados.

Para Said (2007), o Oriente é uma invenção do Ocidente, reflete a forma como este vê aquele. Juntamente com esse interesse de domínio econômico surge a produção de saberes sobre esses povos. A partir de então, convencionou-se chamar de orientalistas as pessoas que produziam esses conhecimentos. Nas palavras de Said (2007, p.28):

[...] por Orientalismo quero dizer várias coisas, todas, na minha opinião, interdependentes. A designação mais prontamente aceita para orientalismo é acadêmica, e certamente o rótulo ainda tem serventia em várias instituições acadêmicas. Quem ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente – seja um antropólogo, sociólogo, um historiador ou um filólogo – nos seus aspectos específicos ou gerais é um orientalista, e o que ele ou ela faz é Orientalismo.

No entanto, nossa visão de orientalismo é a que expressa Schwab no seu livro *La renaissance orientale*, de 1950, pois consideramos que D. Pedro II e seus contemporâneos possuíam esse conceito no século XIX. Schwab demonstra amplamente a influência positiva que a descoberta das culturas orientais produziu no pensamento ocidental. Um processo cultural equivalente a um segundo renascimento, a um “renascimento oriental”. O autor francês desenvolve minuciosamente a tese de Edgar Quinet, historiador especialista de história alemã, que, no capítulo intitulado *La renaissance orientale*, da sua obra *Le génie des religions* (1841), escrevera:

Eis a grande tarefa que acontece hoje na filosofia. O panteísmo do Oriente, transformado pela Alemanha no renascimento oriental, como o

idealismo de Platão, corrigido por Descartes, foi coroado no século XVII, a renascença grega e latina. (QUINET, 1918 apud SCHWAB, 1950, p.18)⁶⁶

Schwab (1950) considera que, por meio do deciframento e aprendizagem de novas línguas, como o sânscrito, do descobrimento de textos sagrados hindus, indianos, budistas, os ocidentais se interessaram pela metafísica, pela linguística, pela teologia. Vários foram os novos caminhos proporcionados pela influência dessas culturas provindas do oriente sobre o ocidente.

Conforme aponta Said (2007), houve ampla produção textual sobre o Oriente, desde a Idade Média, passando pelo século XVII, períodos em que a imaginação europeia era nutrida pelo repertório de um mundo fabulosamente rico, com personagens como Cleópatra, gênios, Tróia, Maomé, Ísis e muitos outros. Porém, após a invasão de Napoleão ao Egito, houve reformulação na maneira do discurso sobre o Oriente. Naquele momento, buscavam restaurar sua antiga grandeza clássica, retirando-o da barbárie em que se encontrava; a ideia era de que o Egito: “restaurado à prosperidade, regenerado por uma administração sábia e esclarecida [...] espalharia seus raios civilizadores sobre todos os seus vizinhos orientais” (CHARLES-ROUX apud SAID, 2007, p.132). Surge uma série de “filhos textuais, do *Itinéraire* de Chateaubriand e *Voyage em Orient* de Lamartine a *Salammbô* de Flaubert, e, na mesma tradição, *Manners and customs of the modern Egyptians*, de Lane [...]”. No entanto, as produções científicas tiveram maior influência, lembrando que fazia parte da comitiva de Napoleão um grande número de orientalistas, cientistas, filósofos, geógrafos, com a tarefa de traduzir o Egito em francês, devendo anotar tudo que era visto, dito ou estudado. Na produção científica, um dos principais exemplos é o texto de Ernest Renan, completado em 1848, *Système comparé et histoire générale des langues sémitiques*. Como grandioso exemplo, também vale citar o projeto geopolítico *Canal de Suez*, de De Lesseps.

⁶⁶ *Voilà la grande affaire qui se passe aujourd'hui dans la philosophie. Le panthéisme de l'Orient, transformé par l'Allemagne, correspond à la renaissance orientale, de même que l'idéalisme de Platon, corrigé par Descartes, a couronné, au XVIIème siècle, la renaissance grecque et latine* (trad. Ana Sackl).

Essa produção textual, além de possuir como pano de fundo a lenda e a experiência oriental, acarretava a dependência erudita do Oriente, “uma espécie de útero do qual todos foram paridos” (SAID, 2007, p.133). Esses autores buscavam anular ou diminuir a estranheza do Oriente, para aproximá-lo e absorvê-lo pela Europa: “Renan acreditava verdadeiramente que havia recriado o Oriente, como ele realmente o era, na sua obra” (SAID, 2007, p.134). Essa epidemia de temas orientais, que teve no século XIX seu apogeu, pode ser classificada, segundo Said (2007), como um gênero de escritos orientalistas que, entretanto, vinham acompanhadas de uma espécie de mitologia livre do Oriente, cheia de preconceitos e modos contemporâneos, uma aparente demonstração de superioridade desses eruditos. Um grande número desses escritores foi pesquisar e conhecer os países orientais, e levaram muitos manuscritos do Leste para a Europa (Paris e Londres), com isso, realizaram grandes descobertas, principalmente na filologia, com Bopp, Jones, Jakob Grimm, De Sacy.⁶⁷ É abundante o número de textos literários que foram traduzidos, porém, aproximando-os sempre da cultura europeia.

Dessa forma, D. Pedro II, provavelmente influenciado por esse pensamento, visto que era leitor assíduo de tudo o que se produzia na Europa e principalmente em Paris, considerada capital do mundo orientalista e cidade letrada,⁶⁸ insere-se nos estudos orientais. Como afirmado, consideramos que essa inserção tenha ocorrido porque D. Pedro II almejava fazer parte do que Pascale Casanova (2002) chama a República Mundial das Letras, com regras e limites próprios, composta por cosmopolitas políglotas, que realizavam a troca e os valores dos textos literários e que compunham uma sociedade imaginária e seleta.

⁶⁷ Foi um dos principais orientalistas do século XIX, nasceu em 1758. Foi professor da Escola Especial de Línguas Orientais, onde deu início a uma linhagem de professores e pesquisadores que se estendeu, como uma espécie de sucessão apostólica, a outras gerações e países. Faleceu em 1838 (MARZOLPH, 2004).

⁶⁸ “Os territórios literários são definidos e delimitados de acordo com sua distância estética do espaço de ‘fabricação’ e consagração da literatura. As cidades onde se concentram e se acumulam os recursos literários tornam-se lugares em que se encarna a crença, em outras palavras, são uma espécie de instituição de crédito, ‘bancos centrais específicos’” (RAMUZ, 1939 apud CASANOVA, 2002, p.40). Paris “tornou-se assim a capital do universo literário, a cidade dotada do maior prestígio literário do mundo. Paris é uma ‘função’ necessária, como diz Valéry, da estrutura literária” (VALÉRY, 1960 apud CASANOVA, 2002, p.40).

Na sua maioria, esses escritos orientalistas eram produzidos por grandes escritores, como Nerval, Hugo, Goethe, Flaubert, Fitzgerald, Richard Burton, Renan. A maioria desses nomes se encontra entre as leituras e traduções do monarca, e alguns deles eram seus correspondentes, como vimos. Além disso, assuntos como numismática, antropologia, arqueologia, sociologia, economia, história, literatura, cultura, edição e tradução de textos, que eram do interesse de D. Pedro II, faziam parte dos estudos abrangidos pelos orientalistas. No livro de Vargens, *D. Pedro II o primeiro arabista do Brasil?* (2013), é possível verificar a variedade e o grande número de obras sobre a cultura, ciência e literatura árabe que possuía o imperador e que se encontram na Biblioteca Nacional. Segundo Vargens (2013, p.10), “foram catalogados 151 livros, [...] ficção, história, impressões de viagens, língua árabe, medicina, religião, zoologia e botânica”.

Muitos autores falam do interesse do monarca brasileiro pelo Oriente, e há vários documentos que comprovam tal informação. Os textos traduzidos por D. Pedro, as línguas estudadas por ele, as correspondências com temas relativos ao Oriente são fontes documentais que o identificam como um orientalista. Além disso, seu interesse de conhecer pessoalmente a região oriental o leva às três viagens ao exterior, em busca do que havia lido e visto nos livros, e segundo a classificação bem humorada de Flaubert (2002) quem viaja muito é um orientalista.

Segundo Loewenstamm (2002), em seu livro *O Hebraísta no Trono do Brasil*, o interesse de D. Pedro II pelo hebraico desperta, ao encontrar um livro esquecido no Jardim de São Cristóvão por um missionário sueco. O clérigo torna-se então o primeiro professor desse idioma do monarca, que em pouco tempo adquire grande conhecimento, devido a seus esforços e ao desejo de conhecer o idioma da Bíblia. Sucederam-se outros professores, e D. Pedro II, completamente apaixonado pelo estudo da língua, amplia seu interesse à história e à literatura judaicas, tornando-se um hebraísta.⁶⁹

Em sua segunda viagem à Europa, D. Pedro II recebeu um exemplar da tradução literal e literária da Bíblia, realizada pelo grão-rabino Benjamin Mossé, que sabia do interesse imperial por esses estudos e de seu empenho na tradução direta do hebraico dos livros de

⁶⁹ Pessoa que se dedica ao estudo dos textos hebraicos ou da língua hebraica. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/hebraista/>>. Acesso em: 16 mar. 2012.

Isaías, Job, Salmos, Ruth, Cântico dos Cânticos de Salomão para o latim.

Em sua visita a São Francisco (EUA), em 1876, D. Pedro II foi a uma sinagoga, e lhe foi permitido fazer a preleção da Torá, o que foi realizado com perfeição, causando espanto entre os presentes, devido à dificuldade de leitura dos textos hebraicos, nos quais se omitem as vogais. Essa familiarização do imperador com a língua provinha de seus esforços na aprendizagem do idioma. O interesse pelo hebraico, que segundo alguns era verdadeira paixão, levou D. Pedro II a conhecer a Terra Santa. Em sua segunda viagem, ele pôde realizar tal sonho. Em carta ao Conde de Gobineau, em 1876, ele relata:

A partir de hoje começa um novo mundo. O Líbano se apresenta agora diante de mim com seus cimos nevados, seu aspecto severo, como convém a essa Sentinela da Terra Santa. Jerusalém, pela sua posição muito elevada, domina quase toda a Terra Santa, e produz o efeito mais surpreendente, qualquer que seja o lado pelo qual se lhe aproxime. Ali cheguei três vezes [...]. Jerusalém, cercada de oliveiras que cresciam entre as pedras, parece-me um oásis celeste [...]. Segui quase o roteiro dos israelitas ao chegar à Terra de Canã, e vi tudo o que havia de mais notável. (D. PEDRO II apud FAINGOLD, 1999, p.07)

O imperador e sua comitiva chegaram à Terra Santa em 14 de novembro de 1876, e ali permaneceram por 24 dias. Seus companheiros de viagem foram a dama de companhia da imperatriz, dona Josefina da Fonseca Costa, sua criada de quarto, dona Joaninha, a imperatriz, o Visconde de Bom Retiro, o Sr. Luiz Pedreira Couto Ferraz, Dr. José Ribeiro de Souza Fontes e seu professor de hebraico, Henning, dentre outros.

A comitiva foi guiada por beduínos que conheciam o lugar. Todo trajeto foi realizado a cavalo, com as damas em liteiras. Iniciou-se a viagem por Baalbeck, um dos centros mais antigos da civilização ocidental. Lá o imperador se maravilhou com a majestosa arquitetura dos monumentos locais. Acordou cedo e percorreu as ruínas da cidade, tentou decifrar alguns símbolos no baixo relevo, mediu colunas, comprou moedas locais e gravou seu nome em um dos templos que visitou, ao que consta, no de Baco. Em 16 de novembro, estava em

Damasco, e seu primeiro ponto de visita foi a mesquita Djami'a el Amaui, fundada pelos Omíadas.⁷⁰ Foi ao minarete de Jesus, visitou o “túmulo de Saladino”, o “túmulo dos netos de Maomé”, e passeou pela “praça de comércio” de Damasco. Na capital da Síria, o imperador ainda visitou o emir Sidi-El-Hadj-El Kader-Uled Muhi Ad Din, ou, como escreve D. Pedro II, Abd-El-Kader.⁷¹ O encontro foi agradável, e D. Pedro II considerou o emir um ótimo anfitrião. Na troca de lembranças no encerramento do encontro, “D. Pedro II recebeu um livro de caráter filosófico, escrito em árabe, intitulado ‘Apelo aos inteligentes e advertência aos indiferentes’, traduzido e publicado em francês” (FAINGOLD, 1999, p.22).

Foi também em Damasco que D. Pedro II conheceu o charme de Lady Ellenborough, uma linda mulher da aristocracia britânica, casada com o Sheik Abdul Midjuel El Mesrab. Esse casal representava a união do oriente com o ocidente, e recebia a visita de muitas personalidades, era amigo do casal Burton, que morava na mesma cidade, devido ao cargo de diplomata de Richard Burton. Além da deslumbrante senhora,

⁷⁰ Trata-se de uma dinastia de califas muçulmanos do clã dos coreichitas, que reinaram em Damasco de 661 a 750, e em Córdoba, de 756 a 1031. Seu mandato começou com a morte do último califa ortodoxo, Mohabib I (661-680), passando a capital para Damasco e tornando-se o califado hereditário. Abdelmalique (685-705) toma o Iraque, derrota os xiitas e lança-se pelo Norte de África. Valid I (705-715) e Suleimzu (715-717) continuam o expansionismo, e em 711 começa a conquista da Península Ibérica. Os omíadas assenhoreavam-se, assim, de grande parte do Mediterrâneo. Tentam ainda, sem sucesso, tomar Constantinopla. Com Umar (717-724), assiste-se ao apogeu da dinastia. Contudo, sua morte propicia o levantamento de rebeliões nos povos dominados. Desse modo, o califa Hixem (724-745) abandona Damasco. Narwan II é derrotado pelos abássidas, que aniquilam toda a família omíada, escapando somente o jovem Abderramão, neto de Hixem II, que foge para a Espanha, depois de se refugiar na África, tomando Córdoba, que transforma em emirado. No século X, os omíadas alcançam seu esplendor máximo, enquanto senhores da Península Ibérica, com Abderramão III a unificar o território e a proclamar-se califa. No século XI, com a morte de Hixem III (1036), desaparece o califado, que é dividido em reinos (os taifas). Disponível em: <http://www.islam.org.br/os_omiadas.htm>. Acesso em: 15 jun. 2010.

⁷¹ O emir era um importante líder da resistência islâmica na África do Norte contra o domínio francês. Depois de libertado da prisão, em 1852, passou a viver em Damasco. Lutou contra a França em 1840, a favor da Argélia, e em 1844, a favor de Marrocos, contra o mesmo inimigo. Foi o protetor dos cristãos perseguidos pelos drusos e árabes, e por esse motivo ganhou a admiração do monarca brasileiro.

D. Pedro II encontrou-se com frei Liévin de Hamme, que seria o guia do imperador na Terra Santa. Além de guiar os peregrinos, o frei escreveu um roteiro para visitantes da Terra Santa em latim, publicado também em francês, e fez trabalhos sobre lugares santos. O trabalho do guia foi bastante elogiado por D. Pedro, que escreveu em seu diário: “frei Liévin tudo explicava, e era uma pessoa muito agradável, de caráter singelo e jovial, além de ser inteligente” (apud FAINGOLD, 1999, p.26).

A Galiléia é descrita como uma região verdejante e fértil, ela inclui o monte Tabor, Safed, Tiberíades, Cafarnaum e Betsaida, até Nazaré. No diário de viagem do monarca, há a descrição da fauna e flora da Palestina. São comentários curtos, porém objetivos. A narrativa de lugares sagrados aos cristãos é minuciosa, como no exemplo a seguir:

25 de novembro de 1876 [...], começou a Uadi-Mocknah onde vi o poço da Samaritana, montão de pedras cercado uma cova com pedras dentro, [...]. Foi na propriedade que Jacob deixou a José, no poço de Jacob, que a Samaritana encontrou a Cristo (S. João 4) [...].

26 de novembro de 1876 [...] Enfim, cerca de 3 ½ galguei o monte chamado Skopus, e Jerusalém apresentou-se a meus olhos que um pouco se turvaram. Neste lugar, Alexandre Magno saltou de seu cavalo ante o aspecto venerado do Grande-Sacerdote Jaddus 332 anos A. J. C. (ALCÂNTARA, v.18, p.444-445)

Em 28 de novembro, a comitiva se encontra em Jericó, uma das cidades mais antigas do mundo. Como nos demais lugares, o imperador visitou os atrativos históricos, como a fonte de Eliseu, a suposta casa de Rahab, a prostituta que acobertou os espiões de Josué, Sodoma e Gomorra e Adomah. Saindo dessa região, a comitiva passou pelo Monte Nebó, onde teria falecido Moisés, a caminho do Mar Morto. Passaram ainda pelo Monastério de Saint Sabbas, no qual o imperador se exasperou com a ignorância dos monges a respeito dos documentos pertencentes à biblioteca do monastério. Em Jerusalém, o imperador foi duas vezes à igreja do Santo Sepulcro, percorreu a Via Dolorosa, a casa do sogro de Caifás, o sumo sacerdote para onde Cristo foi levado depois de ser preso, o túmulo de José de Arimatéia, o Monte das Oliveiras. No dia 2 de dezembro, foi a Belém, avistou em primeiro lugar a Colina do Mau Conselho, onde Cristo suou sangue. Passou pelo vale dos Gigantes, onde Davi matou Golias, e foi para a igreja da Natividade. No local

onde se encontra o túmulo de Raquel, foi construída uma mesquita que estava fechada na passagem do imperador, que passou por outros lugares históricos da cidade.

A viagem à Terra Santa termina com o retorno da comitiva para o porto de Jafa, mas passou antes pela planície de Sharon e demais vilarejos. Durante essa estada de 24 dias em terras santas, D. Pedro II, talvez inspirado pelo local, realizou a tradução de textos bíblicos, como o dos *Atos dos Apóstolos*, às margens do arroio Dhirani, em modo específico, o salmo 122, e recorda sua tradução do livro de Ruth, ao passar pelos campos de Moab, que realizara no Brasil (FAINGOLD, 1999).

Outro fato que mostra o interesse do monarca pelo oriente é a visita que realizou a São Petersburgo, em 1876, onde se encontrou com A. A. Harkavi, diretor da Biblioteca Real, notório pesquisador de manuscritos hebraicos antigos. Lá os dois dialogaram por um longo período. Visitou também a Academia de Ciência e a Universidade de São Petersburgo, onde discorreu sobre vários assuntos com os professores da universidade, como o emérito orientalista Elie Nicolaevitch Berenize. Segundo Hamarati (1992), há dados que comprovam o conhecimento do imperador da língua hebraica, pois, segundo testemunhas, ele costumava rezar utilizando o livro próprio em hebraico, acompanhando corretamente a liturgia. Certa vez, em uma sinagoga em Bruxelas, o monarca, por estar acompanhando a leitura, soube quando devia levantar-se e o que devia dizer.

O Egito estava no rol de interesses de D. Pedro II, embora o país estivesse em um momento de crise, pela disputa colonial entre Inglaterra e França. Ainda assim, como grande admirador da glória passada e do predomínio cultural egípcio no mundo antigo, o país esteve no itinerário do monarca em duas das suas viagens ao exterior. Na primeira viagem (1871), o imperador visitou apenas as cidades do Baixo Egito, Cairo e Alexandria. A partir do Cairo, foi até Mênfis, que se tornou um importante sítio arqueológico e que foi descoberta naquele período. Já na segunda viagem (1876), o monarca decidiu por um itinerário mais amplo, e percorreu também o Alto Egito. Em 5 de dezembro, a comitiva imperial encontrava-se em Jafa, e a ela se incorporou o egiptólogo Mariette-Bay. Após passar pelo canal de Suez, a comitiva foi de trem para o Cairo, e aguardou o navio que os levou para o Alto do Nilo. Passou por Siout, Tebas e pela estátua de Mêmnon, o templo de Amenófis II. A comitiva passou o Natal em Karnak.

Figura 11 – Comitativa Imperial, primeira viagem ao Egito (1871)



Fonte: Helios (fotógrafo). Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/th_christina/icon855522.jpg>. Acesso em: 6 jun. 2014.

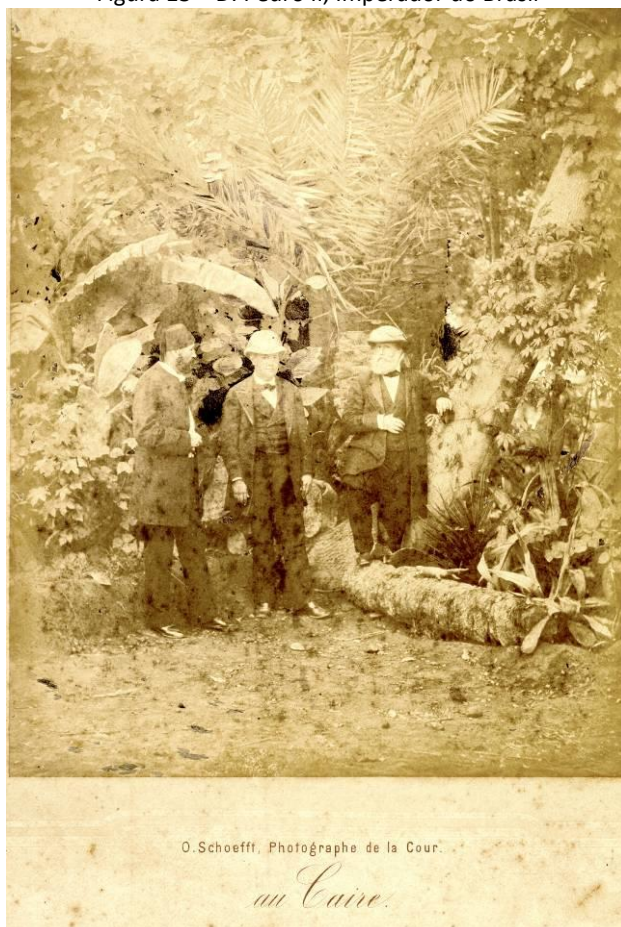
Figura 12 – Estátua de Mêmnon em Tebas



Fonte: SÉBAH, J. Pascal. **Colosses de Memnon à Thebes** [2].
Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon662651_1054242/icon1054233.jpg>. Acesso em: 6 jun. 2014.

Figura 13 – D. Pedro II, Imperador do Brasil



I-II-1-8-Nº 2. D. Pedro II, Luís Pedreira do Couto Ferraz, barão do Bom Retiro, e provavelmente o egiptólogo alemão Henry Charles Brugsch, na excursão às pirâmides de Giseh no Cairo/Egito. O. Schoeffff, Cairo. [04/11/1871].

A visita à segunda catarata o imperador realizou em companhia de Mariette-Bay, e o restante da comitiva ficou aguardando em Assuã. Em 6 de janeiro, estava no Cairo, seguindo para Alexandria, de onde partiria para Messina, na Sicília. No Egito, o imperador aproveitou para encontrar-se com egiptólogos renomados, e mostrou seu conhecimento sobre o país, como na conversa com um dos maiores egiptólogos da época, August Marriete, sobre a existência de um período pré-histórico

no Egito. Segundo o imperador, isso podia ser verificado por meio das observações geológicas do percurso do Rio Nilo. No entanto, seu colega de debate o convenceu do contrário. Anos mais tarde, a hipótese de D. Pedro II foi confirmada, porém não se remetendo a ele. Seguem as considerações do monarca:

[...] Antes de dormir, estudo a gramática hieroglífica de Brugsch. Confesso que muito se tem progredido em matéria de interpretação de hieróglifos, mas é preciso dizer que muita coisa tem sido quase adivinhada. O meu amigo Brugsch parece-me mais sábio; Mariette, porém, fez descobertas mais belas em matéria de monumentos e revela-se mais prático. Desde a minha primeira viagem é um dos meus afeiçoados. O aspecto das margens do Nilo sugere muitas considerações geológicas; julgo que o rio já desembocou no Mediterrâneo em Beni Souef, a oitenta milhas do Cairo. Assim pensava também o Dr. Gaillardot que conheci por ocasião da minha primeira viagem e pessoa muito estimada pelo Conde Joubert, que a seu respeito a mim se manifestou com profundo pesar, há alguns dias. Sustentou pertinazmente no Instituto Egípcio a opinião de que este país existia na idade pré-histórica da pedra; creio, porém, que Mariette combateu com excelentes argumentos [...] (ALCÂNTARA, 1999, p.460, 14 dez. 1887).

Segundo assinala Camara (2005), pode-se considerar que os apontamentos de Pedro de Alcântara, no seu diário, revelam a evolução de conhecimento que ele teve no espaço de tempo entre suas duas viagens. Para a autora, o monarca passa da fase de egiptólogo iniciante na primeira viagem, para um verdadeiro egiptologista, na segunda viagem. Essas viagens podem ser consideradas como o ápice da realização pessoal do imperador, pois ele pôde colocar em prática todo o conhecimento acumulado durante os anos de leitura e aprendizagem.

O Egito tinha sido objeto de fascínio também de D. Pedro I, que em 1824 arrematou, num leilão público de Nicolau Fiengo, algumas peças que deram início à coleção brasileira, que, juntamente com as demais adquiridas por D. Pedro II, é hoje uma das maiores da América latina. As peças encontram-se no Museu Nacional do Rio de Janeiro. No acervo, constam três múmias femininas, entre elas a sacerdotisa Sha-

Amon-em-su (a cantora sagrada de Amon), uma das oito do mundo que possuem os braços enrolados separados do corpo. Seu sarcófago ainda está lacrado. Este sarcófago foi presente do governante egípcio Quedive Ismail, quando da passagem do monarca em 1876 naquele país.

O diário de viagem ao Alto do Nilo é longo e cheio de pormenores. A primeira parte foi publicada por Afonso de E. Taunay, na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*. Segundo Silva (2005), o diário foi encontrado por acaso em uma escrivania, adquirida em um leilão em 1889, estava escrito em francês e foi entregue ao Visconde de Taunay, que o traduziu e publicou.

Mesmo que alguns dos documentos do monarca tenham se perdido, o fato é que há muitas provas de seu interesse na cultura oriental, seja na linguagem, nas artes, afinal, em tudo que pertencia ao oriente. Devido a isso, D. Pedro II pode ser classificado como um hebraísta, um arabista, um egiptologista, ou seja, um orientalista. E, como alguns dos grandes escritores orientalistas do século XIX, realizou a tradução de uma das obras mais consagradas da literatura oriental, considerada uma obra universal: o livro das *Mil e uma noites*.

4 ANÁLISE DIACRÔNICA DAS MIL E UMA NOITES E SUAS TRADUÇÕES NO OCIDENTE

Existem obras que, embora não as tenhamos lido, fazem parte de nosso imaginário. Trazem personagens que de alguma maneira se relacionam ao nosso dia-a-dia, por serem citados como modelos de beleza e conduta, que nos apontam comportamentos que devem ser copiados ou evitados. São obras que, como diz Cansinos-Assens⁷² (1992, p.10), possuem um espírito tão vital e humano que foge da letra e se torna onipresente.⁷³ Esses textos, como a *Odisséia*, a *Eneida*, os grandes épicos antigos e modernos europeus, como a *Chanson* de Roland, a *Divina comédia*, ao tratarem temas universais (como amor, morte, paixão, guerra etc.) e ao serem passados de uma geração para outra e de uma nação para outra, graças à sua tradução, moldaram o imaginário coletivo e influenciaram não somente outras obras literárias, com a intertextualidade, mas também outros âmbitos de nossa vida, mídia, cinema, televisão, jornais. Por isso se tornam tão familiares até para muitos que nunca os leram. São mundialmente conhecidos, estão de alguma forma integrados ao nosso imaginário intelectual, são, na maioria das vezes, obras universais, produzidas por grandes escritores, e

⁷² Rafael Cansinos-Asséns, escritor espanhol, nasceu em Sevilla, em 1882, e faleceu em Madri, 1964. Recebeu educação católica, porém se converteu ao judaísmo. Sua identidade judia o privou de sua carteira de jornalista, o que o levou para a tradução. O trabalho de Cansinos-Assens como escritor literário e ensaísta contém obras tematicamente relacionadas com a cultura judaica e árabe. Como tradutor, Cansinos realizou a primeira tradução completa em castelhano das *Mil e uma Noites* e do Corão. O diário de Cansinos nos anos da Guerra Civil é escrito em Inglês, aljamiado, francês, alemão e árabe. Em 1930, ele escreveu um ensaio sobre o amor erótico no *Cântico dos cânticos* (*Os valores eróticos em religiões: o amor no Cântico dos Cânticos*), o texto bíblico por cuja tradução Frei Luis de León tinha sido denunciado à Inquisição, em 1572, na Idade de Ouro espanhol, época de ouro do casticismo (STALLAERT, 2012). O casticismo espanhol foi uma ideologia impregnada pelo *modus operandi* inquisitorial, traços provenientes da eugenia medieval que, ao modo dos cavaleiros das cruzadas, vestia-se com uma ‘moral’ que aniquilava os infieis, impondo a fé católica a qualquer preço. Essa empreitada envolveu trabalhos de ordem militar, administrativa e religiosa, realizados metodicamente e por muito tempo, até formar uma nova cultura (STALLAERT, 2006). Sobre Cansinos-Assens ver: <<http://archivo.cansinos.org/>>.

⁷³ *Contienen un espíritu tan vital y humano, que se evade de la letra y goza de la propia ubicuidad [...].*

por meio da tradução passaram ao conhecimento de gerações nas mais diversas línguas. Dentre essas obras, encontra-se o livro das *Mil e uma noites*.

O livro de contos árabes foi introduzido no Ocidente devido ao grande interesse que os temas orientais geraram durante a Idade Média, em um primeiro momento, e sucessivamente nos séculos XVIII e XIX. Muitos dos chamados orientalistas se alvitram na tradução de textos de origem oriental, e outros se inspiraram na produção de obras que provinham de um imaginário oriundo dessa região cheia de mistérios e exotismo, como já exposto no capítulo 2. A primeira tradução das *Mil e uma noites* é de 1704, realizada pelo orientalista francês Antoine Galland.

Após essa primeira tradução para o francês, a obra foi vertida para outras línguas europeias, e surgiram diferentes versões do livro. Borges (1986) fala de uma tríade inimiga de tradutores do livro: Payne traduz contra Lane, que traduz contra Galland. Esse pensamento borgeniano, em que um tradutor quer produzir uma versão superior à do outro, pode ser direcionado para uma análise do contexto socioteórico, a qual mostra que as divergências ocorreram em função do pensamento social e teórico de tradução em que se inseriram cada um desses tradutores.

No entanto, antes de entrar na discussão sobre o contexto socioteórico, abordaremos o contexto histórico de origem e autoria da obra, visto que esse também é um fator que influenciou as versões produzidas pelos tradutores.

4.1 ORIGEM E AUTORIA

Ignora-se o autor de tão grande obra-prima; mas, provavelmente, não é fruto de uma só mão, pois como se poderia crer que um homem apenas tivesse imaginação suficientemente fértil para suprir tanta ficção? (GALLAND, 1965, p.21, trad. nossa)⁷⁴

A epígrafe acima nos remete a uma das perguntas que ainda são frequentes entre os estudiosos do livro árabe: a questão da autoria. Após

⁷⁴ *On ignore le nom de l'auteur d'un si gran ouvrage, mais vraisemblablement Il n'est pas tout d'une main: car commentpourra-t-on croire qu'un Seul homme ait eu l'imagination assez fertile pour suffire à tant de fictions?*

o imenso sucesso alcançado pela tradução de Galland, houve intensa curiosidade em descobrir quem teria criado uma obra tão fabulosa, e muitos orientalistas da época (séc. XIX) se lançaram na investigação da questão. Galland considera que não há um autor das *Noites* árabes, para ele, a obra não é fruto de uma mão só. Silvestre de Sacy⁷⁵ (1949), um dos mais renomados orientalistas do século XIX, considera a obra muito rica e extensa para ter sido criada por uma única mente.

Em relação à origem, Galland considera que as noites vieram da Índia através da Pérsia. Já para Richard Burton, tradutor inglês do século XIX, que segundo Giordano (2009) foi o mais excêntrico de todos, as *Mil e uma noites* têm origem na Pérsia (sua fonte foi o Hazar Afsana), seu autor é desconhecido e as histórias mais antigas provavelmente datam do século VIII (BURTON, 1886, p.85). Burton faz algumas considerações para comprovar sua tese da origem persa das noites:

[...] Tudo isso, com o devido respeito a tão alta autoridade, é muito superficial. Concedendo, que ninguém nega, que esse foi o arquétipo Hazar Afsanah traduzido do Persa para o árabe quase mil anos atrás, tanto tempo permitiu que incorporasse características estrangeiras, o corpus, no entanto manteve-se intacto. Sob as mãos de um grande número de editores, escribas e copistas, que não têm escrúpulos, em mudar palavras, nomes e datas, cerceando descrições e anexando as suas próprias decorações, o persa florido e a retórica seriam facilmente convertidos em um metódico, eficiente, árabe. E o que é mais fácil do que islamizar o antigo zoroastrismo, transformar *Arimã em Iblis ou Satanás, Ján bin Ján em Pai Adão, e os Divs e Peris of Kayomars e o Olden Guebre King em gênios e Jinniyahs de Sulayman?*⁷⁶ Os volumes mostram que o adaptador árabe não se aventurou a mudar os nomes persas das duas heroínas e dos irmãos reais, e transferir a mise-en-scene para o Khorasan

⁷⁵ Silvestre de Sacy (1755-1838) foi o fundador e o inaugurador do orientalismo. Detinha um vasto conhecimento de línguas, sobretudo das orientais. Tornou-se um dos maiores filólogos do século XIX (cf. SCHWAB, 1950, p.316-318).

⁷⁶ Optamos por não traduzir algumas das nomeações dadas por Burton nesse trecho grifado.

ou para exterior da Pérsia. (BURTON, 1886, p.72, trad. nossa)⁷⁷

Silvestre De Sacy⁷⁸ (1829) considerava que a obra era obra síria, ou seja, de origem árabe. Seu pensamento foi aceito por Lane (BURTON, 1886, p.73), com a ressalva de que a região seria o Egito. De Sacy (1829) argumentava que:

[...] Não discuto que esse historiador tivesse notícia de uma novela persa, intitulada Os mil contos, e que esta novela se traduzisse para o árabe, como as Fábulas, de Bidpai, sob o califato de Al-Mamúm. Também me inclino a admitir que os personagens da aventura principal fossem um rei, seu vizir, a filha do vizir e sua ama: e ainda, as duas filhas do vizir, por mais que esta última escolha pareça-me suspeita. Quanto às palavras “esta é a mesma obra comumente chamada *As mil e uma noites*” aposto que sejam de Masûdi, embora muito bem poderiam ser um adendo; mas o que tenho por certo é que Masûdi disse *As mil noites* e não *As mil e uma noites*. Esta noite a mais se deve seguramente aos copistas, que acreditaram que essa passagem fazia relação às *Mil e uma*

⁷⁷ *All this, with due deference to so high an authority, is very superficial. Granted, which nobody denies, that the archetypal Hazár Afsanah was translated from Persic into Arabic nearly a thousand years ago, it had ample time and verge enough to assume another and a foreign dress, the corpus, however, remaining untouched. Under the hands of a host of editors, scribes, and copyists, who have no scruples anent changing words, names and dates, abridging descriptions and attaching their own decorations, the florid and rethorical Persian would readily be converted into the straightforward, businesslike, matter of fact Arabic. And what easier than to Islamise the old Zoroasterism, to transform Ahrimán into Iblis the shaytán. Ján bin Ján into father Adam, and the Divs and Peris of Kayomars and the olden Guebre Kings into the jinns and Jinniyahs of Sulayman? Volumes are spoken by the fact that the Arab adapter did not venture to change the persic names of the two heroines and of the royal brothers, or to transfer the mise-en-scene any whiter from Khorasan or outer Persia.*

⁷⁸ *Les théories de Sacy sur l'art de traduire (Essais sur la litt. or., 47-56) sont un parfait manuel de la belle infidèle; il est prince de ces «fleuristes» que Mohl nous dénoncera parmi les fondateurs de la Société Asiatique (cf. SCHWAB, 1950, p.100).*

noites que eles conheciam e por esse motivo creio que, no lugar da “filha do vizir e sua ama” que mencionou Masûdi, botaram eles “as duas filhas do vizir”. E mesmo de passagem, notemos que seria mais coerente com os costumes orientais que a filha do vizir tivesse a seu lado a uma ama, e não a sua irmã, enquanto mediavam o leito imperial. Tudo o que em conclusão pode se obter do texto de Masûdi é que teve lá em outros tempos, com o nome de Mil contos, um livro de origem persa e indiano, traduzido depois ao árabe, que não conhecemos, e do qual poderiam ter sido tomados os nomes dos principais personagens das *Mil e uma noites*.⁷⁹ (DE SACY, 1829, p.13, trad. Ana Sackl)

Como eles, muitos orientistas se aventuraram na formulação de hipóteses e buscaram as justificativas, ora nos nomes de personagens, ora nos locais em que se passam os contos, ora na semelhança entre as *Noites* e outras obras de determinada região. Essa diversidade de opiniões produziu, segundo Cansinos-Assens (1992), uma divisão entre os orientistas, que se classificam por arabistas puros, o grupo de De

⁷⁹ *Je ne conteste point que cet historien n'ait connu un roman persan intitulé es mille contes, et que ce roman n'eût été traduit en arabe, peut-être comme les fables de Bidpai, sous le khalifat de Mamoun. Je suis encore très-disposé à admettre que les premiers personnages de l'aventure principale du roman étaient un roi, son vizir, la fille du vizir et la nourrice de celle-ci, ou même, si l'on veut, les deux filles du vizir, quoique cette dernière leçon me paraisse très-suspecte. Quant à ces mots: et c'est là le livre qu'on appelle Les Mille Nuits, peut-être bien ne son't ils qu'une interpolation, toutefois je consens encore à les attribuer à Masoudi; mais ce que je regarde comme certain, c'est que Masoudi; a écrit les Mille Nuits, et non Les Mille et une nuits. Cette nuit de plus est assurément due aux copistes, qui ont cru que ce passage devait s'appliquer aux Mille et une nuits qu'ils connaissaient, et je pense que c'est par la même raison qu'ils auront substitué les deux filles du vizir, à ce que Masoudi avait dit: la fille du vizir et la nourrice de celle-ci. Et, pour le dire en passant, il eût été bien plus convenable, surtout dans les mœurs de l'Orient, que la fille du vizir, tandis qu'elle partageait la couche du roi, eût auprès d'elle une duègne que sa soeur. Tout ce qu'on peut conclure du texte de Masoudi, c'est qu'il a existé sous le nom de milles contes un livre originairement persan ou indien, puis traduit en arabe, que nous ne connaissons pas, et duquel peut-être l'auteur des mille et une nuits aura emprunté les noms de ses principaux personnages.*

Sacy, arabistas-persianistas, o grupo de Hammer e indianistas-sanscritistas, grupo de Langlés.

Os indianistas defendiam que as *Noites*, por ter o mesmo estilo do livro *Calila e Dimna*,⁸⁰ teria origem hindu. A estrutura do livro das *Mil e uma noites* seria, segundo eles, a mesma do livro sânscrito: uma história enredada na outra, cada uma se desenvolve a partir da outra; todas elas teriam um objetivo moralizante; a única diferença estaria na utilização de personagens humanos no lugar de animais. Havia ainda o fundo fantástico da narrativa, traço estilístico marcante dos livros de origem indiana, em que circulam gênios, demônios, fadas, uma fauna monstruosa, como homens-peixes etc.

Os persianistas, por sua vez, consideram todas essas características apontadas, referentes aos textos hindus, passíveis de serem transferidas para os textos persas, só que numa escala mais reduzida, como aponta Cansinos-Assens, sobre as colocações desse grupo:

Os antigos “iranianos”, inspirados por um senso helênico da medida, rebaixaram as proporções gigantescas dos palácios e poemas indianos para a escala do humano, introduziram ordem e clareza nesse caos de grandeza monstruosa, e trabalharam com arte preciosista e em detalhes o marfim e o ouro da Índia. Os persas adotaram um conceito intermediário entre a grandeza desmedida da Índia e a nulidade imaginativa dos semitas. Babilônia foi a seu tempo um grande laboratório de poesia e de teologia mística, como logo o foi a Alexandria dos Ptolomeus.⁸¹ (1992, p.20, trad. Ana Sackl)

⁸⁰ Coleção de fábulas atribuídas ao filósofo do século III Brahman, Bidpai, concebido para instruir uma conduta adequada aos príncipes, derivada do sânscrito. Utiliza como personagens os animais, que demonstram uma variedade de qualidades humanas, incluindo a amizade, a lealdade, a vaidade e traição.

⁸¹ *Los antiguos iraníes, animados de un sentido helénico de la medida, rebajaron las proporciones gigantescas de los palacios y poemas hindúes a la escala de lo humano, introdujeron orden y claridad en ese caos de grandeza monstruosa y trabajaron, con arte preciosista y menudo, el marfil y el oro de la India. Los persas son un término medio entre la grandeza desmesurada de la India y la nulidad imaginativa de los semitas. Babilonia fue en su tiempo un gran laboratorio de poesía y de teología mística, como luego lo fue la Alejandría de los Ptolomeos.*

Segundo Cansinos-Assens (1992), as razões expostas pelos persianistas são indutivas, pois estes defendem sua teoria com argumentações sobre a grandeza da Babilônia antiga, a qual era um grande laboratório de poesia e teologia mística. Foi lá, segundo os persianistas, que os homens viram anjos pela primeira vez e, ainda, segundo eles, todos os livros bíblicos, toda aquela espiritualidade ardente que inspira as chamejantes visões de Ezequiel e as plácidas imagens oníricas de Isaías, essa sublimidade imponente é a própria febre mística que se respira na Babilônia.

A tese da origem árabe tem como defensor a autoridade máxima daquela época em questões arábicas: Silvestre De Sacy. Ele, em 1829, defende em Paris, com grande erudição, a tese da origem exclusivamente árabe da obra. De Sacy expõe vários argumentos, entre os quais fala sobre as histórias das noites 148-176, nas quais o pai da princesa reina sobre os mulçumanos, e a mãe dela se chama Fátima, o príncipe se consola na prisão, recitando o Corão. Há gênios que intervêm, como na lenda de Salomão. Ele lembra ainda que o livro é escrito no árabe vulgar, o que sugere sua escrita no período da decadência literária do Islã. Acrescenta ainda que, a julgar por suas características formais, provavelmente, foi escrito na Síria. De Sacy (1829) resume sua conclusão da seguinte forma:

Parece-me que ele [o livro] foi originalmente escrito na Síria e em linguagem vulgar; que ele nunca foi terminado por seu autor, seja porque a morte o tenha impedido, ou por qualquer outra razão; que, na sequência, os copistas procuraram completá-lo, seja inserindo novelas que já eram conhecidas mas que não pertenciam a esta coleção, como As viagens de Simbad, o marinheiro e O livro dos sete vizires, seja compondo eles mesmos com mais ou menos talento, e que daí nasce a extrema variedade que foi observada entre os diversos manuscritos desta coleção; que essa é também a razão pela qual os manuscritos não estão de acordo quanto ao desfecho, dentre os quais existem duas narrativas muito diferentes; que os contos acrescentados o foram em diferentes épocas e talvez em diferentes lugares, mas sobretudo no Egito, enfim que a única coisa que se pode afirmar com muita verossimilhança, sobre a época da composição deste livro, é que ele não é muito antigo, como o

prova a linguagem na qual ele está escrito, mas que no entanto, quando ele foi redigido, ainda não se conhecia o uso do tabaco nem do café, já que ele não faz nenhuma menção a isso [...].⁸² (DE SACY, 1829, p.13-4, trad. Noêmia Soares)

Ao longo dos anos, muitos estudiosos e tradutores da obra expuseram suas opiniões, às vezes com novos pensamentos e justificativas, às vezes reafirmando alguma ideia já exposta. O orientalista holandês Gaeje (apud CANSINOS-ASSENS, 1992) propôs a tese de que o livro era de origem persa, com sinais judaicos. Ele comparava o livro das *Noites* com o *Livro de Esther*, afirmando que o modelo seguido foi o livro sagrado, a Bíblia. Já o tradutor inglês Richard Burton (1886) considerava que a origem do texto era persa, como sustentava o alemão von Hammer, sendo derivado do *Hazar Afsana*, ou *Mil contos*, traduzido pelo califa Mansur (654-775 de nossa era) antes do reinado de Harum-al-Rachid. Sir Richard Burton resume assim sua argumentação:

- A estrutura das noites é autenticamente persa e acidentalmente árabe, tendo por fonte o *Hazar Afsana*.
- As histórias mais antigas (*Sindibad* ou os *Sete Vizires*) podem datar do século VIII.

⁸² *Il me paraît qu'il a été originairement écrit en Syrie, et dans le langage vulgaire, qu'il n'a jamais été achevé par son auteur, soit que la mort l'en ait empêché, ou partoute autre raison que, dans la suite, les copistes ont cherché à le compléter, soit en y insérant des nouvelles qui étaient déjà connues, mais qui n'appartenaient pas à ce recueil, comme les voyages de Sindbad le marin, et le Livre des Sept Vizirs, soit en en composant eux-mêmes avec plus ou moins de talent, et que de la nait l'extrême variété qu'on a observée entre les divers manuscrits de ce recueil; que telle est aussi la raison pour laquelle les manuscrits ne sont point d'accord sur le denouement, dont il existe deux récits très-différens; que les contes ajoutés l'ont été à différentes époques et peut-être en diverses contrées, mais sutout en Égypte; enfin, que la seule chose qu'on puisse affirmer avec beaucoup de vrasemblance, sur l'époque de la composition de ce libre, c'est qu'il n'est pas fort ancien, comme le prouve le langage dans lequel il est écrit; mais que toutefois, lorsqu'il a été rédifé, on ne connaissait point encore l'usage du tabac et du café, puisqu'il n'y em est fait aucune mention.*

- O núcleo principal, cerca de 13 histórias, e os contos que lhe estão apensos devem situar-se no século X.
- Os relatos mais recentes (Kamar Al-Zaman the second) são do século XVI.
- A obra tomou a forma atual no século XIII.
- O autor é desconhecido pela simples razão de que nunca houve um. (BURTON, 1886, p.85, trad. nossa)⁸³

Apesar desse esforço filológico e exegetico, continuamos sem uma definição acerca da paternidade das *Mil e uma noites*, devido à falta de fontes escritas e verificáveis que possam levar a alguma inferência.

Em 1949, a pesquisadora iraquiana Nabia Abbott publicou a notícia sobre a descoberta que havia feito de um papiro árabe datado de 266 H⁸⁴/879 d.C., que segundo ela fazia parte do livro das *Mil e uma noites* do ramo iraquiano. Nesse material por ela pesquisado, constava o seguinte: “um livro de estórias das mil e uma noites” (2010, p.214). Esse é um dos poucos documentos que apontam uma possível data para composição da obra. É um dos mais antigos documentos escritos em árabe, só não mais que o Alcorão em pergaminho. O material arquivado no Instituto Oriental da Universidade de Chicago é composto de dois fólhos unidos, em papel amarelado, de textura fina, já um pouco

⁸³ *To conclude. [...] I- The framework of the book is purely persian perfunctorily Arabised; the archetype being the Hazár Afsánah.*

2. *The oldest tales, such as Sindibad (the seven Wazirs) and King Jali'ád, may date the reign of Al-mansur, eight century A.D.*

3. *The thirteen tales mentioned above (p.75) as the nucleus of the Repertory, together with “Dalilah the Crafty” may be placed in our tenth century.*

4. *The most modern tales, notably Kamar al-Zaman the Second, and Ma'aruf the Cobbler, are as late as the sixteenth century.*

5. *The work assumed its form in the thirteenth century.*

6. *The author is Unknown for the reason; there never was one: for information touching the editors and copyists we must await the fortunate Discovery of some MSS.*

⁸⁴ A Hégira (H), ou migração do profeta Maomé de Meca para Medina, que ocorreu em 622 da era cristã, marca o início do calendário muçulmano. A vida de Maomé tornou-se difícil em Meca naquele ano (622), e ele foi obrigado a se retirar para um oásis a 300km ao norte, Yathrib, que mais tarde passaria a chamar-se Medina. A palavra Hégira não tem apenas o sentido negativo de fuga da Meca, mas o positivo da busca de proteção, estabelecendo-se num lugar que não o seu próprio (HOURANI, 2006).

desbotados e danificados na parte inferior, medem 24,2cm x 13cm. A pesquisadora relata que o título do manuscrito se refere a estórias das “Mil Noites”, seria então um volume que continha estórias que pertenciam *Às mil e uma noites*. Segundo Abbot (2010), mesmo que o manuscrito não esclareça todas as discussões existentes até agora, ele possibilita afirmar sobre o título das noites, a existência de Dīnāzād e Šahrāzād, a relação de ambas (sendo aquela serviçal desta), e possibilita, ainda, dizer que há uma versão mais antiga das *Noites*.

Outra informação sobre a obra provém de um material divulgado pelo orientalista Goitien, que encontrou num documento datado de 521 H/1127 d.C., pertencente a um médico judeu – um *warrāq* (pessoa que conserta, compra ou empresta livros) –, uma anotação sobre um livro emprestado com o título de “O livro das mil e uma noites”. Trata-se da referência expressa mais antiga do livro (JAROUCHE, 2004, p.72).

Além dos estudos sobre a origem e a autoria das *Noites*, há o estudo sobre o seu conteúdo, ou seja, a narrativa, anterior às edições principais. O orientalista Zotenberg, ainda no século XIX, foi um dos primeiros a realizar este tipo de estudo, classificando os manuscritos árabes em famílias. Segundo Mahdi (1994), Zotenberg teria iniciado esse tipo de estudo na preparação de sua edição de *Aladim e a lâmpada mágica* (1888). Zotenberg (2006), na sua genealogia, classifica os manuscritos da seguinte forma:

- 1) a família A comportaria os manuscritos oriundos dos países muçulmanos da Ásia referente ao grupo oriental mais antigo;
- 2) as famílias B e C, de origem egípcia, se diferenciariam pela distribuição dos contos.

Mais tarde, esse tipo de pesquisa foi realizado também por Duncan MacDonald (1924), e seu trabalho foi por muito tempo a referência para qualquer pesquisa histórica sobre as *Noites*. Sucessivamente, no século XX, o estudioso iraquiano Mushin Mahdi (1994) também empreendeu uma pesquisa mais minuciosa sobre a classificação dos manuscritos das *Noites*, realizando uma comparação mais detalhada entre os manuscritos. Seus resultados, segundo ele, apontariam para a elaboração do livro entre o século XIII d.C./VII H e XVI d.C./VIII H, na vigência do Estado Mameluco, que nesse período abrangia as terras da Síria e Egito. A partir dos manuscritos por ele

consultados, Mahdi (1994) propôs⁸⁵ a divisão do livro das *Mil e uma noites* em dois ramos: o sírio e o egípcio, e este último se divide em antigo e tardio. O ramo sírio guardaria melhor o “arquétipo” do livro e proviria da região em que hoje se encontram o Líbano, a Síria e a Palestina. Os quatro manuscritos desse ramo não possuem relação “genealógica entre si”, todos contêm 282 noites⁸⁶ e acabam no mesmo trecho, não havendo explicação para a interrupção do livro nesse ponto. Possuem o prólogo-moldura, dez histórias principais e se encontram nas seguintes bibliotecas:

- 1- Biblioteca Nacional de Paris, classificado como “Árabe 3609-3611”, pertenceu a Antoine Galland (séc. XIV d.C./VIII H);
- 2- Biblioteca Apostólica Vaticana, classificado como “Arabo 872” (séc. XV d.C./IX H);
- 3- *John Rylands Library* em Manchester, classificado como “Arabic 647” (séc. XVIII d.C.);
- 4- *Índia Office Library* em Londres, classificado como “Arabic 6299” (séc. XIX d.C.).

Por sua vez, o manuscrito do ramo egípcio, pelo fato de ter sido elaborado na metade do século XVII d.C., sofreu maior influência dos copistas e, por esse motivo, passou a ter o número de noites anunciadas no título. Fazem parte desse ramo cinco manuscritos:

- 1- “Árabe 3615”, que se encontra na Biblioteca Nacional de Paris;
- 2- “Árabe 3612”, que se encontra na Real Academia de La Historia, em Madri;
- 3- “Gayangos 49”, que se encontra na Bodleian Library;
- 4- “Bold 550” e sua continuação “Bold Or. 551” (de um conjunto que vai até o número 556), que se encontram na Biblioteca Bodleiana de Oxford;
- 5- “Arabic 207”, que se encontra na Christian Church Library, em Oxford (JAROUCHE, 2006, p.8, v.II).

⁸⁵ Mahdi propõe novamente essa divisão, proposta inicialmente no século XIX pelos orientalistas.

⁸⁶ Na verdade, os dois primeiros contêm 282 noites, com a diferença de que o segundo não possui a noite 253 (talvez falha no original de onde fora copiado). O terceiro contém 141 noites e o quarto, 281 noites (também não possui a noite 253) (JAROUCHE, 2007, v.8, p.362).

Em relação às edições do livro, existem cinco principais. Seguem algumas considerações do professor Jarouche (2006) sobre cada uma dessas edições:

1. Primeira edição de Calcutá (1814 e 1818): editada em dois volumes na cidade de Calcutá, quando esta era capital da Índia Britânica. A intenção dos editores era utilizar o texto para o ensino da língua árabe aos oficiais britânicos. A razão inicial para aprender a língua era a necessidade de estabelecer tribunais civis e criminais com juízes britânicos que conhecessem as leis hindus e muçulmanas. Essa edição tem como base o manuscrito “Arabic 6299”, da *India Office Library*, de Londres. Os editores decidiram que cada volume conteria cem noites, e adicionaram algumas histórias, como a de Simbad, no fim do segundo volume. Segundo Jarouche (2006, p.29), é de baixo valor crítico-filológico e de difícil acesso, pois somente algumas bibliotecas a possuem, e seu mérito é o de ter sido a primeira edição;

2. Edição de Breslau: publicada pela primeira vez em 1825 e pela segunda vez em 1843, na cidade alemã de mesmo nome, possui doze volumes. É a primeira versão completa, ou seja, com as mil e uma noites. É, porém, considerada uma fraude, pois além de incorporar um manuscrito fictício, “manuscrito de Bagdá”, seu primeiro responsável, Maximilian Habicht, alegou estar reproduzindo um “manuscrito tunisiano” que nunca existiu (JAROUCHE, 2006, p.30). Para Jarouche (2006), seu mérito está em contribuir na publicação de vários contos árabes que poderiam estar perdidos, e ainda em possibilitar a comparação com a tradução de Galland, observando assim os acréscimos e modificações desse tradutor. Foi publicada em *fac-símile* em 1998, no Cairo. Sobre essa edição se discutirá mais no capítulo 5;

3. Edição de Būlāq: baseada em um manuscrito único do ramo egípcio tardio, foi publicada em 1835, no bairro de Būlāq, na cidade do Cairo. É considerada uma edição importante, porém com algumas ressalvas, pois o manuscrito no qual se baseou apresentava algumas falhas, como a falta de concatenação lógica na história do médico Dūbān, que não ocorre nos demais manuscritos do ramo sírio e egípcio antigo. Além desse ponto, nota-se o descuido do revisor, que não verificou a falta de algumas páginas durante o processo de impressão. Seu valor está na possibilidade de estudo das transformações presentes no manuscrito do ramo egípcio tardio (JAROUCHE, 2006, p.31);

4. Segunda edição de Calcutá: sua relação com a primeira é tão-somente a cidade em que foi impressa. Possui quatro volumes, publicados em 1839 e em 1842, por William H. Macnaghten. Sua base é

um manuscrito do ramo egípcio tardio, e segundo Jarouche (2006) possui pouco valor filológico, devido às incorporações efetuadas pelos editores. Republicada em fac-símile em 1996 e 1997, no Cairo;

5. Edição de Leiden: data de 1984, em dois volumes, é de autoria do filólogo Mushin Mahdi, que segundo Jarouche (2006) primou pelo rigor, o que torna a obra uma referência obrigatória para os estudiosos do assunto. Sua base foi o manuscrito mais antigo, que pertenceu a Galland, e, ainda, os manuscritos do ramo sírio e egípcio antigo e a edição de Būlāq (JAROUCHE, 2006, p.31-2).

4.2 A NARRATIVA

As Mil e uma noites, cujo fio condutor é apresentado no prólogo moldura, trata da insensatez do rei persa Šāhriyār (Schariyar) que, após descobrir a traição de sua esposa e também da esposa de seu irmão, resolve se casar a cada dia com uma nova mulher, ordenando sua execução a cada amanhecer, para assim não ser traído novamente. Para dar fim ao sofrimento das mulheres, a filha do vizir, Šahrāzād (Schahrazad), propõe-se a casar com o rei. O plano de Šahrāzād é contar histórias fabulosas durante a noite, de modo a atrair e aguçar a curiosidade do rei, histórias cuja conclusão seria suspensa ao amanhecer, sob clímax e suspenses máximos. Em seu ardil, ela conta com sua irmã Dīnāzād, que a auxiliará a incitar a curiosidade do rei com o pedido: “Minha irmãzinha, [...], conte-me uma de suas belas historinhas com as quais costumávamos atravessar nossos serões [...]” (*Mil e uma noites*, trad. Jarouche, 2006, p.56), e assim envolver o rei pela curiosidade na continuação da história, sobrevivendo noite após noite.

As tramas contadas por Šahrāzād variam entre narrativas históricas, burlescas e religiosas, envolvem suspense, jogos de poder, artimanhas sentimentais, concundas, gênios, rainhas, bruxas etc. São habilmente engendradas umas nas outras, por vezes, uma no interior da outra, e não é Šahrāzād a única narradora, pois em algumas histórias os personagens criados por ela adquirem voz (no caso, a voz da própria Šahrāzād) e tornam-se narradores, podendo ser um xeique, um vizir, um pescador ou outro personagem que narre habilmente fatos de sua vida, bem como valores e costumes do mundo mulçumano.

A fabuladora noturna⁸⁷ Šahrāzād é responsável ainda por narrar de forma aberta várias histórias com fatos obscenos, traições, seduções, sadismos, encontros amorosos, temas que encontraram e encontram ainda censura por parte de tradutores e leitores ocidentais. A história chega ao fim após as mil e uma noites, quando Šahrāzād apresenta os filhos⁸⁸ que teve com ele no desenrolar das mil noites, o que faz com que ele desista da vingança.

O estilo de narrativa utilizado por Šahrāzād nos contos das *Mil e uma Noites* é considerado por alguns como pertencente ao gênero de literatura épica árabe. O gênero inclui coleções de contos ou episódios enlaçados para formar uma história mais extensa. Entre os diferentes tipos de histórias nessas coleções, encontram-se as fábulas de animais, os provérbios, as histórias de *jihad* ou propagação da fé, contos humorísticos, contos morais.

Há outra corrente que considera o texto das *Noites* pertencente à literatura popular, constituída por narrações orais dos contadores de histórias. Essas narrações orais corriam de boca em boca, de forma oral, desde o século III/IX, e como é natural nas narrativas orais, ora estavam presentes alguns contos, ora outros, e muitas vezes com algumas modificações. Mas em geral se podem estabelecer três tipos de período nas *Noites*: “1.º el iraquí o el bagdadí: cuentos eróticos; 2.º el sírio: cuentos épicos; 3.º el egípcio: cuentos populares y sociales” (SOBH, 2002, p.729). Um dos personagens mais famosos é o califa do século VIII, Harun Al-Rachid, que protagoniza vários contos. Fazem parte desse gênero as Maqamas, que se caracterizam pela combinação de verso e prosa rimada e abundância de recursos estilísticos.

A chamada narrativa popular tem nas *Mil e uma Noites* seu exemplar mais célebre e, devido ao reconhecimento dessa obra no Ocidente, muitos escritores árabes começaram a apreciar e discutir a literatura popular dentro da história da literatura árabe. Afinal, essas narrativas eram consideradas inferiores, e não eram apreciadas pelos eruditos do Islã, até o momento em que estes tomam conhecimento de

⁸⁷ É um termo usado para designar os homens que contavam histórias à noite, *confabulatores nocturni* ou *musāmirūn* (pessoas dadas a tertúlias noturnas), que contavam os *asmār* (histórias que se contam à noite) (JAROUCHE, 2006, p.15).

⁸⁸ Esse episódio é contado de várias formas em distintos textos: nas edições de Bulaq, Breslau e de Galland, o rei indulta Šahrāzād porque reconhece sua artimanha. Na versão de Burton, o perdão é conseguido por Šahrāzād ter um filho. Na edição de Calcutá, são três filhos, e na tradução de Mardrus, são gêmeos (VERNET, 1966).

que o texto das *Noites* é reconhecido no Ocidente como obra básica da literatura universal, o que ocorre após a tradução de Galland (séc. XVIII). Após esse reconhecimento, a obra começa a competir com obras de autores clássicos, e chega a tornar-se inspiração para romancistas árabes contemporâneos, como Taha Husayn⁸⁹ (VERNET, 1966).

Os críticos da literatura árabe consideram que o texto das *Noites* está formado por estratos independentes, com contribuições de povos distintos, um dos mais antigos, segundo eles, de cultura matriarcal, é a Índia. Nessa primeira fase, ou nos primeiros contos, os demônios gozam de livre-arbítrio. No século VI, estão já na Pérsia, e os contos então inseridos formam um bloco que vai das noites 720 a 778. Os contos mulçumanos, divididos em dois subgrupos, os do Iraque e os do Egito, estão espalhados. Os contos considerados iraquianos são esteticamente mais finos, poderiam figurar nas melhores antologias da literatura árabe. Os contos de Simbad, o marinheiro, servem como exemplo. É nessa fase que se pode entrar em contato com a antiga literatura asiobabilônica (VERNET, 1966). Já os contos pertencentes à fase egípcia, quase metade da obra, são considerados (por algum letrado do século XVIII) como secos, monótonos e pesados.

Para Gabrieli (1971), esse grande conglomerado díspar de material que é o livro das *Mil e uma Noites*, e que mantém uma pátina árabe-islâmica da época da decadência, é uma mina para os comparatistas, os etnólogos, os folcloristas. As muitas alterações que ocorreram nos contos podem ter melhorado ou prejudicado artisticamente a obra. Há partes de qualidade, tanto na parte mais recente (fase egípcia) como o conto de Ali Zábicaq e Dalila, obra central do gênero picaresco egípcio, e nas demais partes ou fases.

4.3 OS TRADUTORES

Tomando como base as informações expostas acima, é possível perceber que as incertezas que envolvem a origem e a autoria do livro das *Mil e uma noites* e a forma como surgiram suas edições já constituem elementos suficientes para que haja distanciamento entre as versões traduzidas. Porém, considera-se que o fator mais relevante para

⁸⁹ Tahan Husayn (ou Hussein) nasceu em Maghaghah (Minia, Egito) em 1889. Em 1908, iniciou seus estudos na Universidade do Egito. Durante a Grande Guerra, realizou seu doutorado na Universidade de Sorbonne (França). Retornou para o Egito em 1919, onde lecionou História Antiga e Literatura árabe na Universidade do Egito (AN EGYPTIAN CHILDHOOD, 1932).

essa diferenciação seja o contexto social e teórico em que cada tradutor se inseria.

A tradução do orientalista francês Antoine Galland, como mencionado, foi pioneira, e foi ele o responsável por apresentar essa obra ao Ocidente, em 1704. Segundo May (1986, p.94):

Nos primeiros anos do século XVII, um orientalista e viajante francês, a um só tempo brilhante e ágil narrador, inicia o nascente Iluminismo europeu no mundo da novela e da fábula orientais. Entre os anos 1704 e 1717, não muito depois de “O chapeuzinho vermelho” e “O gato de botas” de Perrault, também Sherazade e Harum al Rachid, Camaralmazan e Aladim, numa palavra a *turquerie* árabe-muçulmana, eram apresentados por Galland, em primeira mão, à corte do Rei Sol decadente, com um sucesso clamoroso.

Foram 12 volumes desenvolvidos, nos quais Galland apresentou um mundo repleto de exotismo, com gênios, dervixes, califas, concubinas, um aroma oriental que encantou os franceses do século XVIII. Na opinião de Borges (1986, p.), a tradução de Galland foi, dentre todas, “a mais mal escrita” e, ainda segundo ele, não há como negar que “foi a mais lida”, e mesmo passados “duzentos anos e dez traduções melhores”, quando se pensa em *Mil e uma noites*, em geral nos remetemos a Galland. Segundo o próprio tradutor francês Galland (1965), foi utilizado um manuscrito de origem árabe comprado em Istambul, porém, de algumas das histórias traduzidas não se conhece o original. Uma das hipóteses levantadas é que Galland conheceu por meio de amigos um sírio chamado Hanna, perito contador de histórias do século XVIII, que expunha oralmente alguns contos árabes e que seriam justamente os que integram a parte final do trabalho do tradutor.

Segundo o diário de Galland, Hanna teria narrado 14 contos que, resumidamente, foram anotados no diário. O mais longo deles, a “História de Aladim”, foi-lhe entregue, por escrito, pelo próprio contador. Em 1908, o orientalista Duncan MacDonald descobriu na Biblioteca de Oxford um manuscrito árabe de um conto no qual o herói é designado pelo nome de Ali Babá, o que poderia indicar que Galland não se baseou somente no que ouviu de Hanna para escrever seu texto, mas em outras fontes. Ademais, no seu diário pessoal, o nome do herói era Hogia Baba (GIORDANO, 2009, p.28). Enfatiza-se que essas

últimas histórias inseridas por Galland na obra alcançaram enorme aceitação e foram mantidas pelos tradutores posteriores. Seu trabalho alcançou tanto sucesso, que Richard Burton reconhece sua importância:

Se analisarmos imparcialmente Galland, veremos que seus erros tinham um objetivo – o de tornar popular sua obra –, e o sucesso, de fato, justificou-lhe os meios. [...] Seu fino faro literário, seu estilo agradável, seu gosto polido e tato apurado guindaram de imediato sua obra a alto posto na república das letras, e por certo esse fragmento imortal jamais será superado no julgamento infalível da infância. (BURTON, 1886, p.86)

A corrente de pensamento seguida por Galland em sua tradução é um exemplo marcante de *belle infidèle*,⁹⁰ um momento em que os tradutores pareciam não primar pelo compromisso com o original, mas sim buscavam obedecer ao gosto da época, adaptar e eliminar os elementos que pudessem chocar ou desagradar a seus leitores. Segundo Milton (1998), os tradutores, além de buscar clareza de expressão e harmonia, consideravam que a língua francesa não era inferior às línguas clássicas, e por isso seria capaz de se igualar ou superar o latim e o grego. O conceito da tradução desse período era diferente das concepções contemporâneas. Além da necessidade de não ferir os ouvidos, os tradutores também buscavam não ferir a moral social, realizando mudanças para tornar os textos mais “civilizados”. Era um período em que se buscava eliminar qualquer tipo de obscuridade que não permitisse produzir um belo texto.

Segundo o próprio Galland, uma versão literal do livro poderia não ser apreciada: “O original está em árabe, e eu tive que colocá-lo em francês, visto não se tratar de uma versão precisamente ligada ao texto, que não teria agradado aos leitores” (MAHDI, 1994, p.204-5, trad. nossa).⁹¹ Assim, sua tradução apresentou ambientes que se aproximavam dos palácios franceses, a abundante fraseologia religiosa

⁹⁰ A expressão provém de um comentário de Ménage (1613-1664) sobre as traduções de Perrot d’Ablancourt: *Elles me rappellent une femme que j’ai beaucoup aimée a Tours, et qui étoit belle mais infidèle* (“Elas me lembram uma mulher que me agradou muito na cidade de Tours, e que era tão bonita quanto infiel”) (MÉNAGE apud LARZUL, 1996, p.20, nota 5).

⁹¹ *L’original est en arabe, et je dis mis en français par ce que ce n’est une version attachée précisément au texte, qui n’auroit pas fait plaisir aux lecteurs.*

foi em partes atenuada, bem como a maioria dos versos contidos em toda a narrativa árabe. Da mesma forma, a narrativa que apresentava a divisão em *Noites* foi alterada, assim como o uso do verbo “dicendi”, que foi modificado ou anulado, visto que, nas *Mil e uma noites*, todos os personagens “dizem algo”. Há assim expressões como: “Disse o Kalifa”, “Disse o pescador”, “Disse o gênio” etc. Galland também alterou o teor “obsceno” do livro, característica marcante da obra, que em alguns pontos da tradução foi apagada ou dissimulada, como se pode verificar no trecho a seguir:

Quadro 2 – Tradução do obsceno

História: O corcunda do rei da China		
Noite 113.^a (Galland)	Noite 115.^a (D. Pedro II)	Noite 117.^a (Jarouche)
Eu não vos falarei da alegria que tivemos ao nos reencontramos, pois é algo que eu só poderia vagamente expressar. Eu vos direi apenas que, após os primeiros cumprimentos, sentamos os dois em um sofá onde nos entretivemos com toda a satisfação imaginável. ⁹² (GALLAND, 1965, p.373, trad. Noêmia Soares)	[...] e quando viu-me riu-se no rosto de mim e apertou-me ao peito d'ella e a boca de mim sobre a boca d'ella e começou a chupava a língua de mim – e eu /como/? isso; Então disse ella isto verdadeiro senhorzinho de mim vieste a minha casa. (D. PEDRO II, s.d., F. D04 122 f)	Ao me ver, sorriu em minha face, estreitou-me ao peito, minha boca em sua boca, e começamos a sugar a língua um do outro. Ela perguntou: “Será mesmo verdade, meu senhorzinho, que você está aqui?” (JAROUCHE, 2007, p.284)

Os dois primeiros excertos apresentam uma descrição erótica do beijo entre os dois personagens e evidenciam o “estilo obsceno”: “chupava a língua”; “começamos a sugar a língua um do outro”. Temos assim, como afirma Bataille (1987), uma forma de transgressão, e o ato erótico agride o que é moralmente aceito dentro dos princípios cristãos, por isso, é considerado obsceno.

⁹² *Je ne vous parlerai point de la joie que nous eûmes de nous revoir, car c'est une chose que je ne pourrais que faiblement exprimer. Je vous dirai seulement qu'après les premiers compliments, nous nous assimes tous deux sur un sofa où nous nous entretinmes avec toute la satisfaction imaginable.*

O trecho de Galland se caracteriza por apresentar, como já mencionamos, um grau de censura maior da narrativa de origem. O personagem masculino, naturalmente na voz do tradutor, limita-se a dizer que não falará de tudo que ocorreu no seu reencontro, mas que este produziu “toda a satisfação imaginável”. Essa estratégia de desvio, observada nesse fragmento, foi uma das mais frequentes no processo criativo desse tradutor.

Versões semelhantes, por serem realizadas no mesmo contexto social e teórico, surgiram na Inglaterra e na Alemanha. Uma das primeiras versões inglesas de 1839 é de autoria de Edward Lane, que produziu um texto mais explicativo que o de Galland. Trata-se de uma versão repleta de notas sobre o mundo islâmico, nas quais descreve o regime cotidiano, as práticas religiosas, a arquitetura, as referências históricas ou do Alcorão, os jogos, a mitologia, dentre outros temas. As fontes de pesquisa foram a primeira edição de Calcutá, a de Breslau e a de Būlāq. No entanto, nessas traduções, observa-se o mesmo rigor puritano do primeiro tradutor, desde que ambos produziram versões de forte decoro e apagaram, por assim dizer, o erotismo característico da obra. Nas palavras de Burton, tradutor inglês posterior a Lane:

[...] E.W. Lane não foi feliz com sua nova tradução dos contos d’As Mil e uma noites. [...] Preferiu ele a edição [árabe] abreviada de Bulak, e dos 200 contos desta, omitiu cerca da metade, e seguramente a metade mais característica. Seu trabalho visava permanecer em “mesas de salão”, conseqüentemente o tradutor se viu forçado a evitar o “questionável” e qualquer resquício com “laivos de licenciosidade”. Desse modo converteu as Noites árabes em “Capítulos Árabes”, alterando arbitrariamente as divisões e, pior ainda, transformando alguns capítulos em notas. Reduziu os versos a prosa, desculpando-se por não omitilos de vez [...] Mais grave de tudo: os três simpáticos volumes tornaram-se ilegíveis, como um Corão de mercado, graças a seu latim anglicanizado, suas palavras não-inglesas quilométricas e seu estilo empertigado, empolado, de 50 anos atrás [Burton escrevia em 1885],

quando nossa prosa era, talvez, a pior da Europa. (1897, p.XXI- XXII, trad. nossa)⁹³

No mesmo ano da tradução inglesa, surgiu a versão em língua alemã. Seu tradutor, Gustavo Weil, é considerado por Borges (1986) o melhor tradutor do livro nessa língua, pois manteve, em alguns casos, ou supriu, em outros, o estilo oriental. Para Giordano (2009), essa tradução se destaca pela lisura e competência, e seguiu o mesmo rigor puritano das demais traduções, ao evitar transpor para o alemão as “ousadas” árabes, visto estar inserida no período das *belles infidèles*.

Entre 1881 e 1882, sob a influência do romantismo alemão,⁹⁴ o qual considerava que o contato com as literaturas estrangeiras era

⁹³ [...] *the late Edward William Lane, does not score a success in his “New translation of the Tales of a Thousand and One Nights” [...], oh which there have been four English editions, besides American, two edited by E.S.Poolle. He chose the abbreviating Bulak Edition; and, of its two hundred tales, he has omitted about half and by far the more characteristic half: the work was intended for “the drawing-room table”; and consequently, the workman was compelled to avoid the “objectionable” and aught “approachong to licentiousness.” He converts the Arabian Nights into the Arabian Chapters, arbitrarily changing the division and, worse still, he converts some chapters into notes. He renders poetry by prose and apologises for not omitting it altogether [...] Worst of all, the three handsome volumes are rendered unreadable as Sale’s Koran by their anglicised Latin, their sesquipedalian um-English words, and the stiff and stilted style of half a century ago when our prose was, perhaps, the worst in the Europe.*

⁹⁴ O romantismo alemão surge no fim do século XVIII, e, como aponta Tieghem (1948) é uma crise da consciência europeia. Essa crise começa a ganhar alcance logo após a Revolução Francesa de 1789, momento em que se inicia uma reação contra o racionalismo e a harmonia formal (ideais neoclássicos). Para eles, o homem não é só razão, mas sentimento, desejo místico, atração pela natureza. Foi idealizado pelos irmãos August e Friedrich Schlegel, por Novalis (poeta) e pelo autor dramático Ludwig Tieck, e pelos filósofos Schelling e Schleiermacher, todos ligados à revista o “Athenaeum” (1797). Segundo Bassnett (2003, p.111-112): “A rejeição do racionalismo reforçou a função vital da imaginação e a mundividência individualista do poeta como ideal a um tempo metafísico e revolucionário. A afirmação do individualismo trouxe a noção de liberdade criadora, tornando o poeta um criador quase místico, cuja função era fazer a poesia que recriaria o universo de novo, como defendia Shelley”. Assim, abre-se o campo do autoconhecimento, para introspecção, para a importância da natureza como fonte de unidade.

necessário para o desenvolvimento da literatura nacional, surge também na Inglaterra a versão de John Payne, que, segundo Giordano (2009), é uma das melhores já realizadas. Teve como fonte as edições de Breslau e a segunda edição de Calcutá. Sua tradução abrange nove volumes. Payne escreve no prefácio: [...] Característica especial desta tradução é a presença, pela primeira vez, sob métrica inglesa, e preservando forma externa e o movimento rítmico do original, de todos os versos que tão frequentemente se mesclam no texto árabe. (apud GIORDANO, 2009, p.42)

Payne realiza sua tradução no momento em que estados como a Alemanha estavam em busca de consolidação, e homens como Goethe e Schlegel viam na tradução uma fonte de crescimento intelectual e uma forma de enriquecer sua produção intelectual com novos modelos. Para Humboldt (2001), a tradução proporciona novas experiências ao indivíduo, e é uma forma de conhecer realidades que estão muito distantes da sua, com as quais nunca teria contato. Assim, buscava-se, sobretudo, preservar o estranho da obra original, e ainda, segundo Schleiermacher (2001) no seu clássico texto *Sobre os diferentes métodos de tradução*, possibilitar a apreciação dessas obras por aqueles que não possuíssem conhecimento “suficiente” de línguas estrangeiras. Valorizava-se, assim, o original do texto, preservando-se as diferenças culturais da obra. Segundo esses pensadores alemães, a tradução ideal, como definiu Schleiermacher (2001), seria aquela capaz de levar o autor até o leitor, ou seja, aquela que se preocupa com a fidelidade ao original, em oposição ao pensamento francês das *belles infidèles* do século XVIII.

O inglês Richard F. Burton, alguns anos depois, precisamente em 1885-1886, propõe-se a dar ao Ocidente uma versão mais próxima possível do original árabe, seguindo, dessa forma, o pensamento romântico de valorização da obra original. Além das notas abundantes sobre o homem do Islã (as quais já haviam sido dadas por Lane), Burton acrescentou as notas eróticas,⁹⁵ carregou as histórias de arcaísmos e

⁹⁵ As notas antropológicas de Burton representam uma combinação de seus estudos de antropologia e de suas experiências de viagem. Essas notas têm o propósito de apresentar as tradições, superstições, as posturas diante da vida e da morte, a condição da mulher, o matrimônio, os hábitos de higiene, enfim, o cotidiano do povo do Oriente (MARTINA, 2005, p.13-14).

barbarismos, e usou um inglês considerado grosseiro (BORGES, 1986). Para Giordano (2009), o texto de Burton é o mais original, devido aos conhecimentos adquiridos por este no período em que viveu nas terras de Allāh como cônsul. O editor das *Noites* Leonard Smithers (1894) considera as notas um trabalho não só clássico, como científico e etnográfico, e que dão à obra maior evidência do que seria no caso de um simples livro de histórias. Suas fontes foram as edições de Breslau, Būlāq e a segunda edição de Calcutá. Segundo Burton (1889), seu trabalho teria iniciado em 1879. Cabe salientar que R. F. Burton morou dois anos no Brasil em 1886, na condição de cônsul, e se tornou amigo de D. Pedro II, que o recebia para conversas ligadas ao árabe e ao sânscrito. Podemos supor que essas conversas diziam respeito também às *Mil e uma noites*, tendo em vista que o próprio D. Pedro II realizou a tradução dessa obra para o português. Além disso, no prefácio do livro, Burton escreve que a tradução, embora tenha sido um trabalho árduo, foi também fonte de consolo e satisfação durante os longos períodos de degredo oficial na África Ocidental e nas semiclareiras maçantes e abafadas da América do Sul (p.XVII), o que sugere que o assunto foi tema de conversa e distração no período em que esteve no Brasil.

Observamos, no prefácio de Burton, a valorização do original, uma das ideias que se destacaram entre os tradutores do chamado período romântico. Para Burton, as centenas de “traduções populares, derivadas da compilação e adaptação encantadoras do professor Antoine Galland (1704), não representam absolutamente o original oriental” (BURTON, 1885, p.XX). Já as demais traduções posteriores “comprometem uma obra-prima do mais alto interesse e importância antropológica e etnológica” (p.XX), ou por falta de conhecimento da língua pelo tradutor, ou por “laivos de licenciosidade” (p.XXI) por parte dele. Há ainda o caso de Lane, o qual produziu uma edição completa, porém restrita e disponibilizada para alguns seletos amigos. Assim, Burton considera o trabalho dele de fundamental importância, pois se propõe a mostrar as noites como elas o são de fato, segundo ele, “procurando escrever como o árabe o faria em inglês”, realizando uma “cópia fidedigna do grande livro”, mantendo a sequência em *Noites*, pois, para ele, estas são “componente fundamental do original”, assim como as repetições de abertura de cada *Noite*, para que o leitor assim a fixe (BURTON, 1897, p.XXIII). Além disso, Burton manteve o estilo clássico e o popular que se alternam nas *Noites*, uma prosa rimada que, conforme o tradutor inglês, pode cansar o leitor de chegada, mas é aspecto fundamental do texto original. Em relação aos versos, ele nem sempre se ateuve aos limites métricos da língua árabe, no que tange à

monorríma, e preferiu “imprimir os pares de versos à moda árabe, separando os hemístiquios por asteriscos” (1897, p.XXIV). Em relação ao obsceno, o tradutor inglês afirma que:

Coerente com meu propósito de reproduzir as Noites, não virginibus puerisque, mas num quadro tão perfeito quanto me fosse possível, busquei meticulosamente o equivalente em inglês de cada palavra árabe, pouco ligando para quão baixa ou “chocante” pudesse ser a ouvidos sensíveis; procurei preservar, doutra parte, a toda delicadeza possível nas passagens onde a obscenidade não era intencional; e [...], não exagerei as vulgaridades e indecências, [...]. O tom geral das Noites é excepcionalmente elevado e puro.⁹⁶ (BURTON, 1889, p.XXV- XXVI, trad. nossa)

A forma escolhida por Burton para realizar sua tradução, e relatada por ele no prefácio da obra, vai ao encontro do pensamento de Schleiermacher (2001), o qual considera que o tradutor obterá êxito se for possível dizer que o autor teria feito a mesma tradução de sua obra se soubesse a língua do tradutor e, ainda, que o tradutor, por sua vez, consiga que seu leitor intua não só o espírito da obra, mas também o espírito do autor na obra. Deve deixar o leitor ciente de que o “autor viveu em outro mundo e escreveu em outra língua” (SCHLEIERMACHER, 2001, p.79). Esse pensamento foi seguido por muitos tradutores europeus, que relatavam, assim como Burton, em seus prefácios, a forma ou o método de tradução que seguiram, ou seja, se optaram por domesticar ou estrangeirizar suas traduções. Na Itália, Foscolo, por exemplo, expressa, no seu *Esperimento di traduzione della Iliade di Omero* (1807), a importância de conhecer profundamente a obra a ser traduzida, bem como seu autor, para assim conseguir realizar uma tradução que contenha o sentido profundo do texto de origem (FOSCOLO, 2005). Considera Foscolo:

⁹⁶ *In accordance with purpose of reproducing the Nights, not virginibus puerisque, but in as perfect a picture as my powers permit, I have carefully sought out the English equivalent of every Arabic word, however low it may be or “shoking” to ears polite; preserving, on the other hand, all possible delicacy where the indecency is not intentional; and, [...] not exaggerating the vulgarities and the indecencies [...]. The general tone of The Nights is exceptionally high and pure.*

[...] Assim, eu também não traduzo verso algum sem ter antes procurado assimilar em profundidade os ensinamentos dos muitos estudiosos que escreveram sobre Homero; e se alguém me achar pouco claro, deverá em parte atribuir a tal resultado a obscuridade com que chegaram até nós tradições tão remotas (2005, p.105 e p.107).⁹⁷

Na França, na época do romantismo, escritores como Chateaubriand buscavam, ao traduzir, a preservação do original. Nas “Remarques” que precedem sua tradução (1836) de *Paraíso Perdido*, de Milton, ele escreve:

Decalquei o poema de Milton, não tive medo de mudar o regime dos verbos pois, se o tornasse mais francês, teria feito o original perder algo da sua precisão, da sua originalidade ou de sua energia: isto ficará mais claro com exemplos (CHATEAUBRIAND, 1982 apud BERMAN, 2007, p.100).

No século XX, que é o período das traduções que devem, sobretudo, comunicar, surge a tradução das *Mil e uma noites* de Cansinos-Assens para o espanhol. Segundo o próprio autor, “pela primeira vez traduzida para o castelhano, do original em árabe, prefácios, notas. Foi cotejada com as principais versões em outras línguas e com a vernáculo” (CANSINOS-ASSENS, 1992, p.2, trad. nossa).⁹⁸ O autor afirma que sua versão é literal, que ele foi fiel ao texto e que se preocupou em conservar as características árabes da obra, como o “cromático, de fixação local ou cronológica, de algo característico, típico ou pessoal” (CANSINOS-ASSENS, 1992, p.374, trad. nossa).⁹⁹

Seu trabalho de tradução levou seis anos e, segundo ele, é o mais completo:

⁹⁷ Sobre Foscolo, ver: Simoni (2009).

⁹⁸ *Por primeira vez puestas em castellano, del árabe original, prologadas, anotadas y cotejadas com lãs principales versiones em otras lenguas y em la vernáculo.*

⁹⁹ *Cromático, de fijación local o cronológica, de algo característico, típico o personal.*

Em resumo: nossa tradução é um trabalho de seis anos, pelo menos, a mais completa que até agora se conhece, e ainda poderíamos chamá-la de integral, pois contém todas as histórias que as versões anteriores estrangeiras e espanholas nos dão parcialmente, e outras mais que nenhuma delas nos dão, e é, assim, a única espanhola que apresenta notas ilustradas – de caráter filológico, histórico e geográfico – que permitem ao leitor identificar personagens reais e localizar dados geográficos que de outra forma se perderiam. (CANSINOS ASSENS, 1992, p.376, trad. nossa)¹⁰⁰

O tradutor espanhol segue dessa forma a linha de pensamento de alguns dos teóricos da tradução do século XX, que, como Antoine Berman, defendem a conservação do estranho, ou o estrangeiro na tradução. Berman fala em seu texto *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*¹⁰¹ sobre duas formas de tradução literária, que para ele são “normativas” e dominantes: a *tradução etnocêntrica* e a *tradução hipertextual*. Segundo ele, a primeira forma “traz tudo à sua própria cultura” (2007, p.28), nega o estrangeiro. A essência dessa forma se funda na primazia do sentido, tem sua língua como intocável e superior. Busca “dar a impressão de que é isso que o autor teria escrito se ele tivesse escrito na língua para a qual se traduz” (p.33). A segunda forma, a *hipertextual*, é a que produz a imitação, o plágio, o pastiche. É a criação de um texto a partir de um já existente. O teórico diz que pode haver traduções que admitam elementos etnocêntricos ou hipertextuais, porém as “obras” têm um sentido próprio, e “querem a transmissão de seu sentido” (p.38). A tradução desse modo é, para ele, a “comunicação de uma comunicação” (p.69), uma manifestação, sendo que uma obra “é

¹⁰⁰ *En resumen: nuestra traducción, labor de seis años, es, por lo menos, la más completa que hasta ahora se conoce, y aun podríamos llamarla integral, pues recoge todas las historias que las versiones anteriores extranjeras y españolas nos dan parcialmente, más otras que ninguna de ellas nos da, y es, además, la única española que se presenta ilustrada con notas—de carácter filológico, histórico y geográfico—que permiten al lector identificar personajes reales y localizar datos geográficos que de otra suerte quedarían en la región de lo problemático.*

¹⁰¹ Esse texto é produto de um seminário no *Collège International de Philosophie*, em Paris, no primeiro trimestre de 1984.

pura novidade” (p.69), mesmo tendo ligação com obras anteriores de seu sistema literário, e o dever da tradução é transmitir essa novidade (BERMAN, 2007).

4.4 A TRADUÇÃO DAS *MIL E UMA NOITES* NO BRASIL

Vimos que, a partir da tradução de Galland, o livro árabe se espalha por toda a Europa ocidental. Em alguns países, surgem traduções diretas do árabe algum tempo depois da tradução de Galland. É o caso da Inglaterra, com Lane (1839), da Alemanha, com Weil (1839).

No Brasil surge uma primeira edição das *Noites* em 1882 (data não confirmada) editada pela Laemmert & C. editores-proprietários, traduzida por Carl Jansen ou, como escrevem alguns, Carlos Jansen. Sendo o tradutor de origem alemã, supõe-se que tenha utilizado uma das edições do alemão. O prefácio do livro é escrito por Machado de Assis, e segundo ele o tradutor possui vocabulário numeroso e, mesmo sendo alemão, maneja a língua portuguesa com facilidade e precisão. Carl Jansen tinha como objetivo produzir um livro para adolescentes, assim, seu texto, segundo Machado, é alegre e saudável (MACHADO DE ASSIS, 1994). Inclui seis gravuras coloridas e figuras em preto e branco, na abertura de cada história.

Giordano, no seu livro *História d'As Mil e uma noites*, enumera algumas das edições encontradas por ele em português no Brasil:

1. *As mil e uma Noites* – Trad. Nair Lacerda (prosa) e Domingos Carvalho da Silva (poesia). São Paulo: Saraiva, 1961, 8 vols. Segundo Giordano (2009), o texto é uma tradução literal do texto francês de Mardrus;

2. *As Mil e uma Noites*, 5 vols. Clube do Livro, 1949-1951;

3. *As Mil e uma Noites*, 4 vols. Edições de Ouro, 1965. Apresentação de Malba Tahan, que aponta o texto de Galland como base dessa tradução;

4. *As Mil e uma Noites*, 3 vols. Edições Cultura, 1944;

5. *As Mil e uma Noites*. São Paulo: Brasiliense, 1990-1991, 8 vols. Subtítulos: “Damas insignes”, “Servidores galantes”, “Corações desumanos”, “As paixões viajantes”, “O sabor dos dias”, todas em 2 vols.;

6. *As Mil e uma Noites*. Versão de Antoine Galland. 10.ed. Trad. Alberto Diniz. Apresentação de Malba Tahan. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 2 vols.;

No entanto, existem somente duas traduções brasileiras das *Noites* realizadas diretamente do árabe. São elas: a tradução de D. Pedro II (1887-1891) e a de Mamede Mustafa Jarouche (2005-2010).

O primeiro tradutor, D. Pedro II, seguiu a mesma linha teórica dos românticos europeus do século XIX, e segundo o próprio imperador é a primeira tradução direta do árabe para o português: “Empreendi, também, a primeira tradução, portuguesa (à vista do original) das *Mil e uma noites* [...]” (apud TEIXEIRA, 1917, p.213, trad. nossa).¹⁰² Trata-se de um trabalho jamais publicado.

Para apresentar a tradução de D. Pedro II, faz-se necessário rever como a concepção teórica, que influenciava o estilo de tradução no período em que o imperador realizou seu trabalho, surgiu no Brasil, nesse caso, o romantismo. A influência romântica no Brasil teve início com a publicação da *Niterói, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, em 1834, em Paris, como exposto anteriormente. José Veríssimo (1916) considera que somente no século XIX começou a existir uma literatura escrita própria brasileira. Para ele, o polissistema literário brasileiro começa a se definir quando o povo brasileiro toma consciência da necessidade de separação entre portugueses e brasileiros, o que produz nos diversos meios sociais brasileiros a vontade de existir com vida distinta da de Portugal.

Esse movimento ocorre justamente no momento em que na Alemanha, na Inglaterra e na França manifestavam-se os sinais de renovação literária, que influenciaria todos os aspectos do pensamento e do sentimento europeu: o romantismo. Essa influência, que aqui no Brasil se inicia com maior força na terceira década do século XIX, é responsável por produzir a primeira geração romântica de literatos brasileiros, que foram os epígonos da difusão da cultura nacional. Em consonância com esse grupo, está D. Pedro II, que procura unificar a nação brasileira e vê na literatura, na produção escrita, uma forma de realizar seu desejo. Desse modo:

O imperador começou então o seu mecenato, nem sempre esclarecido, mas sempre cordial, em favor dessa geração que lhe vinha ilustrar o reinado. D. Pedro II, que por tantos anos devia ser a única opinião pública que jamais houve no Brasil, iniciou por esse tempo a sua ação, ao cabo

¹⁰² [j]’ai entrepris aussi la première traduction portugaise – d’après l’original – de *Mille et une nuits*, [...].

utilíssima, na vida intelectual da nação. Prezando-se de literato e douto, apreciou pelo seu povo incapaz de fazê-lo, e acoroçoou e premiou esses seus representantes intelectuais. Se não todos, a maioria da primeira geração romântica, com muitos outros depois dela, em todo o reinado, mereceram-lhe decidido patrocínio. (VERÍSSIMO, 1916, p.75)

Além do mecenato, o imperador entrou no mundo literário sobretudo por meio da produção de traduções, realizando, dentre as outras, a primeira tradução das *Mil e uma noites*. As considerações sobre essa tradução serão explicitadas no capítulo 5, referente a D. Pedro II e à tradução das *Mil e uma noites*.

Um século e alguns anos depois, surge a tradução de Mamede Mustafa Jarouche, professor do curso de Árabe da Universidade de São Paulo (USP). Essa tradução é realizada sob os paradigmas teóricos vigentes no século XX, que, como vimos anteriormente acima, primam pela transmissão da novidade, do estrangeiro. Segundo Jarouche, a tradução se atém ao original, é literal e sem cortes (JAROUCHE, 2005). As pesquisas para a referida tradução iniciaram-se em 2000, quando o tradutor realizou seu pós-doutorado no Cairo. Sua fonte de trabalho foram três volumes do manuscrito árabe da Biblioteca Nacional de Paris. Jarouche realizou um cotejo com as edições de Breslau (1825-1843), a edição de Būlāq (1835), a segunda edição de Calcutá (1939-1842) e a edição de Leiden (1984). Recorreu ainda a quatro manuscritos do ramo egípcio antigo, com a finalidade de apontar variantes de interesse para a história das modificações operadas no livro. O primeiro e segundo volumes da tradução são de 2005 e o terceiro, de 2007. Assim, ele apresenta o texto dividido em noites, as repetições no início de cada noite, como a frase: “E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar [...]”, toda a fraseologia religiosa, os dogmas islâmicos, como a *sahada* (chahada), “testemunho”, profissão de fé dos muçulmanos e o primeiro dos cinco pilares¹⁰³ do Islã. Além disso, Jarouche mantém a grande quantidade de versos, que foram para ele “um bosque de inquietantes sombras”, pois dificilmente se consegue atingir a “altura do original” ao traduzi-los (JAROUCHE, 2006, p.33). A métrica rigorosa e

¹⁰³ São a estrutura da vida do muçumano: a fé; a oração; ajuda ao necessitado (*zakat*); a autopurificação (*jejum*); e a peregrinação a Meca (Disponível em: <http://www.tendarabe.hpg.ig.com.br/religiao/os_cinco_pilares.htm>. Acesso em: 19 abr. 2010).

os problemas de legibilidade tornaram a tarefa extremamente complicada. Assim, ele optou por abrir mão da métrica, da rima em algumas ocasiões e trazer os hemistíquios separados por linha. Segue exemplo:

Vejo seus vestígios e me derreto de saudades,
vertendo copiosas lágrimas onde eles ficavam.
Peço a quem sofreu com sua perda que me
conceda a graça de os devolver. (Noite 56.^a. In:
JAROUCHE, 2006, p.174)

Outro ponto apresentado e discutido pelo tradutor brasileiro refere-se ao obsceno, que foi sempre um aspecto polêmico para os tradutores, como citado. Em entrevista para a revista *Cult* (2005), Jarouche afirma que traduziu tudo sem qualquer objeção, dessa forma, ele buscou garantir maior fidelidade ao original e proporcionar uma visão mais autêntica da sociedade, sobretudo da mulher islâmica.

Jarouche, nos textos sobre sua tradução,¹⁰⁴ aponta diversas episódios de censura por parte de editores e tradutores da obra árabe. Há situações hilariantes, como a do padre católico A. Salihani que publica no início do século XX, em Beirute, uma edição da obra. O padre, ao se deparar com a narrativa da traição do rei Shahzaman na primeira cena do livro, na qual o rei encontra sua esposa deitada num braço que nem um pedaço do seu pode ser e acaba matando ambos, benzeu-se. Após, fez uma alteração no texto: “encontrou a mulher sentada ouvindo um tocador de alaúde” (JAROUCHE, 2005, p.45). Outro padre, funcionário da Biblioteca do Vaticano, predecessor de Salihani, rasurou e raspou todas as obscenidades do segundo manuscrito mais antigo das *Noites*. Felizmente, como aponta Mahdi (1994), as palavras continuam legíveis com algum esforço. Digno de relato é ainda a edição de Zaydan, cristão libanês que viveu no Egito. Ele justifica no prólogo de sua edição: “Sabe-se que o grande valor desta obra reside em sua pintura dos antigos costumes do Oriente. Porém, o livro continha coisas que fariam mesmo um letrado envergonhar-se de tê-lo em sua estante; o que dizer então de uma mocinha virgem?” (apud JAROUCHE, 2005, p.45).

¹⁰⁴ Ah, Essa Deliciosa Entreperna... Alguns regimes de discurso sexual nas *Mil e uma noites* (REVISTA CULT, 2005). Algumas Obscenidades no *Livro das Mil e Uma Noites* (REVISTA LIVRO ABERTO, 1996). O *Livro das Mil e uma Noites*, Dilemas e opções de uma tradução (VEREDAS, 2007).

O tradutor brasileiro, em seu texto *Ah, Essa Deliciosa Entreperna* (2005), conduz a leitura para uma excelente definição do que é o obsceno nas *Noites*. Ele assinala que os pais fundadores da cultura muçumana consideram o conteúdo obsceno nos textos como fontes de divertimento. Jarouche cita um trecho do livro de crônicas de diversos gêneros de Ibn Qutayba (século IX) que alertava para:

Se chegares, caro leitor, a alguma história que mencione explicitamente uma vergonha qualquer ou genitália, ou que descreva algum ato libidinoso, que a tua piedade, ou afetação de piedade, não te leve a contrair a face e virar o rosto, pois os nomes dos órgãos não praticam nenhum crime; o crime está, isso sim, em caluniar, praticar falso testemunho e comer carne humana às escondidas [...]. Tenta compreender isso e distinguir entre os dois gêneros. (apud JAROUCHE, 2005, p.46)

Jarouche afirma que essas palavras são úteis na análise da primeira parte da história do carregador e as três moças de Bagdá, segundo ele, a mais obscena do núcleo antigo das *Noites*. Nessa história, após uma noite regada a muito vinho, as moças se despem e entram na piscina. Ao saírem, o carregador é forçado a dizer o nome de seus órgãos sexuais, e o mesmo sucede com ele, que as obriga a dizer o nome de seu órgão sexual. Conforme explica Jarouche: “a cena toda é cômica pela repetição exaustiva, em linguagem coloquial, de tabuísmos e de seus sinônimos, aos quais se impõem definições inocentes na aparência” (2005, p.46), no entanto, essas definições “constituem charadas obscenas” (2005, p.46). O carregador nomeia os órgãos das moças na seguinte ordem: “pensão de Abu Masrur”, “manjerição das pontes”, e “sésamo descascado”, já o do rapaz é “burrico espertalhão”, a justificativa é a que: o burrico “entra e sai da pensão de Abu Masrur, devora o manjerição das pontes e debulha o sésamo descascado”.

As considerações expostas acima, pelo tradutor Jarouche, mostram que o texto *das Mil e uma noites* faz parte de um gênero chamado *mujūn*. Esse gênero foi adotado pelos islâmicos como uma forma de tratar abertamente a questão do “obsceno”. Para eles, “se o erotismo invade a literatura, a arte, a vida cotidiana, é porque ele está integrado à visão islâmica do mundo, situando-se no coração da ética, e não à sua margem” (BOUHDIBA, 2006, p.167). A forma adotada, o *mujūn*, corresponderia:

[...] à arte de evocar as mais impudicas coisas e de falar delas de um modo tão agradável que se aproxima de um humor libertino. O *mujūn*, em princípio, não deveria ultrapassar a fala. De fato, ele é o fantasma presente graças à palavra. Ele é o onirismo, vivido coletivo e liberação pelo verbo. (BOUHDIBA, 2006, p.167)

Segundo Bouhdiba, esses textos não são traduzidos pelos orientalistas, “eles consideram obscenidade vulgar e sem propósito o gênero *mujūn*” (2006, p.169). O trecho¹⁰⁵ abaixo, extraído de *Sexualidade no Islã* (BOUHDIBA, 2006), dará melhor o exemplo do que seja o *mujūn*:

Certa vez o ministro disse-me: “Consagremos, pois, nossa presente noite ao *mujun*. Tomemos com entusiasmo as coisas agradáveis. O que é sério nos extenua. Vai, apresente-nos o que tens a dizer sobre isso”. Eu respondi: “Hasan, o Louco da cidade de al-kūfa, enquanto vários *mujjān* [praticantes do *mujun*] estavam juntos em sua casa para que cada um descrevesse os prazeres terrestres, disse: ‘Não descreverei senão o que eu mesmo experimentei’. ‘Pois que siga’, foi-lhe dito. ‘Eis meus prazeres: a segurança, a saúde, tocar as curvas lisas e brilhantes, arranhar o leproso, comer romãs no verão, beber vinho uma vez a cada dois meses, dormir com mulheres insensatas e meninos imberbes, caminhar sem calças entre os que não têm pudor, procurar polêmicas com os rudes, não encontrar resistência naqueles que amo, freqüentar os tolos, freqüentar como irmãos os fiéis e não procurar a companhia das almas vis”. (BOUHDIBA, 2006, p.168)

O *mujūn* era então o gênero adotado para dar divertimento, pois para os árabes a “alma necessita de alegria” (p.170), e assim cada categoria social tinha seu *mujūn*. São inumeráveis as descrições no

¹⁰⁵ Segundo Bouhdiba, o excerto foi retirado de um dos maiores alfaquis da época: Ṣalāḥ al-Dīn al- Ṣafadī, Kitāb al- Ġayt fī Ṣarḥ Lāmiyyat al- Ajam. O trecho traduzido, segundo o autor, faz parte da décima oitava noite.

Livro das Canções, das Pradarias de Ouro ou das Mil e uma Noites. Para os islâmicos, o *mujūn* é “um *carpe diem* permanente” (p.172), sendo possível encontrá-lo até hoje com as mesmas características.

Considera-se que as *Mil e uma noites* sejam um monumento do *mujūn* no mundo árabe, suas histórias são cheias de erotismo, do fantástico, “uma festa do real e do imaginário” (p.172), uma ligação entre o Eros e a vida, impossíveis de separação. No entanto, há de se considerar que nada é mais moral do que os contos de Šahrāzād, o desenrolar dos contos apresenta sempre piedade filial, justiça, honra, temor a Deus. Mesmo o amor carnal possui uma forte ligação de fé espiritual, “pois o amor é obra de Deus” (p.176):

Quanto mais se cultiva a carne, melhor se venera o Senhor e o culto de Deus é um chamado contínuo e lancinante para ainda saborear sempre as alegrias renovadas de um prazer, por essência, divino. O fervor da carne é um fervor de Deus. O que é ainda mais espantoso é que Šahrāzād nos convida a essa conversão não mascarando a sexualidade, enganando-se acerca das falhas das mulheres. Ao contrário, o realismo, a honra, a crueldade que existem e frequentemente exasperam o amor não estão mortos, mas expostos e desenvolvidos e, não raras vezes, de maneira crua. [...]. Pois os contos das *Mil e Uma Noites* são uma espécie de enciclopédia do sexo *avant la lettre*. (BOUHDIBA, 2006, p.179)

Para Bouhdiba (2006), “o *mujūn* aparece-nos como ápice da cultura árabe-mulçumana e os contos de *As mil e uma noites* perfazem-se como um monumento erguido à glória dessa unidade fundamental” (p.181). O estilo do livro das noites é, segundo a cultura árabe, obtido por meio de uma técnica estudada e refinada, com o objetivo de realizar em nós os desígnios de Deus. O erotismo existente no livro é uma invenção constante que denuncia e ultrapassa a angústia e ajuda a descobrir o prazer de viver. Talvez por esse motivo, tenha despertado (desperta) tanto interesse nos escritores (tradutores) e leitores do Ocidente e se tornado uma das obras traduzidas pelo imperador brasileiro no final do século XIX.

Como vimos, o livro das *Noites* após sua primeira tradução para o Ocidente desperta enorme interesse entre os leitores e escritores e se inicia um número considerável de traduções. Todos os países

culturalmente dominantes do Ocidente possuíam uma ou mais traduções da obra no século XIX. Cada uma dessas traduções apresenta as características dominantes da teoria de tradução vigente no período em que foram produzidas. A de Galland (1704) faz parte das *belles infidelis*, estilo vigente na França do século XVIII, a de Lane (1839) foi anglicanizada e puritanizada, como a Inglaterra do início do século XIX. A partir da metade do século XIX o estilo, ou seja, a teoria vigente, era a imposta pelos alemães, que buscavam a valorização do estrangeiro. E surgem as traduções de Payne e Burton, que primam pelo original árabe.

O Brasil, embora não se inserisse entre as grandes nações literárias do século XIX, obteve sua primeira tradução direta do árabe ainda no mesmo século, como vimos, realizada pelo imperador D. Pedro II, cujas características serão apresentadas no próximo capítulo.

A escolha imperial pela obra árabe estava, provavelmente, relacionada à forte influência do Oriente sobre o Ocidente naquele período. Grandes literatos e filósofos, como Hugo, Renan, Lamartine, bebiam da chamada fonte Oriental, e quem tivesse conhecimento das línguas orientais era visto como um erudito, o que era apreciado pelo imperador, devido a seu interesse de fazer parte da República Mundial das Letras, para dessa forma mostrar um Brasil civilizado, desenvolvido culturalmente.

A influência alemã é visível na tradução do monarca, sobretudo devido a seus professores de línguas orientais, que eram alemães. Presença marcante é a do professor Seybold, que o acompanhou até sua morte no exílio.

O conhecimento adquirido por D. Pedro II sobre a cultura do oriente, nesse caso, a árabe, e o domínio que possuía das línguas semíticas possibilitaram-lhe discussões filosóficas e científicas com renomados filósofos, antropólogos, cientistas europeus e americanos, o que o classifica como orientalista, egiptologista e arabista com trabalhos relevantes, como a tradução das *Mil e uma noites*, um clássico da literatura universal.

5 D. PEDRO II E A TRADUÇÃO DO LIVRO DAS MIL E UMA NOITES

5.1 ANÁLISE MACROESTRUTURAL

Este capítulo tem como objetivo expor as escolhas de D. Pedro II na sua tradução do livro das *Noites* árabes, portanto, retomaremos aqui a análise realizada na dissertação de mestrado indicada anteriormente, em que se efetivou o cotejo das duas traduções em português, uma do século XIX, de D. Pedro II, que merece ressalvas por ser uma tradução inacabada e não editada, sem correções, nem revisões de qualquer ordem; e a outra do século XXI, do professor Mamede Jarouche, sendo que este texto já foi revisado e editado. Essa análise da macroestrutura das duas traduções nos ajudará a apontar para um perfil de tradutor de D. Pedro II, destacando suas opções em relação ao texto fonte e ao contexto de chegada.

Na pesquisa efetuada na dissertação de mestrado sobre os manuscritos de tradução das *Mil e uma noites* de D. Pedro II, constatamos que há 84 noites traduzidas. O manuscrito de tradução se inicia na 36.^a e termina na 120.^a noite. O primeiro caderno, com data de 21 de janeiro de 1890, em Cannes na França, contém da 36.^a a 69.^a noite. O segundo caderno inicia-se em 10 de julho de 1890, também em Cannes, contém o final da noite 69.^a e termina na 120.^a noite. A última data assinalada nos manuscritos pelo tradutor é 09 de novembro de 1891, em Paris. Além de Cannes, a geografia da criação dessa tradução inclui ainda as cidades de Baden, Paris e Vichy. Nas pesquisas de campo realizadas em Petrópolis, no Arquivo do Museu Imperial, em 2008, 2010, 2011 e 2013, não se localizou a primeira parte do texto, que, segundo apontamentos do diário de D. Pedro II, foi escrita quando ele residia ainda no Brasil:

[...] Acabei de traduzir árabe depois de comparar a tradução dos Lusíadas em alemão com o original e de continuar a traduzir as *Mil e uma Noites* no original com o Seibold [...]. (ALCÂNTARA, 1999, p.543)

Há indicação de que essa primeira parte possa estar em arquivos particulares, pois o tradutor tinha por hábito emprestar ou dar de presente suas traduções. No diário, ele escreve, em 27 de novembro de 1890 (5a fa.), que emprestara a primeira parte de suas traduções das *Mil*

e *Uma Noites* para a família Mota Maia, para ser submetida à apreciação destes amigos, a saber:

Li a minha tradução do árabe do conto das Mil e Uma Noites, que está lendo a mulher do Mota Maia a esta e ao marido seguindo-a ela em francês, e parecendo a ambos boa a que eu fiz. Como continuei a minha tradução nesse livro em branco só lhes deixei o livro da minha tradução que está todo escrito e vou procurar o anterior para lhes emprestar também [...]. (ALCÂNTARA, 1999, p.878)

Um dos pontos mais significativos determinados na dissertação refere-se à confirmação da legitimidade das afirmações do monarca de que teria realizado uma tradução direta do árabe. Como constatamos na pesquisa, o texto utilizado por ele foi a edição de Breslau. Essa afirmativa está pautada em alguns dados significativos. Cita-se como exemplo a presença das palavras *muladjlidij, de ladjladj*” na 46.^a noite, transliteradas do árabe para o português pelo tradutor, e que se encontram justamente no manuscrito de Breslau. Segundo Jarouche, só é possível encontrar tais palavras nesse manuscrito. Outro dado que comprova essa afirmação é que no final da 72.^a noite, em 19 de julho de 1890, D. Pedro II escreve: “Acaba o volume primeiro da edição de Abicht”, e repete seis vezes a palavra acaba. Essa repetição ocorre porque no texto em árabe o autor formou um anagrama utilizando seis vezes a palavra acaba.

Figura 14 – Final da noite 72.^a da edição de Breslau (1825).

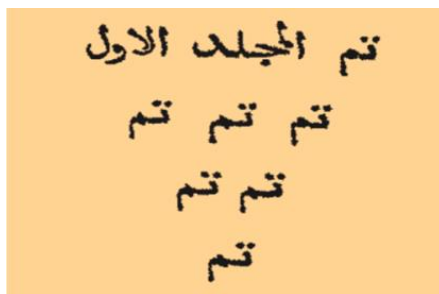
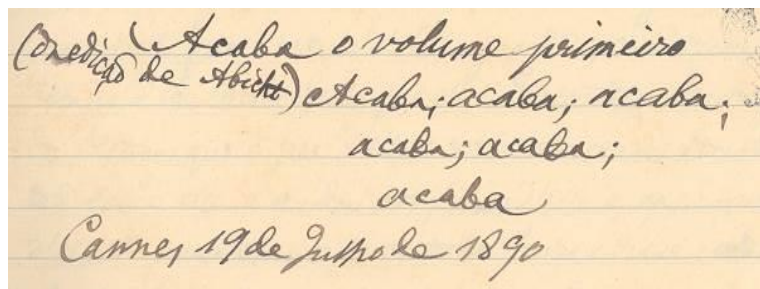


Figura 15 – Final do primeiro volume da tradução de D. Pedro II, F. D004 65f



Fonte: Arquivo do Museu Imperial de Petrópolis.

Como mencionado, a edição de Breslau foi compilada por Maximilian Habicht. Há ainda a carta que D. Pedro II escreve ao conde de Gobineau, em junho de 1876:

[...] O meu mestre de árabe, o Ministro da Áustria, partiu de férias, mas procurarei não perder o que já aprendi. Conheço algumas fábulas de Loqman, publicadas numa crestomacia. Traduzo os contos das *Mil e uma Noites*, que possuo na edição de Habicht. Meu dicionário é o Freitag, e a gramática onde aprendi a de Flaize. [...]. (apud LYRA, 1977, tomo II, p.104)

O organizador da edição de Breslau, Habicht, foi aluno do famoso orientalista Silvestre De Sacy, que desde 1796 foi professor de árabe da École Publique des Langues Orientales. Seus alunos dominaram o campo desses estudos por quase um quarto de século (SAID, 2007). Em 1825, Habicht foi lecionar na Universidade de Konigliche, em Breslau, e nesse mesmo ano ele publicou as *Noites* árabes, juntamente com Friedrich Heinrich von der Hagen e Karl Schall. Na introdução do livro, o tradutor diz ter realizado a tradução a partir de um manuscrito tunisiano, no entanto, as primeiras pesquisas sobre o texto de Habicht, como a apresentada por Duncan MacDonald, postulam uma conexão entre os manuscritos de Sabbagh, Chavis¹⁰⁶ e a edição de

¹⁰⁶ Michel Sabbagh e Chavis foram orientalistas que traduziram o livro das *Noites* a partir de manuscritos falsificados por eles ou compilados a partir de manuscritos já existentes, como os de Galland. Sabbagh dizia ter utilizado para sua tradução um manuscrito de Bagdá que não existiu (cf. MAHDI, 1994).

Breslau (MAHDI, 1994). No início de seu trabalho sobre as *Noites*, MacDonald fez uma extensa investigação do texto de Habicht, a única edição “completa” das noites publicadas na Europa naquele período. Como ele constatou na pesquisa, a coleta de material e a transcrição para a edição levaram alguns anos, seguindo-se então a publicação dos primeiros oito volumes, em 1824-1838. Após a morte de Habicht, Fleisher publicou os últimos volumes em 1842-43. Na avaliação de MacDonald, Habicht deve ser descrito realmente como o compilador de uma recensão das *Noites*, e não como o editor de uma recensão existente. Segundo Mahdi (1994), MacDonald ficou impressionado com a estreita ligação entre a edição de Breslau e o manuscrito de Galland, do qual ele possuía uma cópia fotográfica. Já sobre a relação entre as traduções de Chavis e Sabbagh com a edição de Habicht, MacDonald não chegou a conclusões definitivas, pois ele não analisou o material na íntegra. As edições de Bulaq (1835), a 1.^a e a 2.^a de Calcutá, e a edição de Breslau figuram como as únicas que não são reimpressões ou revisões de edições anteriores. Cada uma resulta de uma maneira diferente de forjar o trabalho completo das *Noites*.

Maximilian Habicht viveu em Paris entre 1797 e 1807, como secretário da Legação Prússia, tornou-se amigo de Bocthor e Sabbagh, quando eles chegaram a Paris em 1801. Além desses, que também realizavam transcrições das *Noites*, Habicht conheceu um judeu da Tunísia, chamado Mordecai ibn al-Najjar, e viveu alguns anos na mesma casa que ele. Após retornar para Breslau, Habicht preparou sua edição alemã das *Noites*, considerada uma colcha de retalhos por MacDonald: o alemão reúne extensões das *Noites* de Gauttier, Galland e Caussin. Ele completa seu trabalho com o manuscrito escrito por seu amigo Mordecai, e sua intenção era compilar uma edição completa das *Noites*. O método utilizado por Habicht era, nas palavras de MacDonald, “não tão absolutamente condenável quando aplicado à tradução” (apud MAHDI, 1994, p.94), mas, quando Habicht seguiu essencialmente o mesmo método para publicar as noites árabes, ele produziu um texto confuso. A edição de Breslau não contém uma cópia completa da tradução de Galland, nem da de Chavis (copiada de Galland) ou da de Sabbagh, mas Habicht utilizou uma grande parte dos manuscritos de Galland, e quando achou necessário preencher lacunas desse manuscrito buscou auxílio nos manuscritos de Chavis e Sabbagh, por estarem mais legíveis ou por preencherem lacunas do manuscrito de Galland. A maioria dos escribas analisava as três versões para compor as suas próprias (MAHDI, 1994).

Após a edição do artigo de MacDonald sobre a edição de Breslau, Habicht foi acusado de falsificação, por dizer que existia um manuscrito tunisiano, que, no entanto, havia sido escrito por ele. Contudo, sua edição das noites contém um material mais autêntico do que diversas outras edições (MARZOLPH, 2007).

Embora tenha sido considerada uma fraude, a edição de Breslau foi e ainda é utilizada por tradutores do livro das *Noites*, como Burton, Weil, D. Pedro II e Jarouche. Os cotejos entre as traduções brasileiras dos dois últimos autores citados nos possibilitaram verificar que a tradução de D. Pedro II buscou seguir o texto de Habicht fielmente, como demonstraremos a seguir. Apesar de ser uma primeira versão e não estar pronta para ser impressa, necessitando ainda de revisões por parte do tradutor, consideramos que a tradução do monarca obedece a um modelo estrangeirizante de tradução, pois mantém nomes, lugares e a própria sintaxe do árabe.

Em relação ao número de noites,¹⁰⁷ a tradução do monarca mantém a mesma sequência que Jarouche manteve, até a noite 102.^a, na história do Corcunda do Rei da China. Nessa parte da narrativa, há uma sintetização da história. A edição de Breslau – utilizada por D. Pedro II –, que como visto se valeu de outros manuscritos, diferencia-se do “manuscrito-base”¹⁰⁸ utilizado por Jarouche. Essa sintetização ocorre no detalhamento dos fatos, e o “manuscrito-base” é mais pormenorizado que a edição de Breslau. Estão presentes os mesmos personagens e fatos, porém, com uma narrativa menos detalhada.

¹⁰⁷ Lembramos que, dependendo do manuscrito utilizado, há variação não só no número de noites, mas também nas histórias que correspondem a eles.

¹⁰⁸ Jarouche utilizou como base para sua tradução três volumes do manuscrito “Árabe 3609-3611” da Biblioteca Nacional de Paris (cf. JAROUCHE, 2006, p.32).

Figura 16 – Trecho da transcrição do F. D04 111f

A noite segunda e centesima
 Disse Schahrazad: dizem, oh rei que foi na cidade de Basra e kasch-gār homem alfaiate e foi-lhe (tinha) amiga bonita conveniente a elle e eis o alfaiate foi sentado na loja e eis homem corcunda veio ao lado da loja d'elle e sentou cantava e tocava o adufe que tinha e disse o alfaiate e não (ha) mau que tome este corcunda nesta noite hospede e riremos sobre (de) elle. E surgiu o alfaiate e disse ao corcunda: é a ti (queres) que venhas commigo para a casa de mim e sejas-me hospede nesta noite, e disse o corcunda : sim oh (que) excellente isto que verificação-se os sonhos. Então eis o alfaiate e veio com elle a casa. Disse o alfaiate: e puz defronte d'elle cousa de peixe que tinha e sentámos, comiamos, e tomei pedaço do peixe e fiz-lh'o escorregar no paladar d'elle e cahiu na garganta d'elle e morreu logo;e temi,[...]

Figura 17 – Fragmento de tradução de O corcunda do rei da China, de Jarouche

O CORCUNDA DO REI DA CHINA

Conta-se, ó rei, que vivia na China, na cidade de Kashgar, um alfaiate que tinha uma bela mulher, [compatível com a sua condição e que lhe satisfazia todas as prerrogativas]. Sucedeu que ambos saíram certa feita a fim de passear e espalhecer num parque, e ali passaram o dia inteiro brincando e folgando.

No final da tarde, no caminho de volta para casa, toparam com um corcunda meio maluco e divertido, vestido com uma túnica de mangas duplas e colete de bordados coloridos, à moda egípcia, usando um lenço florido enrolado no pescoço, gibão colorido e trazendo na cabeça um chapéu recheado de âmbar, com fitas verdes e sedas amarelas entrelaçadas. Era um corcunda baixote, tal como disse a respeito o poeta Antar na seguinte poesia:[...] Com um pandeiro nas mãos, o corcunda tocava e dançava, improvisando canções alegres com desenvoltura e espontaneidade. Ao verem-no, aproximaram-se e constataram que ele estava embriagado, completamente embriagado. Enfiou o pandeiro debaixo do braço e começou a bater palmas para marcar o ritmo, enquanto declamava a seguinte poesia:[...]

E aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar. [...]

Fonte: JAROCHE, 2006, v.I, p.267-8.

A descrição dos ambientes das *Noites* se caracteriza por manter as características originais desses lugares: eram abastados e possuíam as especificidades da cultura árabo-islâmica. Como se observou anteriormente, alguns tradutores do século XVIII e XIX buscaram aproximar a descrição desses ambientes às representações típicas do ocidente: por vezes aumentaram a cor local, criando assim mundos maravilhosos. Além da descrição dos ambientes, é frequente também nas *Noites* a descrição dos costumes e da comida do povo árabe, dado também alterado por muitos tradutores, como é o caso de Galland, citado por Cansinos-Asséns (1992):

Em suas refeições servem pratos franceses, e o doce de casca de romã, na cozinha de Galland, se transforma em uma torta de creme «Tarte á la crème». (1992, p. 37, trad. nossa e de Ana Sackl)¹⁰⁹

Na tradução de D. Pedro II, vemos que ele opta por manter tanto os ambientes como os costumes e as comidas da maneira como se encontram no texto fonte. Os exemplos abaixo são partes das transcrições dos manuscritos tradutórios do monarca e referem-se respectivamente a um objeto musical típico dos países árabes, o alude; ao *zirbadj*, que é um prato típico dessa mesma região; e ao costume mulçumano que diz que se devem pegar os objetos e sobretudo se alimentar com a mão direita.

Figura 18 – Trecho da transcrição do F. D04 126 v

de ti cento e vinte vezes? Disse: sapei que o pae de mim dos
maiores mercantes de Bagdad nos dias do Kalifa Harim-al-
rachid e foi apaixonado a beber o vinho e a ouvir alaúde e
morreu e não me deixou cousa e fiz-lhe exéquias e li leitura
e fui triste sob e elle d?/s. Então depois d'isto abriu loja e achei-

¹⁰⁹ *En sus comidas les sirven manjares franceses, y el dulce de pipas de granada en la cocina de Galland se convierte en una «Tarte á la crème».*

Figura 19 – Trecho da transcrição do F. D04 126f

quando foi a noite passada fui com homens que lião a leitu-
ra (do coran) e reuniram os juriconsultos e multidão
 da cidade. E quando leram estenderam a toalha e puzerão de toda
grandes dos habitantes
 da composta de assucar de amendoas a, comida, zirbãdj e (comi
è de vinagrè. E olhou-
 a um de nós e conteve-se e recusou-se de comer a zirbadj
 e conjuramol-o e jurou elle não comer d'ella e expro-
bramos-lhe e disse: não forceis

Figura 20 – Trecho da transcrição do F. D04 117v

Dizem, oh rei, que o nazareno disse: e quando acabámos despejei sobre
 a agua e offereci-lhe cousa enxugasse com ella (as mãos) e
 sentamos para conversa depois que propuz-lhe cousa de
 doce e disse-lhe oh, senhor de mundo, /desculpa?/de mim afflicção
 porque comeste commigo com a mão e esquerda talvez
 direita cousa de /doente?/ quando o moço chorou e reci-

Sobre o uso do verbo de elocução “dizer” o imperador prefere manter a forma do texto fonte. Alguns tradutores optam por excluir essa característica, por entender que a repetição torna o texto fastidioso. Em sua tradução, Jarouche preferiu variar o verbo, “uma vez que os personagens são autênticas máquinas de ‘dizer’” (2006, p.35). Seguem algumas ocorrências desse verbo nas traduções de D. Pedro II:

[...] Chegou-me oh rei feliz que os grandes de Basra **disserão** [...].

(Trecho de transcrição do F. D04 69f)

[...] cada uma d'ellas que fosse dormindo no seio d'elle e as mulheres **disserão**: não convem esta juventude senão à desposada de nos [...].

(Trecho de transcrição do F. D04 80v)

[...] Chegou-me oh rei potente que a moça **disse:** quando foi recebido (por Allah; morreu) o geradòr (pae) de mim [...].

(Trecho de transcrição F. D03 51f)

Acerca dessas fórmulas fixas, que nas *Mil e uma noites* se caracterizam pela repetição da frase que encerra as noites quando a narradora Šahrāzād percebe que está clareando o dia, D. Pedro II opta por mantê-las. Jarouche utiliza a frase: “E a aurora alcançou Šahrāzād, que parou de falar.” Enquanto D. Pedro II utiliza: “E percebeu Schahrāzād a manhã e calou do conto e no amanhã disse”. Já os trechos da fala de Dīnārzād, no fim e início das noites, no qual a mesma pede à irmã Šahrāzād que continue a história, não estão presentes em todas as noites da tradução de D. Pedro II. Porém, isso se deve ao texto original utilizado por ele, em que essa personagem aparece mais nos contos iniciais, depois sua voz acaba por desaparecer, ou seja, progressivamente perde a importância, a ponto de ser ignorada em eventuais fórmulas fixas. No manuscrito de D. Pedro II, encontramos essas fórmulas sendo utilizados até o F. D03 58 v:

Figura 21 – Trecho da transcrição do F. D03 58v

Disse Dinarzād (por Duniāzād)á irman d’ella Schähra-|
zād:oh irman de mim, por allah, esta (é) historia bella
bonita não ouvia-se com esta jamais. E porem conta-me
historia outra para acabemos o que resta da vigi-
lia da noite de nós esta. Disse Schährazad:com
prazer e gosto se permite o ~~rei~~ ^{El-rei}. Disse el-rei:
conto a historia ^{de ti} e faz pressa. Disse Schährazad:
dizem, o rei do tempo e senhòr da idade e da epocha
que o kalifa Hārūm-al-~~de Sana~~ Raschid o orthodo-
xo chamou noite de algumas noite ao vizir d’elle Dja-
far e disse-lhe: quero vamos para a cidade e ouça

Outra característica importante do texto refere-se aos versos poéticos contidos nas *Mil e uma Noites*, em algumas traduções eles foram removidos. Segundo Codenhoto (2007), muitos desses versos são inseridos para enaltecer o sentimento do herói, ou como canções entoadas em festins ou eventos artísticos, ou ainda para mostrar a

cultura e o pensamento dos personagens. São versos repletos de emoção que refletem a realidade do cotidiano, os acontecimentos das cortes dos califas, das tertúlias literárias dos mecenas, da vida do povo. Nesses versos, encontramos a sensibilidade da raça, seu temperamento dinâmico, sua impressionabilidade diante dos eventos, seus rompantes sentimentais. São escritos num registro alto e destoam da linguagem coloquial do restante do texto; devem sua frequência aos transe emotivos pelos quais passam os personagens no decorrer das histórias. Proporcionam ao leitor tomar conhecimento sobre o caráter pessoal da lírica árabe, sempre passional e impulsiva. Segue exemplo:

Figura 22 – Trecho da transcrição do F. D03 19v

Quando abriste o tinteiro da gloria e da graça
 E faze a tinta de ti de generosidade e de nobreza
 E escreve com bom quando foste possante
 testemunhe a excellencia a ponta da espada e
 Disse então Deus o rôlo (~~o~~ dardj d^{da penna} onde vem tarjeta)
 E já espantaram-se do feito de mim e tomaram e rôlo

Figura 23 – Tradução de Jarouche

!Se abrires o tinteiro da fama e do conforto,
Seja tua tinta de nobreza e generosidade,
E escreve o bem se para tanto tiveres poder:
Será prova da tua bondade o fio da espada e do cálamo”.

Fonte: Jarouche, 2006, p.155.

Em alguns momentos, há grande proximidade entre os textos de Jarouche e do monarca, como podemos ver no trecho a seguir:

Figura 24 – Trecho de transcrição do manuscrito D. Pedro II F. D03 38f

Balancêa como ramo de salgueiro ^{elle o vento} passa com
 E ella anda e que mais elegante e mais appetecivel mais
 E brilhão ^{dôce} os dentes de diante (incisivo?) d'ella
 E imaginamos o brilho do relampago ^{quando sorri-se} (bark; heb. barak
 Ham ilcar Barca) que avisinha estrella. (Kaukab;
 E solta do cabello preto tranças (dzuâba; ? de dzâba
 E torna a manhaã parte da noite em escuridão
 E quando manifesta o rosto em trevas ^{em}
 Faz resplandecêr-nos os sereá oriente e em occidente
 É comparada com o ramo magnífico <sup>por igno-
rância</sup>
 E em vão o olhar d'ella compara-se com as gazel-
 las
 De onde a gazella bonita o talhe d'ella
 E o trato d'ella lavado (polido) é boa de trato
 E os olhos d'ella largos os matantes no amòr
 Aprisionão o assassinado, enamorado
 Inclinei (me) a ella ^{atormentado} (com) inclinação pagan
 E não (ha) espanto para ^{com} o adoentado, ^(djâhiti) namo-
 rado se inclinou-se


Figura 25 – Tradução de Jarouche

“Ela se dobra como haste de salgueiro maduro
e se agita: que linda! que deliciosa! que doce!
Seus dentes incisivos aparecem quando sorri,
e cremos que relampejam e conversam com uma estrela;
quando dos negros cabelos ela solta as tranças,
a alvorada se torna parte da noite espessa;
mas quando seu rosto aparece em tal escuridão,
nos ilumina os universos a oriente e a occidente;
é por ignorância que a comparam à mansa gazela,
nem seu bebedouro fica com gosto do mel;
seus grandes olhos matam de paixão,
deixam morto o torturado apaixonado.
Senti por ela uma atração ensandecida e ímpia,
E não admira que o efusivo enfermo se apaixone”.

Fonte: JAROUCHE, 2006, p.179.

A religiosidade do texto é mantida na tradução do monarca, tanto a fraseologia quanto as práticas religiosas estão presentes. Com relação a Sahada – dogma fundamental do islã – o tradutor mantém a forma do texto fonte. Embora em algumas passagens ele utilize a forma Deus, em outras Allah, o supremo, ainda não se identificaram critérios para a seleção de um ou de outro termo ao longo de sua tradução. Por exemplo:

Figura 26 – Trecho da transcrição do F. D03 28f

Chegou-me que kalandari: quando vi o caminho
 rezei em nome de allah e subi a montanha pouco
 pouco e ajudou-me allah o supremo no subir e 
 escapei e fui no mais alto da montanha e não foi-me
 lugar senão a cupola e folguei da salvação de mim
 e entrei-a e lavei-me e rezei genuflexões(fazen-
 do genuflexões)e agradei allah o supremo sobre (da)
 a salvação de mim. Então sob a cupola imminente


O filho de mim e intercedo por ti até faça-te vizir no lugar de mim e fica-
 rei em casa de mim, porque eu por Allah, oh filho de mim já languet-
 ço e canso e é grande a idade de mim e torno-te filho  man-
 darás a (na) riqueza de mim e no vizirado de mim na provincia de

Figura 27 – Trecho da transcrição do F. D04 69f

Nessa parte final da análise da macroestrutura, faremos algumas considerações sobre uma das características mais polêmicas na tradução do livro árabe: a questão do “obsceno”. Lembramos que essa questão é vista de distintas formas no Ocidente e no Oriente. Os orientais têm um modo peculiar de apreciar esses trechos, são vistos como diversão, para eles, o pudor tem outro sentido.

Em culturas orientais, tal como na Índia, os templos são ornamentados com cenas de casais ou grupos de indivíduos mantendo

relações sexuais. A literatura oriental apresenta manuais sobre a arte do sexo, inicia os indivíduos em diversas técnicas sexuais, como “diferentes maneiras de deitar no leito” ou “mordida erótica”. Para eles, o indivíduo só encontrará harmonia se equilibrar três modalidades, a saber:

[...] o dharma, obediência ao mandamento shastra (escritura sagrada dos hindus); a artha, aprendizagem das artes, aquisição da terra, ouro, gado, carruagens, amigos; e o Kama, que é o gozo dos objetos acessíveis aos cinco sentidos e tem como objetivo máximo o prazer. (BRANCO, 1984, p.86)

A visão que construímos a respeito da expressão de algumas culturas do oriente opõe-se firmemente àquela de orientação judaico-cristã. O Islã, por sua vez, parece não procurar depreciar, ou mesmo negar o componente sexual, conferindo a ele sentido grandioso e concedendo-lhe importante investidura transcendental, de modo que a sexualidade não seja penalizada (BOUHDIBA, 2006, p.8).

Temos no Alcorão a visão de que tudo é duplo, a ambivalência é o querer de Deus, e a sexualidade, que é a ligação entre “macho e fêmea”, teria sua fonte na vontade divina universal:

Tudo gira em torno da noção de Zawj (par), que adquire um relevo significativo. O dicionário medieval Lisân al-‘Arab, de Ibn Manzur, insiste no fato de que a dualidade inclusa no conceito remete sempre simultaneamente à paridade e à oposição dos sexos. Azwāj é a unidade disso que tem em qarin (companheiro). Azwāj é dois. A diversificação e seu corolário, a copulação, estão aqui no centro da análise e próprio Ibn Mazur remete-nos ao Alcorão: “Allâh criou os dois Zawj, o macho e a fêmea”, “de toda coisa nós criamos um Zawj, um casal”. A letra e o espírito entendem-se, assim, para dizer que a copulação é uma lei universal no mundo. (BOUHDIBA, 2006, p. 21)

A visão islâmica (Alcorão) sobre a questão sexual é a de que as relações sexuais são complementações e produzem alegria, sendo responsáveis pela reedição da criação. A partir dessa visão alcorânica é

possível encontrar no próprio Alcorão minuciosas informações sobre a “gênese do embrião”:

Os homens experimentados afirmam que o esperma depositado no útero se transforma inicialmente em uma pequena bola arredondada, tendo como cor original o branco. Isso durante seis dias. No centro dessa bola aparece na seqüência um ponto de sangue. Esse ponto será a confluência das almas (multaqà al-arwâh). Quando a criação se conclui esse será o coração. [...] Esses três órgãos (coração, cérebro e fígado) diferenciam-se uns dos outros [...] Nove dias depois a cabeça separa-se dos braços e os membros dos lados e do tronco. Essa diferenciação é muitas vezes sensível, outras não, ao termo de quarenta dias [...]. (BOUHDIBA, 2006, p.22-3)

Bouhdiba, no seu livro *A sexualidade no Islã*, utiliza a ideia de Eros, ele diz que a sexualidade é ligada a toda amplitude humana, é “total e totalizante”, há uma ligação entre o que é espírito e o que é carne, o psicológico e o social, o real e o imaginário. Segundo ele, “A pulsão do Eros reina por tudo. Onde há vida, há desejo; há Eros. A ligação fundamental é de essência erótica”. Para os islâmicos, o sexo, ou a função sexual, é uma função sagrada, e “Aceitar seu sexo é aceitar ser testemunha de Allâh” (BOUHDIBA, 2006, p.26-9). A visão islâmica da sexualidade visa à assunção, não à negação. O amor mulçumano poderia ser considerado um amor sem pecado, um amor sem culpa, no qual a fruição e a responsabilidade seriam co-extensivas. Pela sexualidade se realizaria a unidade fundamental da carne e do espírito.

Essa posição do mundo islâmico se oporia, então, à ótica ocidental-cristã, na qual a sexualidade parece, por vezes, ser negada. Trata-se de uma sexualidade marcada por heranças judaico-cristã, repleta de sentimentos de culpa, não contemplando o espírito, mas prioritariamente aquilo que é da ordem do “carnal”. Essa ideia do pornográfico, do obsceno, surge com mais rigor no Ocidente a partir do século XVIII, e como coloca Cansinos-Asséns (1992), em textos de nossos escritores da Idade Média, até mesmo do início da idade de ouro, como em Cervantes, Rabelais, Chaucer, em que encontramos palavras e frases que se escreviam e diziam sem que se ferisse a sensibilidade

moral, mas que hoje ferem. Os orientais ainda não chegaram a essa concepção.

A presença dessa característica marcante da obra na tradução de D. Pedro II está vinculada, a nosso ver, ao amplo conhecimento da cultura árabe que ele possuía, e por isso tratou o tema como um árabe trataria. Como sugere Mardrus sobre a intenção pornográfica na literatura árabe, no prólogo de sua tradução:

A literatura Árabe ignora totalmente esse produto da velhice espiritual: a intenção pornográfica. Os árabes vêem todas as coisas no aspecto hilariante; o seu sentido erótico só conduz à alegria e eles riem de verdade, como as crianças, ali onde um puritano gemeria de escândalo [...] (MARDRUS, 1900, p.XXI)¹¹⁰

Para ilustrar a questão, serão expostos abaixo alguns dos excertos da tradução de D. Pedro II que foram comparados aos textos de Jarouche, que primou pela fidelidade, e a trechos de Galland, que optou pelo decoro da época em que traduziu, censurando-os em sua tradução. Segue abaixo o cotejo entre os trechos selecionados.

Quadro 3 – Análise do obsceno: Noite 42.^a, história do primeiro dervixe

Galland (1965)	D. Pedro II (1890)	Jarouche (2006)
[...] um ar nobre, tão à vontade, e uma beleza tão extraordinária [...] ¹¹¹ (p.156)	[...] brilhante como a perola pura ou o sol resplandecente, a falla d'ella cura os pesares [...] assentada de mamas bonitas de face ennobrecida [...] (F. D03 9f)	[...] magnífica como pérola reluzente ou sol brilhante, e cujas palavras curavam a angústia [...], seios firmes, rosto suave [...] (p.142)

¹¹⁰ *D'ailleurs, il est totalement ignoré de la littérature arabe, ce produit hideux de la vieillesse spirituelle: l'intention pornographique. Les Arabes voient toute chose sous l'aspect hilarant. Leur sens érotique ne mène qu'à la gaieté. Et ils vient de tout coeur, là où le puritain palperait du scandale [...]* (trad. nossa).

¹¹¹ *un air noble, si aisé, et une beaultté si extraordinaire [...]* (trad. Noêmia Soares).

Notemos que, na descrição física da personagem, tanto D. Pedro II quanto Jarouche buscam descrever os dotes físicos, nesse caso, os seios da personagem, além de manterem a descrição física associada ao cosmos, descrição essa comum nas *Mil e uma Noites*. Apesar de não haver nesse trecho obscenidade explícita, consideramos que a descrição do seio remete ao erótico, visto que Galland simplesmente realiza uma descrição abstrata, valorizando aspectos mais gerais, não se atém a descrições físicas, utiliza termos sugestivos, mas evasivos, como “a beleza extraordinária”.

Quadro 4 – Análise do obsceno: Noite 44.^a, história do primeiro dervixe

Galland (1965)	D. Pedro II (1890)	Jarouche (2006)
[...] você é uma mentirosa, uma descarada [...] (p.160) ¹¹²	[...] pesou sobre mim a cabeça de mim e caí sobre a capota. Disse o ifrit: mentes prostituta. (F.D03 17f)	[...] mas minha cabeça pesou e caí sobre a soleira. O ifrit disse: “Você está mentindo, sua puta!” [...] (p.145)

Nesse trecho, temos com Jarouche o uso de palavra de baixo calão. Ao designar a mulher como puta, o tradutor utiliza um termo associado a culturas inferiores, ao que é ilícito. D. Pedro II utiliza um termo mais formal, porém, acarretando o mesmo efeito. A variação do termo entre os dois tradutores ocorre em níveis linguísticos formais e informais, o significado é reproduzido igualmente, sendo a palavra prostituta utilizada formalmente para designar uma “profissão” ilícita. Galland, por sua vez, prefere manter o *bienséance et délicatesse*, e classifica a mulher como mentirosa, o que caracteriza uma adaptação para um termo que o tradutor considerou ofensivo, o que propiciou tal alteração.

Quadro 5 – Análise do obsceno: Noite 59.^a, história do terceiro dervixe

Galland (1965)	D. Pedro II (1890)	Jarouche (2006)
[...] “Escolha, entre todas nós, aquela que mais lhe agradar e leve-a	[...] e disserão: Oh senhor de nós, escolhe de nós quem pernoitarás	[...] Elas disseram: “Escolha dentre nós, senhor, aquela que desejar para

¹¹² *Vous êtes une impudente, une menteuse.* (trad. Noêmia G. Soares).

para cama com você [...] ¹¹³ (p.211)	contigo a noite [...] (F. D03 19v)	passar a noite com você [...]”. (p.179)
--	------------------------------------	--

Em relação a esse fragmento, percebe-se que os tradutores brasileiros (D. Pedro II e Jarouche) utilizam uma linguagem tácita, o ato sexual não está explícito, mas subentendido, pois a escolha dos termos: “pernoitarás” e “passar a noite” não remetem diretamente ao ato sexual, mas possibilitam a alusão a ele. Na versão francesa, encontramos a opção do tradutor similar à opção dos tradutores portugueses, não há um decoro maior de Galland para esse trecho.

Quadro 6 – Análise do obsceno: Noite 82.^a (D. Pedro II, Jarouche). Noite 80.^a (Galland), história *Os vizires Nûruddîn Ali, do Cairo, e seu Filho Badruddîn Hasan, de Basra*

Galland (1965)	D. Pedro II (1890)	Jarouche (2006)
[...] Enquanto o gênio encorajava desse modo Bedreddin e o instruía sobre aquilo que deveria fazer [...] ¹¹⁴ (p.292)	[...] e surge? a ella e entra sobre ella e tira a virgindade d’ella. (F. D04 16f)	[...] Fique com ela, consume o casamento e extirpe-lhe a virgindade. (p.236)

Considera-se aqui que o obsceno se encontra na ação solicitada ao personagem, extirpar ou tirar a virgindade, ambos os tradutores brasileiros expressam claramente a ordem do gênio, o que não é expressado na tradução de Galland, pois este se limita a dizer que Bedreddin recebe instruções de o que deve fazer. Podemos afirmar que essa ordem do gênio agride as convenções sociais, sabemos que um casamento se consuma na relação sexual, porém não expressamos isso publicamente, é um assunto *ob skene*, ou seja, tratado fora de cena.

Quadro 7 – Análise do obsceno: Noite 82.^a (D. Pedro II, Jarouche). Noite 80.^a (Galland), história *Os vizires Nûruddîn Ali, do Cairo, e seu Filho Badruddîn Hasan, de Basra*

¹¹³ [...] choisissez de nous toutes celle qui vous plaire davantage, et la menez coucher avec vous (trad. Noêmia G. Soares).

¹¹⁴ [...] Pedant que le génie encourageait ainsi Bedreddin et l’instrusait de ce qu’il devait fair [...] (trad. Noêmia G. Soares).

Galland (1965)	D. Pedro II (1890)	Jarouche (2006)
<p>O corcunda tinha realmente saído da sala. O gênio introduziu-se onde ele estava, assumiu a aparência de um grande gato preto e pôs-se a miar de uma maneira amedrontadora. [...] a este objeto, quis gritar por socorro, mas o pavor o tinha de tal maneira tomado que ele permaneceu com a boca aberta sem poder proferir nenhuma palavra. [...] ¹¹⁵ (p.292)</p>	<p>[...] o corcunda já saíu pela porta e entrou na retirada (Khala = solidão = latrina) e cagou na barba d'elle e os excrementos descendo do canal d'elle [...] E o corcunda se tremeu e sentou (estava) assentado sobre os buracos e cagou nos vestidos d'elle. (F. D04 85 f e 85v)</p>	<p>[...] o corcunda saiu pela porta e entrou no banheiro, onde tanta merda lhe escorreu do rabo que ele se sujou até a barba. [...]. O corcunda ficou a princípio assustado, e depois tão amedrontado que a merda começou a lhe escorrer pelas pernas. (p.236)</p>

Esse excerto se distingue por não estar relacionado diretamente ao sexo, característica mais forte do obsceno, mas por possuir palavras de natureza escatológica que ferem ao pudor que, convencionalmente, possui suas restrições. Termos como “cagou, rabo, merda” estão relacionadas ao que Bataille (1987) considera baixeza, ao mundo da queda, são termos que se encaixam naquilo que é imundo, sujo, grosseiro. Galland, mais uma vez, não se reporta a esses termos, ele simplesmente traduz a aparição do gato e o miado apavorante que produziu medo no corcunda.

Quadro 8 – Análise do obsceno: Noite 82.^a (D. Pedro II, Jarouche). Noite 80.^a (Galland), história *Os vizires Nūruddīn Ali, do Cairo, e seu Filho Badruddīn Hasan, de Basra*

Galland (1965)	D. Pedro II (1890)	Jarouche (2006)
----------------	--------------------	-----------------

¹¹⁵ [...] *Le bossu etait veritablement sorti de la salle. Le génie s'introduisit où il était, prit la figure d'un gros chat noir et se mit a miauler d'une manière épouvantable* (trad. Noêmia G. Soares).

<p>Eu não esperava, disse-lhe ela, uma surpresa tão agradável, e eu já tinha me condenado a ser infeliz para todo o resto de minha vida. Mas minha felicidade é tanto maior quanto mais eu tiver em você um homem digno do meu carinho. Bedreddin, por sua vez, fascinado por se ver possuidor de tantos encantos, despiu-se prontamente. Ele colocou sua roupa em uma cadeira e a bolsa que o judeu tinha lhe dado, que ainda estava cheia, apesar de tudo o que havia tirado dela. Ele também tirou o turbante para colocar um outro apropriado para a noite que tinha sido preparado para o corcunda; e foi para a cama vestindo camisa e cueca. A cueca era de cetim azul e amarrada com um cordão de ouro [...]¹¹⁶. (p.294)</p>	<p>[...] E quando ouviu a Senhora da beleza isto riu ella e disse: presente è Allah regosijaste-me e extinguieste o fogo de mim oh senhorzinho de mim toma-me perto de ti e aperta-me ao seio de ti. E foi ella com não (sem) calças, e surgiu Hasan o outro (de sua parte) tirou as calças d'elle e desatou a bolsa de ouro [...] e ficou em camisa e barrete (kubba) e elle hesitava e surgiu a moça senhora-da-belleza e puxou-o para ella e disse-lhe alongaste para mim (tardaste-me) enriquece-me com a união de ti e faze-me gozar da beleza de ti [...]. (F. D04 86 v)</p>	<p>Ao ouvir aquilo, Sittulhusni riu e disse: “Por deus que você me alegrou e apagou o fogo que me consumia, meu senhorzinho. Tome-me em seus braços e me estreite em seu regaço”. Como ela já estava de calções, Badruddin Hasan, por seu turno, tirou os seus, [...], ficando somente de túnica e barrete; como ele se mostrasse hesitante, a jovem Sittulhusni tomou iniciativa, atraindo-o para si e dizendo: “Meu querido, você está demorando! Socorra-me com seu toque! Delicie-me com a sua formosura!” [...]. (p.237)</p>
---	--	---

¹¹⁶ *Je ne m'attendais pas, lui dit elle, a une surprise si agreable, et je m'etais deja condamnée a etre malheureuse tout le rest de ma vie. Mais mon bonheur*

Esse segmento não se caracteriza por palavras específicas, a narrativa toda da cena é que propicia a visão obscena, e mais uma vez se subentende o ato sexual, no entanto, temos nos dois segmentos em português clareza maior de palavras, ousadia mais acentuada na fala da personagem feminina. As frases: “enriquece-me com a união de ti, socorra-me com seu toque” possuem valor erótico, podendo ser associadas ao que Mey (2007) chama de moral social duvidosa, ao que é lúbrico. A versão de Galland possui apaziguamento desse teor erótico, a fala da personagem feminina não é ousada. Encontramos em “despiu-se” e “foi para cama em camisa e barrete” os únicos termos que projetam caráter obsceno.

Vemos nos excertos acima que D. Pedro II se aproxima do perfil de tradutores que buscam respeitar o texto fonte, mantendo suas características. A tradução do texto árabe segue a sequência em noites, os ambientes são mantidos com suas características orientais, há respeito com a fraseologia religiosa, mantêm-se o uso do verbo “dicendi” e os versos poéticos do original árabe. O imperador encaixa-se então no perfil de tradutor estrangeirizante, visto que mantém certo distanciamento da cultura de chegada, ao deixar os nomes de personagens em árabe, ao manter as referências espaciais e extratextuais (cidades, costumes do povo árabe, elementos históricos etc.), o tempo de comunicação (não transposto para a atualidade), e há desnacionalização na língua, que fica próxima da estrutura linguística do árabe. A análise também permite inferir que o tradutor tinha a intenção de realizar a tradução integral da obra. Embora a primeira parte tenha se perdido durante seu exílio e ele não tenha finalizado o texto devido a seu falecimento, sua tradução é realizada seguindo-se todos os itens do texto fonte, não há escolha das noites traduzidas, elas obedecem à linearidade do texto de partida.

Verificamos também que D. Pedro, como muitos tradutores do mesmo período, tinha por hábito comparar as traduções das *Mil e uma*

est d'autant plus grand que je vais posséder en vous un homme digne de ma tendresse. De son côté, Bedreddin, ravi de se voir possesseur de tant de charmes, se déshabilla promptement. Il mit son habit sur un siège et sur la bourse que le juif lui avait donnée, laquelle était encore pleine, malgré tout ce qu'il en avait tiré. Il ôta aussi son turban, pour en prendre un de nuit qu'on avait préparé pour le bossu; et il alla se coucher en chemise et en caleçon. Le caleçon était en satin bleu et attaché avec un codon d'or [...] (trad. Noêmia G. Soares).

noites nas diversas línguas que ele conhecia, embora ainda não seja possível afirmar em qual nível as tenha utilizado: se para comparação, para auxílio nas opções lexicais, sintáticas ou de outro tipo. No F. D04 82f encontramos uma nota de D. Pedro II se referindo a um termo (beijar) que ele traduziu e aparece na edição de Breslau, mas que, como ele anota, não é utilizado na edição de Calcutá, por não ser costume árabe o beijo em público, o que demonstra a consulta também a outras edições disponíveis naquele período (além da edição de Breslau, estavam editadas as edições de Calcutá I, II e a edição do Cairo).

Tendo então definido algumas normas gerais seguidas por D. Pedro II, as quais caracterizam sua tradução, cabe-nos verificar como ocorreu esse processo, estabelecer os percursos que levaram o tradutor ao desenvolvimento e à construção de seu texto, e assim comprovar se o método de tradução de D. Pedro II obedece a um padrão, observando se a microestrutura de seu texto possui as mesmas características da macroestrutura.

5.2 ANÁLISE MICROESTRUTURAL

Depois de realizada a análise genética do prototexto, verificamos que o tradutor não tinha uma sistematização no que se refere ao local de trabalho nem ao horário, para realizar suas traduções, como se constata nos excertos de seu diário.

Em 21 de novembro de 1872, D. Pedro II escreve:

5^h ¼. Tomei o café e vou traduzir do hebreu.
(ALCÂNTARA, 1999, p.344)

Em 1.º de maio de 1888, “11h 40’ (3a fa.):

Jantei bem. Traduzi o soneto que Manzoni fez a si, e fui ouvir a [Carmosi]. (ALCÂNTARA, 1999, p.605)

Verificamos também que ele realizou mais de uma tradução ao mesmo tempo. Em 21 de janeiro de 1890 (3a fa.):

[...] 10h ½ Antes de jantar estudei árabe, traduzindo As mil e uma Noites. (ALCÂNTARA, 1999, p.710)

Em 22 de janeiro de 1890 (4a fa.):

[...] Ainda traduzi a Odisséia e li provas da arte guarani de Restivo com o Seibold. (ALCÂNTARA, 1999, p.710)

No entanto, no que concerne à sistematização de sua prática escrita, o prototexto permite inferir que o tradutor era sistemático. Depois da análise e da transcrição do material, verificamos certas recorrências na maneira de traduzir, e a partir delas criamos tipologias que serão explicitadas adiante.

Sobre o processo de revisão e transcrição do tradutor na tradução dos contos árabes, não foi possível proceder às análises, pois se dispõe de uma única versão. Não há outras versões do mesmo texto, porém salientamos que esse material é peculiar, por apresentar as marcas de criação e alterações do processo do tradutor num único manuscrito, o que possibilita a análise genética.

Todavia, no diário e nos manuscritos disponíveis, é possível constatar que o tradutor realizava a transcrição de suas traduções. Era comum a revisão das primeiras versões provisórias, e ele procedia em escolhas e eliminações, realizando o que podemos definir por processo de criação, como se explicita nas notas da tradução de *O Sino*, de Schiller:

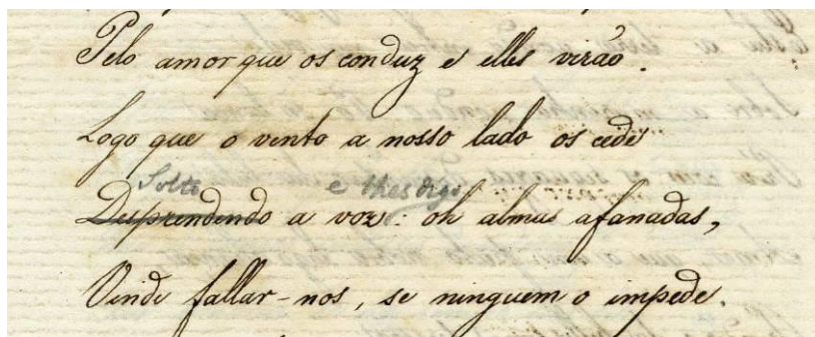
14 de agosto (5a fa.) – 5h 50' Dormi bem. Parece querer chover. Vou ao Schiller. 3h ¼ Estive às voltas com a cópia da tradução do Schiller.

16 de agosto (sábado) – [...]
4h ¾ Acabei de ditar à Japurazinha a cópia de minha tradução de Schiller. [...] No Jornal do Comércio de 19 de julho vem a notícia relativa ao planeta descoberto por Perrotin no observatório de Nice e a que por pedido dei um nome - o de Brasil (Brésil).

18 de agosto (2a fa.) [...]
 1h ½ Estive corrigindo a cópia de minha tradução
 de Schiller com a Japurinha e quase terminei.
 (ALCÂNTARA, 1999, p.827-828)

Isso também se percebe nos trechos da tradução do Canto V, de Dante, em que ele faz alterações a lápis em uma versão já transcrita:

Figura 28 – Manuscrito de tradução de Dante



Fonte: ALCÂNTARA, Canto V, Maço 043 Doc 1067 [D16 P01 a P05]. Museu Imperial.

Acerca da classificação das tipologias escriturais encontradas, elas foram criadas, como citado, a partir da observação das rasuras, acréscimos, anotações, ou seja, do conjunto de operações realizadas pelo tradutor na construção de seu texto. Importante é salientar que, nesse prototexto, consideramos rasuras e acréscimos as opções que o tradutor colocou entre parênteses. É possível dizer que ele as tenha realizado logo após a escritura da palavra, visto que essas colocações se encontram no mesmo fluxo da escrita e no mesmo eixo sintagmático da linha. Essas rasuras, segundo Willemart (2009), são o porta-voz do *scriptor*, estabelecem o momento em que o escritor dialoga com o escritor. Esses diálogos são estabelecidos no material genético, que não

transparece necessariamente no texto editado. São os não-sabidos, ou seja, esses elementos semânticos, rasurados no manuscrito, que completam o sentido do texto.

A análise nos permitiu constatar que esses procedimentos se repetem durante todo percurso de tradução e trazem em evidência alguns aspectos linguísticos que marcam o processo tradutório de D. Pedro II, que foram agrupados nas seguintes tipologias:

- Equivalências lexicais;
- Reconstituição etimológica;
- Testagem verbal;
- Explicação de expressões;
- Significado dos nomes;
- Opção em aberto;
- Transcrição;
- Manutenção de *casos*;
- Notas de registro;
- Intertextualidade.

Equivalências lexicais

Equivalências lexicais ocorrem quando o tradutor coloca entre parênteses uma variante de um substantivo ou adjetivo em outra língua, e no desenvolver da tradução ele opta por uma das alternativas. Percebemos que as escolhas do tradutor seguem um padrão. No F. D04 70f, por exemplo, ele coloca entre parênteses a palavra “Cairo”, logo após “Masr” (árabe egípcio), que é a denominação utilizada pelo povo egípcio para o Egito, e que também pode indicar o Cairo. No decorrer da tradução, ele optou por utilizar Cairo, transliteração de *Al-Qāhira* (“a vitoriosa”), e da mesma forma vai optar pelo uso de Basra, que é a transliteração do árabe de *al-Baṣrah*, como veremos abaixo:

Figura 29 – Trecho da transcrição da Noite 73.^a F. D04 70f

d'elle nesta noite em Masr (Cairo) e esta a noite na qual entrou Nüreddin Ali sobre a esposa d'elle em Basra e foi a causa nisto: dizem que Djafar disse ao Kalifa: chegou-me que que quando viajára Nüreddin de Masr (Cairo) e occorrerà-lhe o que

Figura 30 – Trecho da transcrição da Noite 72.ª F. D04 66f

chefe dos crentes chegou-me que foi no antigo o do tempo no clima do Egypto (Masr; heb. Misraim; cuneiformes persas Mudrāya forma persificada da semitica. Os Egyptios chamavão o Egypto khemi como em heb. Cham= negro)sultão amigo de justiça e protecção e liberdade

Figura 31 – Trecho da transcrição da Noite 77.^a F. D04 77v

(terra) do Egypto. E disse a ella o ifrit: dize. E disse-lhe a ifrita: sabe, oh ifrit, que na cidade de Cairo (ha)rei e a ella (tem) vizir o nome d'elle Schems-Eddin Mohammed e a elle (tem)

Como salientado acima, o tradutor optou, no decorrer da tradução, por uma das palavras. Por exemplo, em relação a “Bassora”: seu uso tem início na 72.^a noite (História dos vizires Nūrūddīn Alī, do Cairo, e seu filho Badruddīn Hasan, de Basra): primeiramente, o tradutor propõe “Bassorah”, porém, nessa mesma *Noite*, ele faz outra escolha de tradução para o termo, utilizando “Basra”, seguida de seu estudo etimológico:

[...] Basra (de bassora = vidit observatorium; fondada como atalaia por Omar, em 636, contra a Per-sia meridional) [...]. (F. D04 68v)

Em seguida, ele utiliza “Bassorá”, que é mais uma das formas aceitas para escrever o nome dessa cidade, depois prossegue com “Basra”, e acaba optando por esta ao longo de seu trabalho. A escolha do imperador é a mesma que hoje é feita pela imprensa brasileira, que prefere o termo “Basra”, mesmo este não encontrando embasamento nas fontes onomásticas tradicionais do português. Esse ponto nos leva a conjecturar que, embora D. Pedro II estivesse traduzindo para o português, ele optou por um termo transliterado do árabe, o qual permite mostrar que o tradutor buscou uma tradução mais próxima do original, ou, como mostra a análise macroestrutural, uma tradução estrangeirizante. Vejamos alguns exemplos:

Figura 32 – Trecho da transcrição da Noite 76.^a F. D04 76v

heb. iārak = ~~aba~~ foi verde) e tomou Hassan folha e es-
creveu nella isto: que vendeu Bedr- Eddin Hasan o Basso-
rense s Ishāk o Judeu a carga do primeiro batel (que)

Figura 33 – Trecho da transcrição da Noite 82.^a F.D04 84v – 86f

A noite segunda e octagesima

Dizem oh rei, que Hasan de Bassora ficou cada (vez) que vestiram a desposada vestido e vierão de ~~de~~ diante do corcunda voltou ella com face d'ella d'ella e voltou-se ia o espirito de ti (toma cuidado em ti . Isto (é) que foi da historia do corcunda, e quanto á historia de Bedr.Eddin Hasan de Basra eis elle quando o corcunda o ret[/ei/?]te entrou Hasan de Basra logo (~~o~~ kavãm; statim; de

Reconstituição etimológica

O tradutor tem o hábito de desdobrar o significado de determinada noção ou conceito do texto original que está traduzindo, por meio da reconstituição e descrição da etimologia da palavra em questão em várias línguas. Há ocorrências desse procedimento em diversas línguas. A reconstituição etimológica é realizada em praticamente todas as *Noites* traduzidas, evidenciando assim a preocupação do tradutor de pesquisar cada expressão, cada unidade lexical.

Seguem quadros com as línguas utilizadas por D. Pedro II no decorrer do texto e, respectivamente, com as abreviações recorrentes no decorrer da tradução:

Quadro 9 – Línguas utilizadas por D. Pedro II na tradução das *Noites*

Línguas utilizadas na tradução	Abreviaturas utilizadas por D. Pedro
Grego	
Hebraico	Heb – hebr.
Latim	Lat.
Eslavo	
Alemão	Al.
Russo	
Sânscrito	Sanskrit – sansk
Italiano	Ital.
Inglês	Ing.
Espanhol	Hisp.

Conf. = S.I
2 ^a corresp. = segunda correspondência
Imper. = império ¹¹⁹
n. prop. = nome próprio

Os exemplos abaixo mostram que o tradutor realizou constante pesquisa etimológica, provavelmente fez uso de enciclopédias e dicionários. Em carta a Gobineau (1876), citada anteriormente, ele salienta que utilizou a gramática de Flaize e o dicionário de Freitag. Vemos também nos exemplos que o estilo dessa busca etimológica se aproxima do encontrado nos dicionários utilizados no século XIX, como no caso da palavra “Deus”, que pesquisamos no dicionário latino de Charlton T. Lewis, Charles Short (1879):

Figura 34 – Verbete “Deus” no dicionário latino

dēus, i (

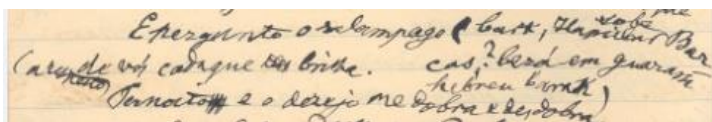
I.voc. sing. deus, **Vulg. Psa. 22, 3 al.**; “but, dee,” *Tert. adv. Marc. 1, 29; Prud. Hamart. 931*; cf. *Prob. Inst. Art. 532, p. 340*. The *nom. plur.* is di and dei; dii is freq. in MSS, but prob. indicates only the length of the ī. Di alone is found in Verg. and Hor.; di and dei indifferently in post-Aug. poets. —*Gen.*: deōrum and deum. —**Poet.** also, divum or divom, *Enn. ap. Varr. L. L. 5, 10, 65; Cic. N. D. 2, 2, 4; Ter. Ad. 4, 7, 28; Verg. A. 1, 46* et saep.; **Hor. Od. 1, 2, 25 al.**—*Dat.*: diis or diis, usually monosyl.; and, deis, mostly postAug.; also, “DIBVS,” *Inscr. Orell. 1307; 1676; 3091; 3413*; “and DIIBVS,” *ib. 2118; 4608*.—As monosyllable, deus, **Plaut. Am. prol. 53**: deorum, dissyl. *id. ib. 45*; “but dii,” **Luc. 4, 493**: “dēi,” **id. 4, 519**: “dēis,” **Val. Fl. 7, 29**), m. root in Sanscr.: dī, div- (dyu-), to gleam: dyāus (Gr. ζεύς), heaven: dévas, God; cf. Gr. δῖος, εὐδία; but not θεός, Curt. Gr. etym. 503 sqq.. a god, a deity (for syn. cf.: divus, numen).

Fonte: Lewis e Short. *A Latin Dictionary*. 1879.

A seguir, trazemos alguns exemplos dessa busca na tradução do monarca:

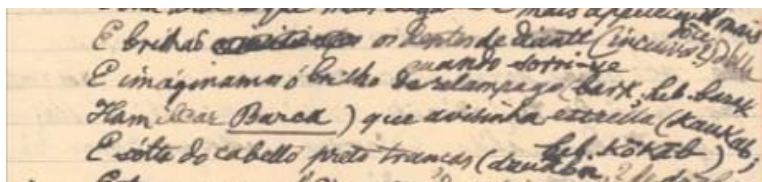
¹¹⁹ Aqui identificamos como “império” devido ao contexto da frase. Não se refere a uma categoria gramatical.

Figura 38 – Fragmento de transcrição da F. D04 99v



Fonte: Alcântara, 1890.

Figura 39 – Fragmento de transcrição da F. D03 38f



Fonte: Alcântara, 1890.

O interesse do imperador em línguas ameríndias proporcionou, segundo Garcia (1925), o crescimento das pesquisas sobre estas no Brasil do século XIX. Segundo ele, em 16 de fevereiro de 1850, o imperador propôs:

[...] reunir todas as noticias que existem a respeito da lingua indigena, interessante por sua originalidade e poesia, e pelos preciosos dados que poderá subministrar a Ethnographia do Brasil. Lembro ao Instituto que encarregue alguns de seus sócios da investigação do que houver desta materia em suas respectivas provincias. Os trabalhos, que assim tiverem feito, serão remetidos ao Instituto, enviando-se este a uma comissão a quem incumbirá de apresentar a grammatica e dictionario geral da língua indigena com as alterações dos differentes dialectos [...]. (D. PEDRO II apud GARCIA, 1925, p. 126-7)

Após essa proposta do imperador, que previa ainda uma medalha para o melhor trabalho apresentado, surgiram, segundo Garcia (1925), vários trabalhos de renomados intelectuais brasileiros, como o de João Joaquim da Silva Guimarães, *Grammatica da Lingua Geral dos Indios do Brasil*, reimpressão da Arte do padre Luiz Figueira (Bahia, 1852), o

de Gonçalves Dias, *Diccionario da Lingua Tupi, chamada lingua geral dos indigenas do Brasil* (Leipzig, 1858), dentre outros. É significativa também a ideia do imperador sobre a necessidade de instituir universidades no Brasil e nas faculdades de Letras, cadeiras de tupi, pois segundo ele havia grande número de palavras dessa língua que denominavam objetos, lugares, rios etc. no país.

Testagem verbal

As hesitações em relação às flexões verbais se fazem presentes em razão das eventuais constatações do tradutor de que as locuções verbais podem ser substituídas por uma única forma verbal. Naturalmente, podemos supor um processo de simplificação do discurso escrito, aproximando-o da oralidade. Assim, o tradutor, entre parênteses, manifesta sua segunda opção.

Figura 40 – Trecho da transcrição da Noite 72.^a F. D04 69f

mim o filho d'elle e eis elle já veio e já quero que ^{eu} escreva (escrever)
o contracto d'elle sobre ella e que elle entre com ella perto de mim
(chez moi) e depois d'isto eu prepararei-o e farei-o andar a elle e á

Em alguns casos, trata-se de adaptações à gramática do português, visto que ele realiza uma primeira tradução palavra-por-palavra.¹²⁰ Pronome anteposto ao verbo, pronome posposto ao verbo. Naturalmente, no exemplo abaixo, a presença do pronome relativo “que” produziu efeito indesejável, tendo sido sumariamente suprimido.

Figura 41 – Trecho da transcrição da Noite 37.^a F. D03 03f

que informe-te (quero informar-te) sobre ella a não contraries no que farei. Disse por amor e nobreza (de muito boa

Em outros casos, trata-se de adaptação do tempo verbal mais adequado para a descrição da cena:

¹²⁰ Escolhemos aqui a definição de Nord (1988) de tradução palavra-por-palavra ou interlinear, na qual o tradutor faz a reprodução do sistema linguístico da língua de partida, ou seja, o léxico e a sintaxe se mantêm.

Figura 42 – Trecho da transcrição da Noite 72.ª F. D04 63v

do moço espantou-se extremo do espanto e disse: não
 ██████████ enforcarei (enforcarei) senão o escravo scelerado

Figura 43 – Trecho da transcrição da Noite 82.ª F. D04 85v

que sahes (logo que saias) d'este lugar antes que suba
 o sol ou fallas corto o pescoço de ti e quando subiu o sol
 vae ao estado do caminho de ti (vae para onde quizeres) e
 não voltes entrar esta casa, corto o negocio de ti: Então eis
 o ifrit tomou o corcunda e voltou a cabeça d'elle no buraco e
 voltou os pés d'elle para cima e disse a elle: eis eu ^{ficando} ██████████
 guardo-te e qual tempo que subas (quando subires) antes do

Explicação de expressões

Essa categoria caracteriza-se pela apresentação de uma explicação de um termo transliterado para o português, entre parênteses. Essa explicação diz respeito à etimologia da palavra. Supomos que o tradutor tenha realizado pesquisas em enciclopédias e dicionários, e registrou essas pesquisas para um futuro leitor. A saber:

Figura 44 – Trecho da transcrição da Noite 36.ª F. D03 01v

irado e disse-lhe não resta a mim paciencia até (hattâ) queeu
 revele a historia d'estas, e deixa os Kalandaris (de kalendar no-
 me Persa do fundadôr d'esta ordem mendicante) perguntem-as. E disse Dja

Figura 45 – Trecho da transcrição da Noite 36.ª F. D03 2v

os Kalandaris e disse-lhes vós irmãos? Disserão: não por deus oh' senhora de nós
 e não nós fakirs (de fakara=foi pobre, como em persa darvish; al.darben=ege
 re) e disse ella a um d'elles: nasceste caõlho? Disse: não por deus e somente
 aconteceu a mim ██████████ /sucesso espantoso e ██████████ ^{negocio} estranho se foi escripto com

Figura 46 – Trecho da transcrição da Noite 82.ª F. D04 85f

seu estado (a fazer isto); e surge a ella e entra sobre ella e tira a virgindade (bekarã; de bikr=virgem; d'onde Abu-bakr ou bekr = pae da virgem Aicha (mulher de Mafoma)

Figura 47 – Trecho da transcrição da Noite 92.ª F. D04 98f

o moço que fechei a loja de mim e segui-o até
(de modo que) creu que eu enganante ou filho de
adulterio (como árabe chama pederasta). Então

Uma das nossas hipóteses para a tipologia que chamamos de explicação de expressões seria a de que, possivelmente, D. Pedro, por reconhecer que muitas expressões, objetos, lugares presentes no livro das *Noites* não faziam parte do cotidiano brasileiro, necessitariam de explicação. Assim, ele opta por utilizar notas explicativas entre parênteses, provavelmente, por acreditar que tal palavra ou expressão poderia não ser entendida por um futuro leitor ou simplesmente, porque tal ocorrência mereceria maiores esclarecimentos. Nessa tipologia, é possível perceber todo o labor mental e também o conhecimento cultural do monarca, ciente de que qualquer signo linguístico tem um valor em determinada cultura, mas um valor diferente em outras, como demonstra Saussure (1974), ao falar da associação arbitrária entre significante e significado.

Destacamos isso, pois a especificidade do signo linguístico e suas diferentes naturezas em diferentes línguas foi assunto de D. Pedro II em conversas com Panitz, um alemão que trabalhava na Biblioteca Pública da corte. Esse homem erudito que às vezes visitava o imperador, em uma dessas conversas, foi indagado pelo imperador sobre a tradução de uma dúzia de palavras “intraduzíveis” (*unübersetzbarer*):

Como se deve traduzir, por exemplo, a palavra Aufklärung, iluminação intelectual, progresso intelectual ou luz intelectual? Lumières? Civilisation? Na língua portuguesa não existe a palavra correspondente? (D. Pedro II apud LYRA 1938, p.162)

Percebemos aqui novamente o interesse do imperador pelo estudo das línguas, tanto do ponto de vista semântico quanto etimológico. Esse interesse era algo comum aos letrados do século XIX, como Ernest Renan, sobretudo seus estudos das línguas semíticas, em vista da

reconstituição do indo-europeu. Provavelmente, o interesse de D. Pedro II na tradução de textos nas mais variadas línguas, sobretudo nas orientais, tenha também uma conexão com seu estudo sistemático da formação das línguas.

Como bem coloca Siscar (2000), ao debater o texto de Derrida sobre intraduzibilidade:

O intraduzível da língua alheia, ao se manifestar, ou seja, ao ser colocado em situação de tradução, é aquilo que provoca o conhecimento, instaurando sua tensão. (SISCAR, 2000, p.67)

Vemos, nas tipologias e nas colocações pessoais do imperador, durante o processo de tradução, que há um diálogo e um questionamento constante do escritor/tradutor com o *scriptor* sobre a origem de determinadas palavras, e conseqüentemente a construção de um novo conhecimento por parte do tradutor. Demonstraremos isso na tipologia abaixo, classificada de notas de registro.

Notas de registro

Classificamos como notas de registro do tradutor os diálogos estabelecidos entre o escritor/tradutor e o *scriptor*, nos quais hipoteticamente surgem ideias a respeito da formação de um vocábulo, de uma expressão etc. Esse processo cognitivo fica aparente nas indagações anotadas na página, o que possibilita verificarmos o inconsciente do *scriptor*, o momento de indagação e a construção do saber.

Figura 48 – Trecho da transcrição da Noite 36.^a D03 02f

Já abriu-se (futiha; passivo de fataha, hebraico pātah, não virá d'ahi futicar?) e sahiram d'ella sete (saba; heb. shi-

Figura 49 – Trecho da transcrição da Noite 42.^a F. D03 9f

furtado (ravi) cinco (pés?) de altura assentada de ma
mas bonita de face ennobrecida (muscharraf p. pas.da 2^a
de scharufa = ~~ser~~ nobilis (scherif) fuit; talvez d'ahi seraphim)
do (ser)
~~ser~~ ella da (de) còr e já ~~W~~ alvoreceu o rosto d'ella

Figura 50 – Trecho da transcrição da Noite 43.^a F. D03 10f

e folgou ella e surgiu levantando-se agarrou a mão de mim
e fez-me entrar por porta arcada(mūkantar = arcuata,
de kantara=arcuavit; d’ahi ponte de arco) e acabou

Figura 51 – Trecho da transcrição da Noite 45.^a F. D04 102v

Cortaram a cidade e o mercado grande (sūk-el-quebios
Zocodover (zok = mercado-duar = casas; d’ahi asl^{açougue}~~o~~
al-sūk, porque no mercado vende-se sobretudo carne)

Figura 52 – Trecho da transcrição da Noite 55.^a F. D03 33f

reflexivo do causativo de ~~o~~ ghafara propiram^{te} textit
heb. ~~W~~ Kipper; d’ahi kippur = expiação; i om kip-
pur, festa da expiação maior dos Judeus) e

Essa tipologia apresenta diferentes formas de construção do saber pelo monarca. Há momentos em que é visível um questionamento interno linguístico sobre a origem de um termo, como no fólio D03 02f, e há outros, como o F. D04 102v e D03 33f, em que ele, ao mesmo tempo em que traduz, formula um pensamento a respeito do termo em tradução e o materializa por meio da escrita, sendo expresso no mesmo eixo sintagmático do texto em tradução. Esses exemplos (alguns deles, pois nos manuscritos há muitos mais) testemunham a não-linearidade da construção do sentido por parte do escritor/tradutor, a materialização de seu pensamento e a precariedade de seu discurso, constantemente testado, questionado, retomado, apagado; o embate entre escritor/tradutor, preocupado com a finalização de seu trabalho e as exigências escriturais do *scriptor*.

Significado dos nomes

Essa tipologia caracteriza-se pela opção do tradutor por especificar o significado de nomes estrangeiros entre parênteses. Provavelmente, sua intenção tenha sido proporcionar primeiro para ele e em seguida ao presumido leitor, que não possui conhecimento da língua árabe, o significado desses nomes, pois a transliteração realizada por ele não aponta para os traços semânticos que caracterizariam o personagem.

Figura 53 – Trecho da transcrição da Noite 72.^a F. D04 65f

mais maravilhoso que a historia do vizir Ali de
 Masr (Cairo)
 e Beedr Addin (lua-chêa da religião)
 Hasan (bello) de Basra e disse o califa: oh vizir

Figura 54 – Trecho da transcrição da Noite 72.^a F. D04 66f

cão e o nome de grande Schams aldIn (sol-da-religião) e Moham-
 med e o pequeno Nuraldin (luz da religião) Ali e foi

Entretanto, não é um padrão do tradutor o uso da transcrição dos nomes árabes. Em alguns casos, como na *Noite* 82.^a, ele traduz o nome da personagem diretamente para seu significado em português. Senhora-da-beleza seria a tradução literal do nome da personagem *Sitt al-Husn*.¹²¹ Constata-se ainda que, em relação à grafia dos nomes, há também fortes influências de outros idiomas nas transcrições para o português. Por exemplo, observa-se grande influência da língua alemã,¹²² principalmente na escrita de nomes próprios, como, por exemplo, o nome de Schahrâzâd. Esse fato se relaciona provavelmente à prevalente formação intelectual desse tradutor, influenciada mais especificamente pelos seus professores de línguas orientais, que eram alemães, como apontado.

Opção em aberto

A opção em aberto caracteriza-se pela escolha de mais de uma opção para uma oração ou termo traduzido. Seria o que Biasi (2010) chamou de rasura sem risco, o que demonstra um momento de hesitação, uma ausência do tradutor, uma alternativa não resolvida. O uso de um termo entre parênteses apresenta possíveis opções, sem, no entanto, demonstrar preferência por nenhuma. Nota-se que, nas ocorrências enquadradas nessa tipologia, há variações. Em alguns casos,

¹²¹ Em relação aos reportes feitos à língua árabe, estes só foram possíveis graças ao auxílio do Prof. Mamede Jarouche, que confirmou as hipóteses levantadas na pesquisa.

¹²² Para confirmar a hipótese levantada sobre a influência da língua alemã, solicitamos o auxílio de Mariana Almeida, professora do curso extracurricular de língua alemã da UFSC.

o tradutor se limita a escolhas que remetem ao nível meramente linguístico, ou seja, apresenta sinônimo mais ou menos formal do mesmo termo, tornando o texto mais acessível e menos arcaico.

Figura 55 – Trecho da transcrição da Noite 71.^a F. D04 63f

que a ti, oh filho de mim? E disse **elle**: oh pae de mim
de manhan do dia (hoje de manhan) furtei maçan das
maçans trez que trouxeste á mãe de mim e tomei-a

Figura 56 – Trecho da transcrição da Noite 37.^a F. D03 3f

vontade) e fez-se seguro de mim com o juramento. Então levan-
tou e ausentou hora (algun tempo) e voltou e com elle mulher vella-

Em outros casos, é somente questão de impossibilidade de escolher entre opções igualmente válidas com significações diferentes, mas todas coerentes, as quais remetem ou possibilitam a abertura do texto, o que Romanelli (2006) chama de rasuras que apontam para textos possíveis, e pode haver coerência em ambas as opções propostas pelo autor. Ainda segundo Romanelli (2006), a indecisão do tradutor, ao optar por um termo só, mostra-nos o questionamento da ideia de texto acabado, evidenciando a possibilidade de existirem vários textos possíveis. Dessa forma, valores como acabamento, definição, ponto de partida, conclusão passam a ser questionados. A Crítica Genética possibilita verificar a coerência intrínseca que há na obra, seja esta obra acabada (pronta para publicação) ou inacabada.

Figura 57 – Trecho da transcrição da Noite 46.^a F. D03 14v

como eu homem e bateria a quem não conheço e esta (é)
cousa ^(que) não será e se ^(mesmo que) fosse abelerado (do) copo da ruina e disse
o ifrit: vós ambos correspondeis (estaes de acordo) contra mim

Figura 58 – Trecho da transcrição da Noite 73.^a F. D04 71f

Em que muda a manhan e a tarde (Emquanto haja amanhan
E vivas quanto durão as noites (Emquanto haja noite)
Em prazer não elle fim

Figura 59 – Trecho da transcrição da Noite 116.^a F. D04 124f

acharam a bolsa nos vestidos de mim e fiquei ausente da existência (desmaiei) e quando veio governadør a bolsa....
E percebeu Scharazad a manhan e calou do conto permit-

Transliteração

Essa tipologia caracteriza-se pela tradução literal da palavra feita pelo tradutor para o português. Logo em seguida, segue, entre parênteses, a transliteração em árabe. Abaixo, alguns exemplos:

Figura 60 – Trecho da transcrição da Noite 82.^a F. D04 86f

teiro e disse; oh pae-do-monticuli (abül-kaum.) to-

Figura 61 - Trecho da transcrição da Noite 45.^a F. D03 12v

commigo do aposento (Khalva = retiro) de mim e

Figura 62 - Trecho da transcrição da Noite 50.^a F. D04 23f

tornou medida^{da} abobora (Citich) e transformou-se o lobo
e virou gallo (dik) alvo branco e subiu a romãa e elevou-

Figura 63 – Trecho da transcrição da Noite 55.^a F. D03 32f

E isto pela benção (baraka;heb. (berākā)

Manutenção de *casos*

Uma das singularidades da tradução de D. Pedro II, observada na esfera gramatical, concerne à utilização da fórmula possessiva “de mim”. Por exemplo, na 45.^a *Noite* ele traduz: “[...] interprete-se o olhar de mim em lugar da língua de mim [...]”. Nossa hipótese é que isso provavelmente ocorra em razão de, na língua árabe, a partícula referente ao pronome possessivo aparecer agregada ao final da palavra. Tal fenômeno, característico de uma língua aglutinante, incita sua

manifestação em uma língua analítica, como o português, por meio de uma partícula possessiva introduzida por preposição, sendo essa a opção estilística usada por D. Pedro II para manter a característica da língua árabe, mesmo que esse recurso se torne estranho para a língua portuguesa. Gramaticalmente, contudo, fica mais compreensível para o leitor brasileiro do que uma tradução literal. Segue exemplo:

Quadro 11 – Opções estilísticas de D. Pedro II

Opção estilística de D. Pedro II	Tradução literal do árabe para o português
Esposa de mim	esposa minha
Gerados de mim	gerados meus
Tio de mim	tio meu
Rosto de mim	rosto meu

Figura 64 – Trecho da transcrição da Noite 72.^a F. D04 62f

a esposa de mim e mãe dos gerados (filhos) de mim e ella filha do tio de mim e este velho o tio de mim) pae d'ella e casou-me com ella virgem, fiquei com ella onze annos e foi esposa abençoada e recebi d'ella trez gerados masculinos e foi commigo bella de modos e serviu-me serviço não sobre elle augmento (que não podia ser maior)

Figura 65 – Trecho da transcrição da Noite 37.^a F. D03 03f

causa do arrancar o olho de mim e do barbear a barba de mim e isto que o geradør (pae) de mim foi rei e foi-lhe irmão foi rei também e já foi favorecido o tio (hamm = patruus) de mim (com) filho e filha e passaram sobre nós os annos até ~~o~~ ficámos grandes e fui visitava o tio de mim todo espaço (por algum tempo e assentaz perto d'elle (em casa d'elle) o mez e os dous mezes e voltava para o pae de mim e foi entre mim e entre o filho

Figura 66 – Trecho da transcrição da Noite 48.ª F. D03 18f

como o suplicante protecção e correrão as lagri-
mas de mim do chorar sobre o rosto de mim ,e-
espantou-se o capitão e todos do feito de mim e par-
te d’elles compadeceu-me e disse o capitão! Oh merca-
dores, este macaco pediu protecção de mim e já pró-
tejo-o e elle na clientela de mim e não um de-
vos pique-o com pezar, cahiria entre mim e entre
elle inimizade. Então o capitão bemfazia a mim
e o fallou entendeu-o e soube-o senão que

Intertextualidade

Essa tipologia caracteriza-se pela referência a outros textos pelo tradutor. Vemos isso no F. D04 116f, no qual o tradutor rompe seu discurso e faz alusão a Plínio. O autor da *Historia natural* é citado juntamente com outro autor romano, Columella (textos sobre agronomia), e com o grego Plautus (que é citado com relação ao texto *Poenulus*) no F. D04 116f:

Figura 67 – Trecho da transcrição F. D04 116f

vez de manus-tergere)n’elle sesamo (simsim talvez
do grego σασαμιο lat sesamum. Plin e Columella
Plautus Poenulus) e disse-lhe: quanto vale o

A alusão do monarca a esses autores relaciona-se à palavra “sésamo”. Plautus utiliza a palavra *sesamum* na sua obra *Poenulus*, ele é um dos primeiros autores a fazer a descrição do uso dos grãos na alimentação humana. Nessa obra em específico, *Poenulus*, ele descreve a receita de um bolo, chamado “laterculi” (DALBY, 2003). Já com relação a Columella, este, juntamente com Plínio, estão entre os principais autores romanos que tratavam de agricultura no século I d.C., e se tornaram referência em citações de dicionários e textos relacionados à agricultura, como mostram os exemplos abaixo:

Figura 68 – Verbete *sesamum* no dicionário

dative plural	SESAMIS
ablative plural	SESAMIS
locatif	
<p>▶ sens commun SESAMUM, i, n <small>1 after J.C. COLUMELLA (Columelle)</small> sésame <i>n. m.</i> : plante (🔗) see: sésame</p>	

Fonte: Dictionary Latin French.

Figura 69 – Verbete *sesamos* no dicionário

locatif	SESAMI
<p>▶ nom propre SESAMOS, i, f <small>1 after J.C. PLINIUS (Pline)</small> Sésamos <i>n.</i> : ville d'Ethiopie (🔗) see: Sésamos</p>	

Fonte: Dictionary Latin French.

Figura 70 – Referência a Plautus + sesamo

dicebant. Cafaub. Animadverf. in Athen. l. III. c. 27. **Plautus** Poenulo; *Sesamum papaveremque tritum.* ubi valde coecutit Lambinus de *sesamo*. Recte tamen Muretus dicto loco. Jungermannus. Ipse Petronius infra de coena Trimalcionis; *Glires melle & papavere sparjos.* Adde Dalechampii annotat. in Plin. lib. XXII. cap. 25. ERHARD.

Fonte: *Satyricon*, p10, CCXXXIII.

No dicionário médico de Elio Antonio de Nebrija (2001), a palavra *sesamum* vem descrita como planta herbácea, comestível. Ele aponta também para a classificação feita por Plínio e Columela, o primeiro classifica o sésamo como grão, semelhante ao milho, o segundo o coloca entre os legumes.

Outra alusão a Plínio ocorre no F. D03 55v. Nesse fólio, a relação com o autor se faz devido à tradução da palavra “camisa”: segundo D. Pedro II, Plínio já utilizava *camisia*. Essa pausa do tradutor é o momento em que algo chamou a atenção do *scriptor*, nesse caso, a palavra *camisa* e as discussões em torno do uso do termo. Jurado (1996) discute as mudanças na nomenclatura dos trajes e sua influência na língua latina, e considera que a cultura romana assimila lentamente o nome de vestimentas consideradas bárbaras, como a *camisa*, o que explicaria essa colocação do imperador sobre Plínio. No F. D04 108v,

surge novamente um momento de pausa do tradutor, e mais uma vez o *scriptor* tem sua atenção voltada para a palavra camisa, porém, nesse momento, sua memória é tomada pelo texto de São Jerônimo. O monarca deve ter recordado alguma leitura que aponta São Jerônimo como o primeiro a utilizar a palavra camisa na literatura latina (JURADO, 1996).

Figura 71 – Trecho da transcrição F. D04 108v

cadeà d'elle e tirou os vestidos d'elle e deixou-o em camisa
(camis, camisa, S. Jeronimo na espistola 128) e andou pou-
quito, pouquito e chegou á porta do aposento no qual

Há outros momentos de pausa do tradutor, que são visíveis nas digressões intertextuais materializadas na página. No F. D03 116fD, Pedro, após traduzir um trecho em que o personagem diz que a história por ele contada faria chorar as pedras, relaciona essa frase ao contexto português em que os cantores de fado cantavam e produziam suas músicas nas calçadas. Tais músicas geralmente eram tristes e dolentes, surgindo aí a relação com fazer chorar as pedras.

Figura 72 – Trecho da transcrição F. D 03 116f

que aconteceu-me, faz chorar as pedras (como
nas phrase portugueza), mais maravilhosa

Outro exemplo em que se pode verificar essa cadeia intertextual aparece no F. D03 48v. Nesse fólio, o tradutor faz alusão ao texto bíblico de Jeremias, especificamente ao cap.39 v.3. Esse capítulo se refere à tomada de Jerusalém, no nono ano do reinado de Zedequias, rei de Judá, por Nabucodonosor, rei da Babilônia, que marchou contra Jerusalém com todo seu exército e a sitiou. No relato, constam os nomes dos oficiais que tomaram Jerusalém, e um deles é classificado como “o rabmag”. Essa palavra está relacionada com a função de mago, e provavelmente devido a isso D. Pedro II a associa ao trecho que está traduzindo, em que encontramos a frase: “magos [...] (que) adoravão o fogo”. Ele elenca ainda as palavras de origem persa “mag” e “mog”, que encontramos no *Dictionary of the derivations of the English language* (2014), com o significado de: homens santos ou sábios do Oriente. Na Pérsia, adoradores do fogo.

Figura 73 – Fragmento do livro de Jeremias da Bíblia

Jeremias 39:3 – Penetraram então por essa brecha os oficiais de Babilônia e se apossaram da porta do centro. Eram eles Nergal-Sarezer, Sangar-Nebo, Sarsequim, Rabe-Saris, Nergal-Sarezer, Rabe-Mague, e todos os outros príncipes do rei de Babilônia.

Fonte: Bíblia Sagrada, 2002, p.1088.

Figura 74 – Fragmento do livro de Jeremias em Thompson

THE BOOK OF JEREMIAH

3 *And all the officers of the king of Babylon came and took their seats in the Middle Gate: Nergal-sharezer of Simmagar, Nebushazban the Rabsaris, Nergal-sharezer the **Rabmag**,¹ and all the other officers of the king of Babylon.*

Fonte: THOMPSON, 1980, p.644.

Figura 75 – Trecho da transcrição F. D04 48v

(é) a cidade do pae de mim e elle o rei d'ella e a reunião
 dos habitantes d'ella magos (madjūs; do persa mag e mog
 𐎠𐎢𐎽𐎢 (Rabmāg, Jerem. Cap.39 v.3; talvez do zend; neo-persa mogh)
 (que) adoravão o fôgo em lugar sol (em lugar) o rei omnipoten-
 te e veneravão o fôgo e juravão nelle e fui eu já foi agra-
 ciado de mim por graça (de allah) e cresci e engrandeci e foi
 perto de nós (em nossa casa) velha grande de idade foi

A análise microestrutural possibilitou, por meio das tipologias criadas, confirmar que o tradutor almejou a tradução estrangeirizante, pois há desnacionalização da língua, e ele não buscou aproximar seu texto do léxico, nem da gramática da língua portuguesa. Tanto o nome de personagens como de cidades são transliterados para o português, o que mantém o estranhamento do texto para os leitores de chegada.

Percebemos que D. Pedro II utilizou a tradução como forma de aprimorar seu conhecimento com relação ao Oriente, e essa constante busca lexical, etimológica, as discussões estabelecidas pelo *scriptor* e pelo escritor, perceptíveis pela rasura, e as notas explicativas nos parênteses dão-nos informações reais sobre essa construção mental do imperador, enquanto realizava a tradução das *Noites* árabes.

A análise dos manuscritos possibilita, ainda, avaliarmos, mediante a intertextualidade presente no texto, toda a gama de leituras que envolvem o tradutor e sua tradução.

Outro importante dado elencado nas análises relaciona-se ao forte interesse do imperador pela origem das línguas, uma obsessão comum aos intelectuais do século XIX, que foram responsáveis pelo surgimento da Linguística Comparada, que buscava verificar a ligação e as alterações sofridas nas línguas. É relevante o trabalho dos alemães, principalmente o de Franz Bopp (1791-1867), com sua obra *Sistema de conjugação da língua sânscrita, comparado com o das línguas grega, latina, persa e germânica* (1833-1852). No entanto, como marco histórico, temos a gramática editada por Bopp, em 1818, que apresenta o estudo comparado do sistema de conjugações de cinco línguas indo-europeias de grupos diferentes: o grego, o sânscrito, o persa, o gótico e o latim (TERRA, 1999). Não é por coincidência que essas línguas se encontram entre as utilizadas por D. Pedro II na pesquisa etimológica realizada por ele durante a tradução.

Podemos concluir, então, que Dom Pedro II não era um intelectual diletante solitário, mas um letrado a par dos debates linguísticos de sua época, tanto na Europa quanto nas Américas. Seu processo criativo, não somente tradutório, insere-se assim num polissistema coerente e complexo, que influencia sua produção e suas reflexões, por muito tempo consideradas superficiais pela historiografia brasileira.

6 EDIÇÃO GENÉTICA DA TRADUÇÃO DAS MIL E UMA NOITES DE D. PEDRO II

Este capítulo contém a edição genética da tradução das *Noites* árabes realizada pelo monarca. Optei em utilizar a primeira pessoa nesta parte do trabalho devido a particularidades na narrativa dos fatos citados. O projeto de análise da tradução do monarca teve início em 2008, no mestrado, sob a orientação do professor Dr. Ronaldo Lima. Como explicitado, a partir da leitura do livro de José Murilo de Carvalho (2007), *D. Pedro II – ser ou não ser*, tomamos conhecimento da tradução das *Mil e uma noites* realizada pelo imperador. A busca pelo material me levou a Petrópolis, ao Arquivo do Museu Imperial, onde se encontrei os manuscritos de tradução. Em 2008, obtivemos a cópia digitalizada do primeiro e segundo cadernos, que são classificados no arquivo do Museu Imperial como: maço 041 Doc 1064 Cat B [D03 P01 a P116] e maço 041 Doc 1064 [D04 P00 a P135].

Após essa aquisição, iniciei as primeiras leituras e análises do material, realizando um levantamento histórico sobre o tradutor e sua tradução. Em 2009, entramos em contato com o professor Sergio Romanelli, que me apresentou uma metodologia mais apropriada para análise de manuscritos, a Crítica Genética (CG). A partir das análises da CG e dos estudos descritivos de tradução (EDT), foi possível examinar minuciosamente cada detalhe do manuscrito, sendo esta, provavelmente, a primeira análise desse material.

No mesmo ano de 2008, contactei o professor Dr. Mamede M. Jarouche, da USP, que realizou a primeira tradução direta editada das *Noites* para o português. O professor Mamede me auxiliou sobre vários aspectos da tradução do monarca, visto que não domino a língua árabe. Além disso, possibilitou o contato com a edição de Breslau e com vários outros textos raros sobre o livro das *Noites* árabes, sendo uma das figuras centrais para a realização desta tese.

A primeira fase de análises realizada no mestrado tinha como objetivo verificar se as afirmações do monarca sobre a tradução eram verdadeiras, isto é, se ele realmente traduziu diretamente de um texto fonte do árabe, e, além disso, identificar o perfil de tradutor de D. Pedro II, suas escolhas e opções ao realizar sua tradução. As conclusões foram que o monarca utilizou como texto fonte a edição de Breslau, seu perfil é o de um tradutor do século XIX que buscava a estrangeirização do texto, como vimos detalhadamente nos capítulos anteriores.

Devido à extensão do material, optei por transcrever somente uma parte dele no mestrado, um total de 10 noites, sendo 38 fólios no

total, o que já me encaminhava para uma segunda parte da pesquisa, no doutorado. Essa segunda parte tinha como objetivo uma edição genética do material e a comprovação, mediante análise integral dos manuscritos, do perfil de tradutor de D. Pedro II estabelecido no mestrado.

O material possibilitou contato com várias outras traduções do monarca, que estão arquivadas no Museu Imperial e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Essas traduções hoje fazem parte dos materiais analisados pelo grupo de pesquisa NUPROC, sob a orientação do Prof. Dr. Sergio Romanelli.

Além disso, por meio dos manuscritos de tradução, verifiquei que o envolvimento de D. Pedro II com essa prática vai muito além de uma atividade diletante. Ele a utilizou como meio para inserir-se na República Mundial das Letras e projetar o Brasil nela, dando visibilidade à nação no exterior e consolidando a imagem de um país com cultura própria.

Os manuscritos das *Noites*, como se poderá avaliar nas transcrições, é riquíssimo para a análise intelectual do monarca e possibilita verificar a cadeia de leituras e contatos estabelecidos por ele via a tradução desse texto. Como diz Biasi (2010, p.82) sobre a transcrição e edição dos manuscritos:

[...] apesar da inegável sensação de aventura intelectual e alguns achados às vezes comoventes no decorrer da exploração, o tamanho e a dificuldade da tarefa só têm por igual sua austeridade [...].

Isso pode desestimular muitos pesquisadores no decorrer do trabalho, fato que não ocorreu nesta pesquisa. As dificuldades encontradas no trabalho se relacionaram a decifração da letra do imperador, sobretudo quando ele escrevia em outras línguas, que não o português, como árabe, sânscrito, hebraico, grego, etc. Nesses momentos foi útil a pesquisa na internet, e nos dicionários, que facilitaram a compreensão e decifração dessas palavras quase ilegíveis, bem como a comparação com a tradução em português de Mamede M. Jarouche. O trabalho foi longo, e será apresentado em CD, devido a sua extensão. A edição genética possui o manuscrito digitalizado da tradução do imperador, que tem a autorização do Museu Imperial de Petrópolis de número: 10/2015 (IBRAM-SGI- 01439/000395/2015-58), e a transcrição semi-diplomática dos manuscritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho discutindo a dificuldade de fixar a verdade histórica, e especialmente de definir a personalidade de uma figura histórica como D. Pedro II. Isso ocorre porque são distintos os pontos de vista sobre os fatos e sobre personagens históricos. As pessoas julgam por meio de suas verdades pessoais, que são estabelecidas conforme sua atuação como partidário do fato ou personagem em questão ou opositor a eles. Porém, após as análises realizadas, mediante dados empíricos, tentamos estabelecer um perfil intelectual do monarca e, de modo especial, sua ligação com a tradução no Brasil do século XIX, que não pode ser negligenciada.

Os dados nos indicam, primeiramente, que é possível inserir o monarca entre os chamados tradutores profissionais. Ele não se encaixa no perfil de amador, pois estes, como foram alguns governantes ou futuros governantes, como Jaime I, Filipe IV, ou a própria rainha Elizabeth, envolveram-se com a atividade tradutória uma ou duas vezes na vida. Embora um tradutor profissional, na maioria das vezes, busque o pagamento por seu trabalho, consideramos que a dedicação de uma parte considerável da vida do imperador a essa atividade, a publicação de algumas suas traduções, a qualidade e diversidade de seu trabalho sejam elementos que contribuem para considerá-lo um tradutor não dileitante.

Como vimos, a atividade tradutória foi para D. Pedro II mais que um meio para aprender línguas, foi um meio de se inserir (e inserir o Brasil) socialmente na rede dos intelectuais do mundo, foi, ainda, uma forma de auxílio na construção da identidade brasileira. D. Pedro II compartilhou a estratégia do romantismo alemão captando ideias ou modelos estrangeiros por meio da tradução, para o aperfeiçoamento dos modelos literários nacionais e para a criação de uma identidade não somente literária nacional. Ele buscou, juntamente com o grupo de intelectuais daquele período (séc. XIX), formar uma identidade brasileira. Esse grupo era composto por escritores como Gonçalves Magalhães, Gonçalves Dias, Adolfo Varnhagen, Porto Alegre, Carlos Homem. O grupo, juntamente com o monarca, estabeleceu como sede de encontros e tertúlias o IHGB, fundado em 1838.

Além do incentivo e da presença assídua no instituto, D. Pedro II apoiou financeiramente todo tipo de trabalho que beneficiasse a

sociedade brasileira, com o chamado *bolsinho do imperador*. Esses incentivos iam de bolsas de estudo no exterior ao pagamento de edições e traduções de obras. O incentivo estendia-se também a instituições nacionais e internacionais ligadas às ciências e às artes.

O mecenato auxiliou na inserção de D. Pedro II entre o grupo de intelectuais brasileiros, sua participação e influência com o grupo se tornou mais ativa, e assim suas ideias em relação às produções literárias e científicas foram recebidas de forma mais receptiva. Ele buscou estimular a criação de trabalhos literários com temas nacionais, como é o caso da obra de Magalhães *A Confederação dos Tamoios* (1856). Essa obra foi o marco central do romantismo brasileiro e teve participação direta do imperador, tanto na parte financeira como na divulgação. Trabalhos que envolviam o tema central da *Confederação*, o indígena, foram solicitados por D. Pedro II aos membros do IHGB, em 1850. O monarca considerava que esse poderia ser o símbolo do país, o que originou, a partir daquele momento, um variado número de obras com esse tópico, como dicionários, poesias, pinturas, esculturas, romances.

A intenção de ingressar na cidade letrada, exposta acima, levaram D. Pedro II a manter intensa correspondência com intelectuais e cientistas no mundo ocidental. Seu objetivo era aprimorar seus conhecimentos e, conseqüentemente, auxiliar no desenvolvimento do país de forma mais significativa. Além de cartas com escritores, como Alexandre Herculano, Longfellow, Manzoni, ele se correspondeu com cientistas como Pasteur, com o egiptólogo Maspéro, com o escritor e filósofo Gobineau, com o escritor e filólogo Ernest Renan, entre vários outros nomes.

Além do desenvolvimento do país, as correspondências e relações com intelectuais visavam também ao interesse do monarca de fazer parte da República Mundial das Letras (CASANOVA, 2002), uma sociedade seleta de cosmopolitas políglotas, com regras e valores próprios. Essa sociedade tinha como sede a cidade de Paris, que era considerada a capital do universo literário. Esses valores, regras sociais e estéticas passaram então a influenciar a vida do monarca. Tãmanha foi a influência e o desejo de ser um letrado entre letrados, que até os trajes imperiais foram abandonados em ocasiões não oficiais por parte do imperador. As vestimentas imperiais passaram a ser a sobrecasaca, a calça preta e a cartola, e com esse traje ele andava nas ruas do Rio de Janeiro e em viagens, tanto no Brasil como no mundo. Esse estilo de vestir-se, usado sobretudo pela burguesia inglesa da era vitoriana, caracterizou D. Pedro II como um monarca cidadão, simpático ao regime Republicano, de hábitos simples e afáveis, sendo apelidado nos

EUA de Imperador Ianque. Como afirma Araújo (2012), os ideais morais de igualdade e respeitabilidade, associados à sobrecasaca, devem ter levado D. Pedro II ao uso desse traje. Outra influência visível, nos hábitos do monarca, desse paradigma letrado europeu é referente ao estudo de línguas, principalmente as semíticas.

Paris, como referenciado nesta tese, era a capital do universo literário e por consequência a capital dos estudos orientais na Europa, e seus mais renomados escritores buscavam inspiração nas fontes orientais. O conhecimento de línguas semíticas era sinal de erudição, de talento, adjetivos almeçados pelo monarca brasileiro. Suas leituras, suas traduções, as correspondências trocadas relativas ao Oriente, as línguas estudadas, as viagens que fez àquela região são fontes documentais que identificam D. Pedro II como um orientalista.

Como tal, ele se embrenhou na tradução de obras ligadas à terra do sol nascente. Além das muitas obras ocidentais traduzidas pelo monarca, como *O sino*, de Schiller, *Cinco de maio*, de Manzoni, *A borboleta e a flor*, de Victor Hugo, *O choro d'uma alma perdida*, de John Whitier, D. Pedro II, como orientalista, traduziu: *Hitopadeça*, do Sânscrito, *Poesias hebraico-provençais do ritual israelita Comtadin*, do hebraico, *As Mil e uma noites*, do árabe.

Sobre os estudos de línguas orientais, há várias notas apontadas no diário pelo imperador, datas de quando iniciou seus estudos, nomes dos professores que o auxiliavam, traduções que realizou. Dentre esses nomes, destaca-se seu último professor de línguas orientais, Dr. Seybold, que o acompanhou até seu derradeiro dia de vida. Seybold era de origem alemã, foi indicado para o cargo de professor de árabe e sânscrito em 1886, e a partir de 1887 é constante a citação de seu nome no diário imperial. Além de compartilharem o interesse pelas línguas semíticas, D. Pedro e Seybold compartilharam o interesse pelas línguas indígenas. Talvez por influência do próprio monarca, há trabalhos importantes realizados pelo orientalista alemão nessa área.

Seybold foi companhia do monarca também nas viagens que este realizou à Europa. Essas viagens, descritas minuciosamente em 44 diários, tornaram-se parte do programa Memória do Mundo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). É significativa a descrição da viagem realizada pelo monarca ao Egito, principalmente a parte ao Alto do Nilo, considerada praticamente um ensaio de arqueologia.

Outro texto comum a Seybold e D. Pedro II é o *das Mil e uma Noites*. O orientalista alemão, após a morte do monarca, realiza a

tradução de um manuscrito extremamente raro, um conto pouco conhecido das *Mil e uma noites*, que narra a história dos primos Súl e Schmúl. Na edição de 1902, há uma dedicatória a D. Pedro II, em que Seybold lembra os belos momentos que passou na companhia do saudoso imperador, lendo e traduzindo as *Noites* árabes.

Embora alguns historiadores sugeriram que as traduções do monarca não eram exclusivamente produção dele, como Barmam (2012), as análises dos manuscritos que empreendemos aqui pela primeira vez revelam alguns erros elementares, o que indica que nem sempre ele realizava as traduções com auxílio de seus professores.

As análises realizadas nesta pesquisa tiveram como objeto os dois cadernos de tradução das *Mil e uma noites* de D. Pedro II, o diário do imperador, cartas e publicações do monarca e sobre ele, que dizem respeito à tradução. Esses documentos formaram o dossiê genético, cuja análise, realizada com auxílio da crítica genética e dos estudos descritivos da tradução, nos deu informações relevantes sobre o processo criativo do tradutor Pedro d'Alcântara.

Durante a organização do dossiê, constatamos que o primeiro caderno, arquivado no Museu Imperial de Petrópolis, tem início na 36.^a *Noite*, portanto, não existem neste arquivo as primeiras 35 noites. O total de noites traduzidas é 84, armazenadas no arquivo de Petrópolis: fazem parte do primeiro caderno as noites de 36.^a a 69.^a, e do segundo caderno o final da noite 69.^a a 120.^a, sendo a última data marcada no manuscrito a de 09 de novembro de 1891, em Paris, poucos dias antes da morte do imperador. Supomos que as primeiras 35 noites tenham sido traduzidas no Brasil, entre os anos 1887 e 1889, e 12 de julho de 1887 é a primeira data no diário que se refere à tradução das *Mil e uma noites*. Há, ainda, a afirmação do monarca se referindo ao empréstimo do primeiro caderno das *Noites* para a família Mota Maia, para leitura.

Após organização do dossiê e da transcrição dos dois cadernos, iniciamos seu cotejo com a tradução em português do Prof. Dr. Mamede Jarouche, e os dados apurados indicam que a tradução do monarca, embora inacabada, apresenta algumas semelhanças do ponto de vista das escolhas tradutórias com as do professor Jarouche. A análise possibilitou confirmar que o monarca realizou a tradução direta do texto em árabe e, como ele escreve, a edição utilizada foi a de Breslau. Salientamos que antes de encontrar afirmativas de próprio punho do monarca sobre o uso da edição de Breslau, nossas análises já apontavam para essa edição. As primeiras noites seguem a mesma sequência das noites de Jarouche, no entanto, a partir da 102.^a *Noite*, as traduções

começam a divergir, porque a edição alemã de Habicht (organizador da edição de Breslau) é mais sintetizada do que o manuscrito utilizado por Jarouche, o “Arabe 3609-3611”, da Biblioteca Nacional de Paris. Além disso, o monarca faz a transliteração de duas palavras do árabe para o português, são elas: “muladjlidij, de ladjladja” na 46.^a *Noite*. Segundo o Prof. Jarouche, que utilizou também outros manuscritos e edições para completar sua tradução, essas palavras só estão presentes na edição de Breslau.

Após essa primeira constatação sobre qual seria o texto utilizado pelo monarca, encontramos, durante a transcrição, a afirmação dele sobre o texto utilizado. No final da 72.^a *Noite*, em 19 de julho de 1890, D. Pedro II escreve: “Acaba o volume primeiro da edição de Abicht”, e escreve seis vezes a palavra “acaba”. A repetição dessa palavra ocorre em forma de anagrama no texto árabe.

Por meio da análise, verificamos também que o monarca realizou uma tradução estrangeirizante, devido ao contexto teórico do momento em que ele estava traduzindo. Isso ocorre devido à influência exercida pelos alemães, que como Goethe e Schlegel viam na tradução uma fonte de crescimento intelectual e uma forma de enriquecer sua produção intelectual com novos modelos. Para Humboldt (2001), a tradução proporciona novas experiências ao indivíduo, e é uma forma de conhecer realidades que estão muito distantes da sua, com as quais nunca teria contato. Assim, buscava-se, sobretudo, preservar o estranho da obra original.

Dessa forma, a tradução do monarca: apresenta a religiosidade contida na obra árabe e as poesias, que são numerosas; realiza a transliteração de nomes árabes para o português; apresenta uma estrutura sintática mais próxima do árabe do que do português; mantém as referências espaciais e extratextuais, como nome das cidades, fatos históricos, e costumes. O obsceno existente nas *Noites* é mantido, provavelmente, por entender o tradutor que essas cenas estão relacionadas à cultura de partida.

As análises permitiram estabelecer não só o perfil de tradutor estrangeirizante de D. Pedro II, mas mostraram que ele realizou uma multiplicidade de leituras, que influíram no seu percurso tradutório. Além disso, vimos que, como muitos intelectuais do século XIX, ele estava interessado nas pesquisas relacionadas à origem das línguas. As constantes pesquisas etimológicas e as relações que o monarca estabelece entre determinadas palavras são comprovações dessa afirmativa. Há, ainda, o fato de que, normalmente, as comparações

estabelecidas por ele eram feitas a partir de uma reconstituição etimológica entre as diferentes línguas que caracterizavam o então estudado indo-europeu. Essas línguas, como o grego, hebraico, latim, persa, sânscrito, encontram-se na maioria das pesquisas realizadas pelos linguistas daquele período.

Para finalizar, acreditamos que a melhor definição para descrever o perfil intelectual de D. Pedro II é a que desenvolve Bobbio (1997) sobre os intelectuais e a política. O filósofo afirma que um homem, quando utiliza sua obra, seja de poeta, de filósofo, de crítico ou, nesse caso, de tradutor, para o desenvolvimento da sociedade em que vive, é ao mesmo tempo político e intelectual, um homem de cultura.

A afirmação acima mostra que a tradução foi central nesse processo de desenvolvimento intelectual, tanto do monarca como do país. O envolvimento intelectual de D. Pedro II, embora muitas vezes ridicularizado por opositores políticos, possibilitou, como vimos, a aceitação do Brasil como nação desenvolvida perante as sociedades do mundo, sobretudo a sociedade letrada europeia. Ressaltamos que esta análise foi possibilitada pelo estudo sistemático dos manuscritos, usando-se a metodologia da crítica genética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, N. Fragmento do século IX das “Mil noites” Nova luz sobre os primórdios de As Mil e uma noites. *Tiraz - Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio*, Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe. Dep. De Letras Orientais. USP, p.209-259, 2010. Trad. Cacilda Vilela de Lima.

ALCÂNTARA, Pedro de. *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1891*. BEDIAGA, Begonha (Org.). Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Inferno. Ed. bilíngue. Trad. e notas Italo Eugenio Mauro. Editora 34, 2001.

AN EGYPTIAN CHILDHOOD. *The autobiography of Taha Hussein*. Translated by E. H. Paxton. London, George Houtlede e sons, 1932.

ANÔNIMO. *Livro das Mil e uma Noites*. Trad. Mamede Mustafá Jarouche. 3.ed. São Paulo: Globo, 2006. v.I, II (ramo sírio).

ANÔNIMO. *Calila y Dimna*. Biblioteca Digital Ciudad Seva. Trad. Antonio G. Solalinde. s/d. Disponível em: <<http://www.ciudadseva.com/textos/cuentos/otras/calila/calila16.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2010.

ANÔNIMO. *The Book of the Thousand Nights and a Night*. Trad. Captain Sir R. F. Burton, London, 1897.

ARAÚJO, M. *Dom Pedro II e a Moda Masculina na Época Vitoriana*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

ARGON, Maria de Fátima Moraes. Reflexões sobre o arquivo da família imperial e o papel de D. Pedro II na sua formação – 1.^a parte. IHP, 11 dez. 2000. Disponível em: <http://www.ihp.org.br/lib_ihp/docs/mfma20010408t.htm>. Acesso em: 10 out. 14.

_____. *Família Imperial - Álbum de retratos*. Texto de Pedro Karp Vasquez. Petrópolis: Museu Imperial, 2002.

ASIATIC SOCIETY WEBSITE. *History of the Asiatic Society*. Disponível em: <<http://www.indev.nic.in/asiatic/History/index.htm>>. Acesso em: set. 2014.

BAKER, M. *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London, New York: Routledge, 1998.

BARMAN, Roderick. J. *Imperador Cidadão*. Trad. Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BASSNETT, S. *Estudos de Tradução Fundamentos de uma Disciplina*. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: F. Calouste Gulbenkian, 2003.

BATAILLE, G. *O Erotismo*. Trad. Antonio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BELLEMIN-NOEL, J. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. *Manuscrita*, São Paulo, AMPL, n.4, 1993.

BERMAN, A. *A tradução e a Letra, ou, O albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerrini. Florianópolis/Rio de Janeiro: 7 Letras, PGET, 2007.

BESOUCHET, L. *Pedro II e o Século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BIASI, Pierre-Marc de. *A Genética dos Textos*. Trad. Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: ediPUCRS, 2010.

BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BORGES, J. L. As mil e uma noites. In: *Sete Noites*. São Paulo: Max Limonad, 1987.

_____. Os tradutores das 1001 Noites. In: *História da Eternidade*. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

BOUHDIBA, A. *A Sexualidade no Islã*. Trad. Alexandre de O. Carrasco. São Paulo: Globo S.A, 2006.

BRANCO, L.C. O que é erotismo. In: *Primeiros Passos*. v.11. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BURKE, P. e R. Po-chia Hsia (Orgs.). A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna. Trad. Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.

BURTON, Richard. *Arabian Nights. The Book of the Thousand Nights and a Night*. v.X. Translated and Annotated by Sir. Richard F. Burton, Cover Copyright by Cosimo, 2008. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=q7WeDbjFuKEC&pg>>. Acesso: 04 set. 2010.

_____. *Terminal Essay*. Atheneum Club, 1886.

CALMON, P. *História Social do Brasil: espírito da sociedade Imperial*. v.2. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *A vida de D. Pedro II: O Rei Filósofo*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1975a.

CAMARA, G. *Então esse é que é o Imperador? Ele não se parece nada com reis: Algumas considerações sobre o intelectual brasileiro Pedro de Alcântara e suas viagens pelas terras do Nilo*. 2005. 106f. Dissertação (Mestrado) – PUC, Departamento de História, Rio de Janeiro.

CANSINOS-ASSENS, R. *Libro de Las Mil Y Una Noches: Estudio literário crítico de las Mil y una noches*. Tomo I. Editora Aguiar, 1992.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte/Ed. Itatiaia; São Paulo/Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

CARVALHO, J. M. D. *Pedro II: Ser ou não Ser*. Coord. Elio Gaspari e Lília M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASANOVA, P. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação da Liberdade, 2002.

CELIA. *Pablo RESTIVO (1658-1740) e Arte de la Lengua Guaraní (1724)*. Transcripción y presentación: Silvio M. Liuzzi. Version du 27/01/2010. Disponível em: <http://celia.cnrs.fr/FichExt/Paleographies/Guarani/Guarani_intro.htm>. Acesso em: 15 out. 2013. Acesso em: set. 2014.

CELSO, A. *O imperador no exílio*. São Paulo: Ed. Francisco Alves e Cia. s/d.

CODENHOTO, C. D. *Na Senda das Noites: Les quatre talismans de Charles Nodier e Les mille et une nuits*. 2007a. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. C. D. *As Mil e uma Noites: o cânone eterno*. *Revista Biblioteca Entrelivros*, São Paulo, ano 1, n.3, 2007b.

COSTA, K. L. Viagem de D. Pedro II ao alto do Nilo: o diário de viagem como fonte histórica. p.73-85. CONSTANTINO, N. S. de. (Org.). *Relatos de viagem como fonte de História*. Porto Alegre: EDPI PUCRS, 2012, 145p.

DALBY, Andrew. *Food in the ancient world from A to Z*. Routledge, 2003.

DAHER, Andrea. *A oralidade perdida: ensaios de história das práticas letradas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DAROS, Romeu. *O imperador tradutor de Dante: O processo criativo na tradução de Dom Pedro II no Episódio de Paolo e Francesca da Divina Comédia*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – PGET/UFSC, NUPROC, Florianópolis.

DE SACY, Antoine-Isaac Silvestre. *Le'origine du recueil de contes intitulé Les Mille et Une Nuits*. L'Académie Royale des Inscriptions et Belles-Lettres, 1829.

DICTIONARY LATIN FRENCH. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=sGhJAAAACAAJ&pg=PA10&>>

dq=plautus+poenulo+%2B+sesamo&hl=pt-BR&sa=X&ei=xlhVMDkOoemNtr_g5AI&ved=0CCAQ6AEwAA#v=onepage&q=plautus%20poenulo%20%2B%20sesamo&f=false>. Acesso em: dez. 2014.

DICTIONARY OF THE DERIVATIONS OF THE ENGLISH LANGUAGE. Disponível em: <<https://archive.org/details/adictionaryderi00sonsgoog>>. Acesso em: set. 2014.

D. PEDRO II. *Prológo do Prometheu Acorrentado*. Original de Eschylo. Tradução Poética do texto: Barão de Paranapiacaba. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Teoría del los polisistema*. Madrid: Bibliotheca Philologica, Serie Lecturas, 1999. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas_de_cultura2007.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2009.

_____. The Relations between Primary and Secondary Systems in the Literary Polysystem. In: *Papers in Historical Poetics*. The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University, 1978.

FAINGOLD, R. D. *Pedro II na Terra Santa: Diário de Viagem, 1876*. São Paulo: Livraria e Editora Sêfer, 1999.

_____. D. Pedro II, manuscritos hebraicos e os orientalistas de São Petesburgo. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v.1, n.2, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/nej/maaravi/artigoreuvenfaingold1-torah.html>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

FERREIRA, E. F. C. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. São Paulo: Ed. Annablume, Rio de Janeiro: ABL, 2004.

FERREIRA, Gabriela N.; FERNANDES, Maria Fernanda L.; REIS, Rossana R. O Brasil em 1889: um país para consumo externo. *Lua Nova*, São Paulo, n.81, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452010000300005>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

FINDLEN, P. Humanismo, política e pornografia no renascimento Italiano. Trad. Carlos Szlak. In: HUNT, L. (Org). *A invenção da Pornografia: obscenidade e as origens da Modernidade*. São Paulo: Hedra, 1999.

FOSCOLO, U. Experimento da tradução da *Ilíada* de Homero. Trad. Marzia Terenzi Vicentini. In: GUERINI, A. ARRIGONI, Maria Teresa. (Orgs.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. V.III. Florianópolis: UFSC, 2005.

FRAGUAS, A. B. F. e MARTINS, T. C. O Habitus e o Hábito de D. Pedro II: Novos Olhares Sobre os Diários do Imperador. XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, São Paulo, julho 2011, *Anais do XXVI...* 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312459780_ARQ_UIVO_ArtigoAnpuh.pdf>. Acesso em: set. 2014.

FRAPPIER-MAZUR, L. Verdade e Palavra Obscena na Pornografia Francesa do século XVIII. Trad. Carlos Szlak. In: HUNT, L. (Org). *A invenção da Pornografia: obscenidade e as origens da Modernidade*. São Paulo: Hedra, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GABRIELI, Francesco. *La Literatura Arabe*. Trad. Rosa Maria Pentimalli de Varella. Buenos Aires: Editorial Losada, 1971, p.236-242.

GALLAND, A. *Les Mille et une nuits: Contes Arabes*. Tome I, II. Paris: Ernest Bourdin, 1965.

GARCIA, Rodolpho. *Pedro II e as Línguas Americanas*. Revista do Instituto Histórico e geográfico brasileiro (IHGB), Tomo 98, v.152, Rio de Janeiro, 1925.

GENTZLER, E. *Contemporary Transaltion Theories*. London/New York: Rothledge, 1993.

GIORDANO, C. *História d'As Mil e uma noites*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

GOMES, Flávio dos. S. e CUNHA, Olívia Maria G. da. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

GUERINI, Andréia. *Gênero e Tradução no Zibaldone de Leopardi*. São Paulo: EDUSP, 2007, 176p.

_____. O epistolário leopordiano de 1807 a 1826: reflexões sobre tradução. *Cadernos de tradução*, UFSC, v.2, n.22, p.35-53, 2008.

GUIMARÃES, A. D. *Pedro II nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

GRÉSILLON, A. *La mise en œuvre – Itinéraires génétiques*. Paris: CNRS Editions, 2008.

HADDAWY, H. The arabian nights. In: *Powell's books*. Disponível em: <http://www.powells.com/biblio?show=TRADE%20PAPER:USED:9780393313673:9.95#synopses_and_reviews> Acesso em: 11 abr. 2009.

HABICHT, Maximilian. *Tausend und Eine Nacht*. Arabisch. Erster Band, Breslau, 1825.

HAMARATI, Shlomo. Keissar Brasil Medaver ivrit [O imperador do Brasil fala o hebraico]. Trad. Ephraim Knaan e Moshé Waldmann. 1998.

HARTMANN, Richard. Kleine Mitteilungen und Anzeigen. Christian Friedrich Seybold. In: *Der Islam, Journal of the History and Culture of the Middle East*, v.12, n.3-4. Berlin: De Gruyter, 1922, p.202-206.

HAY, L. *A literatura dos escritores: Questões de Crítica Genética*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Rev. Téc. Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HAY, Louis. Le texte n'existe pas: Reflexions sur la critique génétique. *Poétique*, n.62, 1985.

HERMANS, T. *Translation in Systems: Descriptive and Systemic Approaches Explained*. Manchester, St. Jerome Publishing, 1999.

HESSEL, L. e RAEDERS, G. *O teatro no Brasil sob D. Pedro II*. v.I. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Estadual do Livro, 1979.

HOLANDA, S. B. *Capítulos sobre História do Império*. Org. Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *O Homem cordial*. Seleção de Lilia Mortiz Schwarcz e André Botello. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012.

_____. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOURANI, A. *Uma história dos povos árabes*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUMBOLDT, W.V. Introdução a Agamêmnon. Trad. Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução: Antologia bilíngüe, alemão-português*. v.1. M.v.M/UFSC Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

HUNT, L. (Org.). *A invenção da Pornografia: obscenidade e as origens da Modernidade*. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

JAROUCHE, M. M. Notas sobre a tradução e regime de narrativa no Livro das Mil e uma Noites. *Revista Diálogo América do Sul: Países Árabes*. ARAÚJO, Heloisa Vilhena (Org.). Brasília, FUNAG/IPRI, 2005.

_____. O Livro das Mil e uma Noites: Dilemas e opções de uma tradução. *Revista Veredas*, Porto Alegre, v.8, 2007.

JURADO, Francisco Garcia. La Revolución Indumentaria De La Antigüedad Tardía – Su Reflejo En La Lengua Latina. *Revue des Études Augustiniennes*, v.42, p.97-109, 1996.

LAMARTINE, A. *Opinions sur Dieu, le bonheur et l'éternité d'après les livres sacrés de l'Inde*. Paris: Editora Sand, 1984.

LAMBERT, J. VAN GORP, H. On Describing translations. In: HERMANS, T. (Ed.). *The manipulation of literature: Studies in literary translation*. London/Sydney: Croom Helm, 1985.

LEFEVERE, A. *Translation, Rewriting & the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge, 1992.

LE GOFF, J. *Os Intelectuais na Idade Média*. 4.ed. Trad. Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

LIUZZI, S. M. *Pablo Restivo, Arte de La Lengua Guaraní*. Edition en ligne: Jean-Michel Hoppan avec la collaboration de Marc Thouvenot et Silvio M. Liuzzi. CELIA 2010. Disponível em: <http://celia.cnrs.fr/FichExt/Paleographies/Guarani/Guarani_intro.htm>. Acesso em: 15 out. 2013. Acesso em: set. 2014.

LEWIS, Charlton T. e SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1879.

LYRA, H. *História de D. Pedro II: 1825-1891*. v.I, II, III. São Paulo/Belo Horizonte-ED. USP/ ED. Itatiaia, 1977.

_____. *História de D. Pedro II: 1825-1891*. v.I – Ascensão 1825-1870. São Paulo: Nacional, 1938.

LIMA, S. M. V. D. *Guimarães Rosa: escritura de Sagarana*. São Paulo: Navegar, 2003.

LOEWENSTAMM, K. *O Hebraísta no Trono do Brasil: Imperador D. Pedro II*. São Paulo: Centauro, 2002.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra Completa*. v.II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MACHADO DE ASSIS, J. M. In: *Idéias sobre o teatro*. Publicado originalmente em O Espelho, I, 25 set.; II, 02 out.; 25 de dez. de 1859, A Marmota, Rio de Janeiro, 16 de março de 1860. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact02.pdf>>. Acesso em: set. 2014.

MAGALHÃES, Gonçalves. REVISTA NITHEROY. Revista Brasiliense, ciencias, letras e artes. Tomo 1, n.01, 1836. Paris: Dauvin et Fontaine, Libraires. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/63>>. Acesso em: 10 maio 2011.

MANNHEIM, K. *Sociologia da cultura*. Trad. Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva, Ed. da USP, 1974.

MARDRUS, Joseph Charles. Un mot du traducteur a ses amis. In: *Le Livre des Millenuits et Une Nuits*. v.1. Paris, 1900.

MARTINA, G. (Org.). *L'Oriente Islamico*. Note antropologiche alle Mille e una Notte. Pávia: Ibis, 2005.

MARZOLPH, Ulrich, e LEEUWEN, Richard van. *The Arabian Nights Encyclopedia*. ABC-CLIO-United States of America, 2004.

MASSA, J. M. *Machado de Assis tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MCDONALD, D. Earlier History of The Arabian Nights. *The Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, n.3, p.353-397, Jul., 1924.

MEY, K. *Art & obscenity*. London-New York: I. B Tauris, 2007.

MILTON, J. *Tradução: Teoria e Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOMMSEN, Katharina. Goethe y el mundo árabe. Frankfurt am Main, Insel, 1988. Traducción del alemán por Andrés Felipe Quintero e Sophie von Werder, Universidad de Antioquia. *Mutatis Mutandis*, v.4, n.2, p.215-220, 2011.

MOSSÉ, B. *A vida de D. Pedro II*. São Paulo: Edições Cultura, 1937.

MORAES, E. & LAPEIZ, S. *O que é Pornografia*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

MORELL, A. G. El orientalismo literário em El Romanticismo. In: Diez Ensayos sobre Literatura Española. *Revista de Occidente*, Ed. Castilla, Madri, Espanha, 1972.

MUNDAY, J. *Introducing traslation Studies: Theories and Applications*. New York, NY: Routledge, 2001.

NEBRIJA. Elio Antonio. *Dictionarium Medicum*. Edição, Introdução e Glossário de Avelina Carrera de La Red. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2001.

PAES, José Paulo. *Tradução a ponte necessária*. Aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Ática, 1990.

PAGANO, A. & VASCONCELLOS, M. L. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. *D.E.L.T.A.*, v.19, p.1-25, 2003.

PASSOS, M. H. P. *Da Crítica Genética à tradução literária – uma interdisciplinaridade*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011.

_____. *Da crítica genética à tradução literária: o caminho da (re)criação e da (re)escritura*, anotações para uma estória de amor de Caio Fernando Abreu. 2008. 181p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras.

RAEDERS, G. D. *Pedro II e os sábios Franceses*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 1944.

RAEDERS, G. D. *Pedro II e o Conde de Gobineau*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

RIPA, Javier Torres e MUNGUÍA, Santiago Segura. *História das plantas em el mundo antigo*. Universidad de Madrid 2009, p. 272.

PLAUTUS. *Rome and the mysterious Orient*. Three plays by Plautus. Translated with Introductions and Notes by Amy Richlin. University of California Press. London, England, 2005.

REVISTA CULT. São Paulo, n.89, ano VII, 2005.

RIO-BRANCO, M. *Correspondência entre D. Pedro II e o Barão do Rio- Branco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

ROMANELLI, Sergio; STALLAERT, Christiane. *Mediações transatlânticas na elaboração de uma identidade letrada no Brasil do Segundo Império*. UFSC, CNPq/CAPES-Antwerp University. No prelo.

ROMANELLI, Sergio. *A gênese de um processo tradutório*. Florianópolis: Horizonte, 2013.

ROMANELLI, S. *A gênese de um processo tradutório: os manuscritos de Rina Sara Virgillito*. 2006. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

_____. Entre línguas e culturas: as traduções de D. Pedro II. *Mutatis Mutandis*, v.4, n.2, p.191-204, 2011.

SACKL, Ana Maria. In: *D. Pedro II: um tradutor Imperial*. 2013.

SAID, E. W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Francisco M. Aspectos da primeira viagem dos imperadores do Brasil a Europa e Egito. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico (IHGB)*, tomo 188, p.55-91, 1945.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Charles Bally e Albert Sechehaye (Orgs.). Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

SCHMIDT, R. A. C. e ROMANELLI, S. In: *D. Pedro II: um tradutor Imperial*. 2013.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução: Antologia bilíngüe, alemão-português*. v.1. Trad. POLL. M.v.M/UFSC Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SCHOPENHAUER, A. Sobre Línguas e Palavras. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. p.164, 179.

SCHWARCZ, L. M. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, M. C. *Dom Pedro II e a Literatura Nacional*. Petrópolis, 1970.

SILVA, R. O. Apropriações contemporâneas do Egito Antigo: antiguidades e tradição no discurso maçônico brasileiro. *Revista de Humanidades*, v.07, n.15, abr/maio 2005. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme>. Acesso em: set. 2012.

SISCAR, Marcos. Jacques Derrida, o intraduzível. *Revista Alfa*, São Paulo, n.44, p.59-69, 2000.

SMITHERS, L. Editor's Note, 1894. In: *The Book of the Thousand Nights and a Night*. Trad. Captain Sir R. F. Burton. London, 1897.

SOBH, Mahmud. Historia De La Literatura Árabe Clásica. *Catedra, Crítica y Estudios Literarios*, Madrid, p.728-735, 2002.

SOUZA, Rosane de. *A gênese de um processo tradutório: As Mil e uma noites de Dom Pedro II*. 2010. 136p. Dissertação (Mestrado) – PGET-UFSC, Florianópolis.

SEYBOLD, C. F. *Prefácio*. Trad. Renato Ferreira da Silva. 1902.

TAUNAY, A. E. *O Grande Imperador*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1932.

_____. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

_____. *D. Pedro II*. São Paulo: Ed. Companhia Nacional, 1933.

TEIXEIRA, M. *O Imperador Visto de Perto*. Rio de Janeiro: Ed. Leite Ribeiro & Maurillo, 1917.

TERRA, João Evangelista Martins. *O Deus dos indo-europeus: Zeus e a proto-religião dos indo-europeus*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

TIRAZ – Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio. *Notas sobre alguns Manuscritos das mil e uma Noites e a Tradução de Galland*. n.3, São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2006.

TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1995.

TOURY, Gideon. In: *Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv University: The Porter Institute for Poetics and Semiotic, 1980.

TYNIANOV, Iuri. *Arkhaisti i novátori*. Leningrad: Pribói, 1929.

VARGENS, João Batista M. *D. Pedro II, o primeiro arabista do Brasil?: catálogo comentado dos livros sobre a cultura árabe, que pertenceram ao Imperador, encontrados na Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Almadena, 2013.

VERISSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Ministério Da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1916.

VERNET, Juan. *Lo que Europa debe al Islam de España*. El Acantilado, Barcelona, 1999.

_____. *Literatura Árabe*. Decadência, Cap.8. Editorial Labor, Barcelona, 1966. p.143-196.

WILLEMART, P. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *Universo da criação literária*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1993.

WYLER, L. *Línguas, Poetas e Bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.

_____. e BARBOSA, Heloisa Gonçalves. Brazilian tradition. In: *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Edited by Mona Baker. London and New York, 2001, p.326-333.

ZOTENBERG, M. H. Nota sobre Alguns Manuscritos das Mil e uma Noites e a Tradução de Galland. Trad. Gaby Friesskirsch. *Tiraz: Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio*, Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe, USP, p.195-233, 2006.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRIAN. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Trad. Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello.

ARAUJO, M. W. A. *Dom Pedro II e a Cultura*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977.

ARARIPE, Tristão de Alencar. Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil. *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Laemmert e Cia., Tomo L, Parte primeira, p.213-294, 1887.

BATISTA, R. de O. *Línguas Indígenas em Gramáticas Missionárias do Brasil Colonial*. CEDOCH – DL/ USP-Mackenzie, 2005.

BENJAMIN, W. A Tarefa-Renúncia do Tradutor. Trad. Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução – Antologia bilíngüe, alemão-português*. v.1. M.v.M/UFSC Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

BESOUCHET, Lídia. *Exílio e Morte do Imperador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

BIASI, Pierre-Marc de. A crítica genética. In: BERGEZ, Daniel et al. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BÍBLIA SAGRADA. 153.ed. rev. Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Ave Maria, 2002.

BISCARDI, Afrânio. ROCHA, Frederico Almeida. *O Mecenato Artístico de D. Pedro II e o Projeto Imperial*. 1920. Rio de Janeiro, v.I, n.1, mai. 2006. Disponível em:

<http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/mecenato_dpdedro.htm>
. Acesso em: set. 2012.

BLACH, M. Orientalismo: A relação histórica entre Oriente e Ocidente. In: *Antiguidade, Historiografia*. 2011. Disponível em:

<<http://www.sobrehistoria.org/orientalismo-a-relação-historica-entre-oriente-e-ocidente/>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Trad. David Jardim Júnior. Brasília, 2001. Coleção: O Brasil visto por estrangeiros.

BORGES, J. L. A Biblioteca de Babel. In: *Ficciones*. New York, Grove Press, 1962.

CALMON, P. *História de D. Pedro II*. Tomo terceiro: No País e no Estrangeiro, 1870-1887. Brasília: J. Olympio, 1975b.

CARNEIRO, M. L. T. No Império dos Negócios e da Cultura Judaica. In: *Brasil Judaico: Mosaico de nacionalidades*. São Paulo: Maayanot, 2003. p.63-108.

CHRAIBI, Aboubakr. Galland's "Ali Baba" and other arabic versions. *Marvels e Tales. Journal of Fairy Tale Studies*, v.18, n.2, Wayne State University Press, Detroit, p.159-169, 2004.

CHAUVIN, Victor Charles. *Bibliographie des ouvrages arabes ou relatifs aux Arabes, publiés dans l'Europe chrétienne de 1810 à 1885*. 2.ed. 1898. Disponível em:

<<https://archive.org/stream/bibliographiedes03chauuoft#page/n9/mode/2up>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

CITRO, D. Kant e o gênio na filosofia, *Kínesis*, v.I, n.2, p.13-21, out. 2009. Disponível em:

<<http://www.marília.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Artigo01.D.Citro.pdf>>. Acesso em: set. 2010.

COSTA, M. C. *Joaquim Nabuco entre a política e a História*. São Paulo: Ed. Annablume, 2003.

DEBANNÉ, Nicolas. D. Pedro II no Egypto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, Rio de Janeiro, Tomo 75, p.129-157, 1912.

DEL PRIORE, M. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

DICIONÁRIO DA REAL ACADEMIA ESPANHOLA. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=jeque>>. Acesso em: 25 set. 2012.

D. PEDRO II e BARRAL, Condessa. *Abrindo um cofre: cartas de D. Pedro II à condessa de Barral*. SODRÉ, Alcindo (Org.). Editora Livros de Portugal, 1956.

ELISÉEFF, Nikita. *Thèmes et Motifs Mille et Une Nuits*. Essai de Classification. Institute Français de Damas, Beyrouth, 1949.

Disponível em: <<http://www.e-corpus.org/notices/105544/gallery/1099940>>. Acesso em: 09 ago. 2012.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

ENCYCLOPEDIA OF EROTIC LITERATURE. Gaëtan Brulotte, John Phillips eds. *Erotic literature – Encyclopedias*. I. Brulotte, Gaëtan. II. Phillips, John. Routledge Taylor & Francis Group, New York, NY, 1950.

ENDERWITZ, Sussanne. *Shahrazad Is One of Us: Pratical Narrative, Theoretical Discussion, and Feminist Discourse*. *Journal of Fairy Tale Studies*, Marvels e Tales, v. 18, n.2, Wayne State University Press, Detroit, 2004.

EVEN-ZOHAR. <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

FAINGOLD, Reuven. *Dom Pedro II Visits Antique Shop in Jerusalem: A controversy around Moabite antique pieces and the 'Shapira Affair'*. In: *New Perspectives on the Ancient World: Modern perceptions, ancient*

representations. Org. Pedro Paulo A. Funari, Renata S. Garraffoni, Bethany Letalien. Ed. British Archaeological Reports, FAPESP, 2008.

FOTOGRAFIAS. Collecção D. Thereza Christina Maria. Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 1987. Disponível em:
<http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1017638.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2010.

GÁLATAS. *Bíblia Sagrada*. Epístola. 153.ed. rev. Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Ave Maria, 2002. Cap 5, 16-21.

GOLDFELD, Monique Sochaczewski. *O Brasil, o Império Otomano e a sociedade internacional: contrastes e conexões (1850-1919)*. 2013. 235 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

GRAMSCI, Antonio. *A formação dos intelectuais*. Trad. Serafim Ferreira. Achiamé: Rio de Janeiro, s.d.

GRÉSILLON, A. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. *Scielo Brasil*, São Paulo, v.5, n.11, 1991.

GROTZFELD, Heinz. *The Age of the Galland manuscript of the Nights: numismatic evidence for dating a manuscript?* Orient-Institut der Deutschen Morgenländischen Gesellschat, Beirut, Lebanon, 1995.

.HERMANS, T. *The manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. London: Croom helm, 1985.

HEISE, P. F. *A introdução de Dante no Brasil: o ramalhete poético do parnaso italiano de Luiz Vicente de Simoni*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HISTORY OF THE ASIATIC SOCIETY. *Asiatic Society Website*. <<http://www.indev.nic.in/asiatic/History/index.htm>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra,

2011.

_____. *A era do capital: 1848-1875*. Tradução: Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *A era das revoluções: 1789-1848*. Tradução: Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

JAROUCHE, M.M. Algumas obscenidades no Livro das *Mil e Uma Noites*. *Revista Livro Aberto*, São Paulo, ano1, n.2, nov. 1996.

_____. Ah, Essa deliciosa entreperna... *Revista Cult*, n.89, ano VII, 2005.

KENNEDY, Dane. Captain Burton's Oriental Muck Heap: The Book of the Thousand Nights and the Uses of Orientalism. *The Journal of British Studies*, v.39, n.3, p.317-339, jul. 2000. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=00219371%28200007%2939%3A3%3C317%3A%22BOMHT%3E2.0.CO%3B2-M>>. Acesso em: 05 maio 2007.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na trama fotográfica*. 4.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LABABIDI, Lesley. *Cairo's Street Stories: Exploring the city's, Statues, Squares, Bridges, Gardens, and Sidewalk Cafés*. Cairo, The American University in Cairo Press, 2007.

LARZUL, S. *Les traductions française des Mille et une nuits: étude des versions Galland, Trèbutien et Mardrus*. Paris: L' Harmattan, 1996.

_____. Further Considerations on Galland's Mille et une Nuits: A Study of the Tales Told by Hanna. Project MUSE. *Journal of Fairy-Tale Studies*, Marvels & Tales, v.18, n.2, p.258-271, 2004.

LEAL, Alice. *Funcionalismo alemão e tradução literária: a intenção do autor no processo de tradução literária*. 2006. Disponível em <www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_501.pdf> Acesso em 12 out. 2011.

_____. *Funcionalismo alemão e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos*. 2006.

LIAIS, Emmanuel. *Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil*. Por Par Ordre Du Gouvernement Impérial Du Brésil. Paris: Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1872.

LIMA, Valéria. *Uma viagem com Debret*. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

MACEDO, H. A. M. Oriente, Ocidente, ocidentalização – Discutindo Conceitos. *Revista da Faculdade do Seridó*, v.01, n.0, jan/jun. 2006. Disponível em: <http://www.faculadadedoserido.com.br/revista/v1_n0/helder_alexandre_medeiros_de_macedo.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2012.

MIQUEL-RAVENEL, Janine. A La Rencontre D'Antoine Galland, Premier Traducteur des Mille et Une Nuits. *Arabica*, 41, p.147, 1994.

NABUCO, Joaquim. *D. Pedro II*. Rio de Janeiro: Bibliotheca do Jornal do Brasil, 1892.

_____. *Um estadista do império: Nabuco de Araújo – Sua vida suas opiniões, sua época*. Tomo Primeiro 1813-1857. Rio De Janeiro: H. Garnier, Livreiro Ed., 1897.

NEVES, Lucas Vieira Baeta. *História e imagem a sociedade escrita com a luz (Rio de Janeiro, 1840-1889)*. 2006. 227p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília/Programa de Pós-graduação em História, Brasília. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6518/1/Lucas%20Vieira%20Baeta%20Neves.pdf>>. Acesso em: dez. 2013.

OLIVEIRA, Arilson Silva de. Edward Said e o orientalismo alemão. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n.52, p.207-226, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>>. Acesso em: 15 maio 2013.

OS IMORTAIS DA LITERATURA UNIVERSAL. n. 21. Abril Cultural, s.d.

OTTONI, P. *A responsabilidade de traduzir o in-traduzível: Jacques Derrida e o desejo de [la] tradução*. Unicamp, 2001.

ORIGINE DES MILLE ET UNE NUITS, 1949. Ebook. Disponível em: <<http://www.e-corpus.org/notices/105544/gallery/1099940>
http://books.google.com.br/books?id=sl7dL_KNlz0C&pg=PA167&lpg=PA167&dq=usos+da+biografia&source=bl&ots=DFKyC0y711&sig=j2NcRSX2Y5otbSjyTQdFm2HjHYk&hl=en&sa=X&ei=sGSOUpK0NYOhkQeN0ICYCg&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q=usos%20da%20biografia&f=false>. Acesso em: 21 nov. 2013.

PINASSI, Orlanda Maria. Três devotos, uma fé, nenhum milagre. *Nitheroy – Revista Brasiliense de Ciências e Artes*, UNESP, São Paulo, 1998.

PINHO, W. *Cartas do Imperador D. Pedro II ao Barão de Cotegipe*. São Paulo: Companhia Nacional, 1933.

PREIBLER, Holger. Les contacts entre orientalistes français et allemands dans les années 1820 et 1830, d'après la correspondance de Heinrich Leberecht Fleischer (1801-1888). Translated by Marie-Ange Maillet.

REVISTA LIVRO ABERTO. São Paulo, ano 1, n.2, nov. 1996.

RODRIGUES, C. C. *Tradução e Diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. Coleção Prismas/PROPP.

RODED, Ruth. *Women in Islamic*. Biographical Collections: From Ibn Sa'd to Who's Who. L. Rienner Publishers, 1994.

SALLES, C. A. *Crítica Genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. São Paulo: Educ, 2008.

_____. *Crítica Genética: Uma (Nova) Introdução*. Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 2.ed. São Paulo: EDUC, 2000.

SCHACKE-MILL. Otherness and otherworldlines. Edward W. Lane's Ethnographic Treatment of the Arabian Nights. *Journal of American Folklore*, p.164-184, 2000.

SCHMIDT, Rosana Andreatta Carvalho. *O processo criativo de Dom Pedro II na tradução de "Il cinque maggio" de Alessandro Manzoni*. 2012. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Letras Estrangeiras, Língua Italiana e Literaturas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCHÜLER, Donald. *Na conquista do Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

SCHWARCZ, L. M. M. D. *Pedro II e seu reino tropical*. São Paulo: Ed. Claro Enigma, 2009.

SCHACKER-MILL, Jennifer. Otherness and Otherworldliness: Edward W. Lane's Ethnographic Treatment of The Arabian Nights. *The Journal of American Folklore*, v.113, n. 448, Spring, p.164-184, 2000.

Disponível em:
<URL:<http://links.jstor.org/sici?sici=00218715%28200021%29113%3A448%3C164%3A0A0EWL%3E2.0.CO%3B2-U>>. Acesso em: 05 maio 2007.

SEYBOLD. Disponível em:
<<http://foroscastilla.org/foros/index.php?action=printpage;topic=17234.0>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

SEYBOLD. Disponível em:
<http://www.newperspectivesonturkey.net/Content/Npt/Issue_30/Lecture_32/221-227_47_NPT_Fall.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2014

SEYBOLD. Disponível em: <<http://www.east-west-dichotomy.com/shengren-chapter-2-3-three-theories-about-german-orientalismo>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

SEYBOLD. Disponível em: <<https://es-es.facebook.com/SalvemosEspana?filter=3>>. Acesso em: 31 mar. 2014

<https://repositorio.uac.pt/bitstream/.../Eugenia_Rodrigues_p621-660.pdf>

SEYBOLD. Disponível em:
<<http://rgi.revues.org/399?lang=en#tocto1n3>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

SIMONI, Karine. Ugo Foscolo e as discussões sobre a tradução dos clássicos na Itália entre os séculos XVIII e XIX. *Tradução em Revista*, p.01-15, 2010/1. Disponível em:

<<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/15904/15904>>. Acesso em: 09 jun. 2011.

SOARES, Evanna. Abolição da escravatura e princípio da igualdade no pensamento constitucional brasileiro. Reflexos na legislação do trabalho doméstico. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 16, n.2835, 6 abr. 2011. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/18842>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. Agassiz e Gobineau – as Ciências contra o Brasil Mestiço. 2008. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro.

SOUZA, Lígia F. T. E CIVALE, Leonardo. *Retrato do Brasil aos olhos dos viajantes: Richard Burton e a “Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho”*. Porto Alegre, 2010.

STALLAERT, C. Traducción e conversión como modos de creación de indentidades contra-hegemónicas. El caso de las culturas ibéricas. *Mutatis Mutandis*, v.5, n.2, p.271-283, 2012.

_____. *Ni uma gota de sangue impura*. La España inquisitorial y la Alemania nazi cara a cara. Galaxia Gutemberg: Barcelona, 2006.

STORNI, Hugo. *Restivo*, Paul Catalog. p.236. Disponível em: <<http://celia.cnrs.fr/FichExt/Paleographies/Guarani/Textes/Presentation.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

STEWART, D. *Antigo Islã*. Trad. de Iracema Castello Branco. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1979.

TAUNAY, A. E. *Memórias*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca do Exército, 1960.

TIEGHEM, Paul van. *Le Romantisme dans La Littérature européenne*. Paris; Albin Michel, 1948.

VALE, Daniel Simões do. Intelectuais, espíritas e a abolição da escravidão: os projetos de reforma na imprensa espírita (1867-1888). 2010. 193p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.

VANNUCCI, Alessandra. O imperador e a rainha da cena. In: VANNUCCI, Alessandra (Org.). *Uma amizade revelada*. Correspondência entre o Imperador d. Pedro II e Adelaide Ristori, a maior atriz de seu tempo. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Nacional, 2005. p.27-53.

VASCONCELLOS, Maria Lucia. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-graduação: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. *Cadernos de Tradução*, v.2, n.26, p.119-143, 2010.

VELOSO, José Mariano da Conceição. *Diccionario Portuguez, e Brasileiro*. Lisboa: Officina Patriarcal, 1795. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00649100>>. Acesso em: set. 2013.

VEREDAS. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, v.8, Porto Alegre, 2007.

VERISSIMO, Erico. *Breve História da Literatura Brasileira*. 3.ed. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Ed. Globo, 1996.

VIANNA, Oliveira. *O ocaso do Império/Oliveira Vianna*. 3.ed. Rio de Janeiro: ABL, 2006. XXVI, 189p. Coleção Afrânio Peixoto, v.75. História.

VIRGILI, Maronis. *Opera Omnia*. Editione Heyniana: Londini, v.4. 1819.

WILLEMART (artigo). Disponível em: <<http://ojscurso.flch.usp.br/index.php/manuscritica/article/view/661/553>>. Acesso em: 02 set. 2013.

WOLFF, Frieda. As visitas de D. Pedro II às sinagogas e seus estudos da língua hebraica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)*, Rio de Janeiro, ano 157, n.390, p.111-116, 1996.

YEE, R. S. *Odorico Mendes*, o manuscrito da *Ilíada* e diversas facetas da atividade tradutória. 2011. 128p. Dissertação (Mestrado Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ZAIDAN, A. *Letras e Histórias: mil palavras árabes na língua portuguesa*. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Escrituras/EDUSP, 2010.

ZERBINI, Eugenia. A imperatriz invisível. *Revista de História*, 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/a-imperatriz-invisivel>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

ZOHAR-EVEN, Itamar. Polysystem Studies. *International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, v.11, n.1, 1990-1997.

<<http://www.mafua.ufsc.br/numero11/ensaios/correa.htm>>. Acesso em: 08 ago. /2013.

<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num15/art_06.php>. Acesso em: 12 ago. 2013

<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Leopoldi.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2013.

<<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/platao.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

<<http://ghiraldelli.wordpress.com/2008/06/21/fran-foto/>>. Acesso em: jul. 13.

<<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/politica1.htm>>. Acesso em: 24 jul 2013.

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000028.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2008.

<http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/busca/listar_projeto.php?cod=13&from=1>. Acesso em: 12 nov. 2008.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000200006>. Acesso em: 05 abr. 2013.

<<http://veja.abril.com.br/historia/republica/imperador-destronado-d-pedro-ii-impressao.shtml>>. Acesso em: 02 abr. 2012.

<http://www.ciudadseva.com/textos/cuentos/otras/calila/calila_y_dimna.htm>. Acesso em: 07 fev. 2014.

<https://books.google.com.br/books?id=sGhJAAAACAAJ&pg=PA10&dq=plautus+poenulo+%2B+sesamo&hl=pt-BR&sa=X&ei=x1-hVMDkOoemNtr_g5AI&ved=0CCAQ6AEwAA#v=onepage&q=plautus%20poenulo%20%2B%20sesamo&f=false>. Acesso em: 20 ago. 2014.

<http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/memorias/critical_hyper/ece_Frameset.html>. Acesso em: 16 nov. 2013.

<<http://www.item.ens.fr/>>. Acesso em: 15 maio 2011.

<<http://arquivo.cansinos.org/>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

<<http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/113898/edicao-genetica-d-a-gramatiquinha-da-fala-brasileira-de-mario-de-andrade/>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

<<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/news?i=2>>. Acesso em: 10/ out. 2013.

<<http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/296-camilo>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

<<http://ojscurso.fffch.usp.br/index.php/manuscritica/article/view/4613/4242>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

<http://www.livius.org/pi-pm/pliny/pliny_e3.html#history>. Acesso em: 20 nov. 2014.

<<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/>>. Acesso em: 10 set. 2012.

<<http://www.ihgb.org.br/pesquisa.php>>. Acesso em: 10 set. 2012.

<<http://www.obrasraras.usp.br/>>. Acesso em: 15 out. 2011.

<http://www.tradwiki.net.br/The_Map_A_Beginner%E2%80%99s_Guide_to_Doing_Research_in_Translation_Studies>. Acesso em: 10/ jul. 2014.

<<http://www.coisasjudaicas.com/2008/11/d-pedro-ii-falava-fluientemente-hebraico.html>>. Acesso em: 03 jun. 2009.

<<https://falabonito.wordpress.com/2007/07/05/cidades-brasileiras-cujos-nomes-tem-origem-no-tupi-guarani/>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

<<http://www.helenos.com.br/Home/projetos/bolos-gregos-antigos>>. Acesso em: 18 fev.2015.

<<https://books.google.com.br/books?id=KdR4jRJCxEsC&pg=PA70&dq=poenulus+%2B+325&hl=pt-BR&sa=X&ei=tsXkVMe9G6K1sQTS94HADA&ved=0CB4Q6AEwAA#v=onepage&q=poenulus%20%2B%20325&f=false>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

ANEXO 1 – TEXTO DE Breslau

Tausend und Eine Nacht

Arabisch.

Nach einer Handschrift aus Tunis.

Herausgegeben

von

Dr. MAXIMILIAN HABICHT,Professor an der Königl. Universität zu Breslau, Mitglied der
Asiatischen Gesellschaft zu Paris, des Museums zu Frankfurt
a. M. und der deutschen Gesellschaft zu Berlin.

Erster Band.

Breslau, 1825

mit Königlichen Schriften.

Laugend und Eine Nacht

Arabisch.

Nach einer Handschrift aus Tunis.

Herausgegeben

VON

Dr. MAXIMILIAN HABICHT,

Professor an der Königl. Universität zu Breslau, Mitglied der
Asiatischen Gesellschaft zu Paris, des Museums zu Frankfurt
a. M. und der deutschen Gesellschaft zu Berlin.

Zweiter Band.

Gedruckt mit Königl. Schriften.

Breslau, 1826

bei JOSEF MAX & COMP.

-٥-

المعلومات المتعددة رواية خاصة به ، كما لو كان يمارس دور المؤلف في الأداء الشخصي . وتزيد من إمكان هذا الاحتمال ما نعرفه من أن مسألة إتمام نص أو نصوص مختلفة في نص اليبالي أثناء الإعداد للطباعة مسألة متكررة في حالة اليبالي ، وموجودة على سبيل المثال في الطبقات الهندية التي أصبحت أكثر من نص في المتن الذي اعتمده كل طبعة ، فيما عدا الطبقات البرلاقية التي التزم مصححوها بوحدة المتن الأصلي ، حفاظاً على تقاليد النسخ والرواية التي تعلموها . وعلى كل حال ، فهذا الإشكال في طبعة برسلاو يطرح السؤال عن تسرب تقاليد الحكمي الشافهي من الرواة الشعبيين إلى المشرفين (من غير علماء الأهر) على طباعة النص الذي لم يفارق شفاهيته وشعبيته ، خصوصاً في هذه الطبعة التي تتميز بتربها الشديد من أصلها الشافهي القابل للريادة والتقصان . وفي ذلك وجه آخر من أوجه جاذبيتها لدى عشاق ألف ليلة وما أكثرهم .

رئيس مجلس إدارة

الهيئة العامة

لدار الكتب والوثائق القومية

عبد الرحمن

هذا كتاب ألف ليلية وليلة
من المبتدأ إلى المنتهأ

قام بطبعه الخبير الفقيه الی رسة رسة و

شقرانه مكسيه بيليانوس بس فاخسط

معلم اللغة العربية في المدرسة

العظمى الملكية بدينه

برسلاو حرسها اللسه

امسوس امسون

امسوس

بدار طباعة المدارس في مدينة برسلاو

باللات الملكية

ANEXO 2 – TEXTO DO SEYBOLD

Prefácio¹

a m

A última importante coletânea de Wetzstein do ano de 1860-1862, que englobava 173 manuscritos árabes (entre os quais uma porção do Magreb, de um emigrante algeriano), foi adquirida em 1864 pelo governo de Württemberg para a biblioteca da Universidade de Tübingen, e permaneceu, desde então, sem ser devidamente observada, provavelmente em consequência da raridade da pequena tiragem do conciso e incompleto catálogo de venda, o qual Wetzstein mandou imprimir, na maior parte sem um exame mais preciso da caligrafia, como “Catálogo de manuscritos árabes em Damasco reunidos pelo Dr. J. G. Wetzstein” Berlin 1863. 18, página 8 (compare a escrita drusa *Kitab al Noqat wal-dawair*, Seybold 1902, XI). Foi utilizado, por exemplo, nosso antigo Tabarikodex (n.º 2) de Goeje para a monumental edição de Leidener. Também nosso valioso manuscrito Ibn Abi Useibi (n.º 14) foi utilizado, ao menos posteriormente, por August Müller em sua edição. Também Pertsch utilizou algumas anotações superficiais de Wetzstein no Gothaer. Mas mesmo um especialista, como o nosso professor e amigo Socin, não dedicou nenhuma apreciação mais detalhada à bela coleção (compare p. ex. as 1100 folhas de pergaminho cúfico²) durante a sua atividade como professor em Tübingen entre 1876 e 1890, apenas uma curta nota sobre uma menos significativa Palestínica (n.º 25 – 27) encontra-se em ZDPV. 14, 85 (1894).

E então temos aqui, por exemplo, desde a tradução francesa parafraseada de Galland no ocidente diretamente conhecida e influente coletânea de histórias das 1001 Noites, agora, na Europa, o mais famoso e popular produto da literatura árabe. Dois marcos de inestimável valor, cuja importância só foi reconhecida em parte por Wetzstein (n.º 33), e uma raridade de primeira e única categoria (n.º 32). Sobre essa obra única, que nós aqui pela primeira vez publicamos ao mesmo tempo em árabe e alemão, Wetzstein diz o seguinte: “33. Uma parte das 1001

¹ Todas as notas de rodapé contidas neste prefácio foram inseridas pelo tradutor.

² cúfico [da cidade de Alcufa (Iraque)]; escrita árabe utilizada no Corão e sobre moedas até o século X que é reconhecida pela ausência de pontos de diferenciação.

Noites, que contém o conto de شمول e سول. Os manuscritos com cerca de 500 anos são talvez os mais antigos existentes, já que as 1001 Noites só são copiadas para o uso nas casas de café, tornando-se logo gastas." Wetzstein reconheceu provavelmente a idade dos manuscritos e, devido a isso, também sua grande importância, pois quase todos os manuscritos à disposição na Europa e mesmo no Oriente são modernos. Por outro lado, ele considerou a história de Súl e Shumúl como parte integrante das recensões por nós conhecidas; se não, ele não teria deixado de chamar a atenção para a raridade dessa antiga história de amor em seu catálogo. Dessa forma o manuscrito permaneceu até hoje sem ser devidamente observado. Também Zotenberg, em sua primeira análise mais ou menos detalhada dos manuscritos das 1001 Noites, "*Noice súr quelques manuscrits des 1001 Nuits*" na "*Histoir d'Alâeddîn ou la lampe merveilleuse. Texte arabe*", não dá informações a respeito manuscritos de Tübingen; também Chauvin (bibliografia IV 17; compare V 112) refere-se apenas superficialmente a alguns manuscritos locais das 1001 Noites através de um apontamento de Pertsch. Mesmo Rieu, em seu catálogo do Museu Britânico, não se refere de forma alguma ao registro de Wetzstein, apesar de esse estar agora disponível ao menos em Londres (Ellis, Catalogue II 7962). Como eu me dedico desde muitos anos a essa escrita fragmentária e em grande parte desordenada, procurei também naturalmente pela nossa história primeiramente nas edições e resenhas a que tive acesso, porém em vão. Então certifiquei-me, através de um levantamento entre os melhores conhecedores da literatura, da novidade do até então desconhecido conto.

O belo Naskhî (compare o fac-símile um pouco reduzido) em papel marron amarelado data, no mínimo, do século XIV, e supera ainda o mais antigo conhecido, o Manuscrito Parisiense 3609-11, do final do mesmo século (compare o fac-símile em Zotenberg). Fica-se surpreso e admirado ao se deparar com uma escrita tão meticulosa nessa literatura de contos tida como não-clássica, na qual praticamente só se espera encontrar uma letra superficial e uma escrita descuidada. Mesmo a vocalização e a pontuação (falta, com freqüência, apenas *tashdîd*; compare as primeiras linhas do fac-símile) são no geral cuidadosas e se conectam, onde possível, com tendência clássica ao texto consonantal; en-

quanto o vulgar é freqüente e suficientemente marcado não apenas nos textos consonantais, mas também na vocalização, a métrica deve e pode ser muito facilmente extraída dos versos não demasiadamente poéticos através da pronúncia vulgar e abandono do Iráb (compare adiante 3, 15). A designação cóptica³ da numeração na parte superior esquerda da folha (compare fac-símile) produz uma impressão bastante moderna (compare as tabelas em Sacy, *Grammaire arabe I*, e em Stern, *Gramática Coptica*). Ambos deram ao mesmo tempo um meio confortável de se ordenar as folhas desordenadas (apenas uma Kurrâsa ou partes dela permanecem ainda separados), e de ver o quanto do original agora falta. Para que isso seja igualmente inteligível a todos, estou dando a antiga numeração de página (cóptica) e, entre parênteses, a atual. O parecer de Wetzstein sobre o estado do manuscrito: “mal preservado”, seria válido apenas para as três últimas folhas, que tinham as bordas inferiores direitas rasgadas, e sem as primeiras palavras da primeira linha na parte superior de cada uma. Da mesma forma estão danificados ambos os lados da folha 1 de Wetzstein (52 (10)); também o texto (como algumas outras folhas) está bastante apagado, porém totalmente passível de análise. Na borda superior encontra-se, nessa página, quase totalmente desbotado e feito posteriormente a mão (assim: حكاية السؤل والشمول) e um rudimentar الحمد لله (tais inacabados e rudimentares Sudelein repetidas vezes na borda). Acerca das páginas preservadas poder-se-ia dizer: (razoavelmente) bem conservadas. Embora no início a indicação esteja anotada em noites (habitualmente também com linhas livres para a colocação do número de noites), esse esquema será abandonado mais adiante, prosseguindo apenas com “o contador de histórias⁴ diz”. No fim entra em cena mais uma vez Shahrazad. Uma das folhas avulsas do manuscrito, anexa e ainda mais antiga, não diz respeito a ele; entretanto, contém, sobre outro papel marrom avermelhado, anotações de companheiros dos anos de 602 e 624. Nosso Codex 33, assim como o 32 e o 42 (História de Jâwdar) e o nosso volu-

³ cóptico, [árabe qubti, qibtī < grego: Aigýptios = egípcio]: referente à igreja cristã egípcia, ou aos seus membros.

⁴ No original alemão encontra-se a palavra *Überlieferer*, derivada do verbo *überliefern*, que significa transmitir valores culturais a gerações posteriores. *Überlieferer*, portanto, seria aquele que realiza essa tarefa.

moso Codex 52 da *Sîrat de Benî Hilâl* (355 folhas), terá pertencido ao conhecido mestre-cantor (Qayyim) Ahmed al Rabbât de Alepo, por volta de 1200 H/1786 dC.

Conforme as referências no romance de amor de Súl e Shumúl, podemos afirmar aqui com segurança, ao contrário da maioria dos temas provenientes de Bagdá, Cairo ou das fontes indopersas e histórias das 1001 Noites, que sua pátria é a Síria; enquanto o conhecimento geográfico da Babilônia parece falho, (4,6 Deir el âqûl à beira do Eufrates! ao ênvés do Tigre), o conhecimento em relação à Síria parece mais familiar; compare também a descrição entusiasmada da região de Damasco página 21 ff; a conversão do Nebhâniten do islamismo para o catolicismo por amor à cristã de Damasco pág. 74 ff; a comparação dos impostos da Síria e Medschem pp. 30, 18; a inserção de palavras da linguagem da igreja síria, o que indica o bom contato com os cristãos sírios, com a vida dos eremitas e nos mosteiros: pág. 79, 15; 24, 9; compare também 30, 18. Ainda que o conhecido temor árabe encontrado nos antigos poetas aos monges —que, como adivinhos e magos de reputação misteriosa e esplendor, pareciam envolver os pagãos árabes— estivesse surtindo efeito, então encontra-se aqui a adaptação recíproca entre os cristãos e os muçulmanos de forma tão ampla, que quase podemos falar de tolerância. O muçulmano Súl ajusta-se totalmente ao ponto de vista cristão ao se dirigir aos monges cantando, enquanto os que vivem na clausura falam de Mohammed de uma maneira bem muçulmana. De qualquer modo, essa tolerante concessão (compare também a ausência de fanatismo na conversão do Nebhâniten 74 ff.) é notável; poder-se-ia pensar até mesmo numa origem cristã para toda a história (compare ZDMG. 50m 152); em toda parte, porém, é preservado o colorido muçulmano e árabe de beduínos e daqueles que vivem nas cidades, embora os duelos e as batalhas lembrem a situação entre os sultões mamelucos durante a época das cruzadas; compare as peripécias e complicações do autêntico roubo de cavalos árabes, e como o príncipe Súl, no começo tão sentimental, desenvolve-se, tornando-se um terrível herói. O teor de toda narração também lembra, por um lado, outras histórias de amor das 1001 Noites, por exemplo, *Uns alwugúd*; e, por outro, os romances de heróis como *‘Antar* e *‘Omar al Nu‘mán*. O engano de Súl com o ladrão de cavalos e como ele precisa

moso Codex 52 da *Sîrat de Benî Hilâl* (355 folhas), terá pertencido ao conhecido mestre-cantor (Qayyim) Ahmed al Rabbât de Alepo, por volta de 1200 H/1786 dC.

Conforme as referências no romance de amor de Súl e Shumúl, podemos afirmar aqui com segurança, ao contrário da maioria dos temas provenientes de Bagdá, Cairo ou das fontes indopersas e histórias das 1001 Noites, que sua pátria é a Síria; enquanto o conhecimento geográfico da Babilônia parece falho, (4,6 Deir el âqûl à beira do Eufrates! ao invés do Tigre), o conhecimento em relação à Síria parece mais familiar; compare também a descrição entusiasmada da região de Damasco página 21 ff; a conversão do Nebhâniten do islamismo para o catolicismo por amor à cristã de Damasco pág. 74 ff; a comparação dos impostos da Síria e Medschem pp. 30, 18; a inserção de palavras da linguagem da igreja síria, o que indica o bom contato com os cristãos sírios, com a vida dos eremitas e nos mosteiros: pág. 79, 15; 24, 9; compare também 30, 18. Ainda que o conhecido temor árabe encontrado nos antigos poetas aos monges —que, como adivinhos e magos de reputação misteriosa e esplendor, pareciam envolver os pagãos árabes— estivesse surtindo efeito, então encontra-se aqui a adaptação recíproca entre os cristãos e os muçulmanos de forma tão ampla, que quase podemos falar de tolerância. O muçulmano Súl ajusta-se totalmente ao ponto de vista cristão ao se dirigir aos monges cantando, enquanto os que vivem na clausura falam de Mohammed de uma maneira bem muçulmana. De qualquer modo, essa tolerante concessão (compare também a ausência de fanatismo na conversão do Nebhâniten 74 ff.) é notável; poder-se-ia pensar até mesmo numa origem cristã para toda a história (compare ZDMG. 50m 152); em toda parte, porém, é preservado o colorido muçulmano e árabe de beduínos e daqueles que vivem nas cidades, embora os duelos e as batalhas lembrem a situação entre os sultões mamelucos durante a época das cruzadas; compare as peripécias e complicações do autêntico roubo de cavalos árabes, e como o príncipe Súl, no começo tão sentimental, desenvolve-se, tornando-se um terrível herói. O teor de toda narração também lembra, por um lado, outras histórias de amor das 1001 Noites, por exemplo, *Uns alwugúd*; e, por outro, os romances de heróis como *‘Ântar* e *‘Ômar al Nu‘mán*. O engano de Súl com o ladrão de cavalos e como ele precisa

ajudar mais tarde os tolos Sinbisitas a recuperarem o garanhão que estava em poder dos Taijitas; o papel de Abú Feláh e do rei mago indiano na Cidade Mágica, como o do ingênuo e bondoso Iblís, que causaram a libertação final de Shumúl e a reunificação dos dois amantes, são muito divertidos; o duplo casamento de Súl com Shumúl e com a rainha é realmente peculiar. E, enfim, também aparece o efeito milagroso do saco de pele de abutre e dos talismãs.

A coesão da prazerosa história fica transparente —apesar das grandes lacunas no início, quando a juventude de ambos os amantes teria sido narrada, e da ausência de uma ou muitas folhas—; essa coesão é muitas vezes elucidada através de curtas recapitulações, como também através da narração de ambos os (religiosos) *Dschinnenmädehen*⁵, que salvam Súl da cisterna, de modo que cada um pode recompôr para si mesmo os detalhes das relações.

Os nomes que aparecem na história foram escolhidos, em grande parte, pelas suas simbologias, como os dos amantes: Sûl = pergunta (compare 97, 2.4.8); Shumûl (geralmente Shumúl, algumas vezes Shamûl, (vinho)) = reunificação 23, 5. 13; Abú Felaḥ = pai do sucesso; Wádí lḥigáb = vale do véu 1, 3 etc., 32, 9; Ḥammád é a lembrança das antigas e famosas rapsódias; Ḥammád arráwiya; 33 ff. Ğassānī = referência às tribos árabes cristãs do passado no reino de Ğassānida, nas proximidades de Ḥawrān, *Orã*.

Zotenberg tentou realizar e propôs, como mencionado na página 3, uma classificação geral dos manuscritos que lhe eram conhecidos. Todavia, seus resultados deveriam ser verificados através de uma nova análise mais precisa e provavelmente modificados e corrigidos (compare também Chauvin, bibliografia IV 214 – 6). Pelas fortes discrepâncias dos manuscritos, dos quais nenhum possui um texto completo (p. ex.: as resenhas egípcias), precisariam ser submetidos a análises críticas e filológicas mais precisas frente aos poucos manuscritos antigos, a que nós temos acesso, porventura, sendo realizadas através de edições especiais de livre acesso, como os Parisienses n.º 3609 – 11 (noite 1 –

⁵ *Dschin*: espírito, demônio na crença popular dos árabes e de outros povos muçulmanos.

Madi ou *Māhdi* [do árabe *mahdi* = o guiado para o caminho certo]: o inovador do mundo e da fé aguardado pelos muçulmanos

282) do século XIV juntamente com o Vaticanus do século XV, oferecendo o mesmo conteúdo e a mesma recensão.

Um passo importante nesse sentido, creio eu, tinha sido dado através da publicação (e tradução precisa e até mesmo literal quando possível) do provavelmente mais antigo manuscrito das 1001 Noites. A esse trabalho árduo devo acrescentar uma análise crítica e uma edição da mais antiga resenha do grande romance de cavalaria de 'Amr ('Ômar) al Nu'mán segundo o nosso volumoso manuscrito 32 (207 folhas) do século XV ou XVI, peculiar pelas ilustrações de origem árabe extremamente raras. Todos os outros manuscritos do grande romance de cavalaria, que engloba um quarto das 1001 Noites (da versão egípcia), são modernos. Zotenberg analisa a inserção desse romance como marca característica do seu segundo grupo de manuscritos de origem egípcia moderna, o que faz parecer que tenha sido considerado por ele como demasiadamente tardio. A questão é deslocada para um outro ponto pelo nosso antigo Kodex do século XV, ^{no qual} quando o romance constitui a segunda parte das noites (englobando as noites 283 – 542): a isso acompanha a introdução em “partes”, ao passo que no volume 2 estão contidas, ao mesmo tempo, as partes 7 – 13 das 1001 Noites e as páginas 286 – 506 de um volume de viagem, do qual faltam as páginas 1 – 285.

Antes que o trabalho literário possa ser iniciado com mais sucesso do que tem tido até então, é necessário que ocorram progressos nas questões complicadas do surgimento da coletânea das histórias das 1001 Noites, como também na filologia clássica, que mal iniciou um trabalho filológico-crítico, especialmente com publicação e tradução dos mais antigos e escassos memoriais dessa camada da literatura a que temos acesso, que tem sido totalmente negligenciada como sendo não-clássica pelos especialistas árabes, assim como faz-se necessário preparar os caminhos para a crítica literária. Nesse sentido, gostaria de saber que a primeira edição e tradução das até então desconhecidas histórias de Súl e Shumúl estão sendo contempladas. Que outros queiram colaborar na continuação dessa obra por causa do novo material apresentado! Aos honrados colegas de Goeje, Nöldeke e Hartmann devo meus sinceros agradecimentos pelas suas valiosas leituras dos impressos árabes.

Anexo

Apresento aqui mais uma série de observações lingüísticas e algumas melhorias do texto que surgiram durante a tradução. Apesar de nosso manuscrito – como dito anteriormente – estar vocalizado possivelmente de modo clássico, muitas vocalizações vulgares, que em tais textos (semivulgar مخلوط) devem ser conservadas, passaram despercebidas. A habitual diluição vulgar, especialmente na Síria, de *u* e *a* em *i* encontra-se com muita freqüência: para *u* (compare vulg. *tiffah*, *sibbāk*, *dikkān*) 2,2 u. o زنار, 11, 13 .

O trabalho com essa história desconhecida fez-me lembrar intensamente do belo *lustrum*⁶ 1886-91, em que tive a honra de ler e compartilhar, nos mais belos pontos do Novo e Velho Mundo, os mais belos produtos das literaturas clássica e oriental na companhia de Sua Majestade, o saudoso Imperador Dom Pedro II do Brasil. Portanto seja dedicada à sua pessoa essa edição da história de Súl e Shumúl em fiel e grata lembrança.

Have anima pia et candidissima!

Tübingen, 1.º de setembro de 1902.

C. F. Seybold

⁶ *Lustrum* (lat.): espaço de tempo de 5 anos na Roma Antiga.

